JOÃO PEDRO FERRO

História da BANDA DESENHADA INFANTIL PORTUGUESA

Das origens até ao ABCzinho

Colecção Dimensões

HISTÓRIA DA BANDA DESENHADA INFANTIL PORTUGUESA

— das origens até ao *ABCzinho* —

COLECÇÃO DIMENSÕES

1. A ARTE COMO OFÍCIO, Bruno Munari
2. O *DESIGN* INDUSTRIAL E A SUA ESTÉTICA, Gillo Dorfles
3. ARTISTA E *DESIGNER*, Bruno Munari
4. APRENDIZAGEM DA FOTOGRAFIA — Iniciação, Michael Langford
5. DESENHO DE PERSPECTIVA, Robert W. Gill
6. DESENHO BÁSICO — As Dinâmicas da Forma Visual, Maurice de Sausmarez
7. PROJECTAR A CIDADE MODERNA, L. Benevolo, T. Giura Longo e C. Melograni
8. APRENDIZAGEM DA FOTOGRAFIA — Aperfeiçoamento, Michael Langford
9. FANTASIA, Invenção, Criatividade e Imaginação, Bruno Munari
10. AS ORIGENS DA URBANÍSTICA MODERNA, Leonardo Benevolo
11. A BANDA DESENHADA, Jean-Bruno Renard
12. BREVE HISTÓRIA DO URBANISMO, Fernando Chueca Goitia
13. EDUCAÇÃO EM ARTE, Maurice Barrett
14. WALTER GROPIUS E A BAUHAUS, Giulio Carlo Argan
15. O SIGNIFICADO DAS CIDADES, Carlo Aymonino
16. PROJECTO E UTOPIA, Manfredo Tafuri
17. COMO VER UM FILME, Angelo Morcariello
18. ARTE, Dino Formággio
19. A LINGUAGEM DA ARTE, Omar Calabrese
20. HISTÓRIA DA BANDA DESENHADA INFANTIL PORTUGUESA — Das Origens até ao *ABCzinho*, João Pedro Ferro

JOÃO PEDRO FERRO

história da banda desenhada infantil portuguesa

— das origens até ao *ABCzinho* —

FICHA TÉCNICA

Título: *História da Banda Desenhada Infantil Portuguesa*
(Das Origens até ao ABCzinho*)*
Autor: *João Pedro Ferro*

Nota de apresentação: *A. H. de Oliveira Marques*
Capa: *«A Grande Fita Americana», I, «O Ataque ao Expresso», desenhos de Carlos Botelho, in* ABCzinho, *2.ª série n.º 48 (2.11.1926), p. 1*
Composição e Impressão: *Guide — Artes Gráficas, Lda.*
Tiragem: *2 000 exemplares*
1.ª Edição, Lisboa, 1987
Depósito Legal n.º 10758/85

Ao A. e ao J., com amor, por tudo aquilo que me têm ensinado.

É preciso fazer da vida um sonho e desse sonho realidade.

Pierre Curie

NOTA DE APRESENTAÇÃO

Como diz João Pedro Ferro, nas primeiras palavras do seu Prefácio, «a história da banda desenhada portuguesa encontra-se por fazer». Existem artigos, existem algumas notas explicativas, alguns «apartes» bibliográficos. Falta a obra de conjunto, que primeiro terá de ser analítica e descritiva, desdobrada por épocas e por géneros, para mais tarde permitir o livro de síntese que possibilite comparações válidas com a banda desenhada estrangeira.

O jovem autor começa essa história. Limita-se, por ora, à banda desenhada dita infantil. Porque a há também para adultos, e não menos importante, justificando um outro volume. E mais outro se exigirá, depois, consagrado à banda desenhada estrangeira consumida em Portugal em versões traduzidas e, algumas vezes, adaptadas. Todas estas categorias reclamam análises extensas e demoradas que não é possível fazer do pé para a mão.

Começou-se, e bem, por onde se deveria começar. A história da banda infantil constitui um mundo em si próprio, e é esse mundo que João Pedro Ferro nos ajuda a desvendar. Através dela encontramos a história dos temas, dos «tropos», tão reais na banda desenhada como na literatura «clássica» do passado e do presente. Apercebemo-nos dos variados objectivos que com essas histórias se pretendiam: objectivos moralizadores, religiosos, políticos, sociais, ou simplesmente de mera distracção. Verificamos a sua evolução ao longo dos tempos e o marco importante que, em tal evolução, representou a proclamação da República. Damo-nos igualmente conta das formas que tinham então poder de atrair a criança, às vezes tão iguais às nossas mas, às vezes também, tão diferentes das de hoje que há um abismo a separá-las.

Mas mais: a história da banda desenhada surge como um ramo nada desprezível da história da Arte. O seu grafismo constitui uma fonte de estudo que carece de análise aprofundada. É necessário, sem dúvida, combiná-lo com a história geral dos desenhos e, nomeadamente, com a história da caricatura, ainda por fazer. A banda desenhada infantil e não infantil ficou a dever-se a muitos artistas que, quantas vezes, mercê

dela se estrearam no mundo da Arte e passaram a ser conhecidos por ele. Quantos estão a par deste facto? Quantos sabem que Stuart Carvalhais, Carlos Botelho, Cottinelli Telmo, Alfredo de Morais, Emérico Nunes, por exemplo, foram conceituados e produtivos desenhadores de banda desenhada infantil? Isto já sem falar de outros grandes mestres que se dedicaram à banda desenhada adulta, tais como Rafael Bordalo Pinheiro, Celso Hermínio, Leal da Câmara, Almada Negreiros e tantos mais.

Como remate, diga-se que é urgente publicar um corpus *completo da banda desenhada portuguesa — infantil e adulta —, apelo que desde já queremos dirigir aos editores portugueses, alguns tão virados para tarefas patrióticas de divulgação da produção nacional. Com o presente livro, pensado por um jovem e realizado por um jovem, cavam-se os alicerces descritivos e interpretativos para isso indispensáveis.*

A. H. de Oliveira Marques

PREFÁCIO

A história da banda desenhada portuguesa encontra-se por fazer. Com excepção de referências em algumas obras, e de artigos publicados em revistas e jornais, não existe um corpus *dedicado exclusivamente à banda desenhada.*

Com este trabalho, pretendemos iniciar um estudo histórico aprofundado, mas de modo algum exaustivo, da banda desenhada que se fez em Portugal e, além disso, incentivar futuras análises, mais especializadas, deste meio de expressão artística.

Embora tenha começado um pouco mais tarde do que na maioria dos grandes países europeus, a história da banda desenhada em Portugal pode já considerar-se longa. Por isso, sentiu-se a necessidade de a separar em diversas partes e de tratar isoladamente cada uma delas. O presente volume dedica-se, apenas, à banda desenhada infantil portuguesa, desde os seus começos (1883) até ao termo da revista ABCzinho *(1932), deixando a posterior, e mesmo aquela que surgiu depois do início do* ABCzinho, *para ser tratada no segundo volume desta obra.*

Começou-se pela banda desenhada infantil por ser esta a de mais fácil trabalho e a de menor volume. A separação entre banda desenhada infantil e banda desenhada dita para adultos fez-se tendo em conta apenas *o tipo de periódico em que ela surgia. Assim, considerou-se banda desenhada infantil toda aquela que se encontrasse publicada, única e exclusivamente, em periódicos infantis ou em qualquer outro tipo de publicações para crianças. Toda a demais foi catalogada como banda desenhada para adultos, visto ter surgido em publicações cujos leitores o eram predominantemente. Será alvo de outro trabalho em preparação. Não se quer com isto dizer que todas as vulgarmente chamadas histórias aos quadradinhos surgidas em publicações para crianças tivessem carácter infantil — tal não aconteceu, por exemplo n'* A Montanha para as Crianças, *como adiante mostraremos —, nem que a banda desenhada publicada pelos periódicos adultos fosse a estes exclusivamente dedicada. Foi, porém, esta a divisão que entendemos mais fácil e correcta. A separação deve-se ainda ao facto de a metodologia e a análise necessárias para o estudo da banda desenhada infantil serem diferentes das utilizadas*

para o estudo das demais. Temos, porém, a consciência de que uma dicotomia deste género faz excluir trabalhos importantes de cariz infantil, a que oportunamente faremos referência, sempre que o acharmos necessário.

Quanto ao estudo da banda desenhada infantil, decidimos, dada a sua extensão, dividi-lo em duas partes: uma primeira — a que agora se apresenta — abarcando, como já foi referido, toda a banda desenhada até ao ABCzinho, *e uma segunda, tratando da banda desenhada para crianças a partir deste periódico.*

O critério utilizado para a delimitação desta primeira parte foi simples: o ABCzinho *marcou, como se dirá, um ponto de viragem na maneira de encarar as revistas para crianças, além de ter sido o primeiro periódico infantil com real continuidade (onze anos). Outro factor de importância foi o facto de as publicações surgidas depois do* ABCzinho *terem iniciado uma fase de predomínio muito marcado de determinado tipo de directores, artistas plásticos e escritores, que lhes imprimiram características muito semelhantes, e que por isso interessa trabalhar em conjunto. Com elas se institucionalizou a banda desenhada infantil, que se tornou em algo de indispensável à criança e ao adolescente.*

Este trabalho não pretende fazer uma análise estilística dos desenhadores e escritores da banda desenhada infantil, mas antes historiar o seu aparecimento, bem como a sua implantação nos periódicos infantis e, por assim dizer, no mundo da criança.

O presente volume começa com uma breve resenha geral da génese e do desenvolvimento da banda desenhada, tanto na Europa e nos Estados Unidos como em Portugal, para seguidamente entrar no estudo que nos propomos. É acrescido ainda de diversos apêndices, dos quais salientamos os inventários cronológico e onomástico.

Pretendeu-se ilustrar o texto com reproduções de algumas das obras citadas, de modo a exemplificar as bandas mais importantes e ainda a mostrar alguma evolução, se a houve, na produção portuguesa de histórias aos quadradinhos para crianças. As ilustrações escolhidas visam um objectivo explicativo e não meramente decorativo.

Há-de o leitor ficar admirado com o pequeno número de periódicos infantis abordados nesta obra. Durante a investigação efectuada consultámos, apenas para este período, cerca de 150 jornais e revistas para crianças — certamente algumas houve de que não tivemos conhecimento ou que não podemos consultar por motivos vários.

Não abordamos a banda desenhada de origem estrangeira por diversos motivos: primeiramente, não estando assinada a maioria dos desenhos torna-se muito difícil identificar o respectivo autor, bem como os periódicos de onde foram extraídos. Por outro lado, até ao ABCzinho *não se verifica ainda um predomínio significativo da banda desenhada estrangeira.*

Lisboa, Março de 1986
O autor

INTRODUÇÃO

Circulam hoje no mercado numerosas publicações dedicadas exclusivamente à banda desenhada, a par de outras que, no seu conteúdo, a incluem em maior ou menor percentagem. Essa banda desenhada está longe de possuir um carácter essencialmente infantil. O conteúdo da linguagem oral, associado à linguagem icónica e aos modernos estilos, fez que a banda desenhada — muitas vezes baluarte de vanguardismos estéticos — se tornasse um produto quase exclusivamente acessível a uma compreensão adulta. Se bem que, na sua origem norte-americana, a banda desenhada fosse quase somente dedicada a públicos adultos, na Europa nunca tal aconteceu, prevalecendo durante muito tempo uma banda desenhada de características marcadamente infantis ou juvenis. Esta tendência também em Portugal se fez sentir, pelo menos até meados do nosso século.

Pela sua natureza, a banda desenhada constitui um género de literatura dentro da literatura. Uma literatura com características específicas que, no aspecto infantil, desempenha papel preponderante como acompanhamento escolar e para o desenvolvimento psíquico da criança.

Hoje em dia, ao considerar-se a banda desenhada como literatura infantil, realçam-se os aspectos benéficos que ela pode protagonizar, nomeadamente como auxiliar no estudo de diversas disciplinas (Português, História, Ciências da Natureza, etc.). Em Portugal, o estudo da banda desenhada encontra-se já inserido nos programas da disciplina de Português do Ciclo Preparatório e no 7.º Ano de Escolaridade. Tendo em vista uma desmistificação da banda desenhada entre os professores de Português e contribuindo para a formação e actualização destes, têm vindo a efectuar-se, de há algum tempo para cá, alguns trabalhos versando o assunto, de entre os quais se relevam o livro de Maria Helena Duarte-Santos, Lucinda Lopes Galveias e Rita Dantas Lacerda, intitulado *Contrapicado. Banda Desenhada e Ensino do Português* (1), e o

(1) Maria Helena Duarte-Santos, Lucinda Lopes Galveias e Rita Dantas Lacerda, *Contrapicado. Banda Desenhada e Ensino do Português*, Coimbra, Atlântica Editora, 1979, 159 pp.

pequeno mas modelar trabalho de António Miguel Martinó de Azevedo Coutinho, *Banda Desenhada* (2), feito para o Ministério da Educação e Investigação Científica e que aborda principalmente a técnica e o léxico da banda desenhada.

Ao verificar-se a importância crescente que a banda desenhada adquiriu no mundo infantil e juvenil, surgiu de imediato todo um conjunto de reacções, principalmente da parte de psicólogos e educadores que, se em parte eram justificadas, certamente não foram ponderadas. Este movimento desencadeou-se um pouco em relação a toda a banda desenhada, mas particularmente visando o tipo americanizado. Tinha como objectivo principal denunciar os malefícios das histórias aos quadradinhos na sociedade juvenil. E apontava-os: a banda desenhada era imoral, destruía o sistema de valores, incutia nos jovens o espírito da violência, deturpava os hábitos de leitura, era a responsável pela delinquência juvenil, etc. Houve mesmo países, como a Inglaterra, a França e os Estados Unidos, onde determinados tipos de histórias aos quadradinhos foram proibidos. O movimento surgiu um pouco por toda a parte, tendo atingido o seu clímax com a publicação do livro de Frederic Wertham intitulado *La Seduction des Innocents*, que foi, por assim dizer, a «bíblia do movimento antibanda desenhada».

A banda desenhada, pouco depois do seu início, afirmou-se como um verdadeiro fenómeno de massas, somente comparável à televisão ou aos jornais. Nela tudo se mostrou, desde as mais ternas e moralistas histórias até às mais puras formas de violência e pornografia. A criança, evidentemente desprotegida pela falta de experiência e pela incipiente capacidade de escolha, assimilou bem este novo *meio de comunicação*, ingerindo todo o tipo de histórias aos quadradinhos que lhe ofereceram.

Sem dúvida, determinados géneros de banda desenhada, escudados numa aparente «descrição da realidade» ou de um pretenso favoritismo do público, podem ter sido nefastos na formação da criança. Porém, a atitude adoptada em relação à banda desenhada e expressa por Wertham na sua citada obra, estava desde o início votada ao fracasso. Não era que se não justificasse uma preocupação profunda pelo tipo de banda desenhada lida pelos jovens. O que estava errado era o processo com que se queria salvar a *inocência* das crianças, abafando o meio de *sedução.* Não há o direito de proibir (e lutar no sentido de terminar com... é proibir) a produção de seja qual for o tipo de banda desenhada e, muito menos, de impedir que esta seja lida por quem o quiser, mesmo pela criança. O que há é a obrigação de ensinar, de educar, no sentido de desenvolver um sentido crítico-analítico na criança. Sentido que permita

(2) António Miguel Martinó de Azevedo Coutinho, *Banda Desenhada*, Ministério da Educação e Investigação Científica, Secretaria de Estado da Orientação Pedagógica, Documentação e Textos de Apoio para os Professores do 7.º Ano de Escolaridade, s.l. [Lisboa], Secretaria Geral, Núcleo de Coordenação-Editorial, 1976, 41 pp.

não só despertar nelas o espírito de responsabilidade pela escolha das suas leituras mas ainda construir uma estrutura de valores predominantes, própria de cada sujeito, visando um complexo social melhor, não pela imposição mas sim pelo sentimento de necessidade.

De nada serve proibir a criança que leia determinado tipo de banda desenhada, com o pretexto de que lhe é nociva. É sabido que o *fruto proibido é o apetecido;* a criança, perante a proibição, reage naturalmente como todos nós reagimos: tenta ler o que lhe proibiram, e não se julgue que o não consegue. É muito mais construtivo dar à criança os instrumentos que lhe permitam dissecar a banda desenhada, compreendê-la e, depois, possibilitar que ela própria a julgue quanto ao seu valor. E é aqui que reside a importância de uma correcta aprendizagem da banda desenhada: facilitar um processo de compreensão crítico e de análise. Hoje, é já nesse sentido que se trabalha, ao reconhecer-se a importância da banda desenhada no mundo da criança (e do adulto) e ao salientar-se um conjunto de factores que ela pode ajudar a desenvolver: o gosto pela leitura, implicando melhor aprendizagem dessa leitura; o gosto pela arte; o sentido de observação — muito mais difícil num texto oral. Além disso, a banda desenhada pode servir como veículo ideal de educação.

A mudança de atitude em relação às histórias aos quadradinhos, por parte de educadores, pedagogos e intelectuais, tem por base diversos motivos que a justificam:

1. «motivos de ordem psicopedagógica: conhecer o mundo da criança»;
2. «motivos de ordem audiovisual: ensinar a ver verdadeiramente»;
3. «motivos de ordem específica: ensinar a ler, tomar consciência da verdadeira linguagem falada, real, com as suas singularidades e a seleccionar as melhores bandas desenhadas»;
4. «motivos de ordem homeopática: estimular a expressão oral, servindo-nos de histórias em banda desenhada»;
5. «motivos de ordem cultural: facilitar a aprendizagem da leitura e despertar na criança o interesse por determinados assuntos, levando-a a ler livros de carácter mais sério» (3).

Em relação à banda desenhada portuguesa, nunca se fizeram sentir grandes movimentos de oposição, devido principalmente ao facto de ela ter tido em Portugal um desenvolvimento mais lento, e por se ter caracterizado por um conservadorismo extremo, ao qual certamente ajudaram 48 anos de regime ditatorial.

As causas do subdesenvolvimento da banda desenhada no nosso país estão intimamente relacionadas com o crescente estrangulamento do mercado nacional, a partir do primeiro quartel do século XX, por parte

(3) Maria Helena Duarte-Santos, *et alii, Op. Cit.*, p. 91.

de obras estrangeiras. Era relativamente económico e fácil importar histórias em banda desenhada (quando não mesmo copiá-las) directamente dos Estados Unidos, da Inglaterra ou de outros países da Europa. Estas histórias importadas encontravam grande recepção por parte da juventude, pela acção nelas contida e pelos temas abordados. Assim, os autores portugueses deparavam com um ambiente adverso à criação de histórias aos quadradinhos visto que, por um lado, tinham de concorrer com as obras estrangeiras enquanto, pelo outro, a produção de banda desenhada em Portugal não oferecia proveitos económicos compensadores. Esta situação ainda se mostra frequente nos nosssos dias, emigrando para o estrangeiro alguns dos nossos melhores desenhadores, onde se lhes oferecem melhores condições de trabalho.

CAPÍTULO 1

DAS ORIGENS DA BANDA DESENHADA

1. Banda desenhada

Definir banda desenhada não é tarefa fácil, requerendo uma análise profunda de todo o género de obras que contam uma história através de desenhos. Analisemos então todas as obras que admitam aquele postulado, desde os frescos pré-históricos, passando pelas tapeçarias da Idade Média, até chegarmos às obras de Rodolphe Töpffer, no início do século XIX e a todas as outras que se lhe sucederam até aos nossos dias. Da comparação destas *histórias iconográficas* concluímos que a definição inicialmente apontada é insuficiente. Apesar de todos aqueles exemplos *contarem histórias através de desenhos*, não possuem determinadas características que, como iremos verificar, os diferenciam da banda desenhada como ela se entende hoje.

Jean-Bruno Renard define banda desenhada, em sentido geral, como sendo: «[. . .] uma história traduzida em *desenhos*, e *impressa* (ou susceptível de sê-lo)» (4).

Assim, uma banda desenhada tem, primeiramente, de contar uma história, isto é, tem de haver uma sucessão temporal de acontecimentos, mais ou menos imaginários, que, geralmente, se centram numa ou em várias personagens ou objectos. Depois, é necessário que a história seja contada através de desenhos — auxiliados ou não por um texto. Estas duas condições permitem-nos diferenciar banda desenhada, em primeiro lugar daquela ilustração que, se bem que desenho, não conta uma história mas antes se limita a ilustrá-la e, em segundo, daqueles contos ou romances, que são apenas histórias textuais.

As imagens que constituem uma banda desenhada encontram-se, como nos filmes, normalmente dispostas segundo determinada ordem

(4) Jean-Bruno Renard, *A Banda Desenhada*, Col. Dimensões, n.º 10, Lisboa, Editorial Presença, 1981, p. 11.

que, por uma questão de facilidade de apreensão, costuma coincidir com os hábitos de leitura: na civilização dita ocidental, da esquerda para a direita e de cima para baixo. Esta organização dos desenhos permite ao leitor acompanhar o desenrolar da acção mais ou menos linearmente, sem ter de saltar com os olhos de um ponto para o outro da prancha, o que o faria perder a sequência da narrativa.

Diz ainda Jean-Bruno Renard: «[...] a noção de *impresso* insiste no carácter manejável do suporte material da banda desenhada, semelhante nisso ao jornal ou ao livro» ([5]).

É de extrema importância o facto de se condicionar a classificação de banda desenhada apenas às histórias impressas ou susceptíveis de o serem. Só deste modo tem possibilidade de penetração no mundo dos *mass media*, servindo de veículo a todo um conjunto de emoções e de ideologias. Com o seu formato manejável e de preço acessível, a banda desenhada, melhor ainda que o livro, rapidamente conquistou o mercado e se tornou um verdadeiro fenómeno de massas, como adiante se verificará.

É necessário ainda distinguir *banda desenhada* de *bandas desenhadas:* segundo Francis Lacassin ([6]), o termo *banda desenhada* no singular designa o meio de expressão, enquanto no plural se refere a uma criação objectiva.

O mesmo autor diz ainda: «[...] a banda desenhada é uma forma de discurso baseada, como num filme, numa harmonia entre a imagem e o som» ([7]).

Não é condição necessária que uma banda desenhada possua um texto, comentando, de algum modo, a narrativa visual. De facto, ao longo da sua história, verifica-se que obras importantes não possuem qualquer tipo de texto ([8]), sem que isso diminua o seu valor. Modernamente, há mesmo bastantes autores que dão preferência a histórias que não contenham narrativa oral, baseando-se apenas na imagem como portadora das suas mensagens. Existem ainda aquelas histórias curtas — geralmente não ocupam mais do que uma *strip* ([9]) ou, quanto muito, uma *prancha* ([10]) — a que damos o nome de *gag* ([11]) ou *conto*

([5]) Jean-Bruno Renard, *op. cit.*, p. 12.

([6]) Francis Lacassin, «Notas para uma discussão em torno da Banda Desenhada», in *Tintin*, Ano XII, n.º 1 (19.5.1979), p. 3.

([7]) *Idem*, «La Bande Dessinée», in *Encyclopaedia Universalis*, Paris, Encyclopaedia Universalis S. A., 1980, vol. 2, p. 1064 (o trecho citado foi traduzido do francês pelo autor).

([8]) Como exemplos de obras importantes de banda desenhada que não possuem palavras podemos citar *Professor Ninbus*, de Daix, e *Azor*, de Coq.

([9]) A palavra inglesa *strip* significa «tira» ou «faixa». Em banda desenhada representa uma sequência horizontal de mais de uma vinheta ou desenho.

([10]) Uma *prancha* representa uma página de banda desenhada, portanto, um conjunto de *strips*.

([11]) Entende-se por *gag*, em banda desenhada, uma pequena história, geralmente de apenas uma *strip* — ou, quanto muito, uma *prancha* —, de carácter cómico ou satí-

mudo ([12]) que, no nosso século, sofreram um grande desenvolvimento e que, em regra, também não possuem texto.

Contudo, a maioria das bandas desenhadas contém uma mensagem verbal. Esta mensagem tem mostrado tendência, com a passagem do tempo, a servir de complemento à mensagem visual, numa tentativa de explicar e de facilitar a sua compreensão, não podendo subsistir uma sem a outra. Não eram raras, no entanto, as histórias de banda desenhada em que a mensagem verbal se fazia paralela à mensagem visual, sem que nenhuma delas perdesse o significado, quando isolada da outra. Sobre tudo isto se falará mais adiante.

Resumindo:

Banda desenhada define-se como sendo uma narrativa visual — podendo ou não possuir narrativa verbal —, formada por uma sequência de desenhos ou signos icónicos, que se sucedem cronologicamente e que, no seu conjunto, é passível de ser impressa, à semelhança das publicações periódicas.

2. As origens da banda desenhada

2.1 Pré-história ([13])

As origens da banda desenhada recuam à pré-história da humanidade. Não faziam já os nossos antepassados pinturas nas paredes das cavernas, possivelmente representando episódios das suas vidas? É, contudo, impossível precisar a existência de histórias desenhadas naquela remota época, em parte devido à falta de documentação arqueológica que o demostre, e em parte também devido à natural dificuldade do homem moderno em compreender a mentalidade do seu congénere pré-histórico.

Antes do aparecimento da escrita, o homem baseava-se, para comunicar, essencialmente nos desenhos figurativos quando lhe era impossível fazê-lo oralmente, na presença do receptor. Com o advento da escrita, a representação icónica, longe de perder a sua importância, associou-se a ela, numa simbiose que iria perdurar até hoje.

rico. O tema principal destas histórias são anedotas ou flagrantes da vida quotidiana. Os *gags* têm assim uma função hilariante. Estas histórias podem ou não ser acompanhadas de texto.

([12]) Quando os *gags* não têm texto são vulgarmente denominados «contos mudos».

([13]) O termo «pré-história», aplicado à banda desenhada — embora contestado por alguns autores —, utiliza-se para todo o período que antecede a feitura da considerada primeira banda desenhada (séc. XIX — Rodolphe Töpffer), no qual apenas existem manifestações que, embora possuindo alguns pontos de contacto com a definição de banda desenhada, não a esgotam. Essas obras são a verdadeira génese das histórias aos quadradinhos.

Encontram-se, assim, vestígios daquilo a que podemos chamar a pré-história da banda desenhada em todas as grandes civilizações da Antiguidade. Na civilização egípcia, estes vestígios surgem nas paredes das grandes pirâmides, nos mausoléus e nos vários locais de culto, com inúmeras histórias, grande parte delas de índole biográfica. Também o *Livro dos Mortos*, escrito no antigo Egipto, ao relatar as diferentes fases do percurso da alma até ao Além, assume todas as características de uma banda desenhada. Saliente-se ainda a primitiva escrita egípcia que utilizava o desenho de objectos, de animais, do homem e de determinados símbolos icónicos, para descrever de modo explícito e facilmente compreensível as situações quotidianas.

A enumeração das obras próximas, pela sua técnica, da banda desenhada poderia continuar indefinidamente; citar-se-iam: as manifestações artísticas de diversas tribos indígenas, que encontram, em géneros próximos da banda desenhada, processos de representar as suas festas e ritos; da cultura greco-romana, a descrição dos feitos mitológicos na cerâmica da Grécia ou as paredes da «Villa dei Misteri» em Pompeia; ou, na Idade Média, a famosa tapeçaria de Bayeux, executada nos finais do século XI que, nos seus cerca de setenta metros de comprimento, descreve a conquista da Inglaterra pelos Normandos; ou ainda as diferentes decorações das igrejas e dos «Livros de Horas» que, por vezes, quase põem em banda desenhada os vários episódios bíblicos. Saliente-se, muito especialmente, a chamada *Bíblia dos Pobres*, que conheceu grande incremento durante a Idade Média e que contava os episódios bíblicos essencialmente através da «banda desenhada», permitindo a acessibilidade dos grupos sociais mais baixos. Com isto, não se pretende dar ao leitor senão uma vaguíssima ideia de que, ao longo de toda a história, o homem foi deixando vestígios daquilo a que hoje se chama a nova arte ([14]).

2.2 A banda desenhada europeia

Na Europa, a banda desenhada surgiu na segunda metade do século XIX, precisamente pela mão de um escritor e desenhador suíço, professor na Universidade de Genebra, Rodolphe Töpffer (1799-1846). Em 1827 Töpffer produziu aquela que é considerada a primeira história de banda desenhada: *Les Amours de Monsieur Vieux-Bois*, cuja publicação apenas se verificou em 1837, dez anos depois. Até ao final da sua curta vida, Töpffer desenharia ainda: *Les Voyages et Adventures du Dr. Festus*, história desenhada em 1829, que só se publicou em 1840; *L'Histoire de Monsieur Cryptograme*, feita em 1830, e impressa somente em

([14]) Como não se pretende mais do que isto, remete-se o leitor para a excelente obra de Gerard Blanchard, *Histoire de la Bande Dessinée*, Verviers (Bélgica), Marabout, 1974 (nova edição).

1845. *L'Histoire de Monsieur Jabot*, desenhada em 1831 e publicada em 1833; *Histoire de M. Crepin*, saída em 1837; e *Histoire de Jacques*, que foi dada à estampa em 1844. *L'Histoire de Monsieur Jabot* foi, certamente, a primeira banda desenhada a ser impressa na Europa. Saliente-se o grande intervalo entre a produção e a publicação, sinal de que não era fácil dar publicidade a uma obra deste género. Alguns dos trabalhos de Töpffer estiveram mais de dez anos sem serem editados.

Também em França, a banda desenhada surgiu no princípio do século XIX, principalmente em Épinal, onde a família Pellerin — proprietária da Editora Charles Pellerin — se dedicou à execução de folhas volantes, com histórias desenhadas — geralmente com 16 quadradinhos por página — tituladas por uma ou duas frases de texto. Estas folhas, coloridas manualmente, eram vendidas a baixo preço. Pela sua beleza pictórica e relativa acessibilidade económica, estas histórias rapidamente adquiriram grande popularidade, tendo ficado conhecidas pelo título genérico de *Images d'Épinal*. A importância destas *Images* para a banda desenhada é enorme, tanto pela sua antecipação técnica, que as torna o modelo de sucessivas gerações de desenhadores de histórias aos quadradinhos, como pelo papel que desempenharam junto do público (nomeadamente o público infantil e juvenil) ou ainda pela sua delicada beleza associada a um saudável humor ([14a]).

Outro dos iniciadores da banda desenhada francesa foi o desenhador e gravador Gustave Doré (1832-1883) que, influenciado por Töpffer e pela caricatura francesa, produziu excelentes obras, como foi o caso das suas produções de carácter burlesco: *Traveaux d'Hercule*, editado em 1847; «Folies Gauloises, depuis les Romains jusqu'à nos Jours» in *Album de Moeurs et de Costumes*, 20 litografias publicadas em 1852; e ainda a sua *Histoire Politique, Romantique et Caricatural de la Sainte-Russie* [...], história publicada em 1854 e em que o autor nos descreve a história da Rússia, através de uma sequência de imagens comentadas por um pequeno texto.

Mais tarde surgiu Christophe, pseudónimo de George Colomb, professor de Ciências Naturais. Este artista, depois de ter colaborado com inúmeras ilustrações para um jornal infantil francês, *Journal de la Jeunesse* — começado a editar em 1872, pela editora Hachette —, publicou, em 1889, os primeiros episódios de «La Famille Fenouillard», a mais antiga série de banda desenhada francesa. Este célebre texto contava a história de uma família que dava a volta ao mundo, com numerosas peripécias. Foi iniciada a sua publicação no jornal infantil *Le Petit Français Illustré*.

([14a]) Também em Portugal as *Images d'Épinal* tiveram importância, tendo sido impressas regularmente durante a segunda metade do século XIX e no século XX.

Já no nosso século, Maurice Languereau, usando o pseudónimo de Caumery, associado ao ilustrador J.-P. Pinchon, publicou, em 1905, as primeiras histórias de «Bécassine», no periódico *La Semaine de Suzette*. Foi esta a primeira vez que surgiu o duo argumentista-desenhador. «Bécassine» é uma série em que nos são contadas as aventuras da pequena bretã Annaïk Labornez. Desta série saíram nada menos de 38 álbuns...

Ainda em França, em 1908, Louis Forton desenhou para a revista *L'Épatant*, editada desde 1908 pelos irmãos Offenstad, «Les Pieds Nickelés». Esta banda desenhada possuía características que a evidenciavam de todas as outras até então realizadas: «[...] banda desenhada anarquizante e populista, da qual são deliberadamente afastados o desenho delicado e os tons de pastel, a linguagem distinta, a boa educação, o bom gosto e a moral burguesa [...]. Os heróis de Forton — Croquignol, Filochard e Ribouldingue — são três rapazes maus e particularmentes feios, com uma linguagem que se aproxima bastante do calão, e que ridicularizam alegremente o burguês» ([15]). Apesar de todos estes atributos, foi uma série que, à semelhança de *Bécassine*, gozou de grande longevidade e sucesso, influenciando posteriormente numerosos desenhadores.

Na Bélgica, George Remi, sob o pseudónimo de Hergé, publicou (1929) a primeira aventura de Tintin. Este herói nasceu no suplemento semanal do diário católico de Bruxelas, *Le Vingtième Siècle*, intitulado *Le Petit Vingtième*, e a sua primeira aventura chamava-se «Les Aventures de Tintin, reporter du *Petit Vingtième* au Pays des Soviets». Ainda hoje se fazem reedições dos inúmeros álbuns de Tintin, que têm sido lidos apaixonadamente por todas as gerações.

Na Alemanha, a banda desenhada cedo surgiu e se desenvolveu. As primeiras histórias por imagem feitas neste país são atribuídas a Heinrich Hoffmann (1809-1890), médico que, para entreter as crianças enquanto esperavam a consulta, desenhava pequenas histórias moralistas, utilizando, porém, um humor pesado e essencialmente sádico, característica que a banda desenhada e a caricatura alemã mantiveram. Em 1845 Heinrich Hoffmann publicou a obra *Der Struwwelpeter* (1844), que se mostrou popularíssima.

Um pouco mais tarde surgiu Wilhelm Busch (1832-1908). Este desenhador, também ele influenciado por Töpffer, criou um estilo que, usando pouco ou por vezes nenhum texto, dava aos seus desenhos um aspecto dinâmico, rompendo com o paradigma da imagem-ilustração, geralmente bastante estática. Busch criou grande fama entre os ilustradores e caricaturistas de toda a Europa e América que, muito frequentemente, copiavam as suas obras. Portugal não constituiu excepção: entre outros caricaturistas, que porventura possam ter sido influenciados por

([15]) Jean-Bruno Renard, *Op. Cit.*, p. 37.

Busch, contam-se o mestre Rafael Bordalo Pinheiro ([16]) e seu filho Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro ([17]).

Em 1865, Wilhelm Busch publicou *Max und Moritz*, banda desenhada que contava as aventuras de dois miúdos. Esta história, provavelmente a primeira a apresentar como heróis um par de rapazes traquinas, influenciou muitos dos futuros autores.

Em 1841, pela mão de Henry Mayhew, Mark Lemon e Joseph Stirling Coyne, surgiu em Inglaterra o periódico *Punch*. Nele, o desenhador Richard Doyle foi o responsável pelo aparecimento das histórias desenhadas relatando as aventuras de três personagens — Brown, Jones e Robinson. Alguns anos mais tarde (1854), Richard Doyle deixou o *Punch*, devido a uma questão motivada pelas suas atitudes antipapais, e publicou, então, o álbum de banda desenhada *Brown, Jones & Robinson*, com as mesmas personagens utilizadas no *Punch*. O conteúdo da história centra-se, sobretudo, nos constantes problemas de uma viagem pela Europa.

Porém, a banda desenhada só surgiu, regular e sistematicamente, com o aparecimento, em 3.5.1884, do periódico *Ally Sloper's Half-Holiday* (1884-1923), editado em Londres pelos «Daziel Brothers». Este jornal deveu o nome à sua personagem principal, Ally Sloper, pequeno homem sempre bêbado e de nariz imensamente vermelho e borbulhoso.

Em 1890, surgiram dois famosos jornais humorísticos: *Comic Cuts* e *Chips* (*Illustrated Chips*), ambos produtos da empresa «Amalgameted Press».

Em 1896, *Chips* iniciava a publicação de uma popular banda desenhada, «Weary Willie and Tired Tim», cuja criação se deveu ao desenhador Tom Brown. Brown foi ainda o autor de «Little Willie and Tiny Tim», desta feita para o jornal *The Wonder*, surgido em 1898. Depois da sua morte, em 1910, estas histórias foram continuadas por sucessivos artistas.

O aparecimento dos jornais *Comic Cuts* e *Chips*, que até ao seu final granjearam sempre grande popularidade, coincidiu com a génese de um período de publicações de numerosos novos periódicos ilustrados (*Butterfly, Puck, Many and Bright, Fire Fly, Chuckers, Lot-O-Fun, Comic Life, Rainbow*, etc.), grande parte dělas dedicadas essencialmente aos leitores infantis e juvenis. Em todos estes jornais e revistas, a banda desenhada ocupa um lugar de relevo, imprescindível à própria sobrevivência da revista; os autores ingleses produziram excelentes obras de banda

([16]) A partir do n.º 209 (31.5.1883), do quinto ano de *O Antonio Maria* (1879-1885 e 1891-1898), surgem diversas imitações dos desenhos de Busch feitas por Rafael Bordalo Pinheiro.

([17]) Encontram-se diversas imitações das bandas desenhadas de Busch, executadas por Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, no periódico ilustrado *Os Pontos nos ii* (1885-1891), dirigido por Rafael Bordalo Pinheiro.

desenhada, criando um estilo próprio. O sucesso das suas histórias aos quadradinhos levou a que muitos outros países, incluindo Portugal, as reproduzissem constantemente nos seus periódicos.

A banda desenhada europeia possui algumas características próprias que interessa destacar:

— Surgiu, com Töpffer, em álbuns e em folhas volantes, como é o caso das *Images d'Épinal;*
— As tiragens das primeiras edições não foram muito elevadas, embora as *Images d'Épinal* tivessem obtido grande sucesso;
— Só algum tempo depois do seu início foi adoptada pelos periódicos, surgindo com grande frequência nas publicações humorísticas;
— Rapidamente se iniciou (também seguindo o exemplo das *Images d'Épinal*) uma corrente de banda desenhada destinada ao público infantil e juvenil, sustentada, principalmente, pelas publicações para jovens;
— O processo de adopção da banda desenhada, por parte dos jornais (em especial os diários), foi lento e pouco convincente. Estes geralmente apenas a traziam nos seus suplementos semanais.

2.3 A banda desenhada nos EUA

No Novo Continente, também a banda desenhada não tardou a surgir, embora bastante mais tarde do que a europeia e assumindo características muito diferentes desta:

«Paralelamente [...] os Estados Unidos desenvolveram a sua própria banda desenhada. Esta apresentava três características, todas decorrentes do facto de ser publicada na grande imprensa.

Primeiramente, o enorme volume de bandas desenhadas produzidas, e a variedade dos géneros, consequência da concorrência existente entre os jornais — particularmente os de domingo —, procurando publicar desenhos divertidos e originais que atraíam novos leitores.

A segunda característica residiu na forma das bandas desenhadas: uma banda simples (*strip*) de quatro ou cinco rectângulos, ou uma prancha formando sozinha uma história completa.

Finalmente, ao contrário do que acontecia noutros locais onde, até data bastante recente, a banda desenhada surgia essencialmente em jornais ilustrados para crianças, os *comic strips* eram e ainda são lidos tanto por crianças como por adultos. Primeiramente publicados em jornais dominicais, as *strips* rapidamente passaram a quotidianas ([18]).»

([18]) Jean-Bruno Renard, *Op. Cit.*, p. 41.

Costuma considerar-se a história «Little Bears and Tykes», como tendo sido a primeira banda desenhada americana. Narrativa desenhada por James Swinnerton, foi editada em 1892, pelo jornal *San Francisco Examiner.* Tratava-se de uma história bastante interessante, em que o autor tentava retratar a sociedade humana, utilizando o mundo animal.

O *New York World* iniciou em 1896, no seu suplemento dominical, a publicação de uma célebre série de aventuras, intituladas «The Yellow Kid». Esta série, que contava as histórias de um miúdo de Nova Iorque num bairro pobre da cidade, foi imaginada e desenhada por Richard Felton Outcault. «The Yellow Kid» surgiu depois no *New York Journal.* Ainda o mesmo autor, Outcault, publicou, a partir de 1902, no *New York Herald*, uma nova série, «Buster Brown».

Em 1897 Rudolphe Dirks criou os «Katzenjammer Kids», publicados primeiramente no *American Humorist* e, mais tarde, no *New York Journal.* Note-se que os «Katzenjammer Kids», ainda hoje, mais de 85 anos depois de terem sido criados, são editados.

Em 1905 e 1911 surge Winsor McCay, autor das bandas desenhadas de carácter onírico, «Little Nemo in Slumberland» publicada no suplemento de domingo do *New York Herald*, e «Dreams of a Rarebit Friend», série dada à estampa no jornal da mesma empresa *Evening Telegram*, a partir de 1905.

Inúmeras outras obras se sucederam a estas e de tão grande importância como *The Krazy Kat* (1910), *Bringing Up Father* (1913), *Felix the Cat* (1920), *Buck Rogers* (1929), *Tarzan* (1929), *Mickey* (1930), *Dick Tracy* (1931), *Brick Bradford* (1933), etc., etc. Tornar-se-ia exaustivo e fugiria dos objectivos deste trabalho enumerá-las todas.

A banda desenhada dos Estados Unidos apresenta, por sua vez, determinadas características próprias que interessa referir e comparar com as europeias:

— Surgiu, logo de início, publicada em jornais diários, nos seus suplementos dominicais, passando rapidamente a aparecer diariamente;
— As suas tiragens, sendo as tiragens dos jornais, eram muito elevadas (cerca de 1 000 000 de exemplares);
— Produziram-se milhares de bandas desenhadas de géneros muito diferentes;
— Ao contrário do que acontecia na Europa, a banda desenhada americana nunca foi destinada às crianças;
— Devido à sua publicação em jornais nunca apresentou grande qualidade técnica (especialmente de impressão), piorando progressivamente com o aumento da procura e, consequentemente, com o aumento das tiragens.

Estão assim dadas umas ligeiras pinceladas sobre o que foi a origem da banda desenhada. Das centenas de obras que se produziram

até aos anos 50, algumas não passam hoje de meras curiosidades de coleccionador. Muitas outras, porém, continuam perfeitamente actuais.

3. Factores de desenvolvimento da banda desenhada

«O nascimento e o desenvolvimento da banda desenhada foram ritmados, tal como as suas origens, pelos progressos das técnicas de difusão. Podem distinguir-se dois momentos:

— Nascimento da imprensa periódica: o nascimento da banda desenhada (1827-1889);
— Desenvolvimento da imprensa: o desenvolvimento da banda desenhada (1889-1929) (19).»

A origem da banda desenhada, como esta se define nos nossos dias (20), está intimamente ligada ao surto e desenvolvimento da imprensa e, muito em especial, ao aparecimento e subsequente desenvolvimento do jornal.

Como é do domínio comum, a imprensa surgiu na Alemanha, no século XV. Mas foi apenas no século XVIII e, em particular, na centúria de novecentos, que ela sofreu grandes progressos. O crescente desenvolvimento científico e tecnológico, que se fez sentir nestes dois séculos, aliado ao eclodir da Revolução Industrial e ao progresso da liberdade de escrever, em fins do século XVIII e começos do XIX, provocou um surto de periódicos de grande tiragem e popularidade. Também no livro se fez sentir o avanço da imprensa. A sua forma foi modificada, os tipos evoluíram e o texto impresso passou a ser acompanhado mais frequentemente pela imagem, impressa esta também. Assim, o livro ilustrado vulgarizou-se, deixando de ser produto exclusivo para apenas quem detivesse os poderes económico e religioso. As técnicas litográficas sofreram, durante o século XIX, espantosos progressos e, no final da centúria, surgiu a técnica da fotogravura (21), sucedendo à gravura em madeira, técnica então utilizada. Todo este avanço possibilitou a reprodução de desenhos e gravuras aos milhares, sem que com isso se perdessem os pormenores e a sua beleza.

Rapidamente os poderes políticos e económicos descobriram a importância e o impacte da imprensa e, sem demora, também esta passou, na sua maioria, a ser controlada pelos detentores do poder.

(19) Jean-Bruno Renard *op. cit.*, p. 27.
(20) Vide p. 21.
(21) Em Portugal, um dos pioneiros da fotogravura foi Tomás Bordalo Pinheiro que, em 1902, montou uma oficina de gravura química fotolitográfica chamada «A Fotomecânica».

Os proprietários dos periódicos, com o objectivo de venderem maior número de exemplares, entraram em competição, reduzindo os respectivos preços. Foi, sem dúvida, um aspecto importante, este, que possibilitou que qualquer pessoa, mesmo das classes mais baixas, pudesse adquirir um jornal.

Estavam reunidas todas as condições para o surto da banda desenhada, que se desenvolveu com o incremento das publicações periódicas (note-se que a primeira banda desenhada foi publicada em 1833).

Foi ainda no século XIX — século de grandes conturbações sociais —, que surgiu um tipo de periódico que ainda hoje goza de grande popularidade: o jornal humorístico ilustrado. Foi nele que a banda desenhada encontrou suporte e razão de ser, e foi nele que proliferou.

A popularidade atribuída e merecida aos periódicos satíricos deve-se ao facto de serem profusamente ilustrados e, sobretudo, por caricaturarem a sociedade, incidindo principalmente nos seus aspectos políticos e nas suas personalidades predominantes. Viu-se assim surgir a banda desenhada integrada nestes periódicos pelo simples facto de constituírem um excelente e acessível meio de relatar acontecimentos através da sátira e da caricatura (23).

Existiu ainda um outro factor de primordial importância no surto e desenvolvimento da banda desenhada, e uma das razões pela qual os periódicos ilustrados atingiram níveis de popularidade extraordinários: da população europeia oitocentista apenas uma pequena percentagem se poderia considerar culta e apenas uma percentagem um pouco maior, mas também ínfima, englobava os indivíduos letrados. O índice de analfabetismo na Europa abarcava bastante mais de metade da população e, em Portugal, mais de dois terços dos habituados não sabiam ler nem escrever. Sendo este o panorama cultural do século XIX, é lógico que muita gente que lia mal ou não sabia ler preferisse, ao jornal apenas com texto, aquele que trazia ilustrações e, até mesmo, histórias e notícias contadas através do desenho (banda desenhada). A narrativa iconográfica tinha assim, nas pessoas iletradas, um público certo, pois estas, mesmo sem conseguir ler o texto (se o houvesse) conseguiam compreender o que se pretendia relatar. Certo é que nem todos os jornais traziam gravuras, mas é necessário não menosprezar a importância da ilustração nos meios jornalísticos, até porque a técnica fotográfica não estava ainda desenvolvida e a ilustração era o único meio de descrever visualmente os acontecimentos.

Ainda hoje as histórias desenhadas são as preferidas pelas crianças que, sem saberem ler, acham nelas os seus contos e aventuras preferi-

(22) A primeira banda desenhada a ser impressa foi *L'Histoire de Monsieur Jabot*, desenhada por Rodolphe Töpffer e publicada em 1833.
(23) Foi Rafael Bordalo Pinheiro um notável exemplo de caricaturista que cultivava a banda desenhada. Note-se que ele é considerado o pai da banda desenhada portuguesa.

dos. É também vulgar encontrarem-se jovens que não gostam de ler um livro que não traga ilustrações. A ilustração, alternada com o texto, torna a leitura mais leve e menos monótona. Depreende-se assim o papel importante que a ilustração e a banda desenhada ocupam como meio de divulgação, de motivação e objecto pedagógico. No aspecto político, em Portugal, saliente-se mais uma vez Rafael Bordalo Pinheiro, que, num regime monárquico, «[...] fez mais pelo advento da República, com os seus jornais, do que outros jornalistas [...] porque em terra onde havia muitos analfabetos os desenhos flagrantes, ousados e elucidativos, eram como catapultas contra o regime» ([24]). Factor importante a considerar no desenvolvimento dos jornais foi a crescente alfabetização da população da Europa, durante todo o século XIX e, mais marcadamente, no início da nossa centúria.

Ao entrarmos no século XX, o papel da banda desenhada europeia e o seu público alteraram-se consideravelmente. Se durante o século XIX a banda desenhada foi essencialmente de carácter político-caricatural, no século XX passou a ser principalmente dedicada aos jovens ([25]), chegando a ser em geral integrada na literatura infantil e juvenil, enquanto nos Estados Unidos continuava a ser dirigida principalmente ao leitor adulto.

Os jovens, com o seu característico espírito aventuroso e romântico, viam reflectida na banda desenhada e, em especial, nos heróis que a popularizaram, a perfeita imagem dos seus ideais. Encontravam com que satisfazer a fantasia do seu pensamento. Todo o imaginário maravilhoso que não podiam contemplar senão em sonhos, achavam-no, mais ou menos, melhor ou pior, retratado na banda desenhada. Assim, esta rapidamente adquiriu importância crescente na vida e na formação dos jovens. Evidentemente que os editores europeus — certamente os maiores responsáveis pela importância que as histórias aos quadradinhos adquiriram — não ficaram insensíveis ao aumento da procura. Eles tinham iniciado o processo, isto é, tinham sido eles a oferecer aos jovens, em particular, e ao público, em geral, as primeiras bandas desenhadas, timidamente, receando pelo investimento. Os receios mostraram-se injustificados e, ao darem-se conta do sucesso que este género de literatura obtinha, tentaram submergir o público com grandes quantidades destas publicações. Nos Estados Unidos, porém, sucedeu exactamente ao contrário, a banda desenhada

([24]) Rocha Martins, *Pequena História da Imprensa Portuguesa*, Cadernos «Inquérito», série G, Crítica e História Literária, XV, Lisboa, Editorial «Inquérito», Ld.ª, 1941, p. 101.

([25]) Geralmente, quando se fala em banda desenhada, associa-se-lhe logo, como público, os jovens. Sem dúvida são os jovens — na Europa — os grandes leitores de banda desenhada. Porém, não convém esquecer que também os adultos a lêem, habitual ou ocasionalmente, preenchendo assim uma grande parte dos leitores da banda desenhada.

começou logo de início a ser publicada em grandes tiragens, como consequência de ser editada nos jornais diários. Depois dos anos vinte, na Europa e nos Estados Unidos foram aos milhares os títulos diferentes, na sua maioria de péssima qualidade, mas de entre os quais surgiram algumas obras de arte.

Os próprios jornais serviram-se da banda desenhada como veículos de competição e de aumento de tiragens. Começaram por editar, no número dominical, excertos de pequenas histórias, que continuavam na semana seguinte. As vendas do número de domingo aumentaram de facto e, rapidamente, as histórias aos quadradinhos passaram a ser incluídas nos números diários. Nunca era editado mais do que um número reduzido de vinhetas (formando uma *strip* ou, no máximo, duas), interrompendo-se a história sempre num momento de maior «suspense», o que motivava o leitor a comprar o número seguinte do jornal, para saber a continuação. Nos Estados Unidos, os jornais rivalizavam, tentando apresentar as melhores e mais populares histórias ao encontro do gosto do público. Esta rivalidade chegou mesmo ao ponto de diversos jornais entrarem em conflito aberto uns com os outros, facto bem demonstrativo da importância que a banda desenhada atingira. É de salientar ainda que algumas das melhores e mais populares bandas desenhadas foram criadas propositadamente para jornais: «The Yellow Kid», no *New York World* e depois no *New York Journal*; «Popeye», no *New York Evening Standard*; «Brick Bradford», no *The New York American*, etc. Em Portugal, por exemplo, «Quim e Manecas», no *Século Cómico* (1915), etc.

A indústria da banda desenhada foi crescendo e, quase de imediato, proliferaram, um pouco por toda a parte, empresas no género da de «Walt Disney», que dedicavam à banda desenhada uma atenção especial. Com o crescente desenvolvimento e importância junto do público das histórias aos quadradinhos e ainda devido ao papel económico e político relevante que a banda desenhada pode desempenhar, surgiu, de imediato, um movimento de controlo e de uso deste meio de comunicação e de educação — ou de subversão, conforme o modo como for utilizado — para interesses próprios, tanto políticos, como económicos, ou mesmo sociais. Este movimento, porém, não foi tão sentido na Europa como nos Estados Unidos, onde se criaram sindicatos, como, por exemplo, o «King Features» ou o «Unit Features», que exercem um controlo se não absoluto pelo menos estrangulador, tanto nos desenhadores como nas próprias publicações. Para a expansão e conquista do mercado europeu pela banda desenhada americana criou-se, por exemplo, o «Opera Mundi», sindicato de distribuição para a Europa.

Evidentemente que todo este movimento gerado em torno da banda desenhada tinha por detrás, em muitos ou na maioria dos casos, interesses económicos e, por vezes, até políticos, como foi referido. O que

se não pode negar é que ele se mostrou de extrema importância para o desenvolvimento da banda desenhada. Foi através do seu aparecimento nos jornais e nas revistas que granjeou popularidade, e assim, possibilitou que surgisse maior número de produções, novos autores e melhores técnicas.

Não foi, contudo, nos jornais que este evoluir da banda desenhada se verificou, pois aí esta foi progressivamente perdendo qualidade. Só depois de o gosto pelas histórias aos quadradinhos ter sido suficientemente incutido nos leitores, a ponto de criar um público próprio, foi possível a edição de periódicos de boa qualidade, apenas dedicados à banda desenhada, bem como de álbuns de luxo, onde os artistas bem pagos podem demonstrar todas as suas potencialidades e, livremente, construir o belo edifício da banda desenhada moderna.

Como aqui já foi referido, nem tudo o que se produzia tinha qualidade; cita-se, a propósito, uma frase de Umberto Eco muito em voga quando se fala de banda desenhada: «95% das actuais produções em quadradinhos são de baixo nível, enquanto 4% seriam de honesto nível artesanal e apenas 1% de nível artístico» ([26]).

Hoje em dia a banda desenhada é um fenómeno de massas, profusamente estudado, semiológica, sociológica, ideológica, artística, morfologicamente, etc.

4. As origens da banda desenhada em Portugal

Os vestígios, ou aquilo a que podemos chamar *pré-história* da banda desenhada, aparecem-nos, em determinados locais e objectos, de modo não casual mas de uma intencionalidade marcante. Assim, esses indícios surgem-nos, não apenas, mas na sua maioria, em objectos e locais de culto religioso: é fácil encontrar manifestações próximas das da banda desenhada em iluminuras e nos painéis e vitrais das igrejas, geralmente representando cenas bíblicas ou hagiográficas e, muito em especial, relatos da *Paixão*.

Portugal não foge à regra dos outros países. É nos mesmos tipos de locais e de objectos que vamos encontrar vestígios de banda desenhada. Apontemos alguns exemplos que nos pareceram mais significativos.

O mais antigo vestígio de banda desenhada parece remontar ao século XIII: as tão sobejamente conhecidas *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X, o Sábio (1221-1284). Embora não se possa considerar estas cantigas património nacional, fazem parte, sem dúvida, do espó-

([26]) Frase citada em André-Jean Parachi, *Filosofia da Banda Desenhada*, col. «Temas», Lisboa, Edições Magazine-Documentário, 1977, p. 11.

lio cultural pátrio: o seu texto é em galaico-português e nos seus temas encontram-se muitos motivos portugueses.

Ilustrando as cantigas, existem diversas iluminuras que são verdadeiras obras de arte do período medieval.

Diz-nos Matilde López Serrano acerca destas iluminuras: «As miniaturas ocupam o rectângulo que forma a casa de escrita, com a medida de 334 mm de altura por 233 mm de largura; cada compartimento com as cenas correspondentes é de 105 mm × 110 mm [...]. Todas elas são enquadradas por uma cinta ou estreita moldura, decorada como se fosse um mosaico ou azulejo a cores e ouro, [...]» ([27]). Para além de cada iluminura ser dividida em seis vinhetas, contando uma história ou episódio, verifica-se ainda que «[...] acontece o mesmo na parte superior de cada miniatura, para uma legenda que em língua galega explica a cena ali representada, texto escrito em tinta azul e roxa alternadamente» ([28]).

Acham-se nestas extraordinárias *obras* quase todas as características de uma banda desenhada. Apenas lhes falta o factor divulgação, isto é, a possibilidade de impressão em vários exemplares. Mas a imprensa só viria a aparecer 200 anos mais tarde ...

Das iluminuras das *Cantigas de Santa Maria* ([29]), guardadas na Biblioteca do Escorial (Espanha), salientamos duas, que nos parecem ser as mais representativas: as n.os 63 (fig. 1) ([30]) e 142 (fig. 2) ([31]).

Faz-se aqui a transcrição das legendas que acompanham as duas cantigas mencionadas, para se evidenciar o facto de serem escritas em galego-português, e para se salientar também que os desenhos, sem o texto, pouco significariam, e que este, sem os desenhos, teria significado obscuro.

([27]) Matilde López Serrano, *Cantigas de Santa María de Alfonso X el sabio, Rey de Castilla*, Madrid, Editorial Património Cultural, 1974, p. 39.

([28]) *Ibidem*, p. 39.

([29]) O texto destas cantigas encontra-se publicado, por exemplo, por Walter Mettman, *Afonso X o Sábio, Cantigas de Santa Maria*, 4 vols., Coimbra, 1959-1972.

([30]) «*Cantiga 63.* O conde Garcia recebeu muito bem um cavaleiro que veio ajudá-lo na sua luta contra os árabes. O cavaleiro foi ouvir missa diante da Virgem, enquanto o conde foi combater; porém viu diante de si o cavaleiro que havia deixado na igreja, o qual combatia denodadamente. Ao regressar, o conde viu o cavaleiro que então se dispunha a partir para a batalha; compreendendo o milagre da Virgem, o conde e todos os cristãos louvaram muito Santa Maria» (Matilde López Serrano, *Op. Cit.*, p. 72 — tradução do castelhano pelo autor).

([31]) «*Cantiga 142.* El Rei Afonso foi à caça de centraria e lançou um falcão contra uma garça. Esta, alcançada, caiu no rio Henares, cuja corrente era forte e os cães a não podiam alcançar. El Rei perguntou entre os do seu séquito se havia alguém que se atrevesse a recolher a garça; fê-lo um homem de Guadalajara, que apanhou a garça. Porém, não pôde lutar contra a corrente e esteve a ponto de se afogar. O Rei e os seus companheiros imploraram o favor da Virgem e ela fez sair do rio o homem com a garça na mão». (*Ibidem*, p. 73 — idem).

Fig. 1

[1] [2]

[3] [4]

[5] [6]

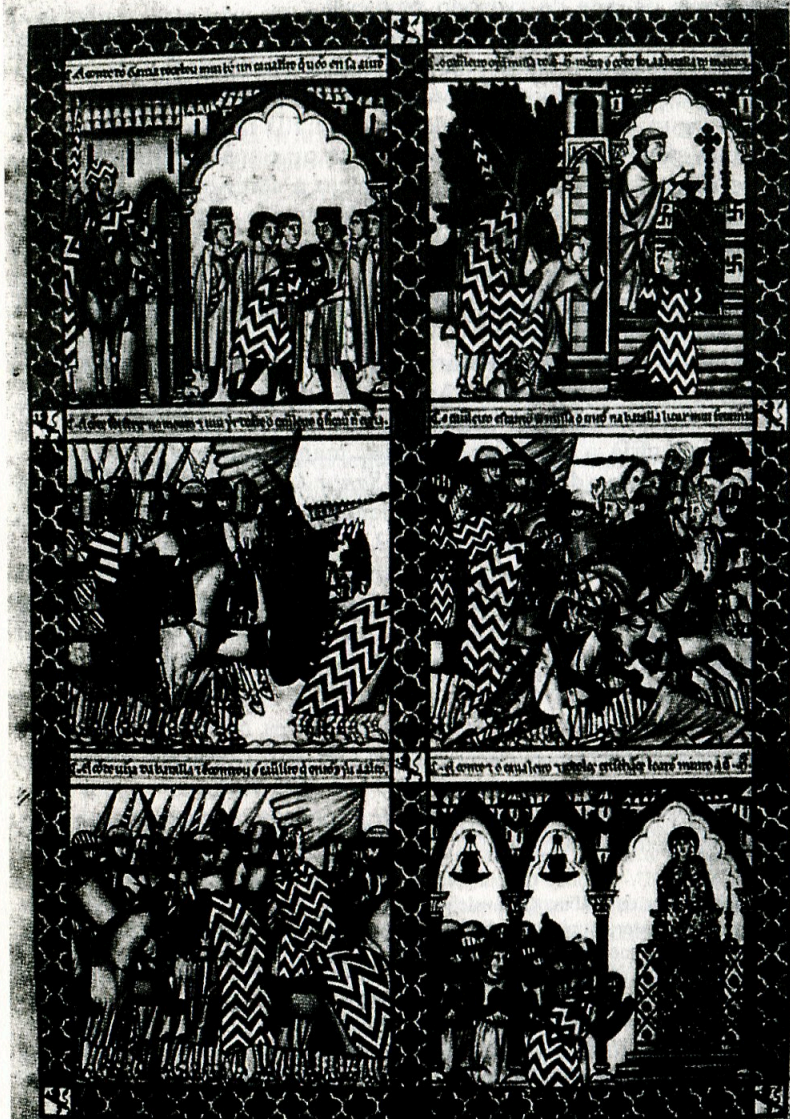



Fig. 2

Legendas da iluminura da cantiga n.º 63:

[1] — Ȼ. el c*on*de do*m* Garcia recebeu mui be*m* un caualiro q*ue* uéu en sa aiuda.
(= O conde dom Garcia recebeu muito bem um cavaleiro que veio em sua ajuda).

[2] — Ȼ. ó caualeiro oya missa de. S*an*ta. M*ar*ia. me*n*tre ó co*n*de foi aa batalla d*e* mouros.
(= O cavaleiro ouvia missa de Santa Maria enquanto o conde foi à batalha de mouros).

[3] — Ȼ. el co*n*de foi ferir no mouro *e* uiu yr dea*n*te ó caualeiro que ficaua na eigreia.
(= O conde foi lutar com os mouros e viu ir à sua frente o cavaleiro que ficara na igreja).

[4] — Ȼ. o caualeiro estando n*a* missa o uiro*m* na batalla lidar mui ferame*n*te.
(= O cavaleiro, estando na missa, o viram na batalha lutar denodadamente).

[5] — Ȼ. el co*n*de uija da batalla *e* e*n*controu ó caualiro q*ue* entóz ya aã lid*e*.
(= O conde vinha da batalha e encontrou o cavaleiro que então para lá se dirigia).

[6] — Ȼ. el co*n*de *e* ó caualeiro *e* todo los cristhãos loaro*m* muito a S*an*ta. M*ar*ia.
(= O conde e o cavaleiro e todos os cristãos louvaram muito Santa Maria) ([32]).

Legendas da iluminura da cantiga n.º 142:

[1] — Ȼ. el Rey don Alffonso lançou um falcon a hũa garça. *e*
(= El Rei dom Afonso [X] lançou um falcão a uma garça e).

[2] — Ȼ. o falcon firiu a garça *e* b*r*itou 11 a aa [sic]([33]) e caeu a garça no rio.
(= o falcão feriu a garça e quebrou-lhe a asa e caiu a garça no rio).

[3] — Ȼ. el [Rei] come*n*çou a dizer a uozes que*n* entrará pola garça q*uen*.
(= El Rei começou a dizer em gritos quem entrará pela garça quem).

[4] — Ȼ. un ome*m* entrou pola garça *e* agua o sangullou be*m* tres uezes
(= um homem entrou pela garça e a água segurou-o bem três vezes).

[5] — Ȼ. s*anc*ta M*ar*ia fez sayr o ome*m* do rio con sa garça na mão.
(= Santa Maria fez sair o homem do rio com a garça na mão).

[6] — Ȼ. deu a garça al Rey. *e* todos loarom muyto s*anc*ta M*ar*ia.
(= Deu a garça ao Rei e todos louvaram muito santa Maria).

Note-se que na iluminura da cantiga 142, a leitura se faz da esquerda para a direita, à excepção das duas últimas imagens que estão invertidas.

Nos séculos XV e XVI tiveram muito uso os chamados *Livros de Horas*. Mandados executar propositadamente pelos fiéis — os mais abastados, entenda-se — para seu uso próprio ou para oferta, continham geralmente um calendário, os ofícios da missa e das vésperas, os ofícios dos diferentes santos (e em especial os dos santos protectores do possuidor), o ofício do casamento e o ofício dos mortos. Não é porém o seu conteúdo prático que lhes deu notoriedade, mas sim as singulares iluminuras que acompanham orações e ofícios. Estas iluminuras eram tanto mais ricas quanto maior o poder económico do possuidor e o capricho do iluminista. No seu conjunto, estes livros formam obras de raríssima beleza.

Portugal possui alguns excedentes exemplares de *Livros de Horas:*

Em 13 de Fevereiro de 1501 foi dado à estampa por Narciso Brun em Paris, umas «Ȼ Horas de Nossa Sen*h*ora segundo costume Romaa*n*o. Com as horas do spirito sa*n*cto. *e* da cruz *e* dos finados. *e* sete psalmos. *e* oraço*m* de sam lyo*m* papa *e* oraça*m* da empardeada

([32]) Nas transições ao longo deste trabalho utilizaram-se todas as regras preconizadas por A. H. de Oliveira Marques no artigo «Paleografia», in *Dicionário de História de Portugal*, dirigido por Joel Serrão e hoje usadas pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

([33]) Trata-se certamente de um erro do escriba. A transcrição de Walter Mettman da estrofe da cantiga 142 correspondente a esta quadrícula, diz o seguinte:

«Ca pero a garça muito montou,
aquel falcon toste a alcançou
e dum gran *colb'* [a] aa lle britou,
e caeu na agua, que ja per seu
E na gran coita sempr' acorrer veu [...]»

(Walter Mettman, *Op. Cit.*, vol. II, 1961, p. [115]).

No volume IV, dedicado a um glossário, Mettman dá como significado do substantivo feminino «aa», «asa» (*Ibidem*, vol. IV, 1972, p. 2).

Aquando da transcrição, Mettman acrescentou a seguir à palavra «*colb'*» (= golpe) o artigo definido «a» que no manuscrito não existe, mas que não falta na iluminura: encontra-se na palavra «b*r*itoulla» (= b*r*itou 11 a).

Assim, ficaria:

«Ȼ. o falcon firiu a garça e b*r*itou 11 a a[s]a e caeu a garça no rio».

e com outras muytas *e* deuotas orações» ([34]). Estas raríssimas *Horas de Nossa Senhora* foram vertidas para português pelo doutor em Teologia frei João Claro e pelo estudante de Artes Luís Fernandes, ambos portugueses. Porém, o que as torna interessantes, para o nosso estudo, é o facto de, como diz o padre Mário Martins, apresentarem extractos da Bíblia «aos quadradinhos, à maneira de tantas revistas de hoje» ([35]).

Os desenhos das *Horas de Nossa Senhora* são de origem francesa ([36]); porém, as legendas que permitem uma melhor compreensão da mensagem iconográfica são em português, à excepção de duas «Danças dos Mortos». «Bastava ler os letreiros. Aprendia-se muito em pouco tempo e em menor espaço», assim comenta Mário Martins. De facto era este o principal objectivo que motivava os homens medievais e renascentistas a executarem bíblias como a *Bíblia Pauperum* e *Livros de Horas* como este. Procurava-se uma aprendizagem mais rápida e mais eficiente da religião.

Um dos *Livros de Horas* que mais se destacam pela riqueza das suas iluminuras e pela sua beleza inerente é, sem dúvida, o *Livro de Horas de D. Manuel* ([37]), importante documento iconográfico do Renascimento.

Nele, o exemplo mais flagrante de banda desenhada encontra-se no fol. 234 v., iluminura historiada onde se representa o *Calvário*, numa vinheta grande, rodeada nos lados esquerdo e inferior de outras pequenas vinhetas, contando diversos episódios da *Paixão* (fig. 3). Estas pequenas vinhetas, delimitadas por arcos de volta abatida, possuem, a separá-las umas das outras, um pequeno texto de duas linhas apenas, que resume o significado do desenho. A leitura inicia-se no canto esquerdo superior e segue as pequenas iluminuras até ao canto inferior direito. A última vinheta é a mais estreita, ocupando menos de metade do espaço das outras. Por esse motivo, a sua legenda não se encontra no lado esquerdo da figura, como acontece nos desenhos da parte inferior da iluminura, mas sim dividida por três pequenas faixas, colocadas no lado esquerdo do desenho maior e alternadas por

([34]) Texto transcrito por Francisco Leite de Faria, *Estudos Bibliográficos sobre Damião de Góis e a sua Época*, Comissão Organizadora do IV Centenário da Morte de Damião de Góis, Lisboa, Secretaria de Estado da Cultura, 1977, p. 245. Alterámos a transcrição segundo as regras preconizadas na nota 32. O único exemplar conhecido deste «Livro de Horas» encontra-se na Biblioteca do Congresso, Washington, Lessing J. Rosenwald Collection, # 451.

([35]) Mário Martins, *A Bíblia na Literatura Medieval Portuguesa*, Biblioteca Breve, vol. 35, Amadora, Instituto de Cultura Portuguesa, 1979, p. 121.

([36]) *Ibidem*, p. 119.

([37]) Sobre o «Livro de Horas de D. Manuel» ver especialmente: *Livro de Horas de D. Manuel*, estudo introdutório de Dagoberto Markl, Colecção «Presença da Imagem», Lisboa, Crédito Predial Português e Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983.

De nosso senhor

A paixõ de nosso snõr saluador xpo Jesu. segũdo os quatro euãgelistas. E se começa ha Paixom. segũdo ho Gersom da quarta feyra da somana sancta.

Fig. 3

desenhos de janelas. Estas legendas encontram-se escritas em latim, e são transcrições de frases bíblicas:

1. Jesus no Horto das Oliveiras.
   «FACTVS. EST. SVDOR. EIVS SICVT. GVTTE» (*Luc.*, XXII, 44).
   (= O seu suor tornou-se como gotas).
2. Beijo de Judas.
   «TRADIDIT. IN MORTEM. ANIMAM. SVAM» (*Is.* LIII, 12).
   (= Entregou a sua alma na morte).
3. Jesus conduzido ao Sinédrio.
   «LIGATVM. ET VINCVLATVM. TE. ADDVC[O]» (?).
   (= Faço-te comparecer ligado e vinculado).
4. Jesus conduzido ao Pretório e Pôncio Pilatos lavando as mãos.
   «FACIEM. MEAM. NON. AVERTO. AB INCREPANTIBVS» (?).
   (= Não desvio a minha cara dos vociferadores).
5. Flagelação de Cristo.
   «VERE. LANGVORES. NOSTROS. IPSE. TVLIT...» (*Is.*, LIII, 4).
   (= Verdadeiramente, Ele tomou sobre si as nossas enfermidades).
6. Coroação de Espinhos.
   «OBLATVS. EST QVIA IPSE» (*Is.*, LIII, 7).
   (= Foi oprimido porque Ele [quis]).
7. Soldados romanos apresentando a cruz.
   «IESV REPPERTIO VOLV[IT] [?]» (?) ([38]).

São estes, pois, exemplos característicos de banda desenhada em *Livros de Horas*.

Mas não só em «Livros de Horas» surgia este tipo de figuração narrativa. Também se pode encontrar em livros de carácter religioso ou hagiológico, como é o caso da importante obra hagiográfica *Liuro e Legenda dos Santos Martires*, impressa em Lisboa, por João Pedro Bonhomini de Cremona, em 1513 ([38a]), de que apresentamos uma página com uma gravura representando cenas da *Paixão:* «Ͼ. A paixo*m* de nosso se*n*hor saluador Chr*isto* Jesu. segu*n*do os quatro eua*n*gelistas. E se começa a Paixom. segu*n*do ho Bersom da quarta feyra da somana sancta.» (fig. 4).

([38]) Os títulos das cenas bíblicas são citados do *Livro de Horas de D. Manuel, Op. Cit*, p. 149.

Nas traduções do latim fomos ajudados pelo Prof. Dr. A. H. de Oliveira Marques.

([38a]) Cf. José V. de Pina Martins, «O Livro Português no Reinado de D. Manuel I», in *Panorama — Revista Portuguesa de Arte e Turismo*, IV série, n.º 32 (Dez. 1969), pp. 64 e 67.

Fig. 4

Também no século XVI encontramos um curioso conjunto de painéis, hoje pertença do Museu Nacional de Arte Antiga (Lisboa), que foram oferecidos, em 1517, pelo imperador Maximiliano I (1493-1519) a sua prima, D. Leonor de Lencastre, para ornamentarem o convento da Madre de Deus. Estes painéis constituem o chamado *Retábulo de Santa Auta* e referem-se ao massacre, nos primeiros anos da era cristã, de uma noiva (Santa Úrsula) e do seu respectivo séquito, por parte dos germanos pagãos (39). Daí advém o nome pelo qual é denominado este massacre: *O Martírio das Onze Mil Virgens* (fig. 5) (40). Este retábulo, com o seu conjunto de painéis, relatando a história da malograda viagem nupcial, forma como que uma banda desenhada, correspondendo um quadradinho a cada painel.

O relato de acontecimentos deste género, especialmente hagiográficos, é muito frequente. Achamo-nos em presença de um género próximo da banda desenhada, interpondo-se apenas o facto de não se tratar de obras manuseáveis.

Outra forma de arte onde, por vezes, aparecem narrativas visuais, também ligada à religião, são os vitrais. Não nos compete aqui analisar qual a função do vitral nas igrejas. Saliente-se apenas que, para além de iluminar as escuras naves, tinha como função ensinar o fiel em matéria religiosa, ao mesmo tempo que a sua beleza pretendia dar uma imagem da beleza divina. E é na tentativa de ensinar, ou não deixar esquecer, que o vitral (e, como já referimos, todas as outras formas de arte religiosa, quer sejam painéis quer livros, esculturas, etc.), se socorre da imagética bíblica, da qual retrata algumas cenas mais vulgares e de mais fácil compreensão.

No Mosteiro da Batalha (Batalha, Leiria) encontram-se diversos vitrais, dos quais os existentes na Capela-Mor representam, entre outros motivos, diversos passos da Vida de Cristo: *Visitação, Nossa Senhora e o Menino, São José e o Menino, Descida do Limbo, Ressurreição, A Virgem e os Apóstolos*, entre outros. Na janela da Sala do Capítulo os vitrais mostram a *Paixão de Cristo*, num tríptico, vendo-se, no primeiro, Cristo a ser pregado à cruz, no segundo, Cristo crucificado, e no terceiro, a descida da cruz (fig. 6).

---

(39) A lenda do *Martírio das Onze Mil Virgens* relata-nos a história de uma senhora (Santa Úrsula) que parte em viagem para Colónia para aí se juntar ao seu noivo e proceder-se ao casamento. No seu séquito levava um grande número de damas. Durante o trajecto marítimo que efectuaram são atacados por germanos bárbaros que matam tanto a noiva como os acompanhantes. Depois do massacre todas as virgens foram santificadas. Santa Auta foi uma dessas virgens.

Cf. Bibliografia na nota 40.

(40) Sobre o *Martírio das Onze Mil Virgens* ver, por exemplo: Guy de Tervarent, *La legénde de Sain Ursule dans la litterature et l'art du Moyen Âge*, Paris, les Editions G. van Oest, 1931, existente na biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa; e Natália Correia Guedes, *et alii*, *Retábulo de Santa Auta. Estudo de Investigação*, Lisboa, Centro de Estudos de Arte e Museologia, 1972.

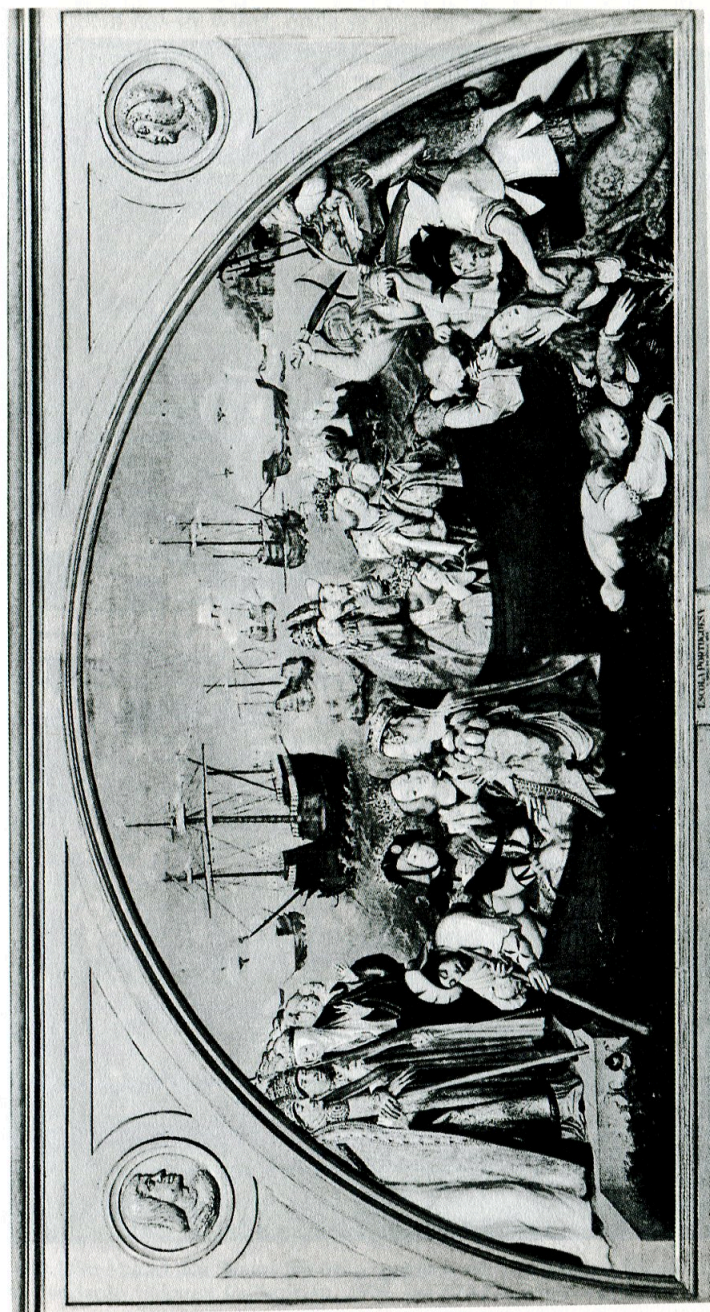



Fig. 5

Fig. 6

Também nos *ex votos*, onde se narram pormenores de milagres recebidos, existem exemplos de banda desenhada deveras curiosos. Um dos mais interessantes que encontramos foi executado no Salvador (Baía, Brasil) em 1749, em agradecimento pelas graças concedidas por Nossa Senhora dos Remédios a Agostinho Pereira da Silva (fig. 7). O interesse reside no facto de este *ex voto* ser uma autêntica narrativa iconográfica. O devoto mandou relatar na pintura todas as suas aventuras, desde que saíra de Portugal e fora para o Brasil, até se tornar sacerdote, em cumprimento da sua promessa. Mas Agostinho Pereira da Silva não se ficou por aí, e quis que, para cada cena, o pintor desenhasse uma legenda, explicando a imagem. Estas legendas não são mais do que excertos do texto que se encontra na parte inferior do *ex voto* ([41]).

No século XVIII vão encontrar-se narrativas visuais sobre um outro suporte completamente diferente: o azulejo. Os exemplares mais relevantes desta arte encontram-se, para não fugir à regra, em igrejas e conventos, com os habituais temas: vida de santos, passagens bíblicas, etc.

De entre o valioso inventário da azulejaria portuguesa de João Miguel dos Santos Simões destacamos apenas três exemplos:

- na Igreja de Nossa Senhora da Ajuda (Peniche) encontramos, entre cenas de caça e portuária, painéis de azulejos historiados com a *Vida de Maria*, começando do lado da epístola com o Nascimento, Anunciação e terminando com a Assunção ([42]);
- nos azulejos da igreja do antigo Convento dos Lóios (Arraiolos, Évora) encontram-se representados passos da vida de um santo, talvez São Lourenço Justiniano. Estes azulejos

---

([41]) Transcreve-se aqui o texto integral que se encontra na parte inferior do *ex voto*:
«Prodigiozas merces e milagres que tem feito a uirgem Nossa Senhora dos remedios a seu deuoto. agostinho pereira da silva aSim em Secular como despois de ser sacerdote. sahindo de sua terra a cidade de lamego para se embarcar para o brazil. se encomendov a mesma Senhora, em huma capelinha que fica logo fora da Cidade e chegando as minas se meteo ao sertam a buscar fortuna e nelle foi mordido de huma Cobra e acometido de duas medonhas e no mesmo sertam esteue morto a fome a sede e outros camaradas sem esperança da uida e despois disso escapou de ser morto que a traição o quizeram matar os paulistas e por estes e muntos mais suçeços prometeo a sua santisima patrona a senhora dos remédios de entrã no seminario de bellem para a Seruir no citado saçerdotal e despois de ser saçerdote estando ia dezenganado de que morria em huma grande infermidade sem se poder ter em pé só incostado em uma moleta com uma grande chaga em huma perna a senhoras dos remédios lhe deu saude, e para memoria mandou aqui por este painel no anno de 1749 //».

([42]) João Miguel dos Santos Simões, *Azulejaria em Portugal no Século XVIII*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1979, pp. 170-171 e est. XXXII.

foram executados por Gabriel del Barco (1649 — depois de 1708) ([43]);

— também na azulejaria do antigo Convento de Santa Marta (hoje Hospital de Santa Marta), em Lisboa, e naquela que deve ter sido a sua sala capitular encontramos as paredes completamente revestidas de painéis, figurando passos da vida franciscana ([44]).

Mas talvez os azulejos mais significativos deste tipo de figuração narrativa sejam os chamados «Do Senhor Roubado», existentes junto à estrada que de Odivelas conduz a Lisboa, perto das portas de Carriche (fig. 8). Estes azulejos, dispostos em doze painéis, narram os episódios do roubo efectuado por António Ferreira, em 11 de Maio de 1671, dos vasos sagrados e paramentos da igreja paroquial de Odivelas. Datam, segundo se julga, de 1744 ([44a]).

Por todos estes exemplos, é fácil verificar que a banda desenhada não surgiu espontaneamente no século XIX, mas sim que a sua génese comportou um longo processo evolutivo cujas tradições se perdem na noite do tempo.

5. A banda desenhada portuguesa no século XIX

Vimos anteriormente que a banda desenhada surgiu na Suíça, pela mão do professor universitário Rodolphe Töpffer, em 1827, e que foi este também o primeiro autor a ver uma obra sua editada (*L'Histoire de Mr. Jabot*, 1833).

Em Portugal, onde as manifestações culturais chegam sempre com um relativo atraso, a primeira banda desenhada de que se tem conhecimento remonta ao ano de 1856.

Foi Nogueira da Silva, excelso artista dos meados do século XIX, quem utilizou pela primeira vez a banda desenhada no nosso país, nomeadamente na publicação burlesca *O Asmodeu* (Lisboa, na Typ. do Futuro, n.º 1 — 9.2.1856), onde para o n.º 6 (15.3.1856) desenhou uma pequena sequência de quatro desenhos e, mais tarde, com a publicação do *Jornal para Rir* (Lisboa, na Typ. do Progresso, 1.ª série, n.º 1 — 15.5.1856; 2.ª série, n.º 1 — 2.7.1857), de que foi fundador e para o qual executou três bandas desenhadas, respectivamente para o n.º 24 (23.10.1856) da 1.ª série e para os n.os 1 (2.7.1857) e 2 (13.8.1857) (fig. 9) da 2.ª série. Porém, a utilização das histórias aos quadradinhos

([43]) João Miguel dos Santos Simões, *op. cit.*, p. 397 e est. LXIII.
([44]) *Ibidem*, p. 219 e est. XLIV.
([44a]) Cf. António José Barros Veloso, «Os Azulejos do Senhor Roubado e a Banda Desenhada», in *Casa & Jardim*, n.º 105, (Dez. 1986). pp. 171-173.

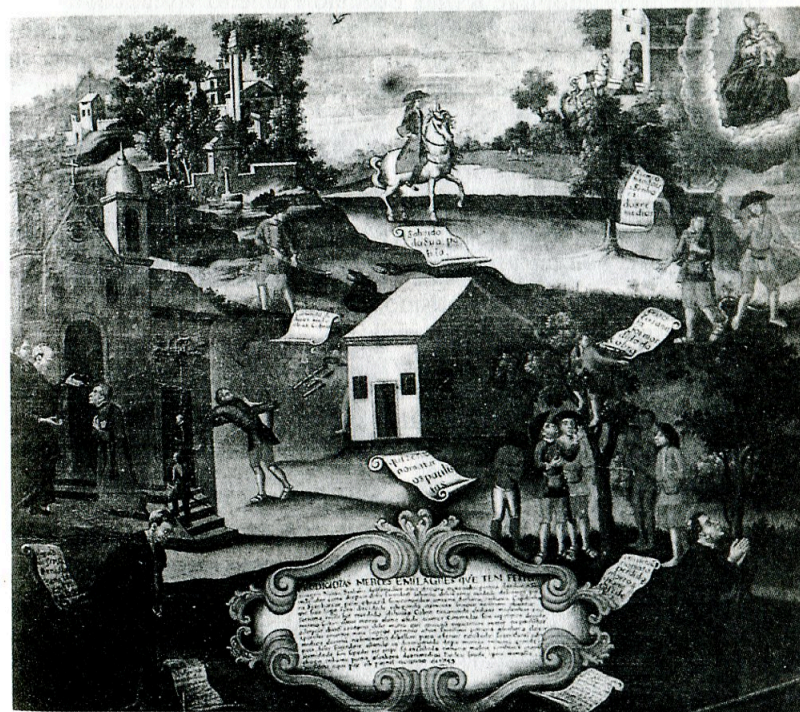



Fig. 7

por este artista foi apenas esporádica, não adquirindo a quantidade e as características que Rafael Bordalo Pinheiro lhes imputou mais tarde.

Foi Rafael Bordalo Pinheiro indubitavelmente o pai da banda desenhada, no sentido em que com ele esta técnica passou a ser utilizada regularmente, adquirindo um público certo, ao mesmo tempo que ao longo das suas obras se verifica uma constante evolução.

A produção de Rafael Bordalo Pinheiro neste domínio iniciou-se com o lançamento, em 5 de Julho de 1870, do seu álbum *A Berlinda*, não mais parando até final da sua vida.

Durante os 59 anos que Rafael Bordalo Pinheiro viveu, colaborou em numerosos periódicos e almanaques, dirigiu importantes hebdomadários e publicou diversos álbuns. Em quase toda a sua obra se pode encontrar banda desenhada, alguma de qualidade tal que ainda hoje é dificilmente igualável.

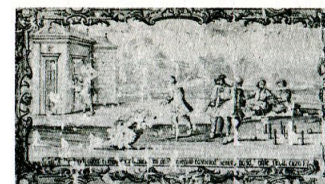
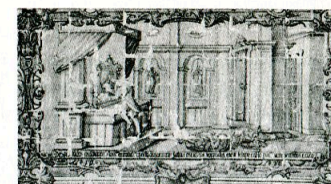
Imediatamente após a publicação do seu primeiro álbum de caricaturas, *O Calcanhar de Achilles* ([45]), publicou um conjunto de folhas volantes que viriam a constituir o seu segundo álbum, *A Berlinda*, com o subtítulo de *Reproducções d'um album humoristico, ao correr do lapis*. Saíram apenas sete páginas, a saber:

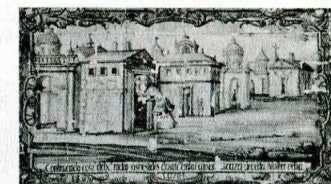
1 — «Fossadores do Patriotismo» (5.7.1870);
2 — «Fossadores do Patriotismo» (?);
3 — «Mapa da Europa — *Fervet Opus* em 1870» (1.ª ed., ?; 2.ª ed., ?; 3.ª ed. — com o título traduzido para francês de «Carte Satyrique de l'Europe pour 1870» —, 1.9.1870);
4 — «Retalhos da Companhia dos Caminhos de Ferro de Leste [...]» (7.1.1871);
5 — «A Hisópeda. Mistiforio Politico» (?.2.1871);
6 — «A Chiadinha, ultimas cenas do ultimo Carnaval» (22.2.1871);
7 — «Conferencias Democraticas» (5.7.1871).

Deste álbum destacam-se as duas primeiras páginas («Fossadores do Patriotismo») e a sétima («Conferencias Democraticas»), pois nelas Bordalo soube, brilhantemente, utilizar a banda desenhada para caracterizar determinadas situações políticas.

As duas primeiras páginas eram dedicadas exclusivamente aos «Fossadores do Patriotismo»: os governantes e partidários do velho duque de Saldanha que, mais uma vez, em 1870, «[...] sentindo-se [...] agravado nos seus brios pessoais por um acto do Executivo, chefiou uma revolta contra o gabinete do seu inimigo duque de Loulé» ([46]). Con-

([45]) Edição da Imprensa de Joaquim Germano de Sousa Neves, da Rua da Atalaia, Lisboa, em 1870.

([46]) A. H. de Oliveira Marques, *História de Portugal*, vol. III, 2.ª edição, Lisboa, Palas Editores, 1981, p. 34.

António Ferreira estando ao jogo e vendo passar o sacristão da Freguesia, o seguiu e às escondidas se meteu na greja onde ficou. Caso 1.

Despiu todas as Imagens dos Santos e arrombou a porta do sacrário furtou os vasos sagrados e neste tempo caiu por terra sem sentidos. Caso 2.

Sentindo gente entrouxou os vestidos das imagens e tomando a estrada de Lisboa no sítio chamado os Caniços enterrou em uma vinha os sagrados vasos. Caso 3.

Continuando caminho de Lisboa meteu os vestidos das imagens em um caixão em casa de certa mulher velha. Caso n.º 4.

A tempo que a justiça por ordem de El-Rei D. Pedro tirasse devassa deste furto em Odivelas, se achasse presente o sobredito António Ferreira e dizia na presença da mesma justiça que quem o tinha feito merecia as mãos cortadas. Caso 5.

Foi o mesmo achado na cerca das Freiras de Odivelas roubando umas galinhas e sendo agarrado vendo que trazia ao peito uma cruz que examinada pelos párocos se reconheceu ser dos vasos sagrados, entenderam ser o do roubo. Caso 6.

Foi preso pela justiça e sendo perguntado pela mesma confessou que os vestidos estavam em Lisboa e na dita casa onde a justiça o levou. Caso 7.

Confessou que os vasos sagrados se achavam enterrados no sítio já dito onde sendo levado pela justiça os acharam. Caso 8.

Veio o pároco com muita gente e debaixo do pálio levaram o Santíssimo para a Freguesia. Caso 9.

Voltaram os ministros com o delinquente para Lisboa onde se lhe deu sentença de mãos cortadas. Caso 10.

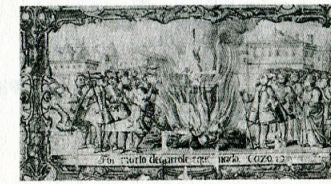
Foi levado ao lugar do suplício e lhe cortaram as mãos. Caso 11.

Foi morto de garrote e queimado. Caso 12.

Fig. 8

— 12 —

AS QUATRO LUAS DO MATRIMONIO.

A LUA DE MEL.

—Lembras-te meu amor daquellas lagrimas que verteste sobre o meu peito quando me fingi amuado comtigo! —Era não me falles nisso menino: ainda me parece, como n'aquelle momento que era uma realidade —E no entanto a cratera do meu coração vomitava cada labareda!...—Oh! mas agora somos felizes muito felizes não é assim! —Muito felizes...

A LUA D'ENXÔFRE.

Esta já é a lua em que o marido principia a vêr as amargas realidades que lhe pareciam doces illusões. Os dias passam-se como as noites. A mulher dá-lhe isto no golo, e começa a esquecer-se um pouco de si, para pensar nas vocações do seu esquerido marido.

A LUA DE FERRO.

Nesta lua recomeça a mulher a pensar mais em si do que nas vocações do esposo, que já decifrou. Elle, porem, com o seu instincto de marido comprehendendo a coisa, offerece-se para lhe enfiar a saia-balão por um methodo que ella, pela primeira vez, estranha profundamente...

A VERDADEIRA LUA.

É n'esta lua que a mulher reconhece os seus direitos e acha o mais positivo systema de os defender. D'aqui por diante ri-se da sua passa da innocencia, em quanto o marido recebe valentemente o devido salario das suas proficuas lições!...

Fig. 9

— 19 —

A BERLINDA

REPRODUCÇÕES D'UM ALBUM HUMORISTICO, AO CORRER DO LAPIS

7.ª Pagina—Conferencias Democraticas

IX — Conferencias Democraticas do Casino — 1871

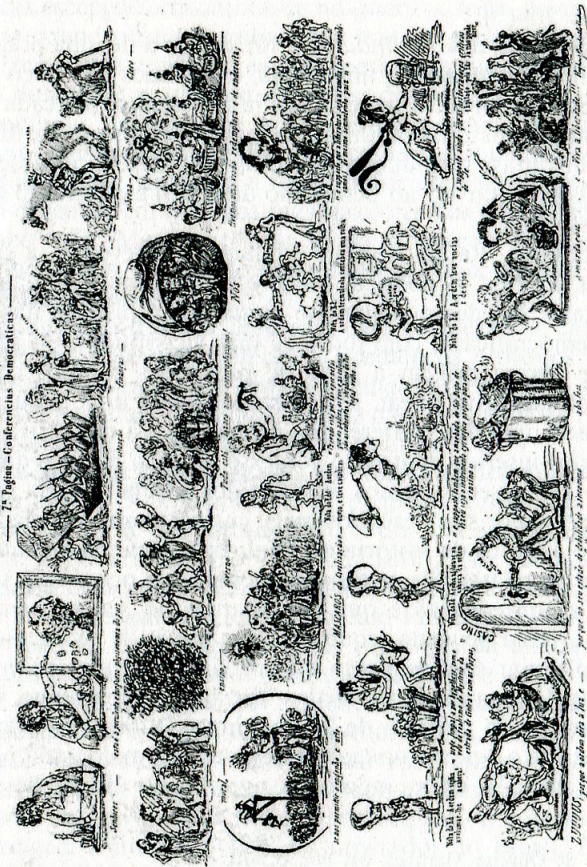



Fig. 10

seguiu assim ser encarregado de formar novo ministério que, no entanto, só se manteve no poder durante apenas 102 dias (19.5.1870 a 29.8.1870)([47]).

Mas foi a sétima página, a terceira de banda desenhada, que contribuiu decisivamente para a fama que o álbum hoje desfruta. É, sem dúvida, a página mais conhecida d'*A Berlinda*. Certamente porque o tema que versa, «As Conferências do Casino», provocou a rotura do paradigma cultural, político e social então vigentes, definindo a famosa «Geração de 70»([48]).

A última página d'*A Berlinda* (fig. 10) constava de uma prancha de trinta desenhos, desenhados a tinta negra, e divididos por cinco bandas (ou *strips*). Sendo, portanto, de seis a média de desenhos por cada banda.

Esta história aos quadradinhos pode ser claramente dividida em três partes distintas: Introdução (do 1.º ao 11.º desenho), desenvolvimento da história (do 11.º ao penúltimo desenho) e conclusão (do 30.º e último desenho).

Na introdução, Rafael Bordalo Pinheiro descreve-nos a situação que se vivia no País — política, social e económica — aquando das «conferências». No desenvolvimento conta-nos a história das «Conferências Democráticas», com todas as suas vicissitudes. Os acontecimentos que deram origem à série de prelecções são-nos contados segundo uma narrativa linear. Encontramos ainda uma pequena descrição de cada uma das conferências proferidas e a respectiva caricatura do orador inserida dentro do contexto de cada um dos discursos. A partir do 15.º desenho somos introduzidos a uma história paralela, que se prolonga por seis desenhos mais, curiosamente alternados, um sim, um não, com os da história original. Esta segunda narrativa tem como objectivo relatar-nos os acontecimentos que ocorreram simultaneamente às conferências e que culminaram no seu encerramento. Aparece-nos, nesta pequena sequência, o marquês de Ávila, que estremecendo ao tomar conhecimento do propósito das prelecções e que, *fecundado* pelo conselheiro Martins Ferrão e pelo rabino de Lisboa ([49]), *concebeu* a portaria de 26 de Junho. Durante três dos desenhos constata-se a agitada *gestação* intelectual da malograda portaria. Finalmente chega-se ao momento do *parto* e, no último desenho, a

([47]) A. H. de Oliveira Marques, *op. cit.*, p. 610.

([48]) Sobre as Conferências do Casino e a Geração de 70, ver por exemplo: Álvaro Manuel Machado, *A Geração de 70 — Uma Revolução Cultural e Literária*, Biblioteca Breve, Série Literatura, n.º 4, 2.ª edição, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação e Ciência, 1981; João Medina, *Eça de Queiroz e a Geração de 70*, Lisboa, Moraes Editora, 1980; António Salgado Júnior, *História das Conferências do Casino*, Lisboa, 1930.

([49]) João Medina, «Rafael Bordalo Pinheiro Repórter das Conferências do Casino», in *Op. Cit.*, do mesmo autor, p. 158.

portaria é dada à luz, ao abrigo da *Carta Constitucional* ([50]), com a ajuda de Martins Ferrão, do rabino e de um jesuíta. Concebido o instrumento necessário, as conferências são devidamente abafadas e os conferencistas amordaçados. Conclui-se com vivas à liberdade e um impávido marquês de Ávila aclamado por jericos, prelados e vigaristas.

Salienta-se ainda o facto de os desenhos serem executados a traço fino de aparo, recorrendo-se pouco às manchas. Quanto ao texto, este situa-se sob as imagens, como era absolutamente normal na época. As únicas excepções encontram-se no quarto e sexto desenhos, nomeadamente quando o autor coloca um homem protegido por um polícia a dizer: «Para a cera do santo» (note-se que ainda não se recorria ao uso do balão) e, quando, no sexto desenho, o autor diz: «Isto é uma sombra», referindo-se ao cavalo fantasmagórico da nobreza.

Muito mais haveria que dizer acerca desta banda desenhada: mereceria uma análise demorada a figura onírica que se observa no décimo terceiro desenho, em que, aos organizadores das conferências, aparece em sonho o Dr. Mascaró ([51]) ou, ainda, a imagem vigilante e radiosa do mesmo doutor que, no décimo quinto desenho, observa atentamente a reconstrução do País.

A publicação d'*A Berlinda* saía cara e, apesar do interesse e do êxito que suscitou, não ofereceu a Bordalo os proveitos económicos necessários. Assim, com a sétima página, encerrou-se a sua publicação, partindo Rafael Bordalo Pinheiro para projectos de maior envergadura, tentando equilibrar as suas finanças.

Até à sua ida para o Brasil, em 1875, Rafael Bordalo Pinheiro publicou ainda: *O Binoculo* (1870), pequeno jornal cuja publicação se iniciou em 29 de Outubro de 1870, e do qual apenas saíram quatro números, irregularmente (n.º 4 — 10.12.1870). Este «hebdomadário de caricaturas» dedicado a «Espectáculos e Literatura» tinha como único proprietário e desenhador Rafael Bordalo Pinheiro, e era vendido dentro dos teatros. Os únicos exemplos próximos da banda desenhada, publicados n'*O Binoculo* são: «Teatro de S. Carlos» no n.º 3 (16.11.1870) e no n.º 4 (10.12.1870). Em 1872 publicou uma extraordinária obra de banda desenhada, que muitos autores consideram, erradamente a nosso ver, como tendo sido a primeira a sair em Portugal: *Apontamentos sobre a Picaresca Viagem do Imperador do Rasilb pela Europa*, que no mesmo ano teve duas edições. Este pequeno álbum satiriza a primeira viagem à Europa (1871) do imperador do Brasil, D. Pedro II. Em seguida, Rafael Bordalo Pinheiro publica (1873), em dois folhe-

([50]) *Carta Constitucional da Monárquia Portuguesa*, código político, outorgado por D. Pedro IV em 29 de Abril de 1826.

([51]) Aniceto Mascaró, Lladó (Gerona), 1842 — Lisboa, 1906, médico oftalmologista. Elaborou um esquema de leitura e escrita para aprendizagem de cegos (Cf. *O António Maria* de 13.5.1888, p. 161).

tos ou fascículos, *M. J. ou a Historia Tetrica de uma Empresa Lyrica.* Esta obra surgiu como comentário cáustico e violento ao grupo formado por Manuel José Ferreira (M. J.), António de Castro Pereira e, mais tarde, José Adolfo Troni, substituindo o primeiro, que, na temporada de 1873-74 e até 1876, explorou o Teatro de S. Carlos. Servindo-se novamente da banda desenhada, Rafael, em contundente caricatura, relatou as peripécias daquela temporada, que culminaram com uma feroz pateada na ópera *O Trovador*, de Verdi, suscitanto intervenção policial e mesmo do governo; finalmente, no dia 1 de Maio de 1875, iniciou-se a publicação d'*A Lanterna Mágica* ([52]), publicação semanal a partir do oitavo número e que durou até 31 de Julho. Deste periódico saíram 31 números. Não era realmente uma publicação de Rafael Bordalo Pinheiro, mas ele, com as suas caricaturas, rapidamente se tornou a sua alma.

A Lanterna Mágica surgiu a público já depois de Rafael Bordalo Pinheiro ter regressado de Espanha, onde esteve entre 1873 e 1875, como correspondente da *Illustração Ingleza*, e terminou com a sua partida para o Brasil (19.8.1875).

«Começou então o seu período fausto» diz Júlio Dantas ([53]). Sem dúvida, foi no Brasil que este artista, colaborando no *Mosquito* ([54]) (entre 1875 e 1877) e no *Besouro* ([55]) (entre 1878 e 1879), produziu algumas das suas melhores obras e as suas melhores bandas desenhadas.

Regressando a Portugal, depois de uma saída forçada do Brasil ([56]), Rafael iniciou a publicação d'*O Antonio Maria* ([57]) (1.ª série, 1879 a 1884 — 2.ª série, 1891 a 1898), onde, a par de numerosas caricaturas, incluiu bastantes exemplos de banda desenhada. Precisamente

([52]) *A Lanterna Magica*, revista illustrada dos acontecimentos da semana, por Gil Vaz (pseud. de Guilherme de Azevedo e Guerra Junqueiro), Lisboa, 15.5.1875-31.7.1875, 33 números.

([53]) Júlio Dantas, in *Illustração Portugueza* (25.2.1907), pp. [225-256].

([54]) *O Mosquito*, Rio de Janeiro, 11.9.1875 (início da colaboração de R.B.P.)—26.5.1887, 416 números, semanário, bissemanário nos primeiros meses de 1876.

([55]) *O Besouro*, Folha ilustrada humorística e satírica, Rio de Janeiro, 6.4.1878 - 8.3.1879.

([56]) A saída de Rafael Bordalo Pinheiro foi motivada por uma questão que houve entre dois teatros fluminenses, que apresentavam simultaneamente duas óperas de grande êxito: uma do maestro brasileiro Carlos Gomes intitulada *Guarany*, e outra do português Miguel Ângelo, *Eurico*. «Por um destes movimentos bruscos de chauvinismo impulsivo [...], os brasileiros correram em massa a patear o *Eurico*, os portugueses pagaram-se na mesma moeda pateando o *Guarany* [...]» (Júlio Dantas, *Op. Cit.*). O certo é que a questão azedou-se e rapidamente chegou à imprensa. Rafael Bordalo Pinheiro viu-se obrigado a comentar de forma contundente a questão n'*O Mosquito*, e a situação tornou-se irredutível. Chegou a sofrer atentados à sua vida e, assim, viu-se obrigado a abandonar o Brasil.

([57]) *O Antonio Maria*, folha humorística ilustrada por Bordalo Pinheiro, Lisboa, 1.ª série (12.6.1879 - 21.1.1885); 2.ª série (5.3.1891 - 7.7.1898), semanário, 473 números.

em Setembro de 1884, no último ano da 1.ª série, iniciou Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro a sua colaboração nos periódicos do pai. E iniciou-a com «Na Praia de Pedrouços» — então na moda —, crónica desenhada onde relatou a respectiva temporada de Verão.

Com *O Antonio Maria*, Bordalo Pinheiro iniciou uma fase de periódicos de grande duração, que duraria até final da sua vida. Seguiram-se-lhe *Pontos nos ii* ([58]) (1885-1891), depois a segunda série d'*O António Maria* (1891-1898) e, finalmente, *A Parodia* (1.ª série, 1900 a 1902; 2.ª série, *Parodia Comedia Portugueza*, 1903 a 1905; 3.ª série, *Parodia*, 1905 a 1907), cuja segunda série só veio a terminar a 10 de Fevereiro de 1905, com a morte do próprio Rafael Bordalo Pinheiro. Seu filho continuou este hebdomadário (3.ª série) até 1907. Ao todo saíram 349 números d'*A Parodia*, distribuídos pelas três séries.

Além da publicação de diversos periódicos, Rafael Bordalo Pinheiro colaborou ainda em diversos almanaques, a saber: *Almanaque das Gargalhadas* (1871-1876); *Almanaque das Artes e Letras* (1874 e 1875); *Almanaque de Caricaturas*, edição de Matos Moreira e propriedade de Rafael Bordalo Pinheiro (1874-1876); *Almanaque da Sr.ª Angot* (1876 e 1877); *Alamanaque das Senhoras*, de Guiomar Torresão (1877); e *Almanaque para toda a Gente*, edição de Matos Moreira (1878).

Em todas as suas publicações periódicas, Rafael Bordalo Pinheiro serviu-se da banda desenhada e, ao longo da vida, criou símbolos que perduraram para a eternidade, como foi o caso do *Zé Povinho*. Sendo o responsável pelo aparecimento da verdadeira caricatura em Portugal e, muito em especial, sendo o grande impulsionador da banda desenhada portuguesa foi, desde 1870, quase exclusivamente o seu único cultor. É certo que outros caricaturistas importantes existiram no século XIX, como um Celso Hermínio, que colaborou com Bordalo n'*O Antonio Maria* e n'*A Parodia*, e que mais tarde fundou os seus próprios jornais (*O Microbio* — 1894; *O Berro* — 1896); um Francisco Valença, já no final de oitocentos e em princípios do século XX, ou um Leal da Câmara, brilhante caricaturista d'*O Berro*, d'*A Marselhesa* (1897) e d'*A Corja* (1898). Porém, nenhum deles produziu banda desenhada com a genialidade e com a frequência de Rafael Bordalo Pinheiro.

Este ilustre caricaturista destaca-se, ainda, no panorama da banda desenhada portuguesa do século XIX por ter sido o introdutor em Portugal do chamado *balão* ([59]). É verdade que o utilizou apenas uma

([58]) *Pontos nos ii*, semanário ilustrado por Bordalo Pinheiro, Lisboa, editor Manuel Luís da Cruz, 7.5.1885 - 5.2.1891, 293 números.

([59]) O balão é uma das técnicas que faz parte integral da banda desenhada moderna. Apresenta-se sob a forma de um texto delimitado por uma linha, possuindo um apêndice que serve para indicar a personagem emissora. O texto contido no balão pode ser ou não ser verbal.

vez (60). Foi seu filho, Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, quem se serviu do balão com mais frequência sem, contudo, o carácter metódico que só no primeiro quartel do século XX viria a adquirir, pela mão de Stuart Carvalhais (nomeadamente na série *Quim e Manecas*).

(60) «A Questão das Gratificações», in *O Antonio Maria*, Ano I, n.º 5 (10.7.1879), p. 40.

CAPÍTULO 2

A BANDA DESENHADA INFANTIL EM PORTUGAL (ATÉ AO FINAL DO ABCZINHO — 1932)

1. Os periódicos infantis

Os periódicos infantis portugueses surgiram apenas na segunda metade do século XIX. O seu aparecimento foi, como em todo o mundo, motivado pelo desenvolvimento das técnicas de impressão e pelo aumento do público leitor (61). O mais antigo jornal infantil de que há notícia em Portugal é o *Ramalhetinho de Puericia*, que saiu até ao n.º 5 inserido nos dois tomos d'*O Novo Amigo dos Meninos, por Mr. S. Germain Leduc* [...] (Lisboa, na Typ. Universal, 1854), traduzido para português pelo director da Escola Normal Primária de Lisboa, Luís Filipe Leite. Depois de 1854, saiu em números avulsos, tendo sido posteriormente reunidos em um volume, ao qual se juntou *O Giraldinho*, imitação de um dos episódios d'*O Novo Amigo dos Meninos*. Teve 11.ª edição (Typ. de Mattos Moreira) em 1887. Ao longo das suas numerosas edições sofreu diversos aditamentos (62). Seguiram-se-lhe, cronologicamente, no século XIX: *Amigo da Infancia* (1874); *Jornal da Infancia* (1875); *Jornal da Infancia* (1883); *O Bebé* (1898); *Jornal das Creanças* (1898); e o *Jornal das Crianças* (1898-1899) (63).

Todos estes periódicos apresentavam, no conteúdo, poucas diferenças. Neles se podiam encontrar contos de alguns dos melhores escritores da época, todos eles repletos de ensinamentos de ordem moral

(61) Maria Laura Bettencourt Pires, *História da Literatura Infantil Portuguesa*, Lisboa, Editorial Vega, s.d., p. 83.

(62) Cf. Inocêncio Francisco da Silva, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, t. V (pp. 287-288) e T. XVI (pp. 21-24; 378).

(63) Henrique Marques Júnior, *Algumas Achegas para uma Bibliografia Infantil*, Lisboa, Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1928, p. 122.

e evangélica, pequenos artigos didácticos e algumas (poucas) ilustrações. O objectivo principal destes pequenos jornais era servir de complemento à educação das crianças, incutindo nelas o sentido dos valores sociais e morais vigentes na época. O seu aspecto lúdico, se bem que importante, mostrava-se secundário. Note-se, por exemplo, a opinião de Henrique Marques Júnior, a respeito do *Amigo da Infancia* (1874):

«É uma curiosa publicação infantil de carácter evangélico, que se iniciou em 1874 [...] Sempre em boa e sã colaboração escolhida dentre os melhores escritores, é um jornal digno de respeito e consideração pelo bom uso que faz das suas intenções.» ([64]).

Com os seus mais de 50 anos de publicação, este jornal infantil e juvenil alcançou um verdadeiro *record* de longevidade. Durante o século XIX, os poucos periódicos infantis que se publicaram serviram de veículo de evangelização das crianças, bem como de pequenas colectâneas de «bons» e «sãos» contos dos melhores autores, onde se apresentavam ilustrações de alguns dos melhores artistas. Com excepção do *Amigo da Infancia*, duraram todos pouco tempo, nunca mais de um ou dois anos.

Em 1900 surgiu em Lisboa uma revista infantil intitulada *Revista Branca*. A sua directora, Alice Pestana (1860-1929), que utilizava o pseudónimo literário de Caiel, definiu, no primeiro número, os objectivos daquela publicação: «Invocará o canto dos mais queridos poetas portugueses. Terá um pensamento enternecido para a memória de grandes figuras humanas que não deverão esquecer-se» ([65]).

A evangelização, a boa poesia ou a memória das grandes figuras humanas, embora sendo assuntos predominantes do método pedagógico da época, não despertavam, por certo, os interesses das crianças, tanto mais que já os estudavam obrigatoriamente na escola e na catequese. Porém, não tinham alternativa de escolha, visto que eram as únicas publicações existentes. Se bem que estes periódicos fossem publicados com a melhor das intenções, a excessiva preocupação pedagógica dos seus autores foi certamente um dos motivos do seu pouco sucesso. Mesmo a longa duração do *Amigo da Infancia* podia não ser sinónimo de êxito editorial, visto que esta revista era publicada a expensas da Igreja Evangélica Portuguesa ([66]).

Sendo esta a caracterização dos jornais infantis do século XIX, é provável que eles não fossem adquiridos preferencialmente pelas crianças e jovens, mas sim pelos respectivos pais, que viam neles um complemento da educação dos seus filhos.

([64]) Henrique Marques Júnior, *op. cit.*, p. 121.
([65]) *Ibidem*, p. 123.
([66]) *Ibidem*, p. 121.

Com a entrada no século XX, as publicações infantis sofreram significativas alterações na forma e no conteúdo.

> «Só no século XX o modelo de perfeição é abalado, ao mesmo tempo que a própria ideia de oferecer às crianças modelos mais ou menos inatingíveis, criando nelas a frustração e a angústica por cada «maldade» ou fracasso, nessa procura de perfeição» ([67]).

A evolução social, cultural e científica contribuiu determinantemente para a evolução destes periódicos. Nos primeiros anos do século, porém, continuou a sentir-se a forte influência dos periódicos infantis tradicionais, nomeadamente nos assuntos tratados. Assim, traziam em geral «leitura variada, contos, historietas, versos, anedotas, artiguinhos de ciência, factos históricos, problemas, advinhações, recreações científicas [e] anúncios de interesse geral para a infância» ([68]). Como se verifica, eram muito poucas as diferenças entre os periódicos do começo do século e os seus antepassados oitocentistas, pois se os modelos variaram, a própria necessidade de criar modelos permaneceu ([69]).

Foi apenas com o aparecimento do *ABCzinho* (1921-1932), que se deu a ruptura no paradigma metodológico e ideológico das publicações infantis. A partir dele, estas procuraram captar o interesse do público juvenil e infantil de per si. Para alcançarem este objecto, do qual dependia a subrevivência de cada revista, os responsáveis tentaram sempre auscultar os desejos dos leitores, respeitando-os, na medida do possível. Em contraste com o período moralista e educativo do século XIX e do início do século XX, as revistas infantis que precederam o *ABCzinho* iniciaram um período essencialmente lúdico, isto é, dando preferência aos aspectos distractivo e recreativo, contrapondo ao «modelo exemplar único [...] a multiplicidade nascida das realidades e dos condicionamentos» ([70]). Assim, apareceram novas histórias, de movimentadas aventuras — muitas vezes de origem estrangeira —, muito ao gosto da criança e profusamente ilustradas; grande número de histórias em banda desenhada; artigos onde se ensinavam a construir brinquedos e artimanhas (nada moralistas, mas que iam ao encontro do gosto dos jovens, ex.: armas-brinquedo); construções de armar; artigos dedicados exclusivamente às raparigas, etc. A única continuidade verifica-se relativamente aos artigos de iniciação e divulgação científica, que continuaram a aparecer com alguma frequência.

([67]) Natércia Rocha, *Breve História da Literatura para Crianças em Portugal*, Lisboa, 1984, p. 124.
([68]) *O Gafanhoto*, 2.ª série, n.º 1 ([1].1.1910), p. [3].
([69]) Natércia Rocha, *Op. Cit.*, p. 124.
([70]) *Ibidem*, p. 125.

Ao afirmar-se que estes periódicos perderam o carácter evangelizador, moralista e educativo, não se quer dizer que estas três características fossem pura e simplesmente desprezadas. Passaram, sim, a desempenhar um papel secundário no conteúdo das revistas infantis. Não será um facto estranho a este fenómeno a progressiva laicização do Estado, que se verificou seguidamente à implantação da República, em Outubro de 1910.

Os jornais infantis, para aumentarem o valor das suas tiragens, recorriam frequentemente a diversas técnicas que hoje se poderiam dizer de *marketing*. Quase todos eles publicavam as fotografias dos leitores e, geralmente, apenas desses. Por outro lado, organizavam numerosos concursos, onde ofereciam copiosos prémios, e que obtinham sempre grande êxito. Organizavam *matinées* infantis e festas e, alguns deles, os de maior sucesso, eram responsáveis por programas infantis radiodifundidos (por exemplo: *O Sr. Doutor* e o *Tic-Tac*). Sempre com o intuito de angariarem novos assinantes que, no fundo, eram o garante da publicação, estes eram sempre privilegiados na maioria das manifestações infantis organizadas, o que provocava o aumento dos pedidos de assinaturas, durante a realização de qualquer destas manifestações. Outra das iniciativas, também com algum carácter promocional implícito, foi a publicação, dentro da revista, de outros géneros de suplementos infantis, exclusivamente compostos com trabalhos dos leitores. Foi uma iniciativa louvável que permitiu lançar alguns futuros autores no domínio da literatura e do desenho (salientam-se os exemplos de Odette de Saint-Maurice e de António Cardoso Lopes).

As revistas infantis tenderam a evoluir no sentido de apresentarem maior número de ilustrações e, nomeadamente, de bandas desenhadas. Eram estas as formas artísticas preferidas pelos jovens. Compreende-se porquê: os jovens daquelas gerações, e nós próprios não constituímos excepção, conseguiam sentir e apreender melhor a acção através do desenho. Na banda desenhada, o jovem encontrou o reflexo ideal das suas próprias imaginação e fantasia. Compreende-se, deste modo, o sucesso obtido por revistas como o *ABCzinho* ou, mais tarde, *O Papagaio*, o *Tic-Tac*, *O Sr. Doutor* ou *O Mosquito*.

2. Banda desenhada infantil (até ao *ABCzinho*)

O primeiro jornal infantil, com banda desenhada de origem portuguesa, a ser editado em Portugal foi o *Jornal da Infancia* ([71]) (fig. 11),

([71]) A primeira revista infantil a apresentar banda desenhada em Portugal, embora de autoria estrangeira, foi o *Recreio Infantil* (1876) que, na página 119, inicia a história «Attribulações de Elisbão». Esta história, que durou até à página 157, apresenta ilustrações de H. Scherenberg que, por si só, formam uma banda desenhada se bem que desmontada.

Jornal da Infancia

4 de Janeiro de 1883 | Mattos Moreira & Cardosos — Editores | Primeiro Anno — N.º 1

OS PERIODOS GEOLOGICOS

Uma densa e espessa nuvem côr de chumbo e de margens franjadas, uma d'essas nuvens que se resolvem em fortes bátegas de agua e a que os meteorologistas chamam *nimbus*, erguera-se nsamente do horisonte, e esse vagaroso movi-nto velára em parte o disco do sol.

Comtudo do outro lado o oceano contrastava m a sombra intensa projectada sobre a costa, reflectia os raios solares nas ondas agitadas, gurando myriadas de palhetas de ouro e de prata irisadas de esmaltes brilhantes, que se agitassem de um modo vertiginoso.

Julio, seguido do seu velho amigo Antonio, contemplava com interesse aquelle espectaculo devéras impressionavel. Do ponto onde se collocára via a costa recortada pela acção erosiva das aguas e alterante da atmosphera. Os enormes rochedos de granito entreabriam-se em fendas profundas. As aguas do oceano, como acontece em todas as costas penhascosas, haviam-lhes escavado os alicerces, rompendo mais longe para o interior em perfurações afuniladas, verdadeiros

Fig. 11

criado em 1883. Dele saíram 52 números, não datados (4.1.1883 a [5.7.1883]), formando dois tomos, num total de 411 páginas. Artisticamente, colaboraram nele Enrique Casanova (1850-1913) — autor do belo cabeçalho —, Ribeiro Artur (1851-1910) e Tomás de Melo, que foram os autores de grande parte das ilustrações e das bandas desenhadas que o *Jornal da Infancia* apresenta.

Ribeiro Artur foi o responsável pelas pequenas histórias aos quadradinhos — que mais se assemelham a ilustrações — «O Gallo e a Macaca» e «Joannico» e, ainda, «Os Macacos e os Barretes» (fig. 12), de excelente qualidade. Esta banda encontra-se dividida por quatro páginas (196 a 199) num total de dez desenhos não delimitados, ocupando cada desenho uma área aproximada de 14 cm × 6,5 cm. Conta-nos a história de um vendedor de barretes de lã que, ao dirigir-se para a feira, resolveu dormir um pouco. Enquanto dormia, aparecem cinco macacos que lhe roubam os barretes. Contudo, devido à sua astúcia, o vendedor consegue que estes lhe devolvam os barretes. É uma história de grande simplicidade, própria para a fácil compreenção das crianças, mas sem qualquer profundidade. Sob cada desenho encontram-se duas quadras, de construção muito simples, de autoria de D. Maria do Ó (Alfredo de Morais Pinto). Os desenhos são feitos a traço preto e extremamente estáticos. Note-se ainda que o autor assina todos os desenhos.

Por sua vez, Tomás de Melo reproduziu, de um autor não identificado, «Historias e Aventuras de um Porco na Edade Media». Esta pequena história é em tudo idêntica a «Joannico» de Ribeiro Artur. Utiliza a mesma técnica de manchas escuras, dando a ilusão de sombras chinesas, e a mesma distribuição de quadradinhos por página, isto é, em cada página dois quadradinhos em cima e outros dois em baixo, situando-se um extenso texto no meio. Tanto esta história como «Joannico» continuam nos números seguintes da revista.

Além destas, este periódico apresenta uma banda desenhada estrangeira (n.º 5, [1.2.1883], p. 33), provavelmente alemã ([72]).

Em 1884 surgiu o «jornal de educação, dedicado às mães», *As Creanças* (fig. 13). Era um jornal que contava com a protecção da rainha D. Maria Pia e do qual não há notícia de nenhum outro número além do primeiro (17.7.1884) e do n.º 11 (17.12.1884), únicos existentes na Biblioteca Nacional de Lisboa e dos quais Brito Aranha nos dá notícia ([73]). O n.º 11, pelos vistos o último, foi oferecido à Associação de Jornalistas e Escritores Portugueses, num gesto de solidariedade para

([72]) Esta banda desenhada tem como título «O Negro e o Espelho» e é composta por onze desenhos, divididos por três bandas. Sob cada desenho possui duas linhas de texto. Quanto à história em si, é de um racismo excessivo — frequente na época: um negro «selvagem» e «bem pouco esperto» encontra um espelho no deserto. Tantas caretas faz ao espelho, que as reflecte, que, julgando que este o goza, apela aos seus «brios de selvagem» e quebra-o a murro.

([73]) Inocêncio Francisco da Silva, *Op. Cit.*, tomo XVIII, p. 124.

196 JORNAL DA INFANCIA

E encostou-se á parede reflectindo. Bastante tempo tinha elle para pensar, pois os dias e as noites passavam sem que pessoa alguma entrasse no sotão: um dia foram lá buscar umas caixas velhas, mas no pinheiro nem buliram.

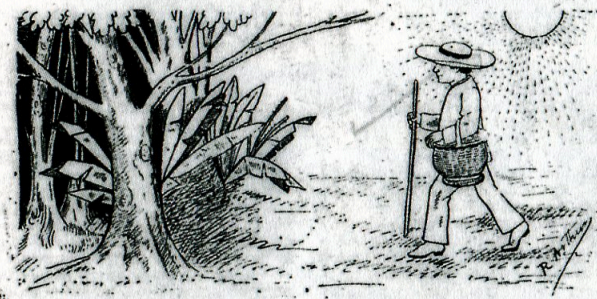
— Estamos agora no inverno, pensava elle, a terra está dura e coberta de neve; esperam a primavera para me plantarem, foi talvez para isto que me abrigaram. Como os homens são previdentes! O que me custa mais é ser o sotão tão triste e só; nem sequer apparece uma lebre por aqui. Era tão bom quando um animalsinho qualquer vinha brincar á minha sombra, e quando as aves tagarellas vinham cantar e chilrear nos meus ramos! Então enfadava-me com bem pouca razão; aqui nada ha d'isso; ai! que terrivel castigo.

— Pip! pip! exclamaram dois ratinhos, que sahiram da sua toca, seguidos logo por um terceiro. Cheiraram, farejaram o pinheiro e treparam pelo tronco.

— Ai! que frio! disse um, não sentes frio, velho pinheiro?

— Eu não sou velho, disse a arvore, ha muitos mais edosos que eu.

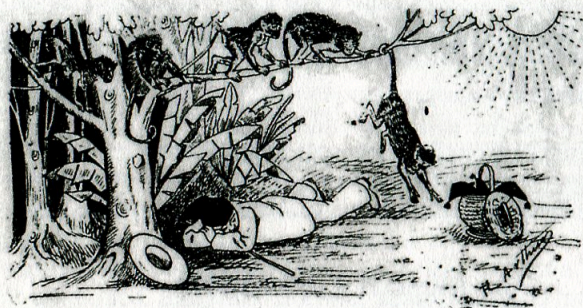
(*Continua.*) GABRIEL PEREIRA.

OS MACACOS E OS BARRETES

Caminhando sem canseira
Desde o romper da manhã,
Ia Gonçalo para a feira
Co'os seus barretes de lã.

N'um braço levava o cêsto,
Na mão direita o cajado,
E seguia audaz e lento
Pelo caminho escarpado.

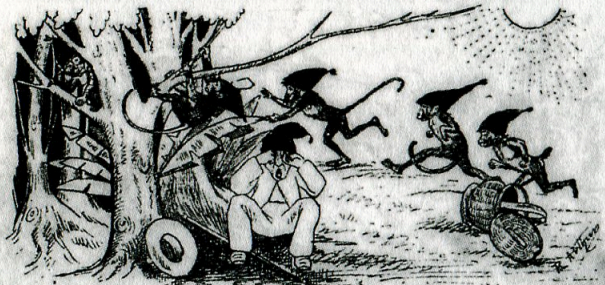
Porém o sol apertava,
Fazia um calor da breca,
Tudo, em summa, convidava
P'ra dormir uma somneca...

Gonçalo assim o entendeu,
No chão depôz o cacete,
O mesmo fez ao chapeu,
Pôz na cabeça um barrete.

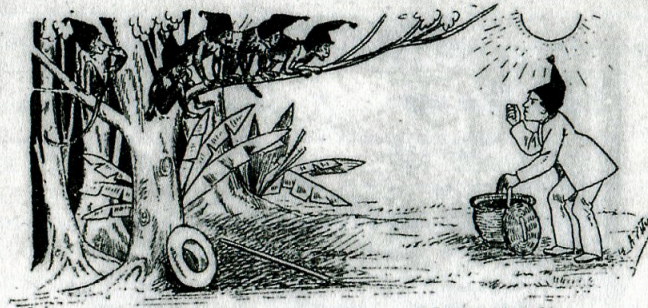
Fig. 12-A

Em seguida, sobre a alfombra
Da relva fresca e macia,
Estendeu-se á bella sombra
Que a ramagem produzia.

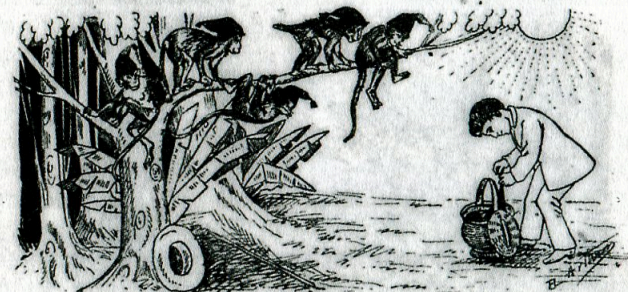
Mas no melhor do seu somno,
Aos saltinhos, como um potro,
Surge um mono e outro mono,
E mais outro e outro e outro!...

Tendo notado em Gonçalo
A carapuça exquisita,
Quizeram logo imital-o
— Que o macaco tudo imita...

E vendo o pobre rapaz
Estatelado de bruços,
Deram assalto ao cabaz
Pondo todos carapuços.

Mas Gonçalo de repente,
Tendo-o picado uns abrolhos,
Acorda instantaneamente,
Abre a bocca, esfrega os olhos...

Temendo-lhe o genio fero,
Os macacos dizem logo:
— Ai pernas, p'ra que te quero...
Dando ás de Villa Diogo...

Fig. 12-B

Gonçalo, soltando um ronco,
O caso comsigo amola,
Vendo os macacos no tronco
Co'os seus barretes na *tóla!*

E de raiva exclama fulo
Co'o mais solemne cavaco:
— Não poder eu dar um pulo!
Não poder eu ser macaco!...

N'isto a idéa lhe atravessa
Uma lembrança sublime,
E o carapuço depressa
Mette no cesto de vime.

Os macacos sempre attentos
Não suspeitam do farcista,
E seguem-lhe os movimentos
Nunca o perdendo de vista.

Gonçalo outra vez se deita
No chão, no mesmo logar,
Finge que a dormir se ageita,
Principia a resonar.

Fazendo algazarra enorme,
Os travessos diabretes,
Gritam: — Em quanto elle dorme
Vamos lá pôr-lhe os barretes.

Fig. 12-C

JORNAL DA INFANCIA 199

Dito e feito; em dois minutos
— Sempre imitando o que viram,
P'ra o cesto, os ingenuos brutos,
Co'os seus barretes atiram.

Gonçalo, a quem não escapa
Toda aquella scena extranha,
Ri-se comsigo, á socapa,
De ingenuidade tamanha.

Põe-se de pé n'um saltinho,
Dos macacos foge o bando,
E elle prosegue o caminho
Co'os seus barretes pensando:

— Com que esperteza a canalha
Consegui embarrilar...
Toda a besta come palha,
O caso é saber-lh'a dar...

D. Maria do Ó

ALEGRIAS

Um pobre pae tinha um filho tão pateta, que não abria a bocca que não dissesse uma asneira. Tendo de assistir com elle a um jantar, recommendou-lhe que estivesse sempre calado, para que não o conhecessem.

O rapaz conservou-se em silencio, mesmo quando o interrogaram, de modo que um dos commensaes que estavam ao pé d'elle, disse para outro:

— Este rapaz é idiota!

— Ó pae — gritou logo o pateta — agora posso fallar, porque já me conheceram!

Um tolo em posição elevada é como um homem no cume d'uma montanha: todos lhe parecem pequenos, e elle parece pequeno a todos.

Estando um viajante a jantar n'uma hospedaria da provincia, apresentaram-lhe um pedaço de carne assada, mas muito negra. O homem chamou o criado e disse-lhe:

— Que demonio de carne é esta tão negra?...

O criado respondeu como um pateta:

— Pois olhe, meu senhor, o burro era branco!

Um jornal d'Aveiro, dizia em certa occasião: «Ha tres dias e tres noites qne chove agua forte, sem a mais pequena interrupção. A ria e o Vouga, trasbordando, têem causado gravissimos prejuizos.»

Se lhes parece?... tres dias e tres noites a cahir *agua forte* (acido nitrico) *sem a mais pequena interrupção*, não havia de causar prejuizos horriveis!

Fig. 12-D

com as vítimas do terremoto que, em Dezembro de 1884, devastou a região da Andaluzia (Espanha). Porém, tudo leva a crer que tenham sido publicados pelo menos os números intermédios ([74]).

Neste jornal, de carácter educativo e evangelizador, colaboraram, entre outros, Cândido de Figueiredo, Borges de Figueiredo, Guiomar Torresão, Gomes Leal, Cipriano Jardim, Artur Freire, Ester da Cunha Belém e Alfredo de Morais Pinto.

A banda desenhada que se encontra no n.º 11 (fig. 14), intitula-se «Versos a Virginia — Lição a Gulosos». Consta de quatro desenhos, não assinados (porventura de autoria estrangeira — alemã?), e por baixo de cada um encontram-se duas quadras de autoria de Pan-Tarântula (Alfredo de Morais Pinto).

Os desenhos, se lhes retirarmos o texto, têm um significado pouco claro. O texto, porém, isolado daqueles, não perde o seu significado. Assim, os desenhos, apesar de per si também contarem uma história (embora de difícil compreensão) funcionam como ilustrações das quadras de Pan-Tarântula, visto que lhes alteram o contexto.

Saliente-se a qualidade técnica deste jornal e, em especial, a das suas gravuras, que tiveram impressão excelente.

No final do século XIX surgiu ainda o *Jornal das Crianças* (fig. 15), quinzenário dirigido por H. Silveira e editado por António de Almeida Cabral. Deste periódico saíram 22 números (1.12.1898-1.11.1899), formando um volume de 176 páginas. Cada número incluía oito páginas impressas a preto e mais duas folhas, coloridas, impressas apenas numa das páginas, em papel de boa qualidade (*couché*).

Era um jornal simpático, de carácter didáctico e moralista. Nas suas secções apresentava artigos de divulgação científica, nomeadamente de zoologia, debruçando-se cada número sobre um determinado animal, dos mais vulgares, e apresentando algumas das suas características morfológicas. Trazia ainda artigos de explicação de alguns fenómenos físicos simples, de iniciação à aritmética e de ginástica médica. Nas suas páginas aparecem-nos, como habitualmente, numerosos contos e histórias.

A banda desenhada surgiu logo na primeira página do n.º 1 (1.12.1898), com uma sequência de três imagens, servindo de introdução ao estudo do animal escolhido naquele número, o ouriço. Estes

([74]) Se supusermos que *As Crianças* eram uma publicação quinzenal publicada às quintas-feiras (dia da semana em que saiu o primeiro número) e que a sua publicação foi regular, verifica-se, contando as semanas, que o n.º 11 saiu no dia certo, isto é, que entre o n.º 1 e o n.º 11 houve um intervalo de dezoito semanas, correspondentes à publicação de nove números (n.º 2 ao n.º 10). Para mais, se cada um dos onze números tivesse oito páginas, como têm o primeiro e o décimo primeiro, ao fim de onze números teríamos 8×11=88 pp. Realmente isso acontece, pois o único exemplo de banda desenhada existente nos dois números consultados encontra-se precisamente na última página do n.º 11, ou seja, na página 88.

AS CREANÇAS

JORNAL DE EDUCAÇÃO (DEDICADO A'S MÃES)

COM A PROTECÇÃO DE SUA MAGESTADE A RAINHA

DIRECTOR LITTERARIO — CYPRIANO JARDIM

ANNO I — 17 DE JULHO DE 1884 — N.º 1

PREÇOS D'ASSIGNATURA

LISBOA

Anno .... 1$200
Semestre 600
Avulso 50

PROVINCIAS

Anno .... 1$300
Semestre 650

A correspondencia dirigida aos

GERENTES — ADOLPHO, MODESTO & COMP.ª

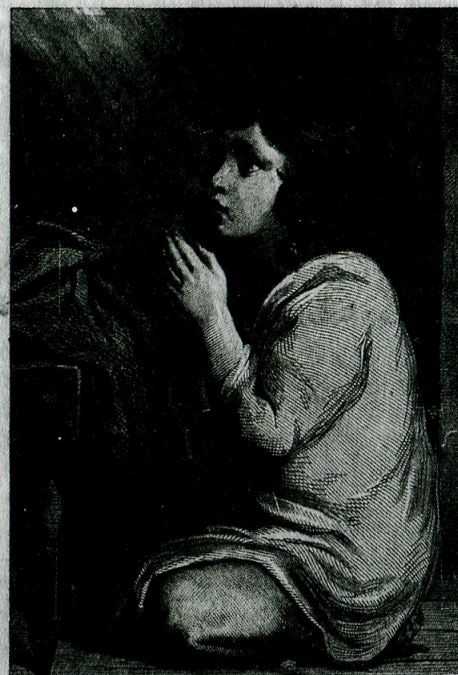
33 — Rua Nova do Loureiro — 33

PREÇO D'ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno (moeda fraca) .... 7$000
Semestre .... 3$500

REPUBLICAS DA PRATA

Anno .... 4 pezos fortes
Semestre .... 2 » »

... Julio em camisa, sentado no chão, resava (*pag. 4*)

Summario: — Ao leitor. — A mulher do pescador, (conto) Cypriano Jardim. — Formosa ou boa? (versos) Gonçalves de Freitas. — O Pimpão, (conto) Rangel de Lima. — Historia de Portugal, Dr. Candido de Figueiredo — Conselhos ás mães, E. de Menezes. — Concurso da rainha. — Exercicio a premio: O azevinho. — Expediente.

Fig. 13

88 AS CREANCAS

VERSOS A VIRGINIA

Lição a gulosos

Um dia, o menino Abel,
Que é guloso de nascença,
Deu co'a barrica de mel
Que o pae tinha na dispensa.

Sobre a barrica, sem medo,
Pouco a pouco, debruçou-se...
Lambeu a ponta do dedo
E achou bom — pois se era doce! —

Nunca os labios tendo enxutos
Ao mel que escorria a rodo,
Ao cabo de trez minutos
Já mettia o braço todo!...

Mas quando á arriscada empreza
Com mais afan se dedica,
Escorrega — atroz surpreza! —
Cae p'ra dentro da barrica!...

Debalde, em transes afflictos,
Solta berros com voz rouca:
Ninguem pode ouvir-lhe os gritos
Porque o mel lhe tapa a bocca...

A' dispensa, felizmente,
Chega o criado Jacintho,
Que salva o moço imprudente,
Ensopado como um pinto!

Cheio de mel como um favo
Fica dos pés ás guedelhas,
E, p'ra mais pungente aggravo,
Vão-lhe mordendo as abelhas!

....

D'esta aventura tão curta
Tirou por conceito Abel
Que o proprio mel — se se furta —
Amarga mais de que o fel...

PAN-TARANTULA.

EXPEDIENTE

Foram entregues, na crèche *Victor Manuel*, os bibes que as nossas pequenas assignantes fizeram, em virtude do concurso aberto n'este jornal, com o titulo de *Concurso da Rainha*.

N'um dos proximos numeros abriremos outro, para as nossas assignantes de edade superior a 10 annos.

N'esse concurso tratar-se-ha de um problema caseiro, como por exemplo:

— De que peças deve constar uma bateria de cosinha, para fazer o jantar diario de oito possoas de familia burgueza?

Diremos as *entradas* do jantar. Vão as nossas leitoras preparando a sua sciencia de donas de casa.

São os seguintes os nomes das meninas que concorreram com o bibe posto a concurso:

Emma Gonçalves, 8 annos. — Luiza Gonçalves, 8 annos e meio. — Adelaide Sophia d'Assumpção, 7 annos. — Maria Luiza da Silva Pereira, 7 annos. — Maria da Gloria Costa, 8 annos. — Maria da Silva Gonçalves, 8 annos. — Francisca de Mattos Xavier, 9 annos. — Anna Izabel Rodrigues, 7 annos. — Emma Amelia Teixeira, 7 annos. — Adelaide Pinto Teixeira, 8 annos. — Joaquina da Silva Mayer, 8 annos.

A regente da crèche Victor Manuel, recebeu da administração do jornal «As Creanças» o donativo de 11 bibes para as creanças da crèche.

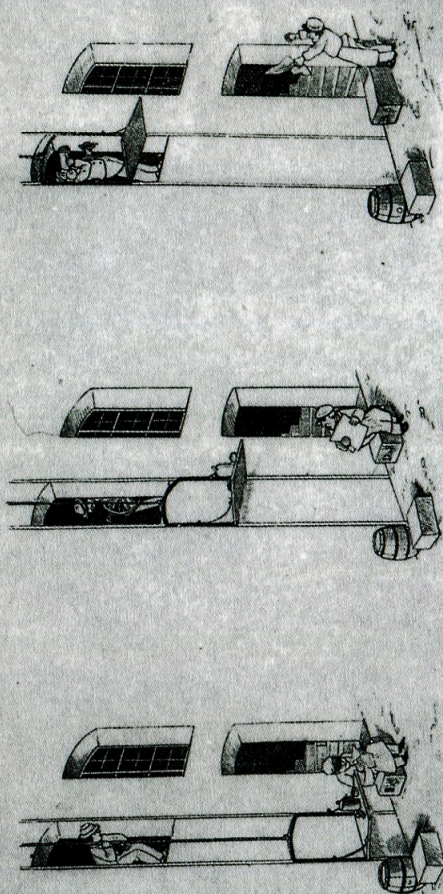
A Regente

O premio de um estojo de costura, vae ser entregue á menina Emma Gonçalves, por ser a que mais se distinguiu com o bibe que offereceu. No proximo numero publicaremos o recibo.

Typ. de Adolpho, Modesto & C.ª — Calçada do Tijolo, 39

Fig. 14

Jornal das Crianças 97

Scenas á porta de uma fabrica

1. — Durante a hora do descanço o carregador José Pinoia, sentado junto ao elevador da fabrica, inteira-se das noticias do dia, antes de se entregar ás delicias do seu almoço, por elle disposto sobre a plataforma do mesmo elevador

2. — Em cima, no primeiro andar, o João Eufrasio, a quem ainda não tinham trazido de comer, namora o almoço do outro. De repente, tomado de uma ideia tentadora, põe em movimento o guicho do elevador, e faz subir n'elle o almoço cubiçado.

3. — José Pinoia ao dar pelo roubo, levanta-se, grita, barafusta, ameaça mas de nada lhe serve tudo isso, pois que, cá debaixo, desesperado, observa a satisfação com que o outro descançadamente dá conta d'aquillo que não lhe pertence.

Fig. 15-A

98 Jornal das Crianças

4. — Desesperado, larga o jornal e corre pela escada acima, para ir castigar o insolente. Este adivinhando-lhe as intenções, senta-se na plataforma do elevador, que desce vagarosamente, emquanto José Pinoia sobe pela escada.

5. — Chegados ambos ao fim da sua carreira, José Pinoia, sem meio de perseguir o seu atrevido companheiro, lança lá de cima sobre elle toda a casta de improperios e ameaças, emquanto o outro muito satisfeito com o bello almoço que apanhou, se afasta, troçando o pobre José Pinoia!

LENDAS MONTENEGRINAS

A PULGA

Entre os habitantes do Montenegro, explica-se da seguinte forma a origem da pulga.

Noé, tendo recebido ordem de construir uma arca, e de encerrar n'ella um casal de animaes de cada especie, obedeceu, não se esquecendo de introduzir ali duas serpentes.

Depois de uma longa navegação, appareceu a terra; a arca tocou n'um rochedo á flôr d'agua, e fez um rombo. Noé não tinha meio algum de tapar aquella abertura, e a serpente prestou-se a fazel-o com a condição porem de chupar o sangue do primeiro ser humano que sahisse da arca.

Assim se pactuou, e a serpente, enrolando-se, tapou o buraco.

Logo que as aguas desappareceram da terra, Noé abriu aos seus hospedes a porta da sua arca. A serpente dirigiu-se logo para ali, e de um salto, atirou-se á primeira pessoa que desembarcou conforme estava combinado. Essa pessoa era o filho de Noé.

N'este momento o pae afflicto, esquecendo a promessa que fizera, desembainhou o sabre e cortou ao meio o audacioso animal.

O sangue da serpente jorrou sobre toda a familia do patriarcha, transformando-se n'uma infinidade de animaes minusculos, os quaes, desde essa epoca devoram a humanidade.

Tal foi a origem da pulga!

15 DE DEZEMBRO DE 1898

N.º 1

Jornal das Crianças

Editor — Antonio de Almeida Cabral
Typographia — R. Nova do Loureiro, 43
Administração — R. N. de S. Francisco de Paula, 87

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

ASSIGNATURA EM LISBOA

Por anno
» semestre
» trimestre
Numero avulso

Provincias, colonias e estrangeiro, a mais o porte do correio

TODA A CORRESPONDENCIA A

H. Silveira

Rua Nova de S. Francisco de Paula, 87

LISBOA

Figs. 15-B e 16

desenhos não vêm assinados. Mais adiante, na página 73, aparecem-nos duas imagens, desenhadas certamente pelo mesmo autor, mas que dificilmente se podem considerar banda desenhada — apesar de uma ser sequência da outra — visto constarem apenas de dois desenhos acompanhados por um extenso texto.

Nas páginas 97 e 98 surge o melhor exemplo de banda desenhada que este jornal publicou: «Scenas á porta de uma fabrica» (fig. 16). Esta história, provavelmente de autoria estrangeira, contada em cinco desenhos, também não se encontra assinada e foi certamente desenhada pelo mesmo autor das duas primeiras. Sob cada desenho encontra-se um pequeno texto, numerado de 1 a 5, que o elucida.

A última banda desenhada aparece-nos na página 121 (fig. 17). Trata-se de uma história muito simples, de quatro desenhos, numerados de I a IV, sendo cada desenho acompanhado por uma frase. À semelhança de todas as outras, também esta banda desenhada não se encontra assinada. Porém, pela técnica e estilo utilizado, é provável que tenha sido feita pelo mesmo autor das duas primeiras.

Salientem-se a delicadeza e a beleza clássica de todos estes desenhos que nos encantam com o seu traço simples, sem nunca apresentarem grandes manchas.

Já no século XX, em 1903, começou a editar-se *O Gafanhoto*, «quinzenário para crianças». Deste jornal saíram duas séries. Da primeira série (fig. 18) foram editados 42 números (Abril de 1903 — Dezembro de 1904), formando dois volumes de 192 + LXXIV páginas. Da segunda série (fig. 19) saíram 24 números (Janeiro de 1910 — Dezembro de 1910), constituindo um volume de 576 páginas. Ambas as séries tiveram como directores: Henrique Lopes de Mendonça (1864-1942) e Tomás Bordalo Pinheiro (1861-1921), tendo sido o primeiro volume da primeira série editado por Abílio da Cruz Madeira e os outros dois volumes editados por José Augusto Lucas.

Do primeiro volume para os outros dois notam-se algumas diferenças significativas, talvez motivadas pela mudança de editor. Assim, o primeiro volume apresenta seis páginas (3 folhas) de publicidade, envolvendo outras seis, que constituíam a revista propriamente dita. A publicidade era impressa a preto sobre papel bastante ordinário, enquanto o corpo da revista já vinha impresso sobre papel branco de muito melhor qualidade, com um grafismo apurado e a cores. A profusão de publicidade que se podia encontrar em cada exemplar d'*O Gafanhoto* foi, certamente, um meio que os seus directores e editores encontraram para financiar a edição da revista. No segundo e no terceiro volumes a quantidade de publicidade por número diminuiu e esta passou a ser publicada no mesmo tipo de papel do resto do periódico.

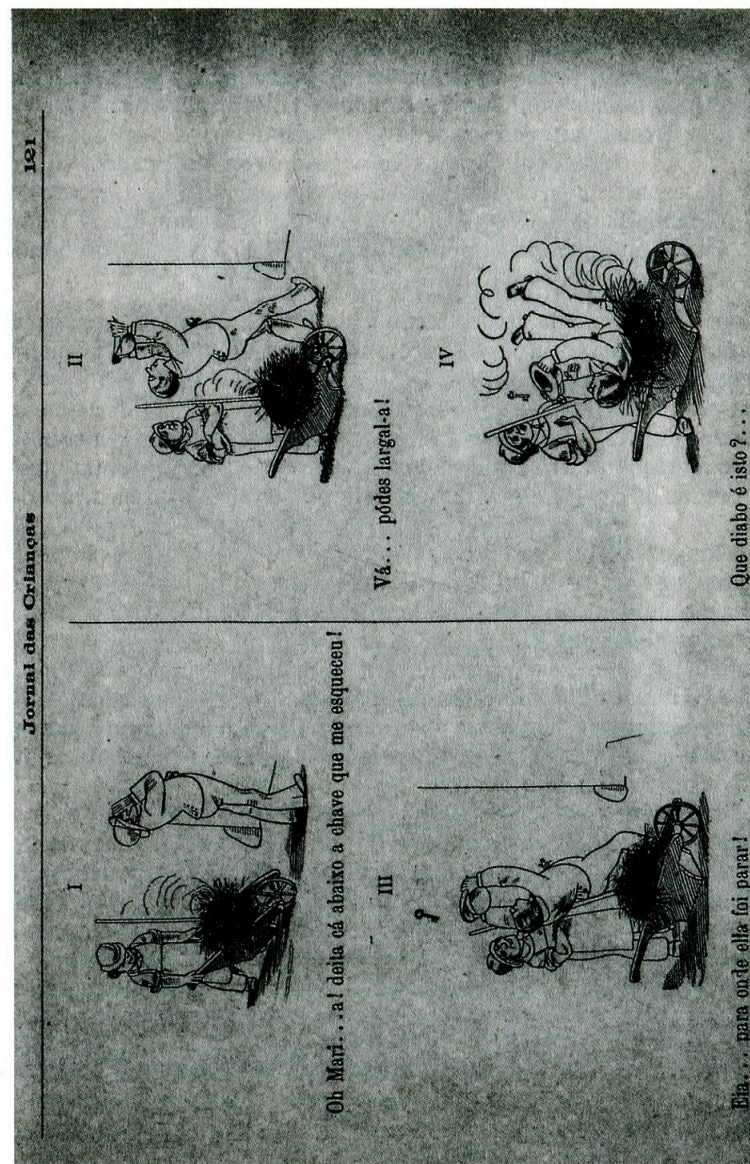



Fig. 17

O número 1 da primeira série (Abril de 1903) abre com a publicação da fotografia do futuro rei D. Manuel, legendada com o seguinte texto:

> «*O Gafanhoto*, publicando no 1.º número o retrato do Infante D. Manoel, pede respeitosamente licença para saudar em sua Alteza o mais eminente respeitante da nova geração de portugueses, à qual vai consagrar todos os seus desvelos.
>
> Às ocultas, lembra-se *O Gafanhoto* de ter verificado a viveza de espírito e o brilho da inteligência que distingue o Senhor Infante. Tanto mais apreciável é por isso o patrocínio que *O Gafanhoto* ousa invocar, como incentivo valioso aos seus bem intencionados esforços» ([75]).

Com a invocação do «patrocínio» real, *O Gafanhoto* tentava, assim, cair nas graças dos governantes e, com isso, assegurar, desde o primeiro número, a sua sobrevivência.

Da primeira para a segunda série houve um interregno de sete anos, provocado, talvez, por dificuldades económicas. Porém, em nenhum número da segunda série (iniciada em Janeiro de 1910) se encontra qualquer referência aos motivos de tão longo intervalo na publicação da revista.

Ao longo das duas séries d'*O Gafanhoto* cumpriram-se os objectivos propostos no n.º 1 da 2.ª série (Janeiro de 1910) ([76]), ou seja, a publicação de contos e histórias, versos, artigos de divulgação científica, factos históricos, etc.

Saliente-se que as capas de abertura, tanto da 1.ª como da 2.ª séries, foram executadas por Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro que, aliás, colaborou assiduamente na revista — especialmente no segundo volume. Registou-se ainda a colaboração do músico Augusto Machado, que compôs diversos trechos musicais para letras de Francisco Valença e de J. Braz de Oliveira.

Quanto à banda desenhada, a sua publicação não foi regular ao longo da vida da revista. Assim, no primeiro volume da primeira série e na segunda série, encontram-se alguns exemplos de banda desenhada, o que não acontece em nenhuma das 74 páginas do segundo volume da primeira série.

Das histórias aos quadradinhos publicadas n'*O Gafanhoto*, poucas são as que trazem assinatura do autor, e aquelas que a trazem são de autores estrangeiros. Também em relação às outras é duvidosa a autoria portuguesa. Assim, no primeiro volume, logo no n.º 1 (Abril de 1903) aparece-nos, entre outros, «O Elefante Trocista», «Concerto Fresco» (fig. 20), «O Cão e o Cavalinho», «O Burrinho Comilão» e «A Careca do

---

([75]) *O Gafanhoto*, 1.ª série, n.º 1 (Abril de 1903), p. [2].
([76]) *Ibidem*, 2.ª série, n.º 1 (Janeiro de 1910), p. [3].

Fig. 18

Fig. 19

Padrinho» (fig. 21) (vd. Apêndice I). Os desenhos destas histórias foram, certamente, copiados ou reproduzidos de revistas estrangeiras, sendo apenas de autoria portuguesa os versos que os acompanham.

Na segunda série surge um maior número de histórias em banda desenhada, todas elas de provável autoria estrangeira como, por exemplo, «Os Ladrõezinhos Pretos» e o «Balouço Ambulante», esta última de desenho admirável. No n.º 6 (Março de 1910) começa a publicar-se a história aos quadradinhos de origem americana, «Os Espirros do Menino Sammy», a mais interessante banda desenhada que *O Gafanhoto* publicou. Esta história foi criada em 1904 por Winsor McCay, com o nome de «Little Sammy Sneezer».

Dissemos que todas as bandas desenhadas incluídas n'*O Gafanhoto* não eram de autores nacionais. É-se levado a esta conclusão por diversos motivos:

1 — A maioria das bandas desenhadas não levam assinatura, e as que a levam são assinadas, quer por autores estrangeiros quer por autores cujas assinaturas são desconhecidas;
2 — O estilo utilizado no desenho afasta-se do dos desenhadores portugueses;
3 — Os animais, os costumes e os objectos em geral (vestuário, por exemplo) não são característicos do nosso país.

Porém, não é de excluir que uma ou outra das bandas desenhadas d'*O Gafanhoto* seja de autoria portuguesa, nomeadamente de Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, que ilustrou diversas capas ao longo de toda a revista e cujo estilo se aproxima bastante do utilizado, por exemplo, no «Passeio pelo Campo» (fig. 23), «Concerto Fresco» (fig. 20) ou em «A Careca do Padrinho» (fig. 21).

Terminado que foi *O Gafanhoto* em 1910, teve de se esperar até ao ano de 1916 pelo aparecimento de uma nova revista dedicada às crianças e aos jovens (aparte os suplementos infantis existentes nos diversos jornais — vd. cap. III, 3 — que apresentam banda desenhada) ([76a]). Note-se, aliás, que neste período apareceram muito poucas publicações infantis e aquelas que surgiram pouco sucesso alcançaram. Uma das que se manteve por mais tempo foi o já mencionado *Amigo da Infancia*, a cargo da Igreja Evangélica Portuguesa, mas que também não inclui qualquer banda desenhada de interesse nos seus mais de 50 anos de publicação.

No ano de 1915 começou o diário do Porto *A Montanha* (1911-1936) a editar, quinzenalmente um suplemento dedicado às crianças, inserto no próprio jornal: «A Montanha para as Crianças». Um ano mais

([76a]) De facto foi publicada em Leiria por J. F. da Silveira a *Revista Infantil* da qual saíram 71 números entre 1 de Dezembro de 1911 e 15 de Junho de 1925. Desconhecemos, no entanto, se possui banda desenhada pois não foi possível consultá-la.

CONCERTO FRESCO

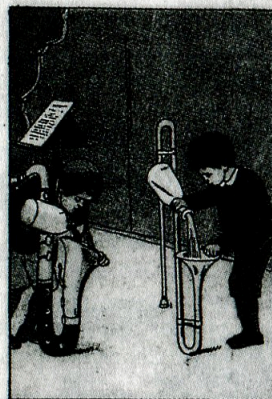



Fig. 20

A CARECA DO PADRINHO

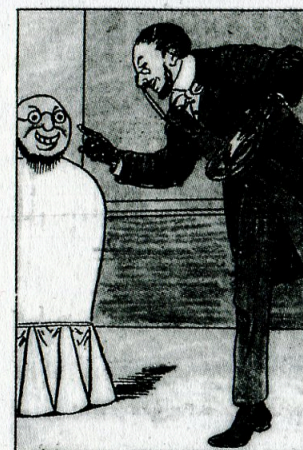



Fig. 21

Os espirros do menino Sammy

As desgraças succedidas ao menino Sammy, em consequencia dos seus temerosos espirros, constituem uma engraçada historia americana, quasi completamente desconhecida entre nós. Por isso, o Gafanhoto *resolveu mimosear com essas aventuras os seus pequeninos leitores, que, espera elle, se hão de rir a fartar com todos os contratempos succedidos ao menino Sammy e todos os desastres que elle causa. Vae hoje a primeira, a que, com intervallos, se irão seguindo as outras, se os leitoresinhos manifestarem desejo de as conhecer.*

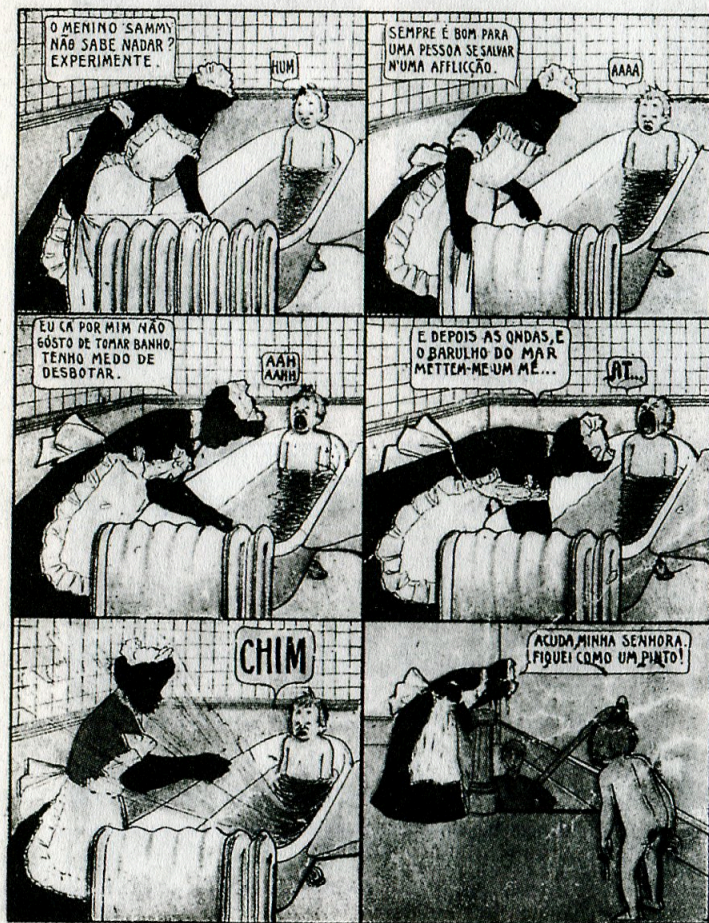



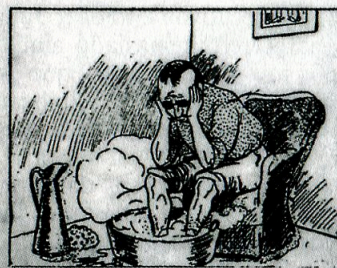
Fig. 22

PASSEIO PELO CAMPO

1 — Muito lamento os desgraçados que ficam na cidade n'este tempo de calma. Como vou gozar o meu passeio!

2 — Demonio! Apezar do guarda-sol, a soalheira torra a gente! E este maldito burro sempre a choutear!

3 — Sentemo-nos á sombra d'este toldo! Eia que mosquedo! São capazes de me comer vivo!

4 — Lindiss[illegible]eira! As palhas parecem de ouro [illegible] fazem ver as estrellas quando entram [illegible] olhos de uma pessoa.

5 — Tenho a cabeça a arder. Receio uma congestão. Mettamos os pés em agua a ferver.

6 — Com effeito! Re[illegible] ao hospital, fartinho de passear pelo campo.

Fig. 23

tarde (1916), o director do jornal, J. Seixas Júnior, verificando o sucesso que o suplemento suscitara entre os leitores, decidiu lançar a publicação, separadamente daquele diário. Assim, em 21 de Dezembro de 1916 saiu, no Porto, o número 26 do suplemento *A Montanha para as Crianças* (fig. 24), que foi simultaneamente o primeiro número desta revista a ser vendido (ao preço de um centavo) independentemente do jornal. Ao todo, saíram 39 números (do n.º 26 — 21.12.1916 ao n.º 64 — 15.8.1918), cada qual com quatro páginas em papel e formato de jornal, e impressão pouco cuidada, devido ao período de guerra que se atravessava e à recessão económica consequente. A primeira e a última páginas foram litografadas até ao número 31 (1.3.1917), generalizando-se depois o processo às restantes, o que se traduziu por um aumento do preço, de um para dois centavos (consequência também da desvalorização da moeda).

O jornal *A Montanha* foi o mais duradouro porta-voz do Partido Democrático, no Porto ([77]). Ao longo das suas páginas é o ideal da República o predominante, senão o único.

A Montanha para as Crianças constituiu um exemplo ímpar de jornal infantil, devido à época em que apareceu e, sobretudo, devido ao conteúdo dos seus textos e desenhos. Sendo um subproduto d'*A Montanha* e tendo como director o mesmo que esta, era lógico que sofresse influências do ideal republicano de que aquele era apologista. A republicanização da juventude preenchia as suas quatro páginas. Note-se que esta doutrina não se fazia porém de modo demagógico nem sectário, mas antes de maneira esclarecedora, dentro de um verdadeiro espírito democrático. Assim, em diversos números aparece uma secção escrita por Aurora de Castro e Gouveia, advogada, eminente republicana e dirigente feminista portuense que, sob o título de «Secção educativa», aborda, de modo coloquial e conciso, temas como: «A Nação e o Estado», «Constituição Política Portuguesa», «Poderes do Estado», «Poder Executivo» e «Poder Judicial». Apesar de os títulos destes artigos parecerem demasiado ambiciosos para a compreensão das crianças e dos jovens, a verdade é que os mesmos eram escritos de maneira simples e acessível, sensibilizando a camada juvenil e infantil para as características do Estado Republicano e fazendo aquilo que a Monarquia Constitucional nunca se tinha preocupado em fazer: instruir as camadas mais jovens da população acerca de todos os problemas e não só aqueles que interessava instruir.

Desde 1914 que a Europa se encontrava envolvida na Primeira Guerra Mundial (1915-1918), na qual, pela mão dos democráticos, então no poder, também Portugal participou. A atitude dos republicanos, em relação aos provocadores da guerra, ou seja, aos alemães, era, como não podia deixar de ser, demolidora.

([77]) A. H. de Oliveira Marques, *Guia de História da 1.ª República Portuguesa*, Imprensa Universitária, n.º 21, Lisboa, Editorial Estampa, 1981, p. 31.

A MONTANHA PARA AS CRIANÇAS

NATAL!

1916

Segundo antigas usanças,
Lá volta o velho Natal,
Sem receio ao vendaval,
Presentear as crianças.

Porá ao vosso dispôr
Brinquedos de graça extranha
Transformados n'"A Montanha,"
Em risos, luz, arte e amôr.

Fig. 24

A Montanha para as Crianças, como jornal infantil democrático, não podia ficar indiferente à guerra. Assim, ao longo dos seus 64 números, diversos comentários surgiram ao conflito e à atitude dos alemães, dos quais o mais interessante, e sem dúvida o mais importante, foi publicado no n.º 27 (4.1.1917), criticando violentamente as propostas de paz que a Alemanha e os seus aliados (Áustria-Hungria, Turquia e Bulgária) se preparavam para fazer:

> «CARTAS ABERTAS — Para gente meuda
>
> Meus amiguinhos:
>
> Sabeis já certamente, por o terdes ouvido dizer ou por o haverdes lido nos grandes jornais, que a Alemanha, esse paiz tão figadalmente inimigo da humanidade, acaba de se entender com as nações suas cumplices — a Austria-Hungria, a Turquia e a Bulgaria — para conjuntamente apresentarem propostas de paz aos povos aliados, entre os quais figura este tão nosso amado Portugal. Conheceis vós muito bem, meus amiguinhos, os crimes hediondos que a Alemanha e aquelas trez outras nações teem praticado: Esmagaram a Heroica Belgica, martirizaram a valente Servia e o pequenino Montenegro e acabaram agora de aniquilar outro paiz egualmente pouco poderoso — a generosa Romania; assassinaram velhos e creanças, destruiram cidades, vilas e aldeias, monumentos e obras de arte; afundaram inofensivos navios cheios de passageiros como o «Luzitania»; roubaram a vida a uma senhora de alma nobilissima, que só sabia praticar o bem — miss Clavell; são rés [sic], emfim, das mais monstruosas infamias que a história regista no longo decorrer dos séculos. Pois bem: é depois deste horrivel sudario, que faz estremecer de horror todas as pessoas de coração bem formado, que se atrevem a falar em paz sem haverem sofrido o castigo que merecem pelas suas abominaveis acções!
>
> Estou convencido de que, se dependesse de vós conceder-se-lhes ou não a paz que solicitam, vos recusarieis terminantemente a atender essas nações inimigas da justiça e da civilização. Não é verdade?
>
> Primeiro, a libertação da Belgica, da Servia, do Montenegro e da Romania; depois as reparações morais e materiais a que teem um sagrado direito as suas numerosissimas vitimas e os paizes que assolaram; por ultimo o aniquilamento do poderio militar e naval de semelhantes paizes piratas, para que nunca mais possam espalhar a dor, a desolação e o luto na face da terra, para que fiquem eternamente impossibilitados de fazer o menor mal, eles que tamanhos males causaram até hoje a milhões de creaturas humanas. Não sois da minha opinião? Não entendeis que a paz só é possivel depois de despedaçadas as garras a essas feras temiveis?
>
> Conheço o vosso coração generoso e bom e por isso já sei qual a vossa resposta:
>
> — A paz só deve ser feita, depois de ter sido feita justiça!
>
> Tendes razão, meus queridos amiguinhos.
>
> Sempre
Todo vosso
João» ([78]).

Também as bandas desenhadas que apresenta, na sua maioria devidas a Manuel Monterroso, possuem características únicas que, sobretudo, as tornam pouco infantis.

Manuel Monterroso utiliza as histórias aos quadradinhos para satirizar a atitude dos alemães *(boches)* em geral e do *Kaiser* em particular, com a sua derrota iminente. Na sua primeira banda desenhada, «Bebé Guerreiro» (n.º 27 — 4.1.1917) (fig. 25), Monterroso coloca o Bebé — personagem que o acompanhará até final do jornal — no papel de Kaiser que, com o seu «imenso arsenal longamente acumulado», se prepara para a guerra, como «um selvagem chapado», com dois inocentes gatinhos que aqui simbolizam as potências da *Entente* ([79]). E o nosso Kaiser lança-se na guerra, sendo de imediato ferido por um dos gatos, à semelhança da derrota alemã na batalha de Marne. Furioso, Bebé ataca com maior ímpeto, sendo no entanto derrotado pelos dois gatos (Aliados) que, segurando os louros da vitória, o forçam a pedir a paz.

Manuel Monterroso continua com a figura do Kaiser Guilherme II e, no n.º 28 (18.1.1917), publica «Receita Vegetariana para Fazer um Kaiser» (fig. 26), banda de seis desenhos, em que um rapazinho, provavelmente Bebé, nos mostra como com alguns legumes se pode desenhar um Kaiser com uma enorme cabeça de abóbora... E o tema da Primeira Guerra Mundial prossegue pela mão deste artista, agora valorizando a acção dos soldados portugueses na sua intervenção no campo de batalha em 1917 (n.º 31 — 1.3.1917), na banda desenhada «Lição de História» (fig. 27). Nesta «Lição» salienta, em seis vinhetas principais, alguns dos pontos altos da história pátria, excelentemente escolhidos: a fundação de Portugal em 1143; a descoberta do caminho marítimo para a Índia em 1498, por Vasco da Gama; a Restauração da independência em 1640; a expulsão dos Jesuítas, pelo Marquês de Pombal, em 1759; a «libertação» da pátria do jugo monár-

([78]) *A Montanha para as Crianças*, n.º 27 (4.1.1917), p. 3.

([79]) Entente Cordiale, acordo feito em 1904 entre a Inglaterra e a França.

Ano 2.º N.º 27

Preço, 1 centavo

A MONTANHA

= PARA = AS CRIANÇAS

Director e Editor SEIXAS JUNIOR

Propriedade da Empresa de "A MONTANHA"

Administração, Redacção e Tipografia

RUA DO LARANJAL, N.º 101

Bébé guerreiro

Fig. 25

Ano 2.º N.º 28

A MONTANHA

= PARA = AS CRIANÇAS

— DE MENINOS SE FAZEM OS HOMENS.
— DE PEQUENINO SE TORCE O PEPINO.
(Proverbios).

Director e Editor SEIXAS JUNIOR

Propriedade da Empresa de "A MONTANHA"

Administração, Redacção e Tipografia

RUA DO LARANJAL, N.º 101

RECEITA VEGETARIANA PARA FAZER UM KAISER

Mais outro tomate

Finalmente dois rabanetes

Fig. 26

quico e clerical, em 5 de Outubro de 1910, vendo-se, no desenho, em primeiro plano, um Zé Povinho segurando a bandeira nacional e um ramo de louros — alegoria à vitória da República — e, no fundo, três das maiores figuras do movimento republicano: Bernardino Machado, Afonso Costa e António José de Almeida; finalmente, a imagem de um soldado português matando o Kaiser. Tudo isto é relatado por um miúdo a um espectador (de aparência inglesa), de boca aberta de pasmo e que acaba por *tirar o chapéu* ao povo português considerado o «pai» da criança questionada.

Em seguida, Manuel Monterroso publica «O Folar do Kaiser», no n.º 34 (12.4.1917), ridicularizando a estupidez dos alemães e aproveitando a época da Páscoa para esborrachar um enorme folar na cara de Guilherme II.

Mais adiante, são ainda os *boches* o alvo, desta vez a propósito da epidemia de tifo que grassou por Portugal em 1918. A história aos quadradinhos intitula-se «O Tifo» (fig. 28) e foi publicada no n.º 56 [57] (11.4.1918). Nela, Monterroso mostra-nos algumas das consequências do tifo: tudo andava «n'um sarilho», as donas de casa desinfectando com creolina o que podiam; as pessoas passaram a ler maior número de jornais, para acompanharem a evolução da doença; os meninos deixaram de ir à escola, para seu gáudio, pois poderiam dedicar-se exclusivamente à brincadeira; os soldados deixaram de ir para a guerra, para impedir a generalização da epidemia; os cuidados de higiene aumentaram, inclusive com as senhoras e as raparigas a cortarem o cabelo curto e, finalmente, Monterroso interroga-nos sobre se não será também devido ao tifo que os alemães se encontram a sofrer uma «estratégica derrota».

Continuando o «ataque» aos alemães, *A Montanha para as Crianças*, publica ainda, no n.º 33 (29.3.1917), uma banda desenhada copiada por Manuel Monterroso do jornal alemão *Meggendorfer Blätter* (80), de 1 de Junho de 1916, intitulada «Alimentação na Guerra (Na Alemanha)» (81), comentário aos elevados preços da deficiente alimentação do povo germânico durante a guerra.

Manuel Monterroso dedicou também algumas bandas desenhadas aos problemas nacionais. Entre estas, a maior (ocupa a primeira página do n.º 59 — 9.5.1918 e do n.º 60 — 23.5.1918) e a mais interessante é, sem dúvida, «Em Dia de Eleições» (fig. 29).

(80) *Meggendorfer Blätter*, jornal humorístico alemão, fundado em Munique, em 1889, pelo pintor L. Meggendorfer (1847-1925). Em 1928 juntou-se com o periódico *Fliegenden Blättern Vereinigt*.

(81) Uma das possíveis fontes deste desenho pode ter sido Emérico Nunes que, nestas alturas, colaborava para este jornal.

Saliente-se o facto estranho de um jornal alemão, durante o período de guerra, ter publicado desenhos deste tipo, atendendo ao regime vigente na Alemanha.

Fig. 27

Ano 3.º N.º 57 — PORTO — Quinta-feira, 11 de Abril de 1918 — Preço, Dois cent.

A MONTANHA

PARA AS CRIANÇAS

ILUSTRADA

— DE MENINOS SE FAZEM OS HOMENS.
— DE PEQUENINO SE TORCE O PEPINO.
(Proverbios)

Director e Editor, Seixas Junior — Propriedade da Empreza de "A MONTANHA" — Redacção e Tipografia — RUA DO LARANJAL, N.º 104

O TIPO

Por causa do tifo anda tudo n'um sarilho...

Lêm-se mais os jornais...

não vão os meninos á aula...

nem os papás para a guerra...

CABELEIRA

será tambem do tifo que os *boches* estão devendo a sua *estrategica* derrota?

Fig. 28

Ano 3.º N.º 59 — PORTO — 9 de Maio de 1918 — Preço, Dois cent.

A MONTANHA

PARA AS Crianças

ILUSTRADA

— DE MENINOS SE FAZEM OS HOMENS
— DE PEQUENINO SE TORCE O PEPINO.

Director e Editor, Seixas Junior — Propriedade da Empreza de "A MONTANHA" — Administração, Redacção e Tipografia — RUA DO LARANJAL, N.º 101

Em dia de eleições

Cançado afinal de atirar ás pedras, Bébé rechonchudo muda de brinquedo.

Ouvindo em casa falar de eleições, pensa logo em imita-las...

Com o seu ladino «Carolo», busca e rebusca papeis velhos e uma urna...

mete-se nela e cobre-se de papelinhos.

De repente, ao vêr um seu familiar, grita-lhe:
—O' Ramon, sou deputado!

Saudação!!
(Em galego)
—Biba o sôr Gabrielcinho e mai-lo seu Carolinho! Biba!

Fig. 29-A

Fig. 29-B

Em 5 de Dezembro de 1917, Sidónio Pais deu um golpe de Estado e instaurou uma ditadura militar. Passando a dominar a situação política, fez-se eleger, em 28 de Abril de 1918, presidente da República, por eleições directas. Nesse mesmo dia realizaram-se também eleições legislativas ([82]).

São estas duas eleições que os contundentes desenhos de Monterroso satirizam. Aparece-nos novamente Bebé, que, cansado das suas brincadeiras e ouvindo falar em eleições, resolve também realizar as suas. Junta então um monte de papéis velhos e mete-se com eles dentro de uma urna (caixote do lixo), proclamando-se deputado e sendo de imediato saudado em galego por um seu parente ([83]).

Mais adiante, na segunda folha, vê-se o nosso Bebé (Gabrielcinho), todo inchado, pensando em «medidas kolossais» ([84]). Até ao resto da história, não deixará de pensar cada vez mais alto, nunca chegando a concretizar qualquer dessas medidas. Acaba por ser derrubado do pedestral, numa alusão ao fim que Manuel Monterroso previa, e muito bem, para a presidência de Sidónio e o seu novo parlamento.

Manuel Monterroso foi o autor da quase totalidade das ilustrações e bandas desenhadas d'*A Montanha para as Crianças.* Porém, a primeira banda desenhada a surgir nesta revista não se deveu à sua autoria, mas sim à de Carl.[c], pseudónimo de autor desconhecido que para o n.º 26 (21.12.1916) produziu 6 desenhos relatando «Como Rita Manoela conseguiu levar para casa seu marido completamente borracho!» (fig. 30). É uma história que, à semelhança de todas as outras, não tem qualquer carácter infantil e que possui a característica de não incluir legendas comentando os desenhos. Aparecem-nos ainda duas bandas desenhadas, no n.º 39 (21.6.1917) e no n.º 43 (16.8.1917), intituladas, respectivamente, «O Dia Feriado do Porto» (fig. 31) e «Romaria da Serra do Pilar», desenhadas por A. Tavares. Este autor utiliza um estilo pobre que, aliado à má qualidade dos desenhos, os torna pouco atractivos.

As bandas desenhadas de Manuel Monterroso são ainda de grande interesse, não só pelo seu conteúdo mas também por algumas das técnicas utilizadas. Assim, os desenhos, se bem que delimitados sempre por uma quadrícula (com excepção de «Receita vegetariana para fazer um Kaiser»), excedem-na na maioria das vezes. A utilização desta técnica aproxima Manuel Monterroso dos modernos autores de banda desenhada, e ao mesmo tempo contribui para um novo interese visual

---

([82]) A. H. de Oliveira Marques, *História de Portugal*, vol. III, 2.ª ed., Lisboa, 1981, p. 241.

([83]) Note-se que os Galegos, em Portugal, tinham a fama de serem pessoas incultas, devido às suas profissões humildes, dando inclusive origem a uma figura típica da cidade de Lisboa: o aguadeiro.

([84]) As «medidas kolossais» aludem à fama de germanófilo de Sidónio Pais.

A MONTANHA

Como Rita Manoela conseguiu levar para casa seu marido completamente borracho!

I

II

III

IV

V

VI

RISADAS — A graça alheia

Sem desmentido

O empregado para o [illegible]:

—Não posso ler esta carta que acaba de chegar no correio. A letra é pessima.

—Dê cá a carta. [illegible] Até um burro é capaz de ler isto.

E começou a leitura.

Primeiro em alguma coisa

O seu filhinho como vai na escola?

—Admiravelmente. [illegible]

—Meu filho, você é o primeiro em alguma coisa na sua escola?

—Sim mamã. Sou o primeiro a sair quando dá a hora.

[illegible]

Fig. 30

4 A MONTANHA

O dia feriado do Porto

(Dia da rapioca)

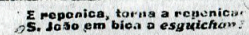
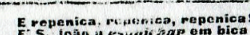
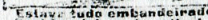
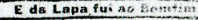
Fui ao S. João á Lapa

E da Lapa fui ao Bomfim!

Estava tudo embandeirado
Com bandeiras de setim!

E repenica, repenica, repenica!
E' S. João a esguichar em bica

E repenica, torna a repenicar
S. João em bica a esguichar!

Fig. 31

da história aos quadradinhos, criando a ilusão de os desenhos ultrapassarem as duas dimensões do papel. Este desenhador utiliza ainda, no «Bebé Guerreiro» (vd. fig. 25), dois balões onomatopaicos, para representar o miar dos dois gatos que simbolizam a *Entente* e, na «Lição de História» (vd. fig. 27), um balão de fala com a palavra «Kamerad!» («camarada» em alemão). A utilização da banda desenhada e, dentro dela, de uma personagem infantil, para satirizar a Guerra Mundial e os alemães seus causadores não é inédita, pois também nestes anos (1914-1918) Stuart Carvalhais utilizou as suas personagens «Quim e Manecas» (de quem falaremos em apêndice no vol. II) para, no *Século Cómico*, publicar bandas desenhadas em que Quim, acompanhado do seu irmão Manecas, se torna o terror dos alemães.

Devido às suas insólitas características, *A Montanha para as Crianças* ocupa hoje, no panorama dos jornais e revistas infantis, um lugar inédito. Nunca qualquer periódico do seu género tomou ou tomará, certamente, as posições e os objectivos deste jornal. Publicação para crianças, não se absteve da situação política e social coeva, nem renegou ou esqueceu a causa ideológica d'*A Montanha*. Optou por sensibilizar camadas juvenis e infantis para alguns dos problemas da época. Digamos que foi um jornal infantil que focou, como nenhum outro, assuntos considerados de «adultos».

Atendendo ao período que atravessou, caracterizado por uma grave crise política e económica nacional, este jornal conheceu uma longa vida. Saíram 25 números, como suplemento d'*A Montanha* e 49 como jornal independente, mantendo sempre as suas quatro páginas, numa época de grande recessão, devido à falta de papel provocada pela guerra e em que muitos jornais, inclusive *A Montanha*, chegaram a diminuir o número de páginas para apenas uma, em papel finíssimo e ordinário. Consegue ainda, nos últimos números, passar a apresentar as quatro páginas litografadas. Foi certamente o aumento de preço, verificado no n.º 32, que, associado à crescente degradação das condições de vida das pessoas, contribuiu para o seu desaparecimento em 23 de Maio de 1918.

De 1918, ano em que termina *A Montanha para as Crianças*, a 1921, existiu um novo interregno nas publicações ilustradas infantis. Apenas nos finais de 1921, mais propriamente em 15 de Outubro desse ano, surgiu nova publicação infantil, o *ABCzinho* (figs. 32 e 33). O *ABCzinho* apresentou-se como o irmão mais novo do *ABC* (1920-1932) e do *ABC a Rir* (1921-1922), cuja empresa proprietária «ABC», tendo começado por editar uma revista de carácter informativo com o mesmo nome, na boa imagem dos «magazines» da época, e iniciado a publicação de uma outra revista, esta de índole cómico-satírica, o *ABC a Rir* decidiu, em 1921 — certamente depois de ter constatado o vazio que na época existia no domínio das publicações

ANO 1 — N.º 1

Preço 30 centavos

DIRECTORES

[illegible] Oliveira Ramos

[illegible] Telmo (arquitecto)

EDITOR

Carlos Ferrão

abc zinho

Redacção — Administração Composição

65, RUA DO ALECRIM, 65

Casa das Máquinas

60, RUA DA ATALAIA, 62

Telef. 2446-C

LISBOA PORTUGAL

histórias · bonecos · construções

O FILHO DO AGULHEIRO

Roberto, o filho do agulheiro, era um rapazito de [illegible] anos, todo bonito e alegre. Não porque tivesse já muitas razões para andar alegre, visto [illegible] apesar dos seus poucos anos, já passava trabalhos que assustariam muitos homens.

O Pai não o mandava à escola e pensava mais na taberna e no vinho do que na educação do filho.

Quantas vezes, enquanto o agulheiro jogava ou bebia com os companheiros, lá pela noite alta, o pobre Roberto tinha de se levantar da sua cama tão quente e vir cá fora, ao frio, acenar com a lanterninha verde ou mudar a agulha, para que o comboio da meia noite pudesse passar!

A's vezes atrevia-se a fazer as suas observações ao Pai e dizia-lhe então que aquilo assim não ia bem. Pois o agulheiro sôbre quem pesava uma responsabilidade tam grande e que podia, com uma simples distracção, causar a perda de milhares de vidas, andava sempre metido na taberna! Mas o Pai não gostava de ouvir sermão prègado pelo seu rapaz. Quando estava bem dispôsto e o vinho não lhe dava para o mal, chegava a rir-se com os remoques do petiz. Mas, quando andava com os seus

15 - OUTUBRO - 921

PERTENCE A ESTE NUMERO UMA FOLHA SOLTA: A CONSTRUÇÃO DUM ELEFANTE

Fig. 32

Fig. 33

para crianças —, lançar o *ABCzinho*, apadrinhado por Stuart Carvalhais, então director artístico do *ABC a Rir* (85). Este novo jornal infantil, quinzenal até ao n.º 68 (7.1.1924) e, depois, semanal, gozou de grande popularidade, que se traduziu numa longa vida (15.10.1921 — 26.9.1932). Ao todo, saíram do *ABCzinho* 521 números, distribuídos por três séries (1.ª série, Ano I, n.º 1, 15.10.1921 — Ano IV, n.º 171, 28.12.1925; 2.ª série, Ano V, n.º 1, 4.1.1926 — [Ano VIII], n.º 208, 30.12.1929; 3.ª série, [Ano IX], n.º 209, 6.1.1930 — [Ano XI], n.º 350, 26.9.1932), correspondendo à primeira série 171 números, à segunda 208 e à terceira 152 números. Durante os seus onze anos de vida também algumas alterações se verificaram nos cargos directivos. Assim, a direcção começou por ser dividida entre Manuel de Oliveira Ramos (1862-1931) e Cottinelli Telmo (1897-1948), mas somente até ao n.º 10 (6.3.1922), data em que passou apenas a pertencer a Cottinelli Telmo (86), o qual nesse lugar se manteria até ao n.º 201 (11.11.1929) da segunda série. Afastando-se, deu lugar a Baptista Vasques, que assegurou a direcção do *ABCzinho* até ao fim. A primeira série foi constituída, na sua totalidade, por números de formato pequeno (22×16 cm), normalmente com 20 páginas, embora aparecessem esporadicamente alguns com 24 páginas (por exemplo, o n.º 7 — 16.1.1922 e o n.º 25 — 6.11.1922). Com a segunda série, iniciou-se um novo período da revista: mudou para formato maior (31,5×23 cm) e diminuiu o número de páginas de 20 para 12, mantendo-se assim até ao último número. Alterado o formato, passou a apresentar também alterações no aspecto gráfico, com melhor impressão e apresentação artística, e inserindo banda desenhada em maior qualidade e quantidade. Como é natural, a revista, ao longo da sua publicação, apresentou variações de qualidade — é difícil manter sempre o mesmo nível técnico e artístico numa revista com esta duração e, principalmente, na época em que esta foi publicada — que sempre conseguiu superar inteligentemente. Apenas nos últimos números a qualidade decaiu irreversivelmente. Houve algumas fases em que foi editada sem data, nomeadamente no período decorrente entre o n.º 90 [9.6.1924] e o n.º 97 [28.7.1924] da primeira série, e em alguns outros números esporádicos. O mesmo se passou relativamente à paginação da revista que, na primeira série, foi muito irregular, desaparecendo mesmo entre o n.º 108 (13.10.1924) e o n.º 161 (19.10.1925). A falha de paginação deve-se ao facto de terem, na primeira série, contornado as páginas com uma

(85) Paulo Madeira Rodrigues, *Vida e Obra de Stuart Carvalhais*, catálogo da exposição efectuada no Palácio dos Coruchéus, Maio/Junho de 1982, Lisboa, Serviços Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, 1982, p. 16.

(86) Henrique Marques Júnior afirma, na sua obra citada, que «o Dr. Manuel de Oliveira Ramos deixou a direcção [do *ABCzinho*] — por motivos óbvios — no n.º 10[6.3.1922]». Pensamos que a saída de Manuel de Oliveira Ramos se deve ao facto de este escritor ter cegado.

cercadura desenhada, enquanto na segunda e na terceira séries, onde as páginas não possuem cercadura desse tipo, tal facto não acontece com a mesma frequência.

No conteúdo, o *ABCzinho* vai ser o responsável por diversas inovações, principalmente por ter sido a primeira revista infantil, digna desse nome, a atingir grande popularidade e motivando boa parte do público infantil e juvenil. A responsabilidade do êxito alcançado pelo *ABCzinho* está directamente relacionada com o seu conteúdo, que, por si, constitui um ponto de viragem na estrutura e, principalmente, na maneira de encarar as publicações infantis.

Assim, desde o início, o *ABCzinho* apresenta grande profusão de contos e histórias, secções dedicadas a raparigas, secções de brinquedos, construções de armar, passatempos e concursos. Porém, em todas estas secções, embora os assuntos abordados coincidam por vezes com os temas tratados em publicações anteriores ao *ABCzinho*, diferem na sua forma e no seu conteúdo. Os contos e histórias deixaram de ter um carácter essencialmente moral e educativo para darem especial relevo ao aspecto lúdico, tentando ir ao encontro do gosto dos jovens; passaram a aparecer, com grande frequência, emocionantes aventuras — muitas das vezes traduzidas ou adaptadas de obras de autores estrangeiros —, nada inocentes, capazes de empolgarem o espírito infantil e juvenil. Todavia, não deixou de aparecer, paralelamente a estas, a «boa» e «sã» colaboração de alguns dos melhores escritores infantis, como Henrique Marques Júnior e Ana de Castro Osório.

> Henrique Marques Júnior colabora com alguma frequência no *ABCzinho*, apesar de em *Algumas achegas para uma Bibliografia Infantil* ter dito: «Se bem que êsse jornal não seja ainda a última palavra do género, é uma das cousas melhores que se publicam entre nós. Isto quanto à primitiva forma, porque actualmente fica muito a desejar» (*Op. cit.*, p. 216). Deste comentário se conclui que a mudança verificada no *ABCzinho*, aquando da segunda série, conquanto tenha agradado aos leitores, não foi bem vista pelos educadores e críticos de literatura infantil.

Outra das iniciativas do *ABCzinho* e que, depois dele, se iria tornar vulgar — diríamos mesmo, indispensável na maioria dos jornais infantis — foram as construções de armar. Eram *maquettes* de barcos, aviões, móveis de cozinha, etc., publicados em cada número da revista, numa folha destacável para depois serem recortadas pelos leitores, coladas em folhas de cartolina e montadas. Cada número podia trazer uma construção completa ou apenas uma parte, continuando no número seguinte. Algumas das construções mostram-se bastante curiosas pelo pormenor e preciosismo que apresentam. As dezenas de construções de armar publicadas, tanto pelo *ABCzinho* como pelas

revistas que apareceram mais tarde, foram um autêntico sucesso no meio da criançada pois, para além do entretenimento que lhes proporcionavam, eram um meio de obter brinquedos económicos, deveras engraçados, numa época em que os havia poucos, bastante rudimentares por vezes, e muitos de preço proibitivo para a maioria das crianças. Compreende-se assim que, semana em que, por qualquer motivo, não houvesse construção, chovessem na redacção centenas de cartas de protesto dos jovens leitores.

Ao longo dos 521 números do *ABCzinho* surgiram ainda grande número de concursos. Estes, muitas vezes apenas acessíveis aos assinantes, tinham, como principal objectivo, a promoção da revista, aliciando os leitores com chorudos prémios, a comprarem-na ou, então, a tornarem-se assinantes para poderem concorrer. Chegou a haver fases de concursos semanais, com pequenos, ou mesmo sem prémios, publicitando apenas o vencedor. O maior concurso que o *ABCzinho* organizou teve lugar em 1925 com o título de «Azes da observação, da sagacidade!...» Foi um concurso que adquiriu proporções descomunais, que durou até ao ano de 1926 e esteve certamente ligado à reformulação da revista nesse ano (2.ª série).

Transcreve-se aqui um extracto do texto de apresentação do referido concurso:

«Todos podem concorrer! Todos! É preciso mesmo espalhar por toda a parte a notícia de que o *ABCzinho* está fazendo um concurso com prémios valiosos, para que os vossos amigos concorram, para que concorram aqueles a quem o *ABCzinho* não tenha interessado até aqui — visto que, quanto maior for o número de concorrentes maior glória caberá aos premiados, que serão os *Azes da observação, da sagacidade!...*» ([87]).

O objectivo do concurso era claro: fazer com que «todos aqueles a quem o *ABCzinho* não tinha interessado concorram», justificando depois, que a glória do vencedor será maior «quanto maior for o número de concorrentes». Mais adiante esclarecia em que consistia o concurso:

«Cortar esta folha ([88]) pela cercadura e estudar a disposição que devem ter os seis desenhos para formarem sentido, visto que não estão por ordem.

Serão juntos dois a dois, formando tiras [...]. Cada capítulo — cada parte — tem seis desenhos baralhados [...].

Há-de ser preciso justificar a sequência de desenhos, contando depois por baixo de cada tira e em poucas linhas a história toda.

([87]) *ABCzinho*, n.º 127 (23.2.1925), p. 4.

([88]) A folha era constituída por seis quadradinhos, fora de ordem, que o leitor tinha de organizar de modo a constituírem uma história com nexo. Porém, a história permitia diversas leituras e, por conseguinte, diversas montagens.

Se a sagacidade [...] do leitor já tiver ocasião de se manifestar, o melhor virá depois, quando tiver de responder às perguntas suplementares que fazemos [...]!» ([89]).

O concurso era deveras original e não temos notícia de que alguma vez se tivesse feito outro nestes moldes. Para mais, os prémios eram invulgares: o primeiro prémio consistia numa carabina *Simson* e o segundo numa mobília de quarto alentejana, para além de grande quantidade de outros prémios menores. Por aqui se pode verificar o grande empenho que o *ABCzinho* pôs neste concurso. Seria de todo o interesse analisar os registos das tiragens dos doze números em que foram publicados os diversos capítulos do concurso, para verificar o aumento que certamente se deu no número de exemplares vendidos.

O concurso em si despertou grande curiosidade, mas à medida que se aproximava do final, os organizadores, tendo conseguido (e, sem dúvida, superado) os objectivos económicos que se propunham, descuraram-no, tornando-o muito menos espectacular.

Quanto à banda desenhada, o *ABCzinho* publicou-a em grande quantidade, desde o primeiro ao último número, tanto de autores portugueses como de estrangeiros. A estrangeira foi, na sua maioria, retirada de jornais ingleses, franceses e espanhóis de grande popularidade, como o jornal inglês *Comic Life* (por ex.: «Como se apanha um ladrão», n.º 20 — 28.8.1922, p. 14; «Uma invenção extraordinária», n.º 41 — 25.6.1923, p. 6); *The Tatler*, também inglês (por ex.: «Limpeza por aspiração», desenhada por Batman, n.º 4 — 5.12.1921, pp. 9-13); *Comic Cuts*, jornal inglês (por ex.: «O cócórócócó tem remédio para tudo», n.º 21 — 4.9.1922, p. 10; «A esperteza do pele vermelha», n.º 22 — 18.9.1922, p. 2); do *Puck*, ainda inglês (por ex.: «Um herói de doze anos», n.º 28 — Natal de 1922, pp. 17-19); do *Petit Journal de la Jeunesse*, jornal francês (por ex.: «O rei das serpentes», n.º 28 — Natal de 1922, pp. 6-8); etc. Foi publicada ainda banda desenhada de autores como Alain Saint Ogan, George Edward, A. B. Payne, Louis Forton, etc.

Quanto à banda desenhada portuguesa, ela aparece-nos logo na primeira página do primeiro número da revista (15.10.1921), com «O Filho do Agulheiro», em desenhos devidos ao lápis de Cottinelli Telmo, distribuídos por duas páginas (pp. 1 e 2). Este primeiro número contém seis histórias aos quadradinhos, das quais quatro estão autenticadas. A colaboração artística divide-se durante bastante tempo por Cottinelli Telmo, Stuart Carvalhais (1887-1961), Rocha Vieira (1883-1947), Emérico Nunes (1888-1968) e Carlos Botelho (1899-1983). Rocha Vieira iniciou, no primeiro número do *ABCzinho*, a série «Aventuras Extraordinárias de Jorginho» (fig. 34), que se prolongou até ao oitavo número, contendo, portanto, oito capítulos no total. Nesta

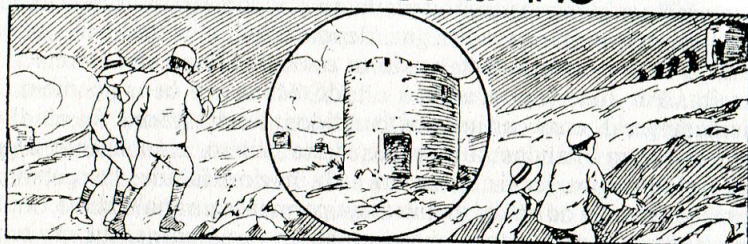
([89]) *ABCzinho*, n.º 127 (23.2.1925), p. 4.

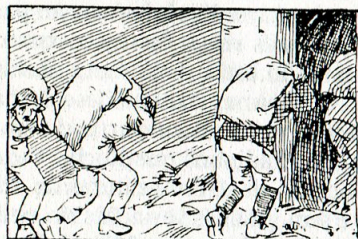
banda desenhada, Rocha Vieira imitou o estilo dos desenhadores ingleses, apresentando quatro desenhos por página, a preto e a traço fino. O texto encontrava-se sob cada vinheta, constituindo uma história integral sem necessidade de ilustrações. O tema tratado é também muito frequente neste tipo de histórias: um jovem corajoso que se mete a desvendar um mistério, sendo apanhado por contrabandistas e levado para fora da sua pátria; consegue, depois fugir, mas rapidamente cai no meio de um bando de salteadores onde encontra uma jovem prisioneira. Por fim, fogem ambos e tudo acaba em bem no meio da felicidade geral, com castigo dos bandidos. Rocha Vieira foi ainda o autor de outras bandas desenhadas deste género, com apenas algumas variantes nos locais de acção e na nacionalidade das personagens ([90]). Quanto ao mais, as histórias permanecem inalteráveis, umas mais extensas, outras menos, mas as funções das personagens são sempre as mesmas: ao herói impõe-se uma interdição, a interdição é transgredida, entra em contacto com o agressor, deixa-se capturar por este, acaba por conseguir iludi-lo e fugir, pondo-se a salvo. Eram estes os ingredientes necessários. Para fazer variar aparentemente a história, bastava incluir um maior número de personagens e situações, o mais exóticas possível. Depois, para fazer prolongar a história fazia-se passar o herói pelas mesmas peripécias (quantas vezes fosse necessário) mas em situações diferentes ([91]). Terminando estas duas séries, Rocha Vieira colabora ainda com ilustrações e algumas bandas desenhadas até ao n.º 10 (8.3.1926), da segunda série, momento a partir do qual desaparece da revista. As histórias aos quadradinhos que Rocha Vieira fez para este periódico a seguir à publicação de «As Aventuras de Jorginho», são muito mais simplificadas e sem grandes variações do estilo utilizado, por exemplo em «Trombone e Fumeiro» (fig. 35), que é das suas melhores histórias a preto e branco, ou de «Ó da Guarda! Ladrões!» n.º 92 [23.6.1927], p. 5.

Assinada com o seu nome, a primeira banda desenhada de Stuart Carvalhais foi «Quinquim e Raimundo os Meninos Magnéticos» (fig. 36), no n.º 8 (6.2.1922), pp. 12 e 13. As personagens baseiam-se indubitavelmente no «Quim e Manecas», só que agora invertidas. Encontramos o «mano Raimundo, mais velho, mais sabedor» mas também alto e magro, ao contrário das histórias de «Quim e Manecas» onde a personagem inteligente era o Manecas, boneco baixinho e gordo.

([90]) «O filho do Rajá», do n.º 9 (21.2.1922) ao n.º 22 (Natal, 1922), com XVI capítulos, que continuou com o título de «Aventuras na Misteriosa Índia! O Tesouro do Fakir [...]», do n.º 29 (1.1.1923) ao n.º 40 (18.5.1923), por mais dez capítulos. O texto destas histórias começou por ser da autoria de Pedro Gomes, passando depois para o Tio X, acaso pseudónimo do mesmo autor.

([91]) Vladimir Propp, na sua *Morfologia do Conto* (Lisboa, Editorial Vega, 1983), fez um estudo análogo, muito interessante, das funções das personagens nos contos fantásticos infantis.

A B C-ZINHO

I PARTE — O MOINHO ABANDONADO

António e Jorginho passavam as férias numa casa dos arredores de Lisbôa. Todas as tardes, depois de jantar, costumavam dar grandes passeios para as bandas dos moinhos arruinados, passeios de que regressavam já ao escurecer. Uma vez, porém, tendo-se demorado mais, entretidos como

estavam, quando pensaram em voltar para casa já o sol tinha desaparecido havia muito e a noite baixava rapidamente. Puseram-se a caminho. Deu-se, porém, um incidente que veiu aumentar o receio, já grande, dos dois irmãos: é que pára um dos moinhos que êles supunham desabitados,

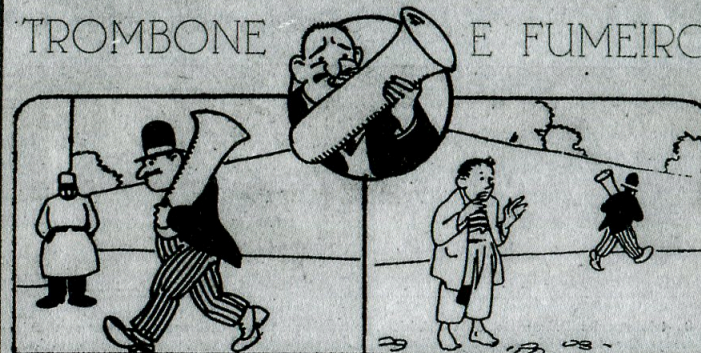
como os outros, entravam agora uns homens de má catadura, carregando ás costas volumosas sacas. Não precisaram os dois irmãos de trocar impressões: compreenderam logo o que se passava e que não deviam ficar ali por mais tempo, pois se arriscavam a ser vistos por aquêles homens que deviam

Pag. 22

Fig. 34

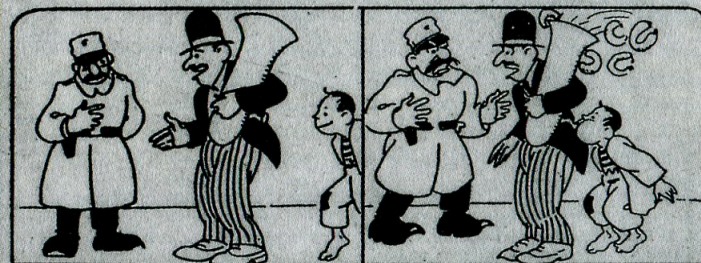



Fig. 35

A fisionomia de Manecas é aqui utilizada no Quinquim, irmão mais novo de Raimundo. Quanto ao desenho, o estilo de Stuart mantém-se: as personagens conservam o mesmo tipo de fisionomia e o mesmo género de indumentária. A história é-nos contada em sete quadradinhos, com doze legendas assíncronas com os desenhos, encontrando-se a narrativa icónica adiantada em relação ao texto. Ao apontar-se esta história como sendo a primeira desenhada realmente por Stuart, não se quer dizer que dele não existam outras desde o primeiro número até ao n.º 8. De facto, a sua colaboração artística no *ABCzinho* iniciou-se no n.º 1 (15.10.1921), sendo ele o autor, neste e nos números seguintes, de diversas capas e ilustrações. Assim, por exemplo, calculamos que a banda desenhada «O Limpa Chaminés», publicada no n.º 1, tenha sido de sua autoria embora não se encontre assinada (92).

A colaboração de Stuart na banda desenhada do *ABCzinho* estende-se até ao n.º 71 (28.1.1924), quando foi publicada a sua última história deste género: «Como se faz um automóvel de luxo». Entretanto, publicou, entre outras: «Pobre Pancrácio Pompom Pançudo Pereira» (fig. 37), onde se pode encontrar, aliado a um requintado sentido de humor e a um grande preciosismo, o seu traço característico; «Quê Lindo Êlêvádô» (fig. 38), com apenas três vinhetas rectangulares verticais, de excelente qualidade técnica e onde utiliza um balão; «Mais uma Aventura do Célebre John Bife — Os Espelhos Mágicos», banda desenhada copiada do jornal inglês *The Tatler* (desenhador Batman). De «John Bife» já tinha sido publicada no n.º 4 (5.12.1921), pp. 9-13, «Limpeza por Aspiração».

Stuart colaborou ainda com cinco bandas desenhadas assinadas sob o pseudónimo de Albino, mas com um estilo em tudo semelhante às demais. Salientem-se destas, as duas publicadas no n.º 5 (19.12.1921) e 6 (2.1.1922), respectivamente nas páginas 22 e 14, fazendo publicidade interessante e pouco usual à marca de chocolates «S. I. C.» (fig. 39). Stuart conta-nos em sete quadradinhos e um desenho final a história de Justiniano Simplício Taumaturgo da Costa que, depois de muito ponderar sobre aquilo que deveria oferecer à sua noiva, D. Rubicunda Formusina Engrança da Silva Gama, descobre que o presente ideal seria chocolates da «S. I. C.». Por baixo dos desenhos encontra-se o texto, comentando-os e fazendo a apologia dos chocolates. No desenho final observa-se Justiniano, tendo à sua direita uma pilha de caixas de chocolate e à sua esquerda um monte de corações, provavelmente também de chocolate. Justiniano encontra-se cantando uma pequena canção elogiando a «S. I. C.» e apontando para a sigla desta marca.

No n.º 7 (16.1.1922), surge a história «Altos Feitos de Zé Pitosga» (fig. 40), com ilustrações de Alfredo de Morais sobre texto de Maria

(92) Informação do Dr. A. Dias de Deus.

Fig. 36-A

Fig. 36-B

A B C-Zinho

POBRE PANCRACIO POMPOM PANÇUDO PEREIRA!

C. F. L.

STUART.

Muito triste é ser-se assim gordo desta maneira! Vejam que desgraça! Na plataforma de traz: catrapuz!... Catrapuz se vai para ao pé do guarda-freio!... E se entra p'ra se sentar: Zás! parte-se o carro pelo meio!

Pag 2

Fig. 37

Fig. 38

A B C-Zinho

O dia de Natal não é um dia como outro qualquer. É preciso portanto que o leitor «crescido», (se acaso o não faz todos os dias do ano) se levante bem disposto, leia o seu «A B C», «A B C-A-RIR» e «A B C-ZINHO», tome o seu banho, faça o

seu bocado de ginástica, tome [um trensinho e... (isto é que é o importante!) vá a uma dessas elegantes casas onde se toma chocolate e tome uma chaveninha do esplendido, reconfortante, salutar e tudo que se possa dizer de bom do chocolate da...

Pag. 22

Fig. 39

Paula de Azevedo, pseudónimo da escritora Joana de Távora Folque do Souto (1881-1951). Esta história aos quadradinhos tem aspecto semelhante à banda desenhada de Rocha Vieira já aqui referida: apresenta quatro vinhetas por página, encontrando-se o texto sob os desenhos. Alfredo de Morais introduziu, porém, algumas diferenças significativas em relação ao desenho de Rocha Vieira. As aventuras de Zé Pitosga, que nos contam as peripécias de um jovem que tenta impedir que os submarinos alemães ataquem os barcos portugueses — a acção passa-se possivelmente durante a I Guerra Mundial —, saíram no n.º 7 e no n.º 8 (6.2.1922). Alfredo de Morais publicou ainda, no n.º 9 [21.2.1922], as «Aventuras Maravilhosas do Príncipe Malfadado», sobre argumento de Rodrigo de Oliveira.

Emérico Hartwich Nunes iniciou a colaboração no *ABCzinho*, em 1922, sendo a sua primeira banda desenhada publicada no n.º 7 (16.1.1922), com o título «Nos Ninhos não se toca» (fig. 41). De desenho muito simples e feição moralista, é uma história em seis vinhetas, distribuídas por duas páginas. Os desenhos encontram-se colocados no lado esquerdo da página, estando o lado direito ocupado pelo texto. Este é constituído por duas quadras para cada desenho. A banda conta a história de dois rapazes que decidem atacar um ninho, para dele retirarem as avezinhas recém-nascidas. Contudo, ao subirem para a árvore, caem sobre uns cactos, ficando cheios de picos e aparecendo, no fim da história, de cama, repletos de ligaduras, vendo-se a ave--«mãe» à janela, gozando-os. As bandas desenhadas de Emérico Nunes, publicadas posteriormente no *ABCzinho*, seguem o mesmo estilo. A última história aos quadradinhos de sua autoria surgiu no número 69 (14.1.1924), intitulando-se «O Tótó da Dona Bisbilhoteira», com texto de Teresa Leitão de Barros (1898-1983). A partir de 1924 desapareceu a colaboração de Emérico Nunes no *ABCzinho*, devido a ter partido para Munique.

Imediatamente após a saída de Emérico Nunes, surgiu um novo desenhador, Carlos Botelho ([93]), que iria desempenhar acção preponderante ao longo de grande parte da vida desta revista. A sua colaboração efectiva estendeu-se desde o n.º 68 (7.1.1924) da 1.ª série até ao n.º 175 (13.5.1925) da 2.ª série, data em que apareceu a sua última banda desenhada assinada. Porém, cremos que a participação de Botelho se prolongou até ao n.º 200 (4.11.1929) da 2.ª série — época em que começaram a dominar as ilustrações de Ilberino dos Santos — embora apenas com bandas desenhadas não autenticadas.

No n.º 68 Carlos Botelho publicou a sua primeira banda desenhada, «Um Caçador de Patos... Mansos» (fig. 42), sobre versos de Teresa

([93]) Na verdade, as bandas desenhadas aparecem assinadas «N. Botelho». Fizemos a ligação a Carlos Botelho devido ao facto de a assinatura das histórias aos quadradinhos ser idêntica à deste pintor.

ALTOS FEITOS DE ZÉ PITOSGA

Conto de Maria Paula de Azevedo — Ilustrações de A. Morais

ZÉ PITOSGA SAIU DA SUA TERRA EM BUSCA DE AVENTURAS. CHEGA A LISBOA. DEPOIS DE MUITAS PERIPÉCIAS, O NOS O HEROI FOI LEVADO PARA BORDO DUM SUBMARINO, DE ONDE FUGIU, SENDO RECOLHIDO A BORDO DE UM NAVIO PORTUGUÊS ONDE SE ENCONTRA

(1) Pela segunda vez na sua vida, Zé Pitosga foi tirado do mar sem sentidos. Mas, agora bastou o primeiro gole de aguardente para o fazer levantar a cabeça, olhar em redor e recordar-se vivamente do que se estava passando.—O capitão do navio? O comandante? Chamem-no depressa! gritou êle com fôrça aos marinheiros espantados.—Para quê, fedelho? perguntou um velho contramestre com

(2) curiosidade. Julgas que êle não tem nada que fazer a bordo? Não se chama o comandante como quem chama um grumete. — Chamem-no depressa, insistiu Zé Pitosga, levantando-se — ou digam-me onde êle está que eu tenho de o prevenir dum perigo: Eu sei onde está um submarino alemão! Os marinheiros riam-se, incrédulos; mas Zé Pitosga, correndo pelo convez escuro, em riscos de partir a

(3) cabeça, chamava com voz abafada e angustiosa: «oh! sr. comandante!» Quando passava deante de uma cabine abriu-se a porta bruscamente e um homem alto, de cara rapada e olhar severo preguntou: Que há? Quem me chama? O que se passa?! Zé Pitosga parou, intimidado; e o comandante, não o conhecendo, cada vez menos compreendia o que se passava.—Fala, rapaz; de onde surgiste a estas horas da noite e o que me queres? Zé Pitosga viu um olhar bondoso e inteligente sob a espessura das negras sobrancelhas; e lembrando-se de que o seu

(4) acto nada tinha de repreensível, podendo talvez contribuir para salvar portugueses, firmou a voz e disse com fôrça:—Aqui perto está um submarino alemão, que vai fazer mal aos navios portugueses: Eu sei! Eu fui apanhado por êles, e nadei até chegar aqui...—O comandante, impressionado, pegou no queixo do rapazinho para melhor lhe prescrutar a fisionomia e o olhar.—Como é isso possível, petiz? Tu fugiste de bordo de um submarino?...—Sr. comandante, eu nunca minto; e olhe que não há tempo a perder. Eu depois conto

Fig. 40

Fig. 41-A

Fig. 41-B

Leitão de Barros. Até ao n.º 81 (7.4.1924), as suas bandas desenhadas resumiam-se a pequenas histórias, nunca ocupando mais de uma página. Neste número surgiu, porém, a sua primeira série: «Aventuras de Zabumba, Bumba e Zaranza» (fig. 43), cujas personagens eram três velhos lobos do mar, «piratas do ar, terra e mar». Executada nos mesmos moldes de todas as outras séries anteriormente apresentadas pelo *ABCzinho*, constava de quatro vinhetas por página, cada uma a encabeçar um extracto do texto original. Esta história, com um grafismo excelente, estava dividida em cinco capítulos, do n.º 81 (7.4.1924) ao n.º 85 (5.5.1924), ocupando duas páginas por número. Decorreu novo período (até ao final da primeira série) em que Botelho se dedicou exclusivamente à execução de pequenas histórias sem continuação; com o título de «Surpresas da Fotografia» publicou quatro histórias aos quadradinhos, relatando algumas cenas passadas com fotógrafos. Apareceram ainda, deste desenhador, duas outras bandas desenhadas, intituladas «Ninguém faça mal», de carácter moralista. No n.º 90 [9.6.1924], Carlos Botelho publicou «Zé Pacóvio no Museu», servindo-se da personagem Zé Pacóvio, que era utilizada por António Cardoso Lopes nas suas histórias.

Logo no n.º 1 (4.1.1926) da 2.ª série, Botelho começou a publicar a primeira de um conjunto de séries, com as quais se tornou quase o único ilustrador do *ABCzinho*: «As Estupendas Aventuras do Pirilau que vendia Balões» (fig. 44*). Esta história fora originalmente desenhada por Cottinelli Telmo para o *ABC*, tendo sido também este arquitecto o autor do argumento — note-se aliás, que o nome do herói (Pirilau) coincide com o pseudónimo frequentemente utilizado por Cottinelli Telmo (Tio Pirilau). Agora, porém, Carlos Botelho, certamente autorizado por Telmo (director do *ABCzinho*) redesenhou toda a história. As aventuras de Pirilau abrangeram 14 números (n.º 1 — 4.1.1926 ao n.º 14 — 5.4.1926), num total de XIV capítulos, ocupando 20 páginas. Ainda não tinha acabado a publicação de «As Estupendas Aventuras do Pirilau que vendia Balões» e já começara uma outra série de autoria de Botelho, intitulada «Punhos de Bronze o Terror do Ring» (fig. 45) ([94]), cuja publicação durou do n.º 10 (8.3.1926) ao n.º 36 (6.9.1926), num total de 26 capítulos de uma página cada. Esta história apresentava uma técnica próxima da anterior, sendo o desenho muito geométrico e preenchedor da vinheta, isto é, com as personagens do tamanho dos próprios quadradinhos. Além disso, os desenhos apresentavam grande falta de profundidade, vendo-se apenas a acção que decorria perto do observador e desprezando-se a paisagem de fundo. Eis uma característica que acompanhará Carlos Botelho ao longo das suas bandas desenhadas. Cada página possuía nove vinhetas quadrangulares, encontrando-se o texto sob estas. A his-

([94]) Esta série encontra-se assinada por Carlos nos três primeiros capítulos.

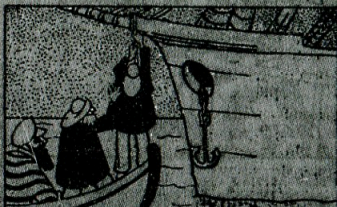
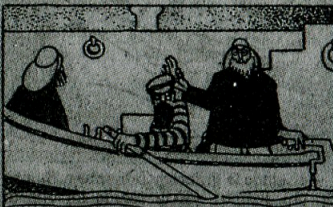
Fig. 42

AVENTURAS DE ZABUMBA, BUMBA E ZARANZA

PIRATAS DO AR, TERRA E MAR! LEIAM—

Estavam os três reùnidos: Zabumba, Bumba e Zaranza, os três velhos lobos do mar, habituados ao convívio das ondas e dos peixinhos.

Que grandes patifotes! Se os leitores soubessem o que êles planeavam... — «Ha de ser hoje mesmo!» dizia Zabumba — «Hoje mesmo!» concordava Bumba — «Vejam lá, rapazes!» insinuava Zaranza. — «Já lhes disse: hoje mesmo! Tomamos de assalto o barco e passaremos a ser uns reis em ponto pequeno! Não custa nada! Tenho o plano todo na cabeça. E uma vez ao largo, navegaremos em direcção a um sítio que eu cá sei! E não haverá navio que nos escape! Seremos os maiores piratas de todos os tempos e mais ricos que o Rei das Latas de Atum Vazias! Acompanhem-me!»

Bumba e Zaranza acompanharam Zabumba. Chegaram à borda da muralha. Lá estava o barco cobiçado, a umas dezenas de metros.

«— Toca a subir para a carruagem!» continuou Zabumba.

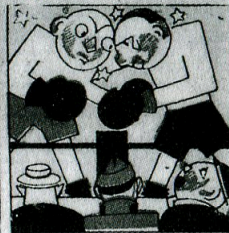
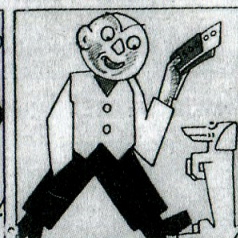
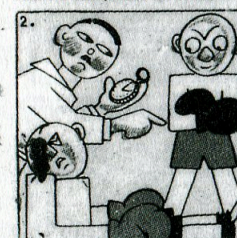
«Isto vai com todos os preceitos!»

«— O navio ha de ser nosso!» dizia Bumba todo entusiasmado. — «Caluda que podem ouvir», lembrava Zaranza, todo trémulo. — «Quem tem medo, que compre um cão! Não queremos aqui creanças de mamã!» disse Zabumba àsperamente. Saltaram para uma chata e dirigiram-se muito pacatamente para o barco que estava lá adeante...

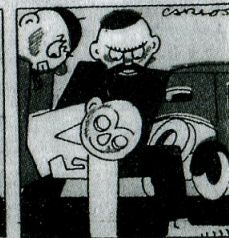
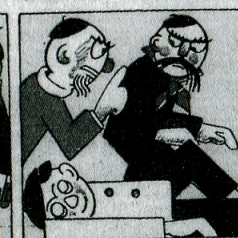
De bordo ninguem os viu. Aquela hora estavam todos a descançar, segundo parece. O certo é que os nossos três amigos acostaram à prôa do barco e, tendo encontrado uma corda pendente, treparam por ela e puzeram os pés lá em cima enquanto o diabo esfrega um olho! Ninguem aparecia!

Fig. 43

PUNHOS DE BRONZE O TERROR DO RING

1.º Episodio — Vencedor e vencido

O leitor, que gosta de mistérios e de valentias, vai ter ocasião, ao lêr estas aventuras, de PUNHOS DE BRONZE, de ficar completamente... bébézinho por eles. Nadará em pleno enigma! Surprêsas sôbre surprêsas! Pontos de interrogação! Problemas detectivescos! Pasmo geral! — Bocas abertas!... Encontramos Punhos de Bronze, o terror dos boxeurs, a caminho do Coliseu, onde vai ter lugar um combate entre êle e o campeão Lagostim — Punhos de Bronze, de nacionalidade desconhecida, vai só; apresenta-se só por tôda a parte; não traz entrenadores nem empresários — ninguem! Trabalha parece que para ganhar a vida; aparece pouco, a não ser no ring — e esconde um pouco a sua origem, o seu passado, o seu nome... Lagostim, o temivel campeão português dirige-se tambem para o local do combate. Disputa-se um prémio de cinco contos de reis — nada menos! A multidão enche a vasta sala de espectáculos. — A's 23 e 20 minutos, depois de pequenos combates, sôa o *gong* — ás 23 e 30 está a vitória do lado do formidavel Punhos de Ferro, que passeu dez minutos a brincar com o adversário! O público, embora desejasse que a vitória coubesse a Lagostim, não póde conter-se e desata às palmas e aos vivas. Realmente o boxeur merece bem o titulo de *Terror do ring!* Querem levá-lo em triunfo, mas êle esquiva-se e desaparece logo. Parece que não quere mostrar-se muito... Chegado ao camarim, despede-se dos que o secundaram e veste-se rapidamente, guardando bem as notas que da parte do empresário lhe fôram entregues.

— Que fazes por aqui, pequeno? diz, dirigindo-se a um càozito que se introduziu à socapa no camarim. E's talvez mais feliz do que eu. Este dinheiro e todo o que tenho ganho não me dão a felicidade! Estaria *alguns dêles* entre os espectadores? Ou terão perdido a pista?... Ah, Sing-Wu-Lo! Em bonita camisa de onze varas me metest...!..

Tudo isto é incompreensivel para o leitor. Punhos de Bronze tem o defeito de dizer as coisas por meias palavras e o autor dêste formidando romance gosta de vêr o leitor *sôbre brasas!*...

Punhos de Bronze saiu do Coliseu e dirigiu-se para a Avenida da Liberdade, que começou a subir. Estava uma noite explêndida — tam explêndida que nos desenhos parece dia! Ia cabisbaixo, pensando na sua vida. Quando cruzava com qualquer transeunte escondia a cara e fazia menção, instinctivamente, de se pôr na defensiva. Outras vezes olhava, desconfiado, para uma silhueta que passava à distância...

Punhos de Bronze receava — parece — ser atacado. Não era pelo dinheiro, com certeza, nem porque tivesse medo de se defrontar com qualquer. O seu receio tinha um fundamento *distante!*...

Quando chegava pelas alturas da Rotunda, *deu se o assalto!* Vieram, direitos a êle, dois tipos de mau aspecto e disseram-lhe: *O Dragão não morreu! As suas garras estendem-se pelo Mundo fóra!*...

Punhos de Bronze empalideceu!... Quis fugir, quis saltar sôbre os atacantes mas as pernas tremiam-lhe. Com um sôco, um dêles estendia-o! Levaram-no... *(Continua)*

Fig. 45

Fig. 46

tória em si encontrava-se bem construída, criando no leitor um misto de *suspense* e ansiedade, ao contar as mirabolantes aventuras de um *boxeur*. A acção decorria, primeiramente, em Lisboa, passando depois para os Estados Unidos da América. Foi a primeira banda desenhada de Botelho cujo herói abandonou a pátria, forçada ou voluntariamente.

Tendo acabado a feitura desta série, e encontrando-se os últimos capítulos a serem publicados, Carlos Botelho iniciou a publicação de uma outra: «Viagens Maravilhosas de Sanchinho Papafigos» (fig. 46), de carácter onírico, em 14 capítulos (n.º 34 — 25.8.1926, ao n.º 47 — 22.11.1926). Relatava com o estilo já indicado as aventuras de um menino (Sanchinho Papafigos) no mundo dos brinquedos.

No n.º 48 (29.11.1926) surgiu uma excelente série em banda desenhada, também da autoria de Botelho: «A Grande Fita Americana» (fig. 47 e capa) ([95]), cuja acção decorre por 28 capítulos (n.º 48 — 29.11.1926 ao n.º 65 — 4.4.1927), e tendo como cenário novamente os Estados Unidos da América. Tratava-se da odisseia de uma companhia de cinema, dirigida pelo Sr. Samuel que se encontrava a realizar um filme. Este despedia, no primeiro episódio, dois dos seus actores (o China e o Mexicano) que, a partir de então, se tornaram inimigos da companhia, tentando, por todos os meios, sabotá-la.

Esta história aos quadradinhos assumia diversas características que a tornaram diferente de todas as outras feitas por Botelho. Primeiramente, deixou de ser dividida em quadrículas iguais e uniformemente distribuídas pela página, para passar a apresentar uma divisão que surgia, um pouco à medida do decorrer da acção e da cena que o autor queria delimitar. A vinheta deixou de ser quadrangular (ou rectangular) para surgirem as formas geométricas mais diversas, desde o círculo à elipse, passando por quadrados, rectângulos, trapézios, etc., e assumindo os mais diversos tamanhos. Os desenhos deixam de ser essencialmente estáticos, para passarem a apresentara alguns *signos cinéticos* ([96]). Carlos Botelho começou, nesta banda desenhada, a utilizar muitas técnicas das modernas histórias aos quadradinhos. Note-se, por exemplo (fig. 48), as cenas três e quatro em que, na primeira, nos mostra Miss Bijou aterrorizada, enquanto, na segunda, podemos ver aquilo que a assusta, utilizando, para isso, uma vinheta circular contida no terceiro desenho. Estes pequenos pormenores utilizados por Carlos Botelho tornam esta banda desenhada muito interessante e inovadora.

([95]) Os primeiros capítulos desta série não se encontram assinados. Botelho apenas passa a assinar a banda desenhada no capítulo V (n.º 52 — 27.12.1926).

([96]) Definem-se como *signos cinéticos* todos aqueles artifícios de desenho que servem para dar a ilusão de movimento.

N.º 48 — 2 - 11 - 1926 (2.ª Serie) 12 PAGINAS DEP. LEG. PREÇO: UM ESCUDO

SAI ÀS 2.as FEIRAS
COTTINELLI TELMO
CARLOS FERRÃO

ABCZINHO

DIVERTE ★ EDUCA

LEIAM ESTE GRANDE ROMANCE COMIÇO DE AVENTURAS! COMEÇA HOJE!

A GRANDE FITA AMERICANA — I — O ATAQUE AO EXPRESSO

A grande companhia toma lugar no expresso. Há simplesmente um contratempo: é que o *China* e o *Mexicano* ainda não apareceram, faltando, portanto, à hora marcada! O *Sr. Samuel* anda aflitíssimo da sua vida.

— Êsses malditos são capazes de me estragar a fita! E é que já ma estragaram! Mas não faz mal: eu os ensinarei!

Os outros todos estão contentíssimos! O *Grande Roberto*, sabem? — gosta muito da *Miss Bijou*, porque ela é muito bonita; e ela também gosta muito dêle, porque êle também é muito bonito. Todos são muito amigos uns dos outros, esta é que é a verdade. Só o *China* e o *Mexicano* é que são os desmancha prazeres! Ah! Até que enfim! Êles aí estão! Apareceram finalmente!

— Meus senhores! disse o *Sr. Samuel* — estão despedidos da companhia! — Despedidos? fizeram êles. Ah! — Despedidos, sim senhor! e o *Sr. Samuel* virou-lhes as costas.

— Deixa estar meu menino que nós te arranjaremos! ameaçaram os dois, e como sabiam que não faziam farinha porque podiam levar muita pancada, foram-se embora. O expresso apitou e... partiu. Ora muito bem. Até aqui não há

(Continua na pag. 6)

Fig. 47

N.º 56 — 24-1-1927 (2.ª Serie) 12 PAGINAS PREÇO: UM ESCUDO

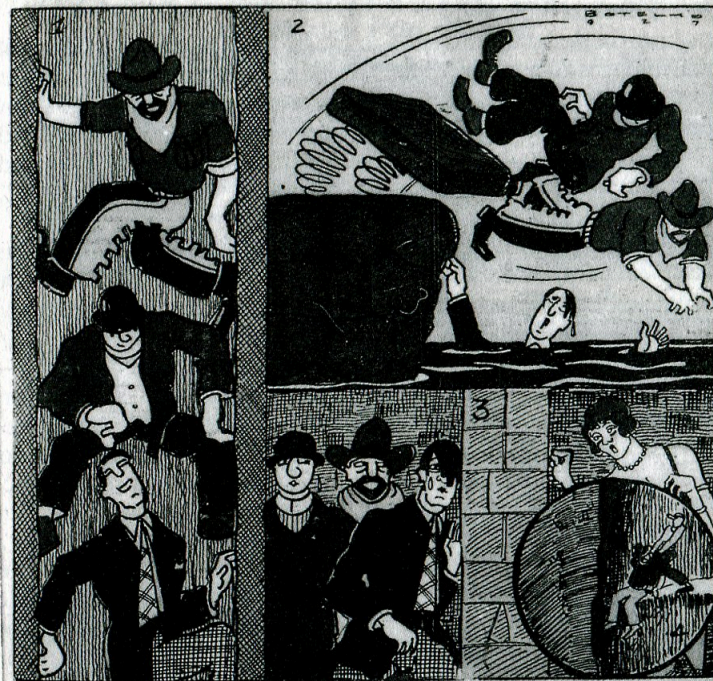
SAI ÀS 2.as FEIRAS
DIRECTOR
COTTINELLI TELMO
EDITOR
CARLOS FERRÃO

Redacção, Administração e Comp. — R. do Alecrim 16, Impr. — 1-C, R. da Luta, 1-D. LISBOA

ABCZINHO

DIVERTE ★ EDUCA

LEIAM ESTE GRANDE ROMANCE COMIÇO DE AVENTURAS!

A GRANDE FITA AMERICANA — IX — O SUBTERRANEO DAS AGUAS NEGRAS

Roberto Brutamontes e *Côquinho* aproximaram-se do carvalho ôco e penetraram pelo buraco aberto no tronco, isto, é claro, com tôda a cautela, não se tratasse de alguma emboscada! O interior da árvore não se póde dizer que fôsse confortável, mas via-se bem que estava preparado para qualquer fim misterioso, pois além de estar «forrado a papel» tinha umas barras de ferro pregadas que certamente deviam servir de degraus. Esqueci-me de lhes dizer que a árvore além de ser ôca acima do chão, se prolongava pela terra dentro num poço tam fundo que nem se via nada lá em baixo.

Os três amigos agarraram-se aos degraus e toca a descer cautelosamente. Fôram descendo, descendo sempre, descendo... descendo... Estava escuro como breu. — Acende a luz, *Brutamontes!* — disse *Roberto*.

Brutamontes acendeu uma lanterna eléctrica que trazia consigo. Fôram descendo... descendo... Nisto... *Roberto*, que era quem ia no fim grita: — Ai que já não há mais degraus.

— O' diacho! — disse o *Côquinho*.

— O' diacho! Esperem! disse *Roberto*. O chão está muito perto! E' um pulo apenas de dois metros... Saltemos! *Roberto* deixou-se cair... Ah! Ele a tocar no chão e logo a saltar como uma bola pelo ar! *Brutamontes* e *Côquinho*, largaram-se tambem... Ah! Oh! Pan! Eles a to-

(Continua na pág. 2)

Fig. 48

O autor faz ainda uso, nesta história, de diversos tipos de *planos* (97), apresentando as cenas ora mais próximas ora mais afastadas do leitor, e chegando mesmo a focar pormenores. Saliente-se, também, que o texto não se encontrava sobre cada desenho, mas sim sobre o seu conjunto.

Encontrando-se «A Grande Fita Americana» no capítulo X (n.º 57 — 31.1.1927), Botelho retomou a feitura de pequenas histórias, publicando-as — uma por cada número — até ao n.º 66 (11.4.1927), data em que iniciou outra série: «O Zuncha, Artista de Circo» (fig. 49), «nova série de aventuras de um garoto de 12 anos», em que um rapaz, fugindo de seu padrasto, que o maltratava, e ingressando no mundo do circo, se envolvia em diversas aventuras, percorrendo os Estados Unidos e a Rússia bolchevista.

Esta história de banda desenhada mostrou-se inovadora, não tanto pelo grafismo, como a anterior, mas no facto de utilizar apenas balões. Quanto ao resto, Botelho manteve o seu estilo de desenho e os nove quadradinhos por página. Tratou-se, também, da banda desenhada mais longa deste desenhador, e a mais longa alguma vez publicada pelo *ABCzinho*, pois estendeu-se por 28 números (n.º 66 — 11.4.1927, ao n.º 93 — 17.10.1927), num total de 49 capítulos.

No n.º 89 apareceu, também desenhada por Carlos Botelho, a história «Tonio e Zeca, os Destemidos» (fig. 50), com sete capítulos apenas (n.º 89 — 19.9.1927, ao n.º 95 — 31.10.1927), mas que apresentava uma técnica gráfica brilhante. Mais uma vez as personagens surgiam movimentando-se fora da pátria — novamente nos Estados Unidos — e, mais uma vez, eram corajosas crianças. Note-se, a título de exemplo, a quantidade de perigos que surgem a estes pequenos aventureiros logo na primeira prancha da história: começam por ser atacados por uma onça; logo de seguida surge um jacaré; depois, um macaco atira-lhes com algo; por fim, surge uma «grande tempestade». Como se vê, aparece uma situação perigosa quase em cada quadradinho...

Demonstrando uma grande capacidade de trabalho, Carlos Botelho continuou executando séries de banda desenhada sucessivamente, embora começando a demonstrar certa tendência para as encurtar, devido, talvez, à falta de tempo que a sua condição de desenhador, pintor e decorador lhe provocou. Publicou ainda séries como: «Aventuras Assombrosas dum Inventor» (n.º 94 — 24.10.1927 ao n.º 99 — 28.11.1927) cuja história girava em torno da tentativa de capturar um monstruoso *robot* inventado por um sábio; «O Herdeiro do Trono»

(97) Os planos, em banda desenhada, encontram-se definidos à semelhança do cinema, havendo grandes planos, planos americanos, planos contrapicados, planos picados, etc. Sobre este assunto consulte-se, por exemplo, Maria Helena Duarte-Santos, *et alii, Contrapicado. Banda Desenhada e Ensino do Português*, Coimbra, Atlântida Editora, 1979.

Fig. 49

89—19-9-927 (2.ª Serie)
12 PAGINAS
PREÇO: UM ESCUDO
Sai às 2as feiras
Director: Cottinelli Telmo
Editor: Carlos Ferrão
Red. e Administração e composição: R. do Alecrim, 65.
Impresso em Lisbôa
ABCZINHO
DIVERTE ★ EDUCA
NOVAS AVENTURAS DE DOIS RAPAZES NA CALIFORNIA
TONIO E ZECA, OS DESTEMIDOS
TONIO E ZECA - DOIS RAPAZES PORTUGUEZES - VIVIAM COM SEU PAI, EXPLORADOR DE MINAS NA CALIFORNIA. UMA NOITE UMA TRIBU DE INDIOS SELVAGENS ROUBOU-LHES O PAI - SEM DEMORA, CONTRA TODOS OS PERIGOS...
ELES VÃO EM SUA PROCURA. POREM, MAL TINHAM EMBARCADO NA PIROGA - UMA ONÇA TERRIVEL, LANÇOU-SE SÔBRE ZECA...
FELIZMENTE, A ONÇA NEM SEQUER O FERIU, FAZENDO-O, SÓ, TOMAR UM BANHO E UM GRANDE SUSTO. POR SUA VEZ, AFASTADO ÊSTE PERIGO SURGIU OUTRO: UM ENORME JACARÉ APROXIMAVA-SE
MAS TONIO, SEM MAIS TIRTE NEM GUARTE, DESCARREGOU-LHE SÔBRE O FOCINHO UMA FORTE PANCADA COM O REMO, QUE O DEIXOU ATORDOADO.
A ONÇA EM PRESENÇA DO JACARÉ, SAÍU DO RIO E LANÇOU-SE PELO MATAGAL - ZECA E TONIO MAIS SOCEGADOS SEGUIRAM O...
SEU CAMINHO, REMANDO A BOM REMAR. MAS AS PERIPÉCIAS SUCEDIAM-SE E PASSADOS MINUTOS ZECA RECEBIA UMA PANCADA MISTERIOSA NA CARA...
TONIO QUE VIRA UM MACACO ATIRAR COM UMA MANGA AO IRMÃO DEPRESSA O ACALMOU...
NESTAS REGIÕES TUDO ERAM PERIGOS E SÓ O GRANDE AMOR AO PAI OS FAZIA DEFRONTÁ-LOS
O CEU FOI-SE ENEVOANDO E EM BREVE SE DESENCADEAVA UMA GRANDE TEMPESTADE. PARA NÃO SOSSOBRAREM FIZERAM ESFORÇOS SOBREHUMANOS
CONTINUA NO PRÓXIMO NUMERO

Fig. 50

ABC-ZINHO
UM CAVALO DE TROIA MODERNO
CINE
O CAVALO DE TROIA
FOX FILM
CINEMA
1 — O Farroupilha, ladrão de largo cadastro, gostava muito de ir ao cinema. Certa noite ia «O Cavalo de Troia» no Cine do bairro, e o nosso amigo comprou uma «giral» e instalou-se. Eram dez partes! . . .
2 — Os leitores conhecem a história do «Cavalo de Troia ? ! . . . » Os gregos não tinham conseguido entrar em Troia: arranjaram aquele cavalo de pau e esconderam alguns dos seus homens lá dentro da barriga dêle. Os troianos . . .
3 — . . . julgando que aquilo era um presente dos Deuses, meteram o animal dentro da cidade — e de noite os que estavam escondidos na barriga saíram de lá e abriram as portas da cidade aos companheiros ! . . .
100 K.
10 H.P.
100 CONTOS
4 — «O' menino! Tenho cá uma idéa piramidal! Vais vêr! . . . » dizia êle no dia seguinte ao seu colega Zarôlho. Combinaram qualquer coisa, e dias depois passava pela estrada nacional, a caminho . . .
5 — . . . de Fornos de Algodres, o amigo Farroupilha, cavalgando num corcel de estranho aspecto. Chegaram pela noite a um Castelo quasi em ruínas onde morava uma velhota pôdre de rica . . . O Farroupilha pediu . . .
6 — . . . hospitalidade, o cavalo foi metido na cavalariça, e daí a umas horas já o nosso amigo jogava uma bisca com a proprietária do castelo . . . O «cavalo é que não perdera tempo: saindo da pele, meteu pelo palácio . . .
13
10 H.P.
PARIS
PRISÃO N.º 13
7 — . . . dentro, altas horas da noite, e fêz uma limpeza geral ao cofre da Condessa Cunegundes Basólia ! . . . Quem se lembrava agora do desgraçado cavalo que ficara na cavalariça ? . . . Antes . . .
8 — . . . de nascer o sol, já o Farroupilha se despedia da fidalga e montava no seu fogoso corcel . . . Catapim, catapim, catapim, sempre a galope, começaram a deixar cair as libras pelo caminho . . .
9 — Isto deu nas vistas e houve uns polícias que quiseram ver a qualidade do «pur-sang» e deram com a marosca ! . . . Cinco anos à sombra duma «árvore que dá limões!» E foi bem feito ! . . .
ASSINEM O ABC-ZINHO
Ano . . . . . 48$00
Semestre . 24$00
Trimestre 12$00
8

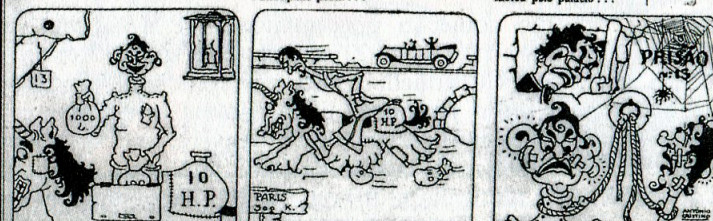



Fig. 51

(n.º 96 — 7.11.1927 ao n.º 102 — 19.12.1927), saga medieval relatando uma crise na sucessão de um trono; «Aventuras do Cow-Boy Gim Boy» (n.º 100 — 5.12.1927 ao n.º 107 — 23.1.1928); «Contos das Mil e Uma Noites» (n.º 108 — 30.1.1928 ao n.º 111 — 20.2.1928); «Zé Carequinha Polícia Amador» (n.º 112 — 27.2.1928 ao n.º 123 — 14.5.1928) que nos contava a história de um garoto com pretensões a detective que, como sempre, se envolvia em rocambolescas aventuras, que o levaram desta feita à China, durante a revolução comunista, e, entre outras, «Tão Balalão em Amesterdão» (n.º 129 — 25.6.1928 ao n.º 131 — 9.7.1928) alusiva aos Jogos Olímpicos de Amesterdão (1928), e à participação portuguesa neles.

«O Castelo das Rochas Negras» foi a última série de banda desenhada que Carlos Botelho publicou no *ABCzinho*, seguindo-se-lhe novo período em que este desenhador voltou a executar pequenas histórias, até ao ano de 1929, em que abandona a colaboração naquela revista, por ter partido para Paris, onde frequentaria diversas academias livres e aperfeiçoaria a sua técnica de desenhador.

Durante os cinco anos que Botelho colaborou no *ABCzinho* (1924-1929) dominou, quase por completo, a ilustração desta revista, tendo publicado nada mais nada menos do que 413 pranchas de banda desenhada. Foi, ainda, desde o primeiro número da 2.ª série (4.1.1926) o autor de quase todas as capas e contracapas.

Neste período de domínio de Carlos Botelho, e em especial a partir da 2.ª série, apenas um outro desenhador apareceu frequentemente, executando histórias aos quadradinhos para a página central: era ele António Cristino.

António Cristino começou por publicar, no *ABCzinho*, uma pequena história no n.º 9 [21.2.1922] da 1.ª série, quando era muito jovem. Já nessa época Cottinelli Telmo, ao legendar a banda desenhada, previu um futuro promissor para o jovem artista. No n.º 15 (1.6.1922), António Cristino teve publicada, na p. 12, uma nova banda, intitulada «Um Preto que Vê Azul e de todas as Cores», pronunciadora do estilo que a partir daí utilizaria. Na 1.ª série ainda contribuiu com «Castigo dum Açambarcador», publicada no n.º 35 (16.4.1923).

Iniciando-se a 2.ª série (1.12.1922), Cristino começa a colaborar mais assiduamente. Apareceu no n.º 44 (1.12.1926) com «Um Cavalo de Troia Moderno» (fig. 51), demonstrando já grande apuro técnico a par de um invulgar grafismo. Em série, estreou-se com «As Estupendas Façanhas do Cow-Boy Façanhudo» (fig. 52), em seis capítulos, do n.º 49 (6.12.1926) ao n.º 54 (10.1.1927). Executou seguidamente mais quatro pequenas bandas desenhadas e, no n.º 67 (18.4.1927), iniciou a publicação de uma nova série, intitulada «O Groom do Excelsior Hotel» (fig. 53*), história dividida em nove capítulos (n.º 67 — 18.4.1927), ao n.º 75 — 13.6.1927), onde o *groom* daquele hotel nova-iorquino se via metido em diversas aventuras, atrás dos ladrões das jóias de

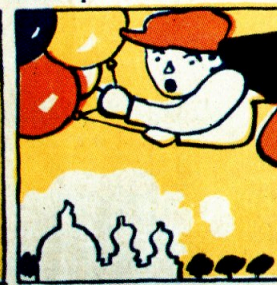
N.º 1 (2.ª SERIE-5.º ANO) 4-1-1926 PREÇO: UM ESCUDO

SAI ÁS 2.ªs FEIRAS
DIRECTOR- COTTINELLI TELMO
EDITOR CARLOS FERRÃO
Redação, Administração e Composição: R. do Alecrim, 65
Impressão: R. da Atalaia, 60
LISBOA

ABCZINHO

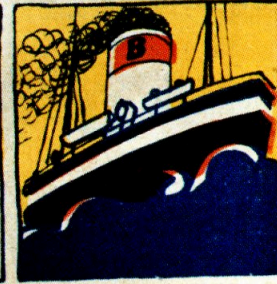
DIVERTE ★ EDUCA

As estupendas aventuras do Pirilau que vendía balões — I — A Aguia de maus figados

Que lindos balões que vendia o *Pirilau!* Azuis, amarelos, encarnados, ,
— O' mamã, compra um balão ao Pirilau? — diziam os meninos que passavam; e o *Pirilau*

vendia tudo quanto trazia. Um dia, porêm, desapareceu o *Pirilau.*
Era um dia de vento, um dia medonho. Ele vinha carregadinho, porque era domingo; e os

balões puxavam tanto por êle, tanto tanto, que conseguiram levá-lo por ares e ventos. Eia! que alto que êle ia!
Julgam que se importou? Não! Até achou

…ça! Ele estava já farto daquela vida. Queria aventuras como as que via no cinematógrafo. E voou, voou… voou, muito alto sem… … Mas uma águia…

…uma águia de maus figados, vendo aquele pássaro tam esquisito e aqueles balõesinhos de côres tam bonitas, ou porque julgasse que aquilo era bom para comer ou porque quisesse fazer

mal ao *Pirilau*… bum! bum! bum! desatou a rebentar os balões à bicada e o pobre *Pirilau* veiu por ali abaixo com uma velocidade de arrepiar os cabelos. Horror! Levou tanto tempo

…ir que, tendo-se isto passado de manhã… à noitinha é que avistou o mar, por baixo! … porque êle ia cair no mar! Minto! Passava … altura um vaaporzinho muito bonito, a

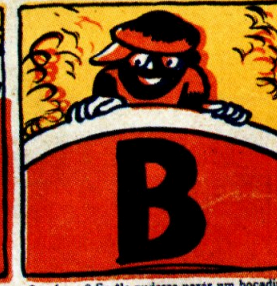
deitar muito fumo, e o *Pirilau* viu, com espanto, a sorte que o esperava.
A chaminé cada vez deitava mais fumo… Se êle enfiasse por ela, morria com certesa!

Que fazer? Se êle pudesse parar um bocadinho no ar e deixar que o vapor passasse… Impossivel! Cada vez se aproximava mais daquele inferno… Mergulhou no fumo, desapareceu, su-

Fig. 44*

ABC-ZINHO

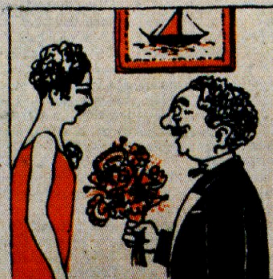
O GROOM DO EXCELSIOR HOTEL

I—LADRÕES DE JOIAS

1 —O Excelsior Hotel! New-York, 5.ª Avenida, 40 ascensores, 30 e tantos andares várias salas de baile, 10 orquestras sempre a tocar, teatro e cinemas proprios, etc, etc! Mais uma maravilha do do Mundo! Tôda a . . .

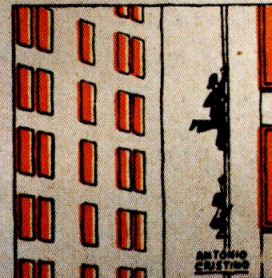
2 —. . . gente conhece o groom-chefe do do Excelsior: o Carrapêta, o pretinho sorridente, vivo, prestavel, esperto, que que tem a mania de ser Sherick Holmes! Ora acontece, que, na altura em que começa esta historia . . .

3 —. . . chegam ao Excelsior dois temiveis ladrões de joias, vindos lá do Canadá, e instalam-se no quarto n.º 13, mesmo ao pé do de Miss Bristol, a filha do conhecido milionario, a possuidora das mais belas joias . . .

4 —. . . da América! Tôda a gente o sabia! E a Miss, que gostava imenso do pretinho do Excelsior, tinha-lhe dito: Andam sempre, atrás de mim, creaturas à espera do momento de me poderem roubar . . . Aqui no Excelsior . . .

5 —. . . independentemente dos quatros detectives particulares que tenho sob as minhas ordens, ficas tu, Carrapêta, encarregado tambem de me defender e olhar pelas minhas joias! . . . O Carrapêta ficou cheio de orgulho! . . .

6 —Em breve a Miss Bristol recebia a visita de um dos ladrões, o Barbeirola, como lhe chamavam, que a entretinha com qualquer pretexto, enquanto o Linguiça, ao lado, se apossava dum magnifico colar de pérolas! . . .

7 —O nosso Carrapêta é que não dormia! Viu a scena, percebeu tudo; a visita do Barbeirola — tudo! E em vez de chamar os detectives particulares da Miss — que estavam a tomar cokteils no bar . . .

8 —achou que êle só bastava para perseguir e deitar a mão ao colar e ao Linguiça, que entretanto já se tinha preparado para saltar para a janela . . . O nosso Carrapêta abria porta a . . .

9 —. . . do quarto e enfiou direito à janela . . . e Linguiça subia agilmente pelo cano de zinco do algeroz do telhado . . . Carrapêta meteu-se afoitamente a trepar tambem . . .

(Continúa).

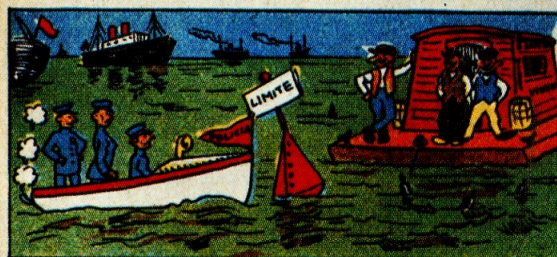
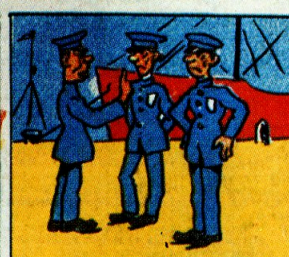
ASSINEM O «ABC-ZINHO». —FALEM DELE AOS SEUS AMIGOS E CONHECIDOS

7

Fig. 53*

AVENTURAS DE TRÊS MARÁUS

«— O senhor que se segue! — gritava a plenos pulmões uma voz de elefante constipado. E' chegar, senhores! Quem quer mata-bicho de quarenta e sete gráus e meio! O inferno numa garrafa! Vinho do Porto sem mistura, do tempo do marquês de Pombal! Salta um barril de whisky para o cavalheiro do S-33! A galope, isso! Desarrinca, Faz-Tudo! Avinça, Pencudo e viva o Peludo!...» E a trempe de espertalhões não tinha mãos a medir com a freguezia, em volta da estranha jangada fundeada em pleno Oceano, transformada em armazem náutico de vinhos.

E' que os três compadres que hoje temos o prazer de lhes apresentar, aproveitando-se

das leis severas que instituiram o regime sêco nos Estados Unidos, não acharam melhor negócio do que montar, em meio do mar e fora do limite das águas territoriais americacanas, um negociozinho ilícito de vinhos e espirituosos. A jangada-bar tornou-se o «rendez-vous» obrigatório duma clientela fiel e numerosa que se [illegible], à custa de muitos dollars, o luxo de infringir a lei proïbitiva, mesmo nas barbas da polícia, que voltava

sempre de mãos a abanar cada vez que fazia um pequeno «raid» para aqueles lados.

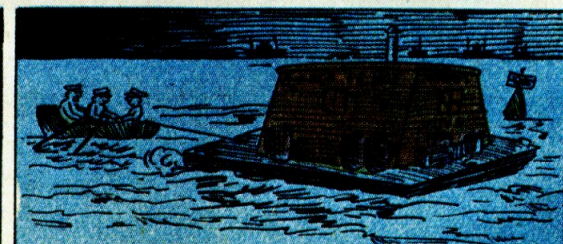
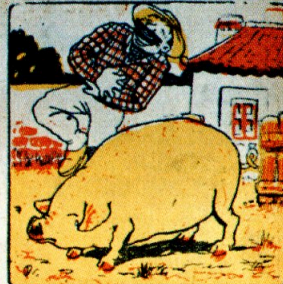
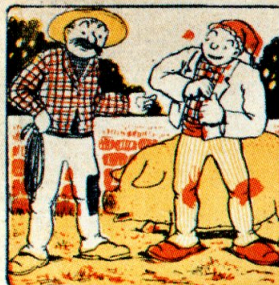
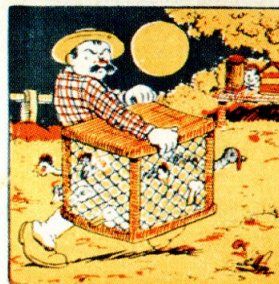
«— By Jove! — dizia certo dia em americano puro, um destes polícias, de volta de uma nova expedição sem resultado. Se àmanhã não deitar a unha àqueles patifes, tanto pior cá para o rapaz! Largo o emprêgo e ponho-me a assar castanhas! Mas eu tenho cá uma idéia!» Na noite seguinte, à sexta badalada da uma hora da manhã, um barco onde se viam três homens de bonés chatos,

largava surrateiramente do porto.» — Pouco barulho com os remos, ó gente! dizia uma voz abafada. Chegamos à meta. Stop!» O barco aproximava-se sem ruido da jangada-bar. Ràpidamente, um dos agentes debruçou-se da borda, cortou as amarras e fixou-as à embarcação. «— Já está, murmurou êle, vamos lá devagarinho!» E o barco rebocou a jangada, alguns metros para dentro da zona americana. «— Stop! deixemo-los aqui! Voltaremos logo a buscar a mercadoria!»

Fig. 59*

Barios disparateis da esgraçada vida do grandessissimo Zé Pacóvio
—Ora cá estou eu! *Biba* a bela rapaziada! *Bibam* os *lêtores* que tinham *sòdades* cá do *meco* e *biba* eu! Falteria a um dos mais sagrados deveres se não *les* contasse uma grande patifaria que me *assucedeu* um dêstes dias, à beirinha do *Intrudo*. Lá vai: —O Zé da *Tremelguêra*,

um *espaspalho* que inté *prucisava* era *limber* uma data de *traulitada*, tinha um — com sua *lecença!* — porco para *binder*. O porco era um *esgrácia!* Magrisela *acumo* um palito e *nan* se podia ter nas pernas, como *calquer menestéiro*. Vai o tipo — com sua *lecença!* — e o que ha de fazer

ao porco, com sua *lecença?* Com sua *lecença* pega no porco e vai com êle *ó* pé duma *colméa* duns *inxames* de abelhas... Tão *bomeceses* a *ber* o que *assucede!* O porco, com sua *lecença*, desata a inchar a inchar, e fica gordo e nèdio e lindo que até metia inveja à gente.

Ele — o porco — com sua *lecença* — *tava* lá por dentro mais morto que vivo, *mais nan* se dava por nada e fazia *munta vista*. — «Atão a quem é que *é hé* de fazer uma partida? *prèguntava* a si *mêmo* o Zé da *Tremelguêra*. Já sê! Vou mais é *bindé-lo* ò Zé Pacóvio que me *aconsta* que

prucisa de comprar um porco — com sua *lecença!* — E o *esgraçado*, o *miserave*, *desanda* por *i* fóra com o animal pela arreata e *aprusenta-se* todo pimpão a binber-me o porco — com sua *lecença* — por uma *contia* canhola.
Bom! Aquilo nem se *adiscutiu* — e é

?
cá, na minha *injunidade*, que *ós oitros* já tenho ouvisto *alumiar* de *inguenorância* — *acêté* o *nigóço* e *inté l'agardeci!* Chego-me à minha Joana e *digo-le*: — O rapariga: tu queres ver a *buleza* de compra que é cá fiz? Olha p'ra *m'isto?!!!...*
Que *requeza!* Um porco — (com sua
lecença, má raios que já *nan* me está a calhar *pudir lecença* a toda a hora!) um porco *acase* de graça! E' *bustial!...*» Vai a Joana e diz-me: — O' *home*, mais tu és mas és uma bêsta — com sua *lecença!* — e parece-me *mais* é que o porco — sem *lecença*, arre! — que o porco *tá mais*

é *inchadissemo!*» O' raios: *é inté* me assubiu um *relâmpedo* à cabeça. Se calhar era verdade!!!... *Aderegi-me pró* porco (já *tou* farto das *lecenças!*) e vi que o *esgraçado tava* morto e mirrado!!!... *Prucebi* tudo: a Joana tinha razão! O porco tinha sido picado das abe-

lhas!!!... *Hades* mas pagar, essa te juro é cá!... E *prupsré* a scena.
Um dia o Zé da *Tremelguêra*, isto foi antes de *três-ante-onte*, *satesféto* com o *estatrageme*, vai com uma cabazada de galinhas para a *ingorda*... Ah! *esgraçado!* As gravuras *expulicam* o resto!!...

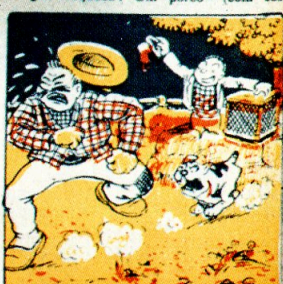
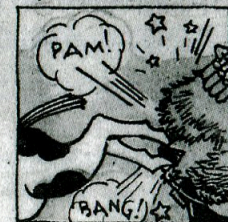



Fig. 61*

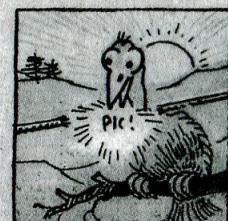
AS ESTUPENDAS FAÇANHAS DO COW-BOY FAÇANHUDO
1 — As aventuras do cow-boy Façanhudo têem fama em tôda a América, e quando os avòs as contam ao serão... é de ficar tudo de bôca aberta... a ressonar!!!...

PAM!
BANG!
2 — Um dia, estava Façanhudo encostado ao seu fogoso corcel enxertado em vaca dos Alpes, quando o supra-citado se lembra, com a môsca, de lhe dar uma parelha!!!..

3 — BUM! Façanhudo subiu, subiu, muito alto (ó patêgo, olha o balão!...) e caiu, caiu muito baixo, índo dar com a cabeça numa rocha! Como a cabeça dêle era...

4 — ... mais dura que a dura rocha, abriu-a ao meio!!! Até aqui... nada de extraordinário, parece-nos; *mas*.. no interior da rocha estavam muitos diamantes!!!...

5 — Façanhudo embevecido na comtemplação das joias, não sabia que três chefes peles-vermelhas o espiavam: o Penca Granate, o Grande Bisão e o Grande Camêlo!!!..

6 Combinarem deitar a mão ao tesouro foi obra dum segundo e três décimos! Zut! Assobiou um laço pelo ar e Façanhudo pôs-se a berrar: — Ai que me afogam!!!...

7 — Os índios puxavam, puxavam... Façanhudo gritava e gemia! Ia cair morto, *completamente* morto, quando se deu a inesperada intervenção salvadora!!!

PIC!
8 — Um condor da Serra Nevada, que tinha ido aos Estados Unidos para mandar fazer um capachinho, viu a corda a...bico de semear, e... PIC!...

9 — A corda qnebrou-se, o Penca Granate virou-se, o Grande Bisão afogou-se, o Camêlo *mergulhou-se*... e Façanhudo salvou-se e cantava: Tòtó,-tótó! Tòtó duma banda só!!!...

Fig. 52

AVENTURAS DE TRÊS AMIGOS NO PLANETA MARTE

I.° EPISODIO — O TELESCOPIO DO SABIO POPOFF

Fig. 54

Miss Bristol, perseguindo-os até ao longínquo Egipto, onde chegou a travar conhecimento com uma seita de adoradores do faraó «Tutenscamion» *(sic)*. Esta banda desenhada demonstrava uma notável evolução de estilo, notando-se um maior apuro no traçado. À semelhança das séries de Carlos Botelho, apresentava-se dividida em nove vinhetas por página, encontrando-se o texto sob os desenhos.

Logo que terminou «O Groom do Excelsior Hotel», surgiu no número seguinte (n.º 78 — 4.7.1927), com uma nova série de banda desenhada de nome «Aventuras de Três Amigos no Planeta Marte» (fig. 54). Esta história, dividida em dez capítulos (n.º 78 — 4.7.1927, ao n.º 87 — 5.9.1927) contava a odisseia de um sábio (Popoff), acompanhada de sua filha e de um seu assistente, numa viagem ao planeta Marte ([98]). Tratava-se de pura ficção científica — talvez a primeira banda desenhada portuguesa que se pudesse considerar integralmente ficção científica —, no mais puro estilo verniano, onde António Cristino fazia desfilar um conjunto de paisagens e de monstros fantásticos, existentes naquele planeta. O desenhador revelou, nesta banda desenhada, uma fértil imaginação, característica da sua juventude.

António Cristino publicou ainda diversas outras séries, como as «Aventuras Desnorteantes do Maluquinho de Arronches» (n.º 93 — 17.10.1927, ao n.º 101 — 12.12.1927); «Farófias, o Bandido Inagarrável» (n.º 102 — 19.12.1927, ao n.º 107 — 23.1.1929), e ainda um conjunto de histórias em torno da personagem Requitoles, um exímio viajante. O estilo deste desenhador manteve-se constante, até final da sua colaboração no *ABCzinho*, com a história — talvez autobiográfica — «O Sonho do Cristianinho», no n.º 132 (16.7.1928).

Com a saída de Carlos Botelho, surgiu de imediato novo desenhador a substituí-lo: Ilberino dos Santos, que colaborou com histórias aos quadradinhos desde o n.º 201 (11.11.1929) até ao n.º 234 (30.6.1930). Durante este período, os desenhos e a banda desenhada do *ABCzinho* foram, quase exclusivamente, de sua autoria.

A primeira sequência de Ilberino foi «Remédio Santo» (fig. 55), no n.º 201 (11.11.1929), onde o artista mostrou desde logo um estilo gráfico muito próprio, aliado a um desenho muito simples. Foi o responsável pela ilustração das capas e contracapas até ao n.º 207 (16.12.1929), data em que passou a ilustrar unicamente a capa. Utilizando sempre o mesmo grafismo, mas tendendo para uma gradual simplificação, Ilberino dos Santos viu publicadas algumas dezenas de histórias aos quadradinhos, aparecendo a sua última «Fogo Preso» (fig. 56), no n.º 234 (30.6.1930).

A reciclagem dos desenhadores continuou a processar-se normalmente; saído que foi Ilberino dos Santos, não tardou que novo desenhador, desta vez Carlos Ribeiro, aparecesse a substituí-lo.

([98]) Esta história foi feita à semelhança de bandas desenhadas como *Brick Bradford*, onde é característico encontrar-se o trio: sábio, filha e assistente.

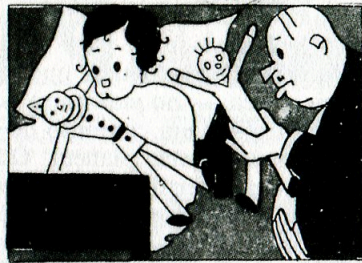
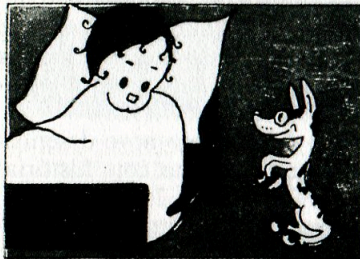
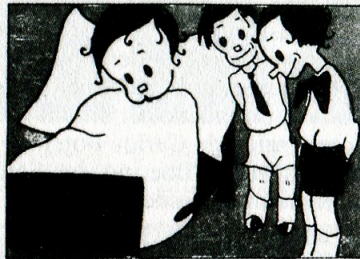
201 — 11 - 1929 (2.ª SERIE) 12 PAGINAS PREÇO UM ESCUDO

Sai ás 2.as feiras
Director: BAPTISTA VASQUES —
Editor: Carlos Ferrão - Redacção e Administração e Composição R. Alecrim 65. Impresso em LISBOA - R. Luta.

ABCZINHO

DIVERTE ★ EDUCA

REMEDIO SANTO

1 — O Zéca estava muito doente e nada o distraía.

2 — Nem os mais bonitos brinquedos conseguiam alegrá-lo.

3 — O Tinoco, o seu cãosinho, fazia-lhe muitas festas, mas em vão.

4 — Os seus amiguinhos tinham tentado, em vão, fazê-lo rir.

5 — Quando o papá teve de repente uma ideia salvadora. Saiu e...

6 — ...voltou pouco depois com o A B C-Zinho! Foi um remédio santo!...

Fig. 55

FOGO PRESO

O Quim coloca uma bomba no fogareiro apagado

— Lá se apagou outra vez o fogareiro...

— Toca a acendê-lo, senão, adeus jantar...

Pum!!!

Fig. 56

AS BOAS PARTIDAS DE MESTRE RAPOSO

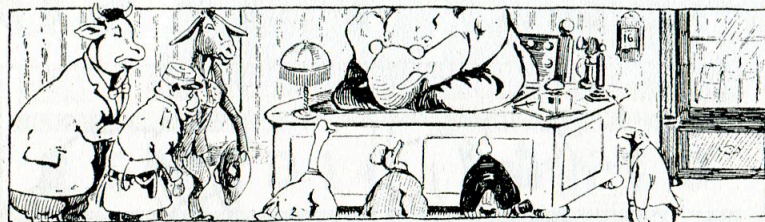
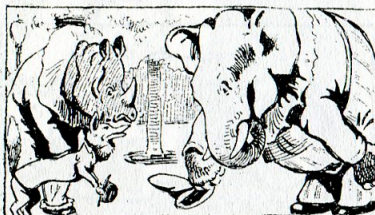
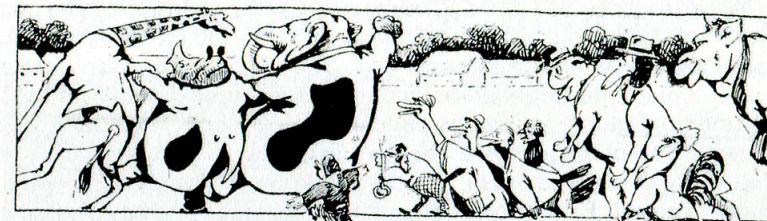
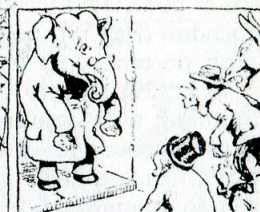



Fig. 57-A

...o pequeno grupo era seguido, dentro em pouco, por um band de animais folgazões de raça.

...um macaco chegou a provocar o proprio governador. Este já não sabia o que fazer à sua vida.

O elefante tornou a vestir o seu fato de palhaço. A Girafa e o Rinoceronte acompanhavam-no...

O alegre terceto era seguido por mais de duzentos animais que riam a bom rir...

O magistrado acabou por mandar os seus oito cães policias ao encontro dos discolos.

Quiz falar aos seus administrados, mas a sua voz perdeu-se no meio de gritos...

Viu-se obrigado a fugir, deixando assim o poder a seu primo, o elefante palhaço...

«Senhor Governador! O senhor brincou comigo e eu expulso-o do govêrno. Estamos quites!»

Fig. 57-B

Carlos Ribeiro e António Cardoso Lopes — de quem falaremos em seguida — foram os dois desenhadores que mantiveram o *ABCzinho* durante a sua fase de decadência até à edição do seu último número em 26 de Setembro de 1932.

A participação de Carlos Ribeiro, como autor de histórias aos quadradinhos, começou brilhantemente no n.º 234 (30.6.1930) com «As Boas Partidas de Mestre Raposo» (fig. 57), sequência narrativa certamente copiada de outro autor que, utilizando uma série de animais antropomorfizados, satiriza os poderes do governo, reflectindo acerca da força que os pequenos e médios dirigentes — personificados no Mestre Raposo — possuem, chegando mesmo a conseguir derrubar o poder central. Esta história estendeu-se por duas páginas e os desenhos encontram-se dentro de vinhetas, embora, à semelhança de Manuel Monterroso n'*A Montanha para as Crianças*, excedam por vezes a quadrídula. O texto, não mais do que uma frase por quadradinho, encontra-se sob os desenhos.

No número seguinte, 235 (7.7.1930), apareceu publicada na contracapa da revista (p. 12) a primeira série desenhada deste autor, embora tenha sido imitada: «As Desventuras do Chico Caracois», da qual saíram doze episódios, publicados irregularmente entre o n.º 235 (7.7.1930) e o n.º 263 (26.1.1931).

Demonstrando um excelente desenho e um grande domínio da cor, Carlos Ribeiro fez sair numerosas pequenas bandas desenhadas, das quais se poderiam salientar, a título de exemplo, «Um Cow-Boy Desembaraçado» (fig. 58), no n.º 287 (6.7.1931), narrativa icónica, colorida a lápis de cera, com óptimo desenho e uma coloração muito boa.

No n.º 291 (10.8.1931) iniciou-se a publicação da melhor série do *ABCzinho*: as «Aventuras de Três Maraus» (fig. 59*), da autoria de Carlos Ribeiro e baseada na série *Les Pieds Nickelés* de Louis Forton (99). Contava-nos a história de três malfeitores, Faz-Tudo, Pencudo e Peludo, numa série de aventuras passadas no mar, fugindo da polícia dos Estados Unidos da América. Como já acontecera nas anteriores bandas desenhadas de Carlos Ribeiro, esta série apresentava um desenho de elevada qualidade e com excelente cor. As «Aventuras de Três Maraus» duraram do n.º 291 (3.8.1931) ao n.º 319 (15.2.1932). Até ao n.º 310 (14.12.1931), a série foi publicada na contracapa final, contendo cada página três tiras; a partir desse número interrompeu-se a sua publicação, devido a doença de Carlos Ribeiro, como foi notificado na p. 11 do n.º 313 (4.1.1932): «[...] por doença de um dos nossos colaboradores artisticos, o Sr. Carlos Ribeiro, tivemos de suspender a publicação destas Aventuras, as quais vão reaparecer no próximo número». Assim aconteceu no n.º 314 (11.1.1932). As «Aventuras de

(99) Carlos Gonçalves, «Correio da Banda Desenhada», n.º 5, in *Correio da Manhã* (17.8.1980).

Fig. 58

Três Marauss» surgiram de novo, tendo, no entanto, sido recolhidas para o interior da revista, passando a publicar-se apenas uma tira por página, e deixando, na maioria das vezes, de ser colorida. O texto estava colocado sob os desenhos, embora estes tivessem alguns balões também.

Carlos Ribeiro, depois de terminar a série dos «Três Marauss», ainda desenhou para o *ABCzinho* algumas histórias mais, que foram ilustrando a capa até final da revista.

Em Setembro de 1923, o *ABCzinho* organizou um concurso a que deu o título de «Concurso de Rabiscos» e que consistia em se fazer um desenho utilizando um rabisco, aparentemente sem sentido, fornecido como tema pelos organizadores do concurso. Muitos foram os jovens que concorreram. Interessa-nos aqui salientar dois em particular: António Cardoso Lopes, que venceu o concurso com um desenho intitulado «Vencido» e Amélia Pai da Vida, que obteve o segundo lugar.

António Cardoso Lopes revelou-se de extraordinária importância no panorama das publicações infantis, devido não só às suas excelentes bandas desenhadas, mas também aos periódicos e suplementos que fundou e dirigiu. A sua colaboração no *ABCzinho*, depois de ter ganho o concurso, iniciou-se no n.º 70 (21.1.1924) — tinha então 15 anos — logo com uma história aos quadradinhos, «Zé Pacóvio fez um Galo» (fig. 60), apresentando-nos a personagem Zé Pacóvio, que o iria acompanhar durante todo o tempo que viveu em Portugal. Esta personagem caracterizava-se por ser a representação do provinciano ingénuo, mas a quem não falta uma boa dose de esperteza e de sabedoria popular.

Zé Pacóvio continuou a preencher as pequenas histórias deste desenhador até que, no n.º 92 [23.6.1924], surgiram as «Novas Aventuras de Zé Pacóvio», a 1.ª série de Cardoso Lopes sobre argumento de Cottinelli Telmo (Tio Pirilau) e onde aquela figura popular, natural de Mortágua da Murtinheira, se via envolvida em agitadas aventuras por causa do seu amor pela Joana da tia Maria. Esta 1.ª série durou do n.º 92 [23.6.1924] ao n.º 107 (6.10.1924). Pela mão de Cottinelli Telmo, a narrativa oral desta personagem adquiriu um cunho popularista e regionalista, que contribuíram para a sua caracterização.

Não tendo ainda terminado as «Novas Aventuras de Zé Pacóvio», já António Cardoso Lopes, de parceria com José de Oliveira Cosme, iniciava a série protagonizada pelo detective Meteonarizemtudo, da qual saíram apenas dois episódios («O Escafandro Tenebroso», n.º 105 — 22.9.1924 e «A Locomotiva Trágica», n.º 107 — 6.10.1924). O detective Meteonarizemtudo celebrizou-se, não tanto pelos desenhos de Cardoso Lopes, mas sobretudo devido à hilariante prosa de José de Oliveira Cosme, que irá aparecer-nos em muitos dos periódicos infantis posteriores ao *ABCzinho*, como no *Tic-Tac* e no *Sr. Doutor*.

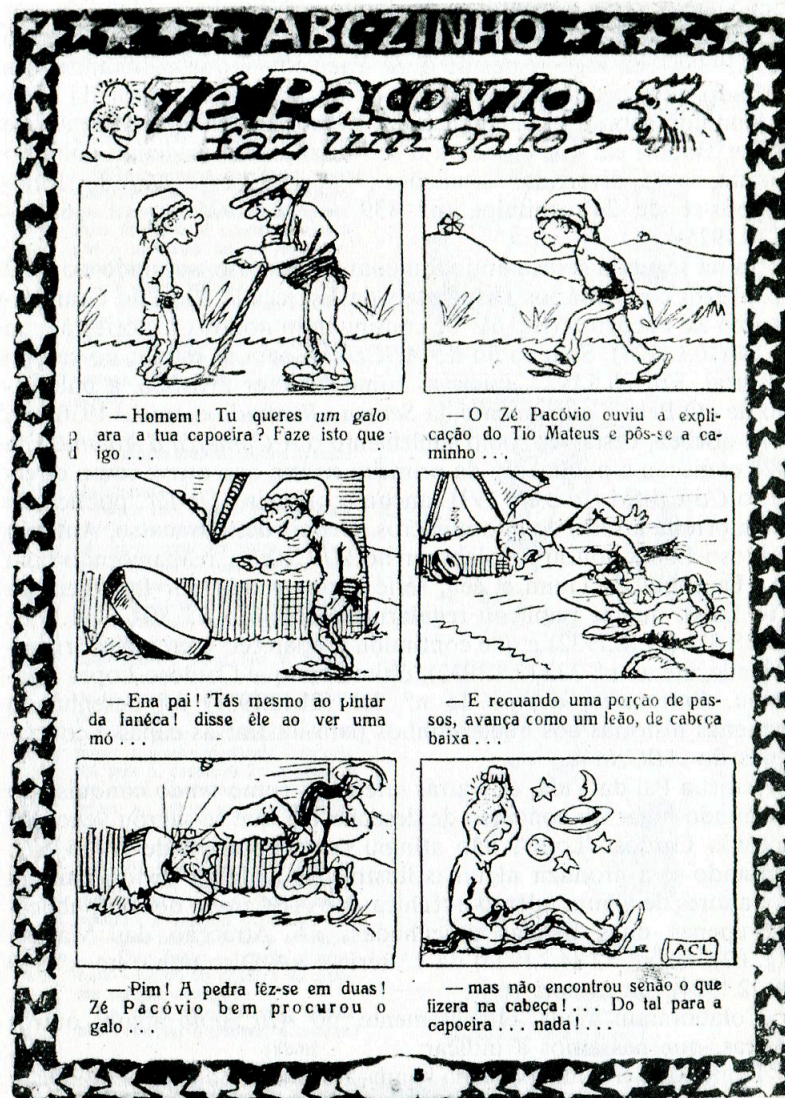



Fig. 60

Cardoso Lopes interrompeu a colaboração no *ABCzinho*, precisamente no n.º 107 (6.10.1924) para a retomar no n.º 120 [29.12.1924] com a nova série «Aventuras de Tonito e Naninhas», dividida por dezoito capítulos, que durariam do n.º 120 [29.12.1924] ao n.º 136 (27.4.1925). Fez logo regressar o Zé Pacóvio — que entretanto fora relegado para pequenas histórias — com uma série intitulada «Por esse mundo fora» (à semelhança das aventuras de *Rob the Rover* de Walter Booth) em que colocava o seu herói numa viagem à volta do mundo, com divertidas situações ([100]). «Por esse Mundo fora» compôs-se de 24 capítulos (n.º 139 — 18.5.1925 ao n.º 162 — 26.10.1925).

Já na segunda série, continuou com Zé Pacóvio, surgindo no n.º 7 (15.2.1926) com «Bários Disparateis da Esgraçada Vida do Grandessíssimo Zé Pacóvio» (fig. 61 *) e continuando noutras histórias até ao n.º 54 (10.1.1927). Saiu então do *ABCzinho* para se estrear no campo editorial. Em 26.5.1927, iniciava, como director artístico, a publicação de «O Bebé», suplemento da *Semana Ilustrada* e, em 1.1.1930, um novo «Bebé», desta vez como suplemento d'*A Comarca d'Arganil*. Em 1928 começou a publicação da primeira revista que o teve como director: o *Có-Có-Ró-Có* e em 1931 lançou o primeiro *Tic-Tac*, publicação que morreria ao fim de oito números. Depois deste fracasso, António Cardoso Lopes voltou a colaborar no *ABCzinho*, reaparecendo com «As Façanhas de Quim e Zé», série argumentada por Luís Ferreira (Tio Luís), que se publicou regularmente entre o n.º 304 (2.11.1931) e o n.º 311 (21.12.1932) e que continuou a aparecer, com maior irregularidade, até ao n.º 322 (7.3.1932), último em que Cardoso Lopes colaborou. Entretanto, depois do n.º 311 (21.12.1931) foi desenhando pequenas histórias aos quadradinhos para ilustrar as capas e contracapas do *ABCzinho*.

Amélia Pai da Vida, que atrás referimos como tendo conquistado o segundo lugar no concurso de desenho em que se sagrou vencedor António Cardoso Lopes, não atingiu tanta notoriedade como este, limitando-se a produzir algumas ilustrações e alguns textos, embora reveladores de algum talento e técnica. No *ABCzinho* deixou publicadas apenas duas bandas desenhadas: «A Atracção das Maças» (fig. 62), no n.º 72 (4.2.1924) da 1.ª série e «A Distraída», no n.º 120 [29.12.1924], da mesma série.

Colaboraram ainda, efemeramente, no *ABCzinho* alguns outros artistas, que passamos a indicar:

Filipe Reis, em uma pequena banda desenhada no n.º 23 (2.10.1922); no n.º 99 (11.8.1924) aparece a colaboração de Else Althausse, artista alemã radicada em Portugal. Esta desenhadora esteve presente com

([100]) Esta série terminou sem ser em banda desenhada, mas apenas com texto e uma ou duas ilustrações de António Cardoso Lopes.

ABCZINHO

—Está bem; escuta: Artemisa, com a sua tesourinha de ouro cravejada de rubis, recortou dum manuscrito a estampa de um cavaleiro, e Biblina, a bruxa dos livros, aprisionou-a entre as folhas do livro que a sua inexperiência estropiara. Para libertá-la é preciso tornar a pôr o cavaleiro no seu lugar, reconstituir a imagem primitiva.

—E como fazê-lo?

O ratito deitou a correr e voltou com a estampa entre os dentes.

—Toma. Aqui está o cavaleiro. Procura naquele livro a página recortada. Muito bem. Agora abre a janela.

O rei abriu-a e o ratinho deitou a correr até ao jardim.

—Ratinho branco! ratinho branco! —gritou o soberano —porque me abandonas?

Mas o rato estava já longe para ouvi-lo. Encostado à balaustrada, o rei viu-o correr por entre a herva, aproximar-se de um pinheiro, trepar, tornar a descer, e, sempre correndo, escalar a muralha, alcançar a varanda, encarrapitar-se novamente na mesa e deixar qualquer coisa sobre o pano que a cobria.

—Tomai, senhor; com este pedaço de resina podeis colar a estampa e reparar o mal.

Com muito cuidado, o rei foi pouco a pouco ajustando o recorte até que o cavaleiro ficou como o era antes. Imediatamente se levantaram as folhas e apareceu Artemisa.

Louco de alegria, o rei chamou a rainha e ambos estreitaram ao peito a filha que julgavam nunca mais tornar a ver. O rei contou a aventura e mostrou o ratinho.

—Que bonito! —disse a rainha.

—Que lindo! —repetiu a princesa —Como eu gostava de o trazer sempre comigo!

Ao ouvir estas palavras, o ratinho começou a crescer, a crescer,

(Volte)

A ATRACÇÃO DAS MAÇÃS

— Vim numa bela maré!
Está pensando o bom do Zé.
— A janela bem fechada
E junto ao muro esta escada...

— Toca a trepar bem ligeiro!
Vamos! Que o tempo é dinheiro.
Mas que fruta, que belesa!
Ai que rica sobremesa!

— Ai Jesus, que eu volto o pino!
Perdão! Perdão, tio Albino!
— Ora até que emfim, meu anjo.
Espera lá que eu já te arranjo!...

AMELIA PAE DA VIDA

Fig. 62

ABC-ZINHO

Tristes consequências da ira

de realizado o último assalto. Jeff obtivera estas informações dum criado da Casa Piebald. Quanto ao automóvel, todos lhe disseram que não fôra alugado em Dullinghan, onde só havia carros particulares.

— Tens que ter debaixo de olho essa Casa Piebald, disse Derrick. Se os desconhecidos tornarem a aparecer, precisamos de os seguir. Parece-me que encontraste a boa pista.

No dia seguinte, Derrick e Jeff fôram assistir ao desafio de «foot-ball» e, depois de ter visto Jorge Woodlet o detective e o seu ajudante partilharam a mesma boa opinião que a respeito dêle tinha seu tio.

Seria difícil encontrar um mais perfeito e típico exemplar de estudante inglês do que orge Woodlet. Era um rapazola robusto, dos seus desassete anos, respirando alegria e sinceridade. O seu próprio processo de jogar o «foot ball» mostrava que era corajoso e leal.

Derrick viu que um dos professores do colégio fôra seu companheiro durante a guerra, e dirigindo-se-lhe, pediu-lhe para o deixar conversar um pouco com Jorge Woodlet, depois do desafio.

Logo que pôde falar a sós com o rapaz, Derrick preguntou-lhe se sabia quem êle era.

— Conheci-o logo, sr. Drew, mas não lhe fui falar porque recebi uma carta do meu tio recomendando-me a máxima discreção.

— Fêz muito bem — disse Derrick. Todo o cuidado é pouco, na verdade, perante um caso dêstes, tam misterioso...

Jorge Woodlet olhou, cara a cara, para o detective e disse-lhe:

— Antes de mais nada, sr. Dew, preciso de lhe fazer uma pregunta. Acredita no que eu contrieao meu tio?

— Com certeza — replicou Derrick. Tenho a convicção absoluta de que falou verdade. Quando ouvi a história, inclinei-me a que seria um romance, inventado para se desculpar de qualquer gazeta. Mas seu tio deu-me tam boas informações àcêrca do seu caracter, que decidi ocupar-me do caso. E logo que o vi, convenci-me perfeitamente de que as coisas se tinham passado assim.

— Tira-me um pêso de cima, acredite — declarou Jorge Woodlet. Eu próprio acho tudo tam extraordinário, que até me parece um sonho. E o que mais me intriga é não suspeitar sequer do que será que êles querem de mim...

— Tenho que lhe fazer umas preguntas —interrompeu Derrick. Agora que já lhe disse que acredito na sua palavra, peço-lhe que seja franco comigo e não hesite em confessar-me seja o que fôr.

— Não tenho nada a confessar, sr. Drew. Mas queira fazer tôdas as preguntas que deseje...

— Em primeiro lugar — disse

1 — Dom Golias Gomes Galo
Lia a história do «Magriço»
Quando sente um aranhiço
Sôbre a testa, a arreliá-lo...

2 — Com seu bastão todo triques
Tenta vêr se o monstro apanha...
Logo imita Afonso Henriques
Contra os mouros... contra a aranha!

Derrick — desejo saber se tem alguma idéa sôbre o que era que êsses homens esperavam encontrar em seu poder. Tem em seu poder alguma cousa que não lhe pertença? Não quero dizer que tenha roubado qualquer cousa. Nem por pensamentos! Mas podia ter-se encarregado de guardar algum objecto que não lhe pertencesse e que seja o alvo da cubiça dos seus agressores.

— Não trago comigo nada que não seja meu — respondeu Woodlet. E tudo o que me pertence, de objectos escolares, tem pouquíssimo valor.

— Isso põe de parte uma das minhas hipóteses — disse o detective. Vamos à segunda pregunta: há no seu colegio algum rapaz que seja muito parecido consigo?

— Que eu saiba, não. Ao longe, ainda um ou outro se poderia confundir comigo. Mas ao pé, não me confundo com ninguem...

— Posta de parte a segunda hipótese... —murmurou Derrick. O mistério torna-se mais denso, para falar em estilo de romance...

Passearam, em silêncio, durante alguns momentos. Por fim, Darrick, voltando-se para o rapaz, preguntou:

— Disse que os homens não o maltrataram?

— Disse. Não me fizeram mal nenhum, a não ser o agarrarem-me à fôrça.

— Nêsse caso, Woodlet — continuou o dectetive — já que os homens não lhe fizeram mal nenhum, proponho que se lhes facilite outra ocasião de o atacarem. Simplesmente, desta vez, eu estarei àlerta. Peço-lhe que dê os seus passeios, exactamente como se estivesse convencido de que êles desistiram do seu projecto. Percebe onde quero chegar? Dê-lhes tôda a facilidade para o atacarem. A' tarde dê o seu passeio na floresta. Tenho a certeza de que tornarão a assaltá-lo. E então veremos o que se descobre. Não tem mêdo de fazer o que lhe aconselho, não é verdade?

— Mêdo nenhum, sr. Drew, mas se não me prevenisse, eu estava resolvido a dar-lhes uma ensinadela, quando tornassem a meter-se comigo.

— Não, agora não convem oferecer resistência — disse Derrick. Agora convem fingir que se defende mal. Nessa altura chego eu. Faça de conta que não me conhece. Eu faço de conta que ia a passar, por acaso.

5 — Ao vê-la, êle grita: «Paz!»
E combate com mais zêlo...
Dona Paz larga o novêlo
E atira-se ao ferrabraz!...
Gira o fio, roda o novelo...
E o nosso heroi embezerra,
Pois Dona Paz, sempre em guerra,
Não acaba de ir-lhe ao pêlo!...

— Mas se êles se voltarem para si, sr. Drew? Não posso ficar com os braços cruzados!

— Não me fazem mal, verá — retorquiu Derrick. Vamos a vêr se agora desvendamos o mistério. E seja o que fôr que o meu amigo vir, não se surpreenda. Pode até ser que eu finja tomar o partido dêles...

— Farei tudo o que me recomenda — declarou o rapaz.

Depois de tudo isto muito bem combinado, Derrick despediu-se de Woodlet e regressou ao hotel. Durante uma semana nada de extraordinário se passou.

Jeff, que era amigo do dono da hospedaria Piebalt — e dos donos de todos os outros hoteis da cidade — andou vendo se apareciam alguns individuos suspeitos, mas não descobriu nada.

No décimo dia, porém, veiu contar a Derrick que tinham chegado os trez desconhecidos que haviam estado hospedados na Casa Piebald.

— Vi-os, quando chegaram —

Fig. 63

assiduidade até ao n.º 50 (13.12.1926) da 2.ª série, com ilustrações e algumas histórias aos quadradinhos onde demonstrava um estilo invulgar cheio de beleza, como se nota na banda desenhada «Tristes Consequências da ira de Dom Golias Gomes Galo» (fig. 69, publicada no n.º 41 (11.10.1926) da 2.ª série;

Ofélia Marques, esposa do desenhador Bernardo Marques, deixou publicadas duas bandas desenhadas na 2.ª série deste periódico: «O Menino que queria ser Homem à força» (fig. 64), no n.º 39 (27.9.1926) e «Barnabum e Badalão, vítimas da Aviação», no n.º 41 (11.10.1926);

Próximo do final da publicação surgiram três histórias aos quadradinhos, de boa qualidade, da autoria de Luís Manuel, desenhador acerca do qual se desconhecem quaisquer informações: «Exemplo que Frutifica» (fig. 65), no n.º 238 (28.7.1930), «Um Passe de Capote», no n.º 241 (18.8.1930) e «Um Automóvel de Força» no n.º 244 (8.9.1930).

Referir-nos-emos por fim a Cottinelli Telmo, director do *ABCzinho*, e à sua colaboração neste periódico.

Como autor de banda desenhada, a participação de Cottinelli Telmo foi reduzida, devido principalmente ao facto de, com a saída de Manuel de Oliveira Ramos, ter tomado conta da parte literária da revista, deixando, quase completamente, de desenhar para ela. Assim, na 1.ª série, publicou uma sequência iconográfica na primeira e segunda páginas do primeiro número (15.10.1921), intitulada «O Filho do Agulheiro» (Fig. 32) e mais «Zé Carequinha, o Cábula» e «Delgadinho — O Ladrão Engenhoso». Para o n.º 2 (1.11.1921) desenhou outras duas: «Bonifácio, o Bom Avestruz» (fig. 66) e o «Sábio Impertubável» (fig. 67). Mais tarde, no n.º 180 (17.6.1929) da 2.ª série, publicaria ainda «Letras e Comércio» (fig. 68), sua última história aos quadradinhos, pois no n.º 200 (4.11.1929) abandonou a direcção da revista.

Onde a presença de Cottinelli Telmo se fez sentir com maior intensidade foi na elaboração de textos, comentando bandas desenhadas, bem como na feitura de óptimas histórias de aventuras de que é exemplo máximo «A Volta ao Mundo numa Casquinha de Noz», romance que seguia mais uma vez o exemplo de *Rob the Rover*, de Walter Booth, e em que o Tio Pirilau (Cottinelli Telmo), com dois sobrinhos seus partia numa volta ao mundo, encontrando inúmeras aventuras, e chegando a ser eleito Presidente da República do México.

Já no final da sua vida, e sob a direcção de Baptista Vasques, o *ABCzinho* entrou em rápido declínio, principalmente notado na qualidade do papel e no número decrescente de ilustrações que trazia. Por fim, no n.º 350 (26.9.1932), surgiu a seguinte mensagem bem destacada:

«Na próxima semana não há *ABCzinho*!!! Porquê?
Sabê-lo-ão na outra semana.»

A profecia cumpriu-se. Realmente, na semana seguinte não houve *ABCzinho*. Porém, não chegámos a saber porquê, visto que, com esse número, terminou definitivamente a publicação do periódico.

O MENINO QUE QUERIA SER HOMEM Á FORÇA

Tobias, grande madraço,
Ha muito que anda a pensar
Como deixar de ir à escola
E de o mestre se livrar.

Depois de bem matutar,
E de dar tratos à bola,
Diz Tobias: Vou ser homem:
Os homens não vão à escola!

Chega a casa e, sorrateiro,
Vai à navalha do pai...
Dá um golpe... mas é homem!
Não sólta sequer um ai!

Feita a barba, enfia um côco
E um fato de homem crescido,
Na boca, charuto acêso,
Flor ao peito, ar decidido.

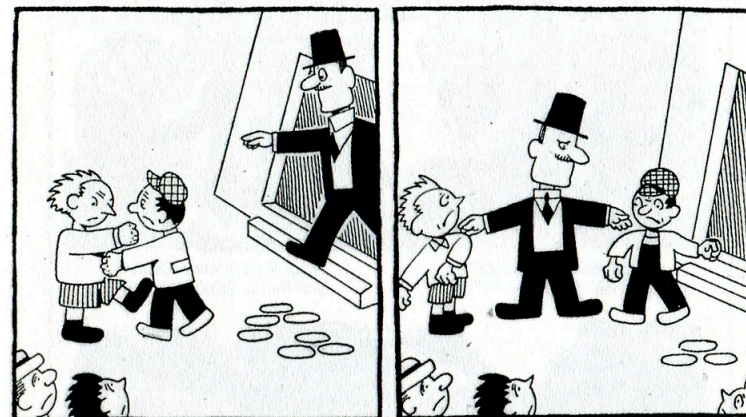
E já na rua, Tobias,
Vendo jornais a vender,
Compra um, e, todo ancho,
Busca lugar para o lêr.

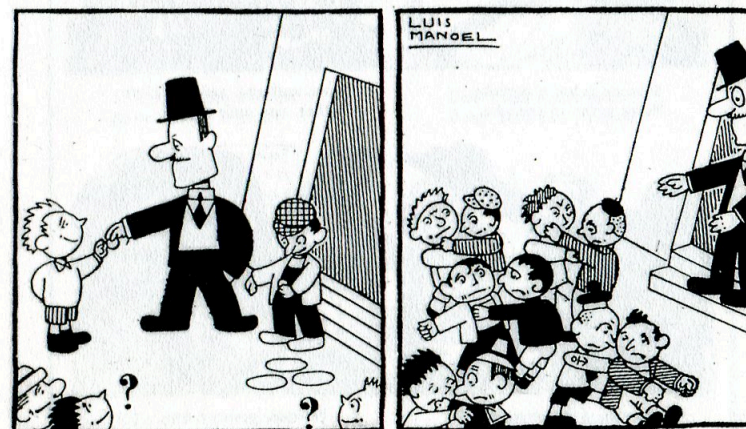
Um banco com bôa sombra
Está mesmo ali ao calhar...
Desdobra o jornal, julgando
Tôda a gente deslumbrar...

Mas os que passam descobrem
Que o lê de pernas para o ar!!!
— A vergonha que sofreu
Ninguem a queira passar.

Com tal lição é forçado
Á sua custa a aprender
Que nunca será um homem
Enquanto não souber lêr.

Fig. 64

Exemplo que frutifica...

Bonifacio e Barnabé
Jogavam o pontapé

Segismundo Rebordão
Vem pôr um termo á questão

E a trôco d'alguns tostões
Trouxe a paz aos corações

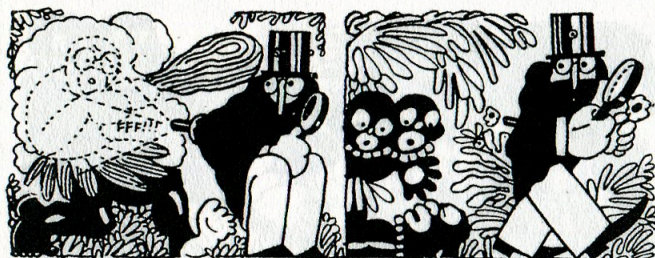
No dia seguinte vejam os meninos o que se passou
em frente da porta do sr. Segismundo Rebordão.

Fig. 65

Fig. 66-A

Fig. 66-B

Mestre Pança, um atroz sabichão,
Faz viajens de estudo ao sertão.

Três pretinhos da tribu Jaguar
Pensam logo em comê-lo ao jantar.

Mas o sábio sem luta ou refrega,
Põe as mãos na barriga e carrega...

E já morto um malvado ali fica!
(Só o Pança, passou a ser Estica!)

Ao segundo matou num instante
A pistola que traz no penante.

E, o terceiro a fugir não se cansa,
Porque o Estica voltou a ser Pança!

Fig. 67

LETRAS E COMERCIO

1 — Rapazes! Acabaram-se as aulas! Viva o pagode! Agora é só a maçada dos exames e acabou-se tudo!

2 — O pior é que os exames redundaram numa grande colecção de raposas azuis e de todas as côres!...

3 — Entretanto o camarada-regente lá da Sibéria telegrafava a a tôdo o Mundo participando a extinção das raposas...

4 — e as lojas de peles fechavam!...

5 — «Meninos! Sempre ouvi dizer que o comércio dá mais que as letras. Vendamos as nossas raposas!» — Assim foi, e agora é vê-los, de charutos na bôca e chapeus altos, *milionarisados!*...

Fig. 68

3. Os suplementos infantis

Entende-se por «suplemento infantil» toda a secção dedicada às crianças, publicada periodicamente num jornal ou revista de carácter não infantil. Estes suplementos, pelas suas diversas características, desempenharam um papel muito importante no panorama das publicações para crianças e da própria banda desenhada.

A partir dos anos vinte tornou-se habitual que grande parte dos jornais, e quase todos os jornais importantes, apresentassem um suplemento infantil. Assim, surgiram sucessivos suplementos, quase todos seguindo os moldes e o exemplo do «Pim-Pam-Pum», suplemento infantil do diário *O Século*, aparecido em 1925 e cujo último número foi publicado em Fevereiro de 1977. Deste suplemento saíram *apenas* 2554 números ([101]), durante 52 anos! Foi esta a mais longa publicação para crianças, superando em longevidade os mais populares periódicos infantis e juvenis. Pela sua direcção passaram nomes grandes do mundo dos pequeninos, como Augusto de Santa-Rita (pseud. Papim), Eduardo Malta (pseud. Papusse) e Luís Ferreira (pseud. Tio Luís).

Depois — e mesmo antes — de *O Século* ter começado a publicar o seu suplemento para crianças, muitos outros jornais lhe seguiram o exemplo, dando à estampa, regularmente nas suas páginas, suplementos infantis. Damos aqui uma lista de alguns desses suplementos que surgiram em Portugal até ao ano de 1932:

1915-1916 — «A Montanha para as Crianças», suplemento quinzenal do diário do Porto *A Montanha;*
1922-1924 — «Página Infantil», publicado juntamente com a *Ilustração Portuguesa;*
1923-1925 — «O Bebé», suplemento do *Jornal da Europa;*
1924-1933 — «Notícias Miudinho», suplemento do *Diário de Notícias;*
1925-1977 — «Pim-Pam-Pum», suplemento do diário *O Século;*
1926 — «Novidades dos Pequeninos», suplemento do diário lisbonense *Novidades;*
1926-1958 — «Petiz Jornal», suplemento do semanário *Sempre-Fixe;*
1927- ? — «Correio dos Pequeninos», suplemento do diário olisiponense *Correio da Manhã;*
1927-1932 — «O Bebé», suplemento infantil do semanário *A Semana Ilustrada;*
1928 — «O Bebé Ilustrado», desconhecemos o jornal de que era suplemento;

([101]) *Bibliografia Cronológica de Revistas de Banda Desenhada Editadas em Portugal de 1883 a Abril/1979*, edição do 2.º Salão de B.D., s.l., Abril/Maio, 1979, p. 6.

1928- ? — «Comércio Infantil», suplemento do diário *Comércio do Porto;*
1929- ? — «O Tiroliro», suplemento do diário lisbonense *A Voz;*
1931-1938 — «O Infantil Ilustrado», suplemento do semanário *Sempre-Fixe.*

Os suplementos infantis eram constituídos, um pouco à semelhança dos periódicos coevos para crianças, essencialmente por contos e histórias. Mostravam-se também muito ilustrados, inserindo alguns grande profusão de banda desenhada, embora sem a qualidade que esta adquiriu nas revistas infantis.

Estes suplementos e, em especial, o «Pim-Pam-Pum», revelaram-se de extrema importância porque, em épocas em que não existiam quaisquer revistas ou jornais para crianças, eles foram a única publicação periódica infantil no mercado. É o caso, por exemplo, de «A Montanha para as Crianças», suplemento infantil do jornal do Porto *A Montanha*, durante 1915 e parte de 1916, antes de se converter no jornal infantil *A Montanha para as Crianças*, e do «Comércio Infantil», suplemento do diário da mesma cidade, *Comércio do Porto*, e que se começou a editar em 1928. Estes dois suplementos nortenhos supriram, durante a sua existência, as faltas no mercado editorial de publicações periódicas no Porto, sendo as únicas — para além das publicações de Lisboa, às quais o acesso nem sempre era fácil — a serem publicadas durante muito tempo na Cidade Invicta. Em Lisboa, semelhante papel desempenhou o «Pim-Pam-Pum» que, em especial, depois de o *ABCzinho* ter terminado, por várias vezes foi a única — ou das poucas — publicações infantis de relevo.

Estas publicações tinham ainda vantagens económicas. Por um lado, o jornal editor não necessitava de grandes investimentos, dado que o suplemento (geralmente semanal ou quinzenal) não ocupava, na maioria das vezes, mais de uma, ou quando muito, duas folhas, imprimindo-se simultaneamente com o próprio jornal e correspondendo, na pior das hipóteses, ao aumento deste em uma ou duas folhas. Não se esqueça ainda que o suplemento infantil saía geralmente durante o fim-de-semana, em dias que, por tradição, correspondem a um menor *corpus* noticioso, servindo, além disso, para ajudar a nivelar a baixa nas vendas de jornais durante o fim-de-semana. Por outro lado, saía económico aos leitores, pois estes em vez de terem de despender, duas ou quatro vezes por mês, a comprar um periódico para os seus filhos, já o recebiam no jornal que o adulto normalmente lia, com a correspondente poupança para a economia familiar.

É evidente que estes suplementos se tornavam, à partida, grandes concorrentes dos periódicos para crianças. Contudo, tinham a grande desvantagem, devido ao reduzido número de páginas, de não poderem apresentar, como aqueles, tão grande profusão de histórias e

ilustrações. Também a quantidade de banda desenhada era menor, o que, aliado ao facto de a impressão ser sempre de má qualidade, em papel de jornal e normalmente a preto e branco ou quando muito a uma cor, os desfavorecia face às publicações infantis.

Chegou, não obstante, a haver grande rivalidade entre os suplementos e as revistas para crianças, argumentando por vezes os primeiros com a desnecessidade da existência de novos periódicos infantis, visto que eles bastavam para suprir essa falta, tanto em quantidade como em qualidade.

Os suplementos infantis foram ainda importantes, na medida em que permitiram o aparecimento de novos artistas e possibilitaram que muitos, colaborando para eles, aperfeiçoassem as suas técnicas, preparando-se para voos mais altos.

Por tudo isto, não é possível desprezar a importância dos suplementos para crianças no panorama da banda desenhada infantil. Um estudo mais aprofundado foge, porém, aos objectivos do presente trabalho, onde se pretende apenas historiar a banda desenhada existente em revistas e jornais infantis.

CAPÍTULO 3

DA BANDA DESENHADA INFANTIL PORTUGUESA

1. Desenhadores e argumentistas

1.1 Desenhadores

Os desenhadores de histórias aos quadradinhos que colaboraram nos periódicos infantis, pelo menos até ao *ABCzinho*, tiveram a característica interessante de serem, na sua maioria, artistas de renome nas artes plásticas portuguesas. Assim, surgiram, logo na primeira revista para crianças abordada (*O Jornal da Infancia* — 1883), os nomes de Tomás de Melo e de Bartolomeu Sesinando Ribeiro Artur, ambos grandes artistas do final do século XIX e do começo do século XX. Mais tarde, no *Gafanhoto* apareceu a colaboração artística de, entre outros, Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro que, para esta publicação, executou numerosas capas. N'*A Montanha para as Crianças* colaborou principalmente Manuel Monterroso, notável caricaturista cuja arte só podia ser criticada por ser pouco vocacionada para crianças. Pelo *ABCzinho*, então, passaram alguns dos maiores artistas nacionais do tempo, como Stuart Carvalhais, Carlos Botelho (o pintor de Lisboa), Rocha Vieira, Emérico Nunes, etc. Alguns desenhadores dedicaram-se quase exclusivamente à produção de histórias aos quadradinhos, não conhecendo antecedentes de importância no seu currículo artístico, como foi o caso de António Cardoso Lopes, António Cristino e Carlos Ribeiro. A banda desenhada serviu para eles de autêntica escola de aprendizagem, de trampolim para voos mais altos e relevantes.

Note-se, por outro lado, que os artistas plásticos responsáveis pelas bandas desenhadas, nunca ou muito excepcionalmente eram os autores do respectivo argumento. Este ficava, em geral, a cargo do director literário da revista ou, não poucas vezes, de um escritor que colaborava nela.

Analisemos agora algumas características dos desenhadores que colaboraram nos periódicos infantis tratados neste trabalho. No quadro I apresentam-se todos os artistas que produziram bandas desenhadas, bem como — para aqueles de que sabemos o ano de nascimento — a idade com que colaboraram nas diversas revistas para crianças e, por último, o número de histórias aos quadradinhos executadas por cada um dos artistas.

QUADRO I

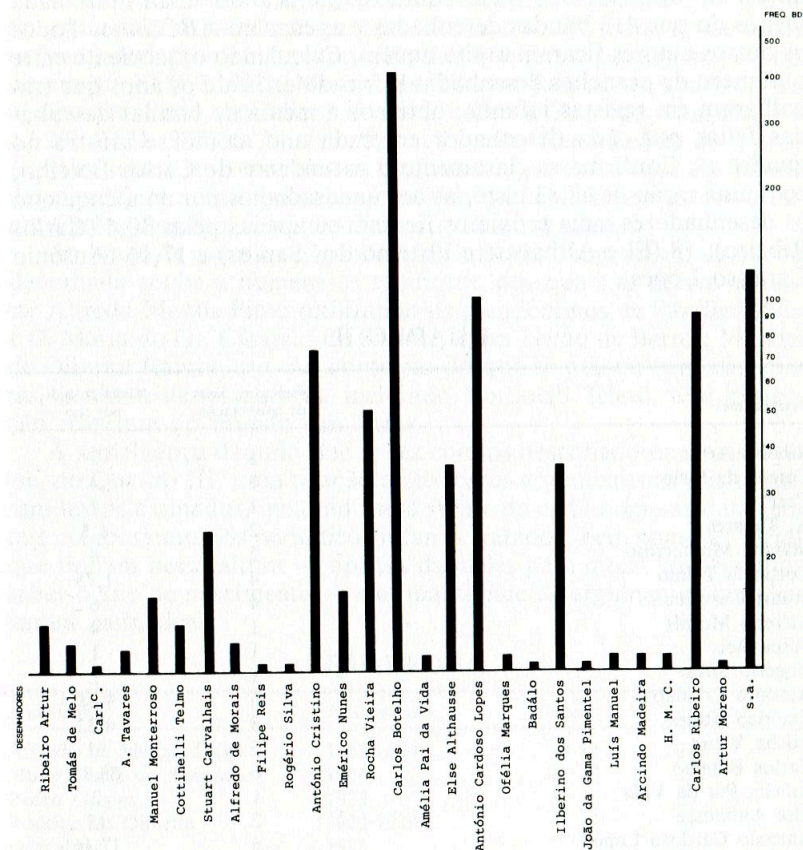
Desenhadores	Datas de colab.	Idade	Produção
Ribeiro Artur	1883	32	7
Tomás de Melo	1883	?	4
Carl^{c}.	1916	?	1
A. Tavares	1917-1918	?	3
Manuel Monterroso	1917-1918	41-42	12
Cottinelli Telmo	1921-1922;1928-1929	24-25;31-32	7
Stuart Carvalhais	1921-1924	34-37	24
Alfredo de Morais	1922	50	4
Filipe Reis	1922	?	1
Rogério Silva	1922	?	1
António Cristino	1922-1923;1926-1928	?	74
Emérico Nunes	1922-1924	34-36	13
Rocha Vieira	1922-1926	39-43	51
Carlos Botelho	1923-1924; 1926-1929	24-25;27-30	324 + 89* = 413
Amélia Pai da Vida	1924	24	2
Else Althausse	1924-1926	?	36
António Cardoso Lopes	1924-1927;1931-1932	15-18;22-23	103
Ofélia Marques	1926	20	2
Badálo	1928	?	1
Ilberino dos Santos	1929-1930	?	36
João da Gama Pimentel [leitor]	1930	?	1
Luís Manuel	1930	?	2
Arcindo Madeira	1930-1931	?	2
H. M. C. [leitor]	1930-1931	?	2
Carlos Ribeiro	1930-1932	34?-36?	92
Artur Moreno	1932	?	1

* — Bandas desenhadas não assinadas, mas que com toda a probabilidade se devem a Carlos Botelho.

A idade dos desenhadores, para os quais possuímos dados, varia entre um mínimo de 15 anos (António Cardoso Lopes) e um máximo de 50 (Alfredo de Morais), estando a maioria das restantes situadas no escalão etário dos 25 aos 35 anos. Fazendo as médias etárias

GRÁFICO I

Produção de Bandas Desenhadas

(escala semilogarítmica)

destes doze desenhadores, para os quais conhecemos a idade, verifica-se que a média mínima é de 30,91 anos, enquanto a média máxima é de 33,75 anos. Estes dados demonstram que o nível etário dos referidos desenhadores não era muito jovem, antes um nível etário de adultos na fase em que já se costuma chamar «maduros».

Analisando agora a produção de cada artista, expressa no gráfico I, pode facilmente verificar-se que Carlos Botelho dominou a produção de histórias aos quadradinhos, publicando nada mais nada menos do que 413 bandas desenhadas e apenas no *ABCzinho*. Todos os outros autores ficaram muito aquém. Calculando o quociente entre o número de pranchas desenhadas por cada artista e os anos que trabalharam em revistas infantis, obtemos a média de bandas desenhadas feitas por cada desenhador em cada ano, como se mostra no quadro II. Confirma-se claramente o ascendente de Carlos Botelho, com uma razão de 68,83 histórias aos quadradinhos por ano, enquanto os desenhadores mais próximos ficaram-se apenas pelas 30,6 (Carlos Ribeiro), 18 (Else Althausse e Ilberino dos Santos) e 17,16 (António Cardoso Lopes).

QUADRO II

Desenhadores	Número de anos de colaboração	Média de b.ds. por ano
Ribeiro Artur	1	7
Tomás de Melo	1	4
Carl^c.	1	1
A. Tavares	2	1,5
Manuel Monterroso	2	6
Cottinelli Telmo	4	1,75
Stuart Carvalhais	4	6
Alfredo Morais	1	4
Filipe Reis	1	1
Rogério Silva	1	1
António Cristino	5	14,8
Emérico Nunes	3	4,33
Rocha Vieira	5	11
Carlos Botelho	6	68,83
Amélia Pai da Vida	1	2
Else Althausse	2	18
António Cardoso Lopes	6	17,16
Ofélia Marques	1	2
Badálo	1	1
Ilberino dos Santos	2	18
João da Gama Pimentel [leitor]	1	1
Luís Manuel	1	2
Arcindo Madeira	2	1
H. M. C. [leitor]	2	1
Carlos Ribeiro	3	30,6
Artur Moreno	1	1

Das 413 pranchas desenhadas por Carlos Botelho para o *ABCzinho*, apenas 72 correspondem a histórias soltas, sendo as restantes 341 divididas pelas 16 séries que este autor produziu, o que corresponde a uma média de 21,31 pranchas por série.

1.2 Argumentistas

Como já se referiu, o desenhador raramente era também o autor do argumento da banda desenhada. Assim, no *ABCzinho*, quase todos os textos deviam-se ao arquitecto Cottinelli Telmo, especialmente depois de, no n.º 10 (6.3.1922), Manuel de Oliveira Ramos ter abandonado a direcção deste periódico, e até a ceder a Baptista Vasques, no n.º 201 (11.11.1929) da 2.ª série. Por seu turno, Teresa Leitão de Barros escreveu textos em verso (forma bastante vulgar de comentar a banda desenhada) de muitas pequenas histórias, particularmente as dos artistas Carlos Botelho, Emérico Nunes e Else Althausse.

Ao longo de todas estas publicações infantis, o argumento da banda desenhada coube a numerosos escritores, dos quais se devem salientar Alfredo Morais Pinto (utilizando os pseudónimos de Pan-Tarântula e D. Maria do Ó), Cândido de Bastos, Teresa Leitão de Barros, Manuel de Oliveira Ramos, etc. Ao contrário do que se passou com os artistas, nenhum destes autores, incluindo Cottinelli Telmo, teve projecção relevante no mundo das letras.

À semelhança daquilo que se fez com os desenhadores, apresenta-se, no Quadro III, uma relação de todos os argumentistas que deixaram textos assinados, incluindo-se à frente de cada nome as datas em que colaboraram nos periódicos infantis tratados, bem como as ideias que tinham nessa altura — apenas daqueles para quem conseguimos saber o ano de nascimento — e a quantidade de argumentos que deixaram assinados.

QUADRO III

Argumentistas	Datas de colab.	Idade	Produção
Alfredo de Morais Pinto	1883-1884	32-32	2
Maria Paula de Azevedo	1922	41	2
Pedro Gomes	1922	?	15
Rodrigo de Oliveira	1922-1923	?	4
Deucalion	1923	?	2
Teresa Leitão de Barros	1923-1924	25-26	12
Amélia Pai da Vida	1924	24	2
Carlos Nunes Botelho	1924	25	1
T. M. F. de C.	1924	?	2
José de Oliveira Cosme	1925-1925	?	5
Cottinelli Telmo	1924-1926	27-29	71
A. B. G.	1925	?	2
Cândido de Bastos	1925	?	2
Luís Ferreira	1931-1932	33-34	8

Com base neste Quadro, verifica-se, em comparação com o Quadro I, que a média etária dos argumentistas é ligeiramente inferior à dos desenhadores: 29,5 anos para a média inferior e 30,2 para a média superior, que é, inclusive, mais baixa do que a média inferior dos desenhadores.

Saliente-se que os argumentistas assinam menos vezes os seus textos do que os desenhadores, pelo que dispomos de um menor número de dados sobre a sua produção quantitativa. Sobressai de imediato a grande diferença no número de textos feitos por Cottinelli Telmo em relação aos de outros autores. De facto, pudemos determinar 71 textos da autoria deste arquitecto, enquanto somente Pedro Gomes (com 15 textos) e Teresa Leitão de Barros (com 12 textos) se lhe aproximam minimamente.

No Quadro IV observa-se a razão entre o número de textos produzidos pelos argumentistas e os anos em que aparecem trabalhos seus nos periódicos aqui tratados. Continua a ser Cottinelli Telmo quem leva a supremacia, com 23,6 argumentos por ano, seguindo-se-lhe Pedro Gomes com 15 textos num ano. Todos os outros argumentistas (com excepção de Teresa Leitão de Barros que produziu uma média de 6 argumentos por ano) ficaram abaixo dos cinco trabalhos por ano.

QUADRO IV

Argumentistas	Número de anos de colaboração	Média de argumentos por ano
Alfredo de Morais Pinto	2	1
Maria Paula de Azevedo	1	2
Pedro Gomes	1	15
Rodrigo de Oliveira	2	2
Deucalion	1	2
Teresa Leitão de Barros	2	6
Amélia Pai da Vida	1	2
Carlos Nunes Botelho	1	1
T. M. F. de C.	1	2
José de Oliveira Cosme	2	2,5
Cottinelli Telmo	3	23,6
A. B. G.	1	2
Cândido de Bastos	1	2
Luís Ferreira	2	4

Estes números, embora possam dar uma ténue imagem da frequência de trabalho de cada argumentista, não são de modo algum relevantes, pois os autores dos textos das bandas desenhadas geralmente não eram indicados.

2. Preços

O estudo dos preços das publicações infantis permite extrair diversas informações, tanto respeitantes ao seu sucesso como ao público-leitor. Assim, possibilita:

— Determinar qual a classe social dos leitores predominante;
— Determinar qual a importância económica que as revistas assumiam no orçamento familiar, por comparação com os valores dos salários médios fabris;
— Comparar os preços com o nível de vida actual, fazendo a correspondente equivalência da moeda, dada a desvalorização do escudo em relação à libra-ouro;
— Observar as variações aparentes do preço das publicações e tentar interpretá-las.

No Quadro V podem observar-se os preços de venda ao público de todas as publicações tratadas neste trabalho — à excepção do *Jornal da Infancia* (1883), cujo preço se desconhece —, bem como o valor monetário que estes periódicos teriam nos nossos dias, tendo em conta a desvalorização da moeda em relação à libra.

Tomando os «preços actuais», fazendo a média aritmética, e pondo de parte *A Montanha para as Crianças* que, em tudo, constitui um caso particular, obtém-se o valor aproximado de 132$50. Comparando com os preços de dois dos periódicos juvenis que hoje existem, *O Jornal da B.D.* e *O Mosquito* (nova versão), que custam respectivamente 75$00 semanais e 200$00 mensais, verifica-se que o preço médio, embora seja um pouco elevado para uma publicação semanal, não foge muito dos padrões contemporâneos. É necessário não esquecer ainda, que, embora entre 1884 — data da primeira publicação tratada no Quadro V — e a nossa época a moeda tenha sofrido uma desvalorização considerável, o nível de vida do último quarto do século XX é, em geral, muito superior ao do final da centúria de oitocentos.

A média apresentada, porém, nem sempre se mostra significativa. Em alguns casos, afasta-se bastante do preço real de cada publicação. *As Crianças*, primeiro periódico cujo preço figura no Quadro V, era vendido a 50 réis (1884) o que equivalia a uns 145$00 de 1985. Comparando-o com o preço de um jornal diário — que até ao início da I Guerra Mundial, se manteve sem grandes oscilações em 10 réis (1 centavo) — verifica-se que *As Crianças* custavam o equivalente a cinco jornais.

Muito mais dispendiosas eram as assinaturas. Uma assinatura anual contava o equivalente a 3490$00 de hoje, o que, até para os nossos dias, corresponde a uma soma considerável. Note-se, contudo, que sendo a assinatura semestral metade do valor da anual, esta não

QUADRO V

Publicações	Data	Preço de cada n.º avulso	Preço Actual [102]	Valor da £ [109]
As Crianças	1884	$050	145$00	4$500 [103]
Jornal das Crianças	1898	$120	245$00	6$400 [104]
O Gafanhoto (1.ª série)	1903	$080	183$00	5$714 [104]
	1904	$080	191$00	5$473 [104]
O Gafanhoto (2.ª série)	1910	$050	130$00	5$02 [105]
A Montanha para as Crianças	1916	$01 [106]	18$50	7$032 [107]
	1917		17$00	7$726
		$02	34$00	
	1918		33$00	7$901
ABCzinho	1921	$30 [108]	99$50	39$384
	1922		60$00	65$084
		$50	100$00	65$084
	1923		60$00	109$714
	1924		49$00	133$950
		1$00	98$00	
	1925		131$00	99$210
	1926		138$00	94$770
	1927		120$00	108$360
	1928			108$250
	1929			
	1930			
	1931		119$00	109$369
	1932		118$00	110$061

[102] O preço actual aproximado das publicações foi calculado em função do valor da libra-ouro Rainha Isabel em 23.12.1985, que era 13090$00.

[103] Valor corrente da libra-ouro.

[104] Valor calculado com base em Albino Vieira da Rocha, *A Reforma Monetária em Portugal*, Coimbra, França e Arménio, 1913.

[105] A. H. de Oliveira Marques, *A 1.ª República (alguns aspectos estruturais)*, 3.ª ed., Lisboa, Livros Horizonte, 1980.

[106] *A Montanha para as Crianças* custou 1 centavo até ao n.º 31 (1.3.1917), passando depois a custar 2 centavos.

[107] Este e os valores seguintes in Nuno Valério, *A Moeda em Portugal*, Cadernos de História Económica e Social, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1983.

[108] O *ABCzinho* custou $30 até Outubro de 1922 e $50 até ao n.º 90 [9.6.1924], passando depois a custar 1$00.

[109] O valor da £ vem expresso em réis, e em escudos a partir de 1910.

era rigorosamente múltipla do preço de cada número avulso, permitindo adquirir 26 em vez dos 24 números comprados quinzenalmente.

Surgiu em 1898 o *Jornal das Crianças*, vendido ao preço de 120 réis por número (uns 245$00 de hoje). Foi o periódico infantil mais dispendioso de todos os aqui tratados, custando uma assinatura anual a módica quantia de 4090$00. Hoje em dia, poucas publicações se podem gabar de assinaturas tão caras. Sendo um quinzenário, à semelhança do anterior, esta periodicidade contribui para que o elevado preço fosse menos sentido pelos leitores. As assinaturas também não eram múltiplas entre si, não custando, cada assinatura anual, o dobro de uma assinatura semestral, mas sim um pouco menos. Esta técnica utilizava-se frequentemente — como nos nossos dias — com o objectivo de tentar as pessoas a assinar a revista, visando uma poupança equivalente a dois ou três números por ano.

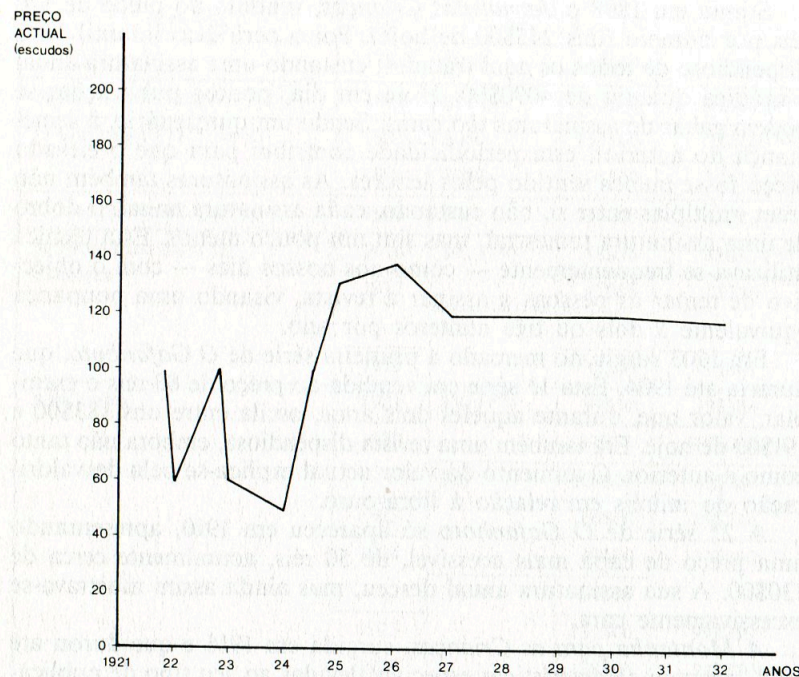
Em 1903 surgiu no mercado a primeira série de *O Gafanhoto*, que duraria até 1904. Esta 1.ª série era vendida ao preço de 80 réis o exemplar, valor que, durante aqueles dois anos, oscila entre uns 183$00 e 191$00 de hoje. Era também uma revista dispendiosa, embora não tanto como a anterior. O aumento do valor actual explica-se pela desvalorização do milréis em relação à libra-ouro.

A 2.ª série de *O Gafanhoto* só apareceu em 1910, apresentando uma preço de capa mais acessível, de 50 réis, actualmente cerca de 130$00. A sua assinatura anual desceu, mas ainda assim mostrava-se excessivamente cara.

A Montanha para as Crianças, surgida em 1916 e que durou até 1918, assumiu características especiais devidas ao seu tipo de publicação: custava apenas 1 centavo (cerca de 18$50 nos nossos dias), preço verdadeiramente baixo para a época, e que era devido ao facto de esta publicação ser impressa apenas a preto sobre papel de jornal, limitando-se a quatro páginas em formato daquele. Estas características, que fazem que *A Montanha para as Crianças* tenha sido um verdadeiro *jornal* infantil, implicam baixos custos de impressão. Até Março de 1917, o preço manteve-se em 1 centavo, tendo, a partir dessa data e devido à desvalorização do escudo, aumentado para o dobro, ou seja, para 2 centavos. Na realidade este aumento foi exagerado, e esteve na origem do desaparecimento do periódico, já que a Guerra Mundial se reflectiu numa baixa do nível de vida.

Entre 1921 e 1932 publicou-se o *ABCzinho*, cujo preço foi de 30 centavos até 1923 e de 50 centavos até Junho de 1924, data em que subiu para o dobro. O Gráfico II mostrar-nos a variação do valor actual do *ABCzinho* ao longo da sua existência, e enquanto na fig. 69 podermos observar a reprodução de um folheto justificativo. Devido à crescente desvalorização do escudo, em relação à libra-ouro, verificou-se, especialmente nos anos de 1923 e 1924, uma baixa do preço real da revista, que chegou a atingir valores bastantes reduzidos

GRÁFICO II

Evolução do Preço Real do *ABCzinho* (1921-1932)

para este tipo de publicação. Com a subida de preço em 1924, a revista encareceu bastante, como se pode verificar pelo gráfico.

Veja-se agora, a título de exemplo, a acessibilidade de *A Montanha para as Crianças* a todos os públicos em função dos salários médios diários:

Data	Salário médio fabril [110]	Preço	Percentagem do salário (%)
1916	1$13	$01	0,88
1917	1$42		0,70
		$20	1,40
1918	1$70		1,17

[110] A. H. de Oliveira Marques, *História da 1.ª República Portuguesa*, s. l., Iniciativas Editoriais, s.d., p. 367.

... aos SEUS PEQUENOS LEITORES

O CONCURSO — O FAMOSO CONCURSO DOS BICHOS

MAS ALÉM ...

O RAID «DO A B C-ZINHO»

DESDE JÁ SE RECEBEM PEDIDOS

Fig. 69

Mesmo com o aumento de preço verificado em 1917, *A Montanha para as Crianças* nunca deixou de representar uma fracção mínima do salário médio diário de um operário, o que significa que qualquer pessoa a podia adquirir, sem que com isso o seu orçamento de desequilibrasse, como acontecia com as demais publicações infantis, adquiridas sobretudo pelas classes média e superior.

Comparando agora o salário médio diário fabril com o preço do *ABCzinho* até 1926, verifica-se que este, embora continuasse a representar uma pequena fracção do seu valor, já avultava mais nos orçamentos familiares:

Data	Salário médio fabril [110]	Preço	Prècentagem do salário (%)
1921	4$73	$30	6,34
1922	5$67		5,29
		$50	8,81
1923	10$41		4,80
1924	14$13		3,53
		1$00	7,07
1925	14$70		8,80
1926	13$20		7,53

Em 1921 o *ABCzinho* representava cerca de 6,3% do salário médio fabril, tendo o seu peso no orçamento diário diminuído até 1924 — altura em que o preço desta revista passou para 1$00, embora sofresse um ligeiro aumento, no final de 1922 —, quando sofreu uma inflexão e voltou a subir. É curiosa a justificação que o *ABCzinho* apresenta ao seu público aquando do primeiro aumento (Outubro de 1922), como se pode observar pela fig. 69.

De qualquer forma, o embaratecimento das publicações infantis constituiu um dado do período posterior à I Grande Guerra, que permitiu a sua maior democraticidade. Os filhos do pequeno burguês, senão os do operário mais bem pago, podiam já facilmente adquiri-las.

---

[110] A. H. de Oliveira Marques, *História da 1.ª República Portuguesa*, s. 1., Iniciativas Editoriais, s.d., p. 367.

APÊNDICE 1

INVENTÁRIO CRONOLÓGICO

Neste inventário cronológico tentou-se registar todas as bandas desenhadas publicadas nos periódicos infantis tratados neste trabalho, assinalando, sempre que possível, o autor do desenho, bem como o do texto, sempre que ele foi conhecido. Os nomes dos autores transcrevem-se como eram assinados, respeitando os pseudónimos.

Assinalamos ainda diversas outras características das bandas desenhadas, que codificámos do seguinte modo:

- • — Banda desenhada em que se utilizou apenas cor preta; todas as outras apresentam pelo menos mais uma cor.
- □ — Banda desenhada em que, a par do texto habitual sob as vinhetas, surgem balões;
- ★ — Banda desenhada que apresenta apenas balões;
- ■ — Banda desenhada que não possui qualquer tipo de texto oral.

Antes do inventário correspondente aos periódicos encontra-se uma pequena ficha técnica de cada publicação.

Jornal da Infância, «Semanário ilustrado», Lisboa, Livraria Editora de Tavares Cardoso & Irmão, Largo de Camões, 5 e 6, 1883. Dois tomos de 28×20 cm, com, respectivamente, 208 e 203 pp. Tomo I, n.º 1 (4.1.1883) ao n.º 26, s.d. [28.6.1883] e tomo II, n.º 27 (5.7.1883) ao n.º 52, s.d. [27.12.1883]. Composto e impresso na Tipografia de Mattos Moreira, Largo do Passeio Público, 15.

TOMO I

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des.	Argum.	
	5	[1. 2.1883]	33	O negro e o espelho (trad. do alemão)	—	—	•
	6	[8. 2.1883]	48	O gallo e a macaca	Ribeiro Arthur	—	•

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des.	Argum.	
	7	[15. 2.1883]	52	Joannico	Ribeiro Arthur	—	•
	8	[22. 2.1883]	63	Joannico	Ribeiro Arthur	—	•
	9	[1. 3.1883]	68	Joannico	Ribeiro Arthur	—	•
	10	[8. 3.1883]	79	Joannico	Ribeiro Arthur	—	•
	23	[7. 6.1883]	183	Joannico	Ribeiro Arthur	—	•
TOMO II							
	28	[12. 7.1883]	9	Historias e aventuras dum porco na Edade Media	Tomaz de Mello (cópia)	—	•
	29	[19. 7.1883]	17	Historias e aventuras dum porco na Edade Media	Tomaz de Mello (cópia)	—	•
	30	[26. 7.1883]	25	Historias e aventuras dum porco na Edade Media	Tomaz de Mello (cópia)	—	•
	31	[2. 8.1883]	33	Historias e aventuras dum porco na Edade Media	Tomaz de Mello (cópia)	—	•
	51	[20.12.1883]	196-99	Os macacos e os barretes	Ribeiro Arthur	Maria do Ó	•

As Creanças, «jornal de educação (dedicado ás mães), com a protecção de Sua Majestade a Rainha», Lisboa, 1884. Director literário Cypriano Jardim.
Ano I, n.º 1 (17.7.1884), saíram provavelmente apenas onze números, de 33×24 cm, com 8 pp. cada.
N.º 11 (17.12.1884), número «offerecido á associação dos jornalistas e escriptores portugueses por occasião do bazar-kermesse, promovido no passeio da Estrella em favor das victimas dos terramotos de Andaluzia» ([111]).
Gerente Adolpho, Modesto & Companhia, Rua Nova do Loureiro, 3, Lisboa. Composto e impresso na Tipografia de Adolpho, Modesto & Companhia, Calçada do Tijolo, 39, Lisboa.

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des.	Argum.	
I	11	17.12.1884	88	Versos e Virginia — Lição a gulosos	—	Pan-Tarântula	•

Jornal das Crianças, [quinzenário], Lisboa, Editor, António de Almeida Cabral, 1898-1899.
Administração, Rua Nova de S. Francisco de Paula, 87.
Ano I, n.º 1 (1.12.1898), saiu até ao n.º 22 (1.11.1899), formando um volume de 176 pp. de 24,8×17,6 cm.
Composto e impresso na Tipografia da Rua Nova do Loureiro, 25.

([111]) Inocêncio Francisco da Silva e Brito Aranha, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, tomo XVIII Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1973, p. 127.

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des.	Argum.	
I			1	s.t.	—	—	•
			73	Traquinices	—	—	•
			97-98	Scenas á porta de uma fábrica	—	—	•
			121	s.t.	—	—	•

O Gafanhoto, «quinzenário para crianças», Lisboa, Editor: Abílio da Cruz Madeira (1.ª série, 1.º vol.); José Augusto Lucas, 1903-1904; 1910.
Directores: Henrique Lopes de Mendonça; Tomás Bordalo Pinheiro.
Composto na Oficina Fotomecânica de Tomás Bordalo Pinheiro, impresso na tipografia da Livraria Ferrin.
1.ª série, 1.º vol. (n.º 1, Abril de 1903 — n.º 24, Março de 1904), 17,5×24 cm, 192 pp.; 2.º vol. (n.º 25, Abril de 1904 — n.º 42, Dezembro de 1904), 17,5×24 cm, LXXIV pp.
2.ª série, n.º 1 (Janeiro de 1910) — n.º 24 (Dezembro de 1910), 16×22 cm, 576 pp.

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des.	Argum.	
1.ª SÉRIE							
I	1	Abril 1903	[8]	O elefante trocista	—	—	•
	3	Maio 1903	[20-21]	Sovim castigado	—	—	•
			[24]	Concerto fresco	—	—	•
	12	Set. 1903	[92-93]	O cão e o cavalinho	—	—	
	13	Out. 1903	104	O leão e o poeta	—	—	•
	16	Nov. 1903	123	O estorninho	—	—	•
			128	Lição de civilidade	—	—	•
II	20	Jan. 1904	154	Bem feito	—	—	•
			156-157	O burrinho comilão	—	—	
	22	Fev. 1904	172-173	Santa mentira	—	—	•
	23	Março 1904	184	A careca do padrinho	—	—	•
	24	Março 1904	187	Conto encarnado	—	—	•
2.ª SÉRIE							
	2	Jan. 1910	32	Travessuras de moleque	—	—	•
	3	Fev. 1910	54	A patinagem	—	—	•
	4	Fev. 1910	87	O cossaco bisbilhoteiro	—	—	•
			90-91	Os ladrõesinhos pretos	—	—	•
	5	Março 1910	102	O bom lapão	—	—	•
	8	Abril 1910	177	Pintura viva	—	—	
	13	Julho 1910	304	O presente de Herpagão	—	—	
	14	Julho 1910	319	A bomba	—	—	•
	15	Agosto 1910	342	Passeio pelo campo	—	—	•
			349	O burro e o galo	—	—	
	17	Set. 1910	405	O prazer da caça	—	—	•
	18	Set. 1910	414-415	Simão e José	—	—	•
			429-430	A pipa	—	—	•
	20	Out. 1910	471	Vizita á fazenda	—	—	•
	22	Nov. 1910	520	Por bem fazer, mal haver	—	—	
			523	A quartola	—	—	•
	23	Dez. 1910	548	Os larápios	—	—	•

A Montanha para as Crianças, quinzenário, Porto, editor e director: F. Seixas Júnior, 1916-1918. Propriedade d'*A Montanha*. Administração, redacção e tipografia: Rua do Laranjal, n.° 101, Porto.

Ano I, n.° 26 (21.12.1916) — Ano III, n.° 64 (15.8.1918), 39×28 cm, 4 pp.

Ano	N.°	Data	Pág.	Título	Des.	Argum.	
1.°	26	21.12.1916	4	Como Rita Manoela conseguiu levar para casa o seu marido completamente borracho	Carlc.	—	■
2.°	27	4. 1.1916	1	Bebé guerreiro	Mel M.	—	•
	28	18. 1.1917	1	Receita vegetariana para fazer um Keiser	Mel M.	—	•
	31	1. 3.1917	1	Lição de história	Mel M.	—	•
	33	29. 3.1917	1	Alimentação na guerra (na Alemanha) texto e desenho do jornal alemão *Meggendorfer Blätter* de 1.6.1916	Mel M.	—	•
	34	12. 4.1917	1	O folar do Keiser	Mel M.	—	•
	37	24. 5.1917	1	Bebé e as romarias	Mel M.	—	•
			4	Uma história verdadeira	—	—	•
	38	7. 6.1917	1	Santo António Milagroso	Mel M.	—	•
	39	21. 6.1917	4	O dia feriado do Porto	A. Tavares	—	•
	42	2. 8.1917	1	Bebé nas águas	Mel M.	—	•
	43	16. 8.1917	4	Romaria da Serra de Pilar	A. Tavares	—	•
	46	27. 9.1917	1	As greves	Mel M.	—	•
3.°	55	14. 3.1918	1	Agulha malcreada	A. Tavares	—	•
	56[57]	11. 4.1918	1	O tifo	Mel M.	—	•
	59	9. 5.1918	1	Em dia de eleições	Mel M.	—	•
	60	23. 5.1918	1	Em dia de eleições	Mel M.	—	•

ABCzinho, Lisboa, Editor: Carlos Ferrão, 1921-1931.

Directores: Manuel de Oliveira Ramos, Cottinelli Telmo (Ano I, n.° 1, 15.10.1921 — Ano I, n.° 9, [21.2.1922]; Cottinelli Telmo (Ano I, n.° 10, 6.3.1921 — 2.ª série, n.° 200, 4.11.1929); Baptista Vasques (2.ª série, n.° 201, 11.11.1929 — 3.ª série, n.° 350, 16.9.1932). Redacção, administração e composição: Rua do Alecrim, 65, Lisboa. Impressão: Rua da Atalaia, 72, Lisboa (Ano I, n.° 1, 15.10.1921 — 2.ª série, n.° 30, 27.6.1926); Rua da Luta, 1C e 1D. [Propriedade das empresas ABC], Lda.

1.ª série, Ano I, n.° 1 (15.10.1921) — Ano IV, n.° 171 (28.12.1925), quinzenal, com irregularidades (Ano I, n.° 1, 15.10.1921 - Ano III, n.° 64, 10.12.1923), semanal ([Ano III], n.° 65, 17.12.1923 ss.), 23×16 cm, ± 20 pp.

2.ª série, Ano V, n.° 1 (4.1.1926) — [Ano VIII], n.° 208 (30.12.1929), semanal, 31,5×23 cm, 12 pp.

3.ª série, [Ano IX], n.° 209 (6.1.1930) — [Ano XI], n.° 350 (26.9.1932), semanal, 31,5×23 cm, 12 pp.

Ano	N.°	Data	Pág.	Título	Des.	Argum.	
I	1	15.10.1921	1-2	O Filho do Agulheiro	T	—	•
			9	O Sr. Libório	—	—	•
			12-13	O Limpa Chaminés	[Stuart]	—	
			16	Zé Carequinha o Cábula	T	—	•
			17	O Trombone Mágico	Albino	—	
			19	Delgadinho o ladrão engenhoso	T	—	•
			22-23	As Aventuras extraordinárias de Jorginho I - O moinho abandonado	Rocha Vieira		
	2	1.11.1921	12-13	Bonifácio o bom avestruz	T	—	•
			14	O sábio imperturbável	[Telmo]	—	•
			17	Guardado está o bocado	—	—	
			18-19	Aventuras extraordinárias de Jorginho II — O navio dos contrabandistas	Rocha Vieira	—	•
	3	21.11.1921	12	A preguiça castigada	—	—	
			18-19	Aventuras [. . .] III — A bordo do Andorinha	Rocha Vieira	—	•
	4	5.12.1921	18-19	Aventuras [. . .] III [IV]—A fuga	Rocha Vieira	—	•
	5	19.12.1921	2	Fifi e o seu automóvel	—	—	•
			9	Acudam! Acudam! Acudam!	Albino	—	•
			11a14	O segredo da casa vermelha	—	—	•
			20-21	Aventuras [. . .] V - O naufrágio	Rocha Vieira	—	•
			22	S.I.C. [Publicitária]	Albino	—	•
	6	2. 1.1922	7	Trombone e Fumeiro	Rocha Vieira	—	•
			8	O Sr. D. Paio Salchichão	—	—	
			9	O incrível dirigível	Stuart	—	
			12-13	Aventuras [...] VI - Em Marrocos	Rocha Vieira	—	•
			14	S.I.C. [Publicitária]	Albino	—	•
	7	16. 1.1922	2	Zé Carequinha o cábula	[Telmo]	—	•
			5-7	Altos feitos de Zé Pitosga	A. Morais	M.ª Paula Azevedo	
			8-9	Nos ninhos não se toca	E. H. Nunes	—	
			12-13	Aventuras [. . .] VII - Jorginho entre salteadores	Rocha Vieira	—	
	8	6. 2.1922	2	O Lulu	—	—	
			9	O menino que maltratava cães	E. H. Nunes	—	
			12-13	Quinquim e Raimundo os meninos magnéticos	Stuart	—	
			10	Pobre Pancrácio Pompom Pançudo Pereira	Stuart	—	•
			16-17	Altos feitos de Zé Pitosga	A. Morais	M.ª Paula Azevedo	•
			20-21	Aventuras [. . .] VIII - Conclusão — Salvos	Rocha Vieira	—	
	9	[21. 2.1922]	2	O trombone Mágico	Albino	—	•
			7-9	Aventuras Maravilhosas do Príncipe Malfadado	A. Morais	Rodrigo de Oliveira	•
			12-14	O Filho do Rajá I - Os Salteadores de Rondrem	Rocha Vieira	Pedro Gomes	•
			15	s. t.	António Cristino	—	• ■
	10	6. 3.1922	2	Pobre Pancrácio Pompom Pançudo Pereira	Stuart	—	•

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des.	Argum.	
			12-14	O Filho do Rajá II - Nas cavernas de Rondrem	Rocha Vieira	Pedro Gomes	•
	11	20. 3.1922	2	Mais preto que o próprio preto	E. H. Nunes	—	•
			12-14	O Filho do Rajá III - Na floresta	Rocha Vieira	Pedro Gomes	•
	12	3. 4.1922	3-7	Aventuras Maravilhosas [...]	A. Morais	Rodrigo de Oliveira	•
			8-9	O sultão dos pés descalços	Rogério Silva	—	
			11-13	O Filho do Rajá IV — Entre gente amiga	Rocha Vieira	Pedro Gomes	•
			14	Vale mais geito que força	Stuart	—	•
	13	17. 4.1922	5	Quê lindo êlêvâdô!	Stuart	—	• □
			8-9	Uma ideia... Fresca do menino Jorge, que deu água... Pela barba ao papá Felício!	E.	—	•
			12-13	O Filho do Rajá V - No templo subterrâneo	Rocha Vieira	Pedro Gomes	•
	14	[5. 5.1922]	8-9	Vejam o que aconteceu ao menino que escutava à porta	[E. H. N.]	—	•
			10-11	O Filho do Rajá VI - Mistérios sobre mistérios! O Ídolo fala...	Rocha Vieira	Tio X	•
	15	1. 6.1922	8-9	Este mundo é uma bola ...	[E. H. N.]	—	•
			12	Um preto que se vê azul e de todas as cores	António Cristino	—	•
	17	3. 7.1922	6	Contra bexigas doidas ... Duches!	—	—	•
			8-9	Os Saltibancos	Rocha Vieira	Tio Rodrigo	•
			12	Um canhão formidável	—	—	•
	18	17. 7.1922	8-9	Desgraças que acontecem a um menino que andava sempre de nariz no ar	E. H. N.	—	•
			10	O filho do Rajá VIII - O tigre	Rocha Vieira	Tio X	•
	19	[2. 8.1922]	7-9	Nascimento e vida de Massalipão	E. H. N.	T. L. B.	•
			12	O Filho do Rajá IX - De mal a pior	Rocha Vieira	Tio X	•
			14	Felisberto vê-se em picos	Stuart	—	•
	20	21. 8.1922	2	Quem tudo quer ...Tudo tem!	—	—	•
			7	A velha e o gato	Rocha Vieira	—	•
			10	O Filho do Rajá X - O encantador de serpentes	Rocha Vieira	Tio X	•
	21	4. 9.1922	7	O castigo do Zé Marau	Rocha Vieira	—	
			14	O Filho do Rajá XI - O filho do Rajá	Rocha Vieira	Tio X	•
	23	2.10.1922	2	História velha com bonecos novos	F. Reis	—	•
			5	O Filho do Rajá XII - Os desaparecidos ouvem uma história	Rocha Vieira	Tio X	•
	24	23.10.1922	2-3	Ir buscar penas e vir depenado	Stuart	—	•
			7	Maldita memória! Não me lembro do nome	Stuart	—	•
			21	O Filho do Rajá XIII - Preso como salteador	Rocha Vieira	Tio X	•
	25	6.11.1922	2	Um invento genial para o papá	E. H. Nunes	—	•
			11	Mais uma aventura do célebre John Bife - Os espelhos mágicos	Stuart [imitado]	—	•

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des.	Argum.	
			17	Para experimentar umas luvas	Stuart	—	•
	26	27.11.1922	2	O tónico capilar	Stuart	—	•
			8	Mestre Macaco vê-se em calças pardas	Stuart	—	•
			9	Umas botas que dançam o Fox-Trot	Stuart	—	•
			14	O filho do Rajá XIV - Propostas de Jamal	Rocha Vieira	Tio X	•
	27	4.12.1922	2	Esprêto tamem ter duche	Stuart	—	•
			13	O filho do Rajá XV - A ponte dinamitada	Rocha Vieira	Tio X	•
	28	Natal 1922	22	O filho do Rajá XVI - Levados pela corrente (fim da 1.ª parte)	Rocha Vieira	Tio X	•
II	29	1. 1.1923		Aventuras na misteriosa Índia: O Tesouro do Fakir, continuação do filho do Rajá [I]	Rocha Vieira	—	•
			10	Um galanteio da vaquinha «galante»	Rocha Vieira	—	•
	30	15. 1.1923	8	Uma lembrança engenhosa	—	—	•
			9	O resultado do mau génio	—	—	•
				Um sugeito apressado	—	—	•
			13	O tesouro do Fakir II - Nas mãos dos adoradores	Rocha Vieira	—	•
	31	5. 2.1923	5	As pernas eléctricas	Rocha Vieira	—	•
			13	O tesouro do Fakir [III]	Rocha Vieira	—	•
	32	9. 2.1923	6-7	Um chapéu de coco e uma tromba ... Marinha!	Stuart	—	•
			14	O tesouro do Fakir IV - A ira da divindade	Rocha Vieira	—	•
	33	5. 3.1923	5	O menino que foi pelos ares	[E. H. N.]	—	•
			7	O tesouro do Fakir V - Fuga movimentada	Rocha Vieira	—	•
	34	19. 3.1923	5	O cavalinho de pau	E. H. N.	—	•
			12	O tesouro do Fakir VI - Um documento precioso	Rocha Vieira	—	•
	35	16. 4.1923	2	Siô Scarumba apanha castigo	—	—	•
			8	Castigo dum açambarcador	António Cristino	—	•
			9	O tesouro do Fakir VII - Prepara--se grande combate	Rocha Vieira	—	•
	36	30. 4.1923	9	Para que queres, sapateiro, tocar rabecão	—	—	•
	37	14. 5.1923	13	O tesouro do Fakir VIII - A casa dos tigres	Rocha Vieira	—	•
	38	18. 5.1923	2	Uma conversa animada	—	—	•
	40	18. 5.1923	9	O tesouro do Fakir IX - Onde se acaba a história	Rocha Vieira	—	•
	42	2. 7.1923	4-5	Viva a liberdade	E. H. Nunes	Rodrigo de Oliveira	•
	55	8.10.1923	10-12	O pequeno trapeiro	Rocha Vieira	T. L. B.	•
[III]	57	22.10.1923	8-9	O tesouro de Tching-Fuw-Lee	Rocha Vieira	Deucalion	•
	62	26.11.1923	6-8	O sonho dum ano novo	—	—	•
	64	10.12.1923	8-10	A curiosidade do primo Alfredo	H. R. V.	Deucalion	•
	66	[24.12.]1923	5-6	Um pescador ... Pescado!	Stuart	T. L. B.	•

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des.	Argum.	
III	68	7. 1.1924	5	Um caçador de patos... mansos	Nunes Botelho	T. L. B.	•
	69	14. 1.1924	5	O tótó da Dona Bisbilhoteira	Emmérico Nunes	T. L. B.	•
	70	21. 1.1924	5	Zé Pacóvio faz um galo	A. C. L.	—	•
	71	28. 1.1924	5	Como se faz um automóvel de luxo	Stuart	—	•
	72	4. 2.1924	3	O engenho do Zézinho	—	—	•
			5	À procura do tesouro	A. C. L.	—	•
			11	A atracção das maçãs	Amélia Pae da Vida	Amélia Pae da Vida	•
	73	11. 2.1924	3	Uma cama improvisada	Nunes Botelho	—	•
			16	O trombone mágico	Nunes Botelho	—	•
	74	18. 2.1924	5	Um porco com corda	A. C. L.	—	•
			11	Como o ratinho se salvou	N. Botelho	—	•
	75	25. 2.1924	5	Transformações à vista	N. Botelho	—	•
	76	3. 3.1924	5	Como sobe e desce o nível das águas	—	—	•
			12	Uma ideia luminosa	N. Botelho	—	•
	77	10. 3.1924	5	Uma serpente desconhecida	N. Botelho	—	•
			10	Um ladrão castigado	N. Botelho	—	•
	78	17. 3.1924	5	Coisas que acontecem	N. Botelho	—	•
	79	24. 3.1924	3	Surpresas do destino	N. Botelho	—	•
	80	31. 3.1924	3	A tragédia do doce de ginja	N. Botelho	—	•
			5	Como se arranja almoço	N. Botelho	—	•
	81	7. 4.1924	3	É proibida a passagem	N. Botelho	—	•
			5-8	Aventuras de Zabumba, Bumba e Zaranza [I]	N. Botelho	—	•
	82	14. 4.1924	3	A vingança	A. C. L.	—	•
			5-7	Aventuras de Zabumba [...] II - O monstro pré-histórico	N. Botelho	—	•
			13	A que leva a cólera	N. Botelho	—	•
	83	21. 4.1924	3	Como se caça um leão	N. Botelho	—	
			5-7	Aventuras de Zabumba [...] III - O aeroplano fantástico	N. Botelho	—	
	84	28. 4.1924	11-13	Aventuras de Zabumba [...] IV - Os caixotes diabólicos	N. Botelho	N. Botelho	
	85	5. 5.1924	3	A desforra (continuação da vingança)	A. C. L.	—	•
			8-9	Delgadinho o ladrão engenhoso	[Botelho]	—	
			11-13	Aventuras de Zambuba [...] V - Mistérios do fundo do mar	N. Botelho	—	
	89	2. 6.1924	3	Um bom sistema	A. C. L.	—	
			8-9	História do engenhoso processo empregado	N. Botelho	—	
	90	[9. 6.1924]	3	Uma partida do Zeca	Tio Pirilau	—	★
			5	Zé Pacóvio no Museu	N. Botelho	—	★
			16	Surpresas da fotografia	N. Botelho	—	
	91	[16. 6.1924]	3	Inventos admiráveis	—	—	★
			5	Um barco pouco cómodo	N. Botelho	—	
			9	Uma ideia genial	N. Botelho	—	
			16	Surpresas da fotografia	N. Botelho	—	
	92	[23. 6.1924]	5	Ó da guarda! Ladrões!	Rocha Vieira	—	
			13-14	Zé Pacóvio [I]	A. C. L.	Tio Pirilau	
			16	A vingança do jardineiro	N. Botelho	—	

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des.	Argum.
	93	[30. 6.1924]	5	Um monstro marinho! Fujam! Fujam! Fujam!	N. Botelho	—
			11	Almoços e fatos por preços baratíssimos	N. Botelho	—
			13-14	Novas aventuras de Zé Pacóvio II - Zé Pacóvio tem que fugir	A. C. L.	Tio Pirilau
			16	O suporte ideal	N. Botelho	—
	94	[7. 7.1924]	5	Uma excursão do capitão Serapião ao Sertão	N. Botelho	—
			15-16	Novas aventuras [...] III - Zé Pacóvio livra-se dos ladrões	A. C. L.	Tio Pirilau
	95	[14. 7.1924]	3	Ninguém faça mal	N. Botelho	—
			5	Surpresas da fotografia	N. Botelho	—
			9	Como Manuel arranjou farnel	N. Botelho	—
	96	[21. 7.1924]	2	Uma ideia genial	N. Botelho	—
			5-10	A luz vermelha	R. V.	T. L. B.
			11	Surprezas da fotografia	N. Botelho	—
			15-16	Zé Pacóvio	A. C. L.	Tio Pirilau
	97	[28. 7.1924]	2	Uma partidinha	—	—
			4-6	O estratagema do pescador	N. Botelho	—
	98	4. 8.1924	2	Ninguém faça mal...	N. Botelho	—
			7-10	O segredo da caixa preta	Rocha Vieira	—
			15-16	Zé Pacóvio	A. C. L.	Tio Pirilau
	99	11. 8.1924	3-5	Uma aventura como há poucas	N. Botelho	—
			10-11	Bobi e Bibo	E. A.	—
			15-16	Zé Pacóvio	A. C. L.	Tio Pirilau
	100	[18. 8.1924]	3	Uma ideia genial do célebre capitão trapalhão	N. Botelho	—
			5	Uma partida de dois garotos levados da breca	Althausse	—
			7-10	Histórias sensacionais de um pequeno telegrafista	Althausse	—
			15-16	Zé Pacóvio	A. C. L.	Tio Pirilau
	101	[27. 8.1924]	3	Dada, Didi e Dodol dão a volta ao mundo	Althausse	—
			7-10	O circo - Uma aventura de dois amigos	Rocha Vieira	—
			15-16	Zé Pacóvio	A. C. L.	Tio Pirilau
	102	1. 9.1924	3	Uma aventura como poucas	N. Botelho	—
			7-11	Meteonarizemtudo	A. C. L.	José de Oliveira Cosme
			15	Zé Pacóvio	A. C. L.	Tio Pirilau
	103	8. 9.1924	7-10	Meteonarizemtudo - O documento misterioso	A. C. L.	José de Oliveira Cosme
			15-16	Zé Pacóvio	A. C. L.	Tio Pirilau
	104	15. 9.1924	3	Triste aventura do janota D. Gil de Noronha Sancho	—	—
			9-12	O segredo da ilha dos papagaios	Rocha Vieira	F. C.
	105	22. 9.1924	2	O passeio do sultão	Althausse	T. L. B.
			5	A menina doente	Althausse	T. L. B.
			7-10	Meteonarizemtudo - O escafandro tenebroso	A. C. L.	José de Oliveira Cosme
			15-16	Zé Pacóvio	A. C. L.	Tio Pirilau

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des.	Argum.	
	106	29. 9.1924	2	Feliz fim dum mandarim	E. A.	T. L. B.	
			5-8	A fortuna de Ricardo	Rocha Vieira	—	
			13-16	Como se arranja um amigo	R. V.	T. L. B.	
	107	6.10.1924	2-4	Os peles vermelhas e o Bolo ... de sabão	[E. A.]	—	
			7-10	Meteonarizemtudo - A locomotiva trágica	A. C. L.	José de Oliv. Cosme	
			15-16	Zé Pacóvio	A. C. L.	Tio Pirilau	
	108	13.10.1924	[2]	Dois grandes marotos	E. A.	T. M. F. de C.	
			[7-10]	O sinal de perigo	R. V.	T. L. B. (adap.)	
			[15-16]	Zé Pacóvio [Fim]	A. C. L.	Tio Pirilau	
IV	109	20.10.1924	[7-11]	O castelo incompleto	Rocha Vieira	[T. L. B.]	
	110	27.10.1924	[2]	O sábio ambicioso	—	T. P.	
			[9-12]	Desobediência fatal	N. Botelho	—	
	111	3.11.1924	[3-7]	O pequeno polícia	[R. V.]	—	
	112	10.11.1924	[16]	Ovos mexidos	N. Botelho	—	•
	113	17.11.1924	[2]	Uma invenção de Dom Galau	—	T. L. B.	
	115	1.12.1924	[13]	Um grande desastre	—	—	
	116	8.12.1924	[2-13]	História da gatinha Salomé e do Braz Canzarão	—	—	
			[16]	Para levar embrulhos	—	—	
	120	[29.12.1924]	[1-2]	Manuel Zé e os moedeiros falsos	—	—	
			[11]	A distraída	Amélia Pae da Vida	Amélia Pae da Vida	
			[13-14]	Aventura de Tonito e Naninhas I - O rapto	A. C. L.	T. P.	
	121	12. 1.1925	[9-10]	Aventuras de Tonito [...] [II]	A. C. L.	T. P.	
			[12-13]	s. t.	—	—	
	122	19. 1.1925	[4-5]	Surprezas da matança do porco	—	T. P.	
			[8-9]	Aventuras do Tonito [...] III - A fuga	A. C. L.	T. P.	
	123	26. 1.1925	[8-9]	Aventuras de Tonito [...] IV - A polícia	A. C. L.	T. P.	
			[16]	Atletismo	—	—	
	124	2. 2.1925	[8-9]	Aventuras de Tonito [...] V - Pelos ares fora	A. C. L.	T. P.	
			[11-14]	Uma aventura no Polo Norte, sensacional reaparição do célebre Meteonarzem tudo	A. C. L.	José de Oliv. Cosme	
	125	9. 2.1925	[8-9]	Aventuras de Tonito [...] VI - A ilha dos pretos	A. C. L.	T. P.	
			[10]	Conto mudo - O banco voador	—	—	
	126	16. 2.1925	[8-9]	Aventuras de Tonito [...] VII - Mak Akão V	A. C. L.	T. P.	
			[16]	s. t.	—	A. B. G.	
	127	23. 2.1925	[3]	Grande concurso! [...] Quem será o az dos detectives do zinho? Quem descobrirá o culpado? - Um facto de pôr os cabelos em pé	—	—	•
			[5]	Zé Pacóvio	A. C. L.		
			[6-7]	O carnaval de Diógenes	—	Cândido de Bastos	
			[8-9]	Aventuras de Tonito [...] VIII - O príncipe GúGú	A. C. L.	Tio Pirilau	

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des.	Argum.	
	128	2. 3.1925	[3]	Grande Concurso! [...] II - Na pista ou a víctima que se evapora	A. C. L.	T. P.	•
			[8-9]	Aventuras de Tonito [...] IX - - Expedição infeliz	A. C. L.	T. P.	
			[13]	Três rochas «podres» e três meninos «troxas»	—	A. B. G.	
	129	9. 3.1925	[3]	Grande concurso! [...] III - - Qual dos dois ou a conspiração			•
			[6-7]	s. t.	—	—	
			[8-9]	Aventuras de Tonito [...] X - A piroga salvadora	A. C. L.	T. P.	
			[16]	Gracinhas de Zacarias	—	—	
	130	16. 3.1925	[7]	Grande concurso! [...] IV - O segredo do lago das águas turvas	—	—	•
			[8-9]	Aventuras de Tonito [...] XI - Presidiários	A. C. L.	T. P.	
			[16]	O burro do Zé Pacóvio	A. C. L.	—	
	131	23. 3.1925	[7]	Grande concurso! [...] V - Teodolindo adoece - Roberto faz uma visita	—	—	•
			[8-9]	Aventuras de Tonito [...] XII - A evasão	A. C. L.	Tio Pirilau	
	132	30. 3.1925	[1-4]	O amador de feras	Rocha Vieira	—	
			[8-9]	Aventuras de Tonito [...] XIII - - O Manipauso	A. C. L.	T. P.	
			[16]	Grande concurso! [...] VI - O pintor Cláudio - o pagamento	—	—	•
	133	5. 4.1925	[1-3]	A planície da morte	Rocha Vieira	—	
			[8-9]	Aventuras de Tonito [...] XIV - - Afogados	A. C. L.	T. P.	
			[10]	Grande concurso! [...] VII - Teodolindo toma suas providências	—	—	•
	134	13. 4.1925	[1-4]	«Saloiada Futebol Clubio»	A. C. L.	Tio Pirilau	
			[9]	Aventuras de Tonito [...] XIV [XV] - A gruta dos piratas	A. C. L.	T. P.	
	135	20. 4.1925	[1-2]	Aventuras de Tonito [...] XVI - O aeroplano salvador	A. C. L.	T. P.	
			[7]	Grande concurso! [...] VIII - Um achado aterrorizante	—	—	•
	136	27. 4.1925	[1-2]	Receita para fazer crescer o cabelo	A. C. L.	—	
			[8-9]	Aventuras de Tonito [...] XVIII [XVII] - Tudo como dantes [Fim]	A. C. L.	T. P.	
	137	4. 5.1925	[1-2]	As proezas de Berlimbori	E. A.	—	
			[13]	Grande concurso! [...] IX - O embuçado ou novos crimes previstos	—	—	•
			[16]	Desventuras do Bonifácio	Althausse	—	
	138	11. 5.1925	[1]	A mala vingadora... e o ladrão castigado	A. C. L.	—	

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des.	Argum.
			[16]	Grande Concurso! [...] Último capítulo - Mortos que ressuscitam ou um presente catita	—	—
	139	18. 5.1925	[1-2]	Por esse mundo fora [Novas aventuras de Zé Pacóvio - I]	A. C. L.	[T. P.]
	140	25. 5.1925	[1-2]	Novas aventuras de Zé Pacóvio II - O «Quimboio» infernal	A. C. L.	[T. P.]
			[4-5]	s. t.	E. A.	—
			[7]	Um casamento no bosque	—	A. B. C.
	141	1. 6.1925	[5]	Uma reportagem sensacional	—	—
			[8-9]	Novas aventuras [...] III - O automóvel diabólico	A. C. L.	T. P.
			[15]	O estratagema di mama espleta	[E. A.]	—
	142	8. 6.1925	[4-5]	O castigo do Julião Cabeçudo	E. A.	C. de B.
			[8-9]	Novas aventuras [...] IV - Aprendiz de barbeiro	Cardoso Lopes	—
	143	15. 6.1925	[7]	Um castigo muito bem merecido	E. A.	—
			[8-9]	Novas aventuras [...] V - O perna de pau	A. C. L.	T. P.
	144	22. 6.1925	[3-4]	As pegadas misteriosas ou «um grande par de botas»	Althausse	T. P.
			[8-9]	Novas aventuras [...] VI - O urso feroz	A. C. L.	T. P.
	145	29. 6.1925	[8-9]	Novas aventuras [...] VII - Expresso de Cacilhas	A. C. L.	T. P.
	146	6. 7.1925	[8-9]	Novas aventuras [...] VIII - Grande desafio de foteból... com as mãos	A. C. L.	T. P.
	147	13. 7.1925	[8-9]	Novas aventuras [...] IX - Uma façanha altamente desportiva	A. C. L.	T. P.
	148	20. 7.1925	[8-9]	Novas aventuras [...] X - Inquestre a cavalo	A. C. L.	T. P.
	149	27. 7.1925	[8-9]	Novas aventuras [...] XI - A pulanta do tisoiro	A. C. L.	T. P.
			[11]	Mestre carpinteiro é duma esperteza a toda a prova	[E. A.]	—
	150	3. 8.1925	[8-9]	Novas aventuras [...] XII - Arreventa o gigante mistrioso	A. C. L.	T. P.
	152	17. 8.1925	[8-9]	Novas aventuras [...] XIV - Na posse dos documentos	A. C. L.	T. P.
	153	24. 8.1925	[8-9]	Novas aventuras [...] XV - Na posse dos documentos	A. C. L.	T. P.
	154	31. 8.1925	[8-9]	Novas aventuras [...] XVI - Exercícios de luta grego-romana	A. C. L.	T. P.
			[13-14]	Rosa-Rosa e Rosa-Branca	Althausse	—
	155	7. 9.1925	[8-9]	Novas aventuras [...] XVII - Viñte contos de prémio	A. C. L.	T. P.
	156	14. 9.1925	[8-9]	Novas aventuras [...] XVIII - Intervém o célebre Meteonarizemtudo	A. C. L.	T. P.
	157	21. 9.1925	[6-7]	s. t.	Althausse	—
	159	5.10.1925	[8-9]	Novas aventuras [...] XXI - Piramidal luta com os bandidos	A. C. L.	T. P.

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des.	Argum.
	160	12.10.1925	[8-9]	Novas aventuras [...] XXII - À procura dos sábios perdidos nos gelos	A. C. L.	T. P.
	161	19.10.1925	[8-9]	Novas aventuras [...] XXIII - A caminho do Pólo	A. C. L.	T. P.
	162	26.10.1925	[8-9]	Novas aventuras [...] XXIV - O trenó de misterioso aspecto	A. C. L.	T. P.
V	164	9.11.1925	5-7	Como mestre alfaiate ganhou o céu	[E. A.]	—
	165	16.11.1925	12-13	Mestre vermelhão pinta o diabo	[E. A.]	—
			16	Para abrir um caixote	[E. A.]	—
	166	23.11.1925	6-7	s. t.	[E. A.]	—
			8-9	Como o burro do Zé das mós ... salvou a burra do dito	Althausse	—
			16	Uma lagosta pior que um urso	[E. A.]	—
	167	30.11.1925	8-9	História trágica	[E. A.]	—
	168	7.12.1925	8-10	s. t.	[E. A.]	—
	169	14.12.1925	9	Um coxo a fingir que o ia ficando a valer	[E. A.]	—
	170	21.12.1925	3	A bolinha de prata	Althausse	—
			8-9	A obra-prima do pintor Água-Morna	[E. A.]	—
	171	28.12.1925	8-9	s. t.	Althausse	—

2.ª SÉRIE

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des.	Argum.
V	1	4. 1.1926	1-8	As estupendas aventuras do Pirilau que vendia balões I - A águia de maus fígados	Botelho	[T. P.]
	2	11. 1.1926	1-12	As estupendas [...] II - Pirilau entre os leões	[Botelho]	[T. P.]
	3	18. 1.1926	1-12	As estupendas [...] III - O feiticeiro Katapumpépé	[Botelho]	[T. P.]
	4	25. 1.1926	1-8	As estupendas [...] IV - Os subterraneos do Manipauso	Botelho	[T. P.]
	5	1. 2.1926	1-12	As estupendas [...] V - O homem das selvas	Botelho	[T. P.]
	6	8. 2.1926	1-12	As estupendas [...] VI - O misterioso submarino	Botelho	[T. P.]
	7	15. 2.1926	1	As estupendas [...] VII - O imperador dos mares	Botelho	[T. P.]
			12	Bários disparateis da esgraçada vida do Grandessíssimo Zé Pacóvio	A. C. L.	[T. P.]
	8	22. 2.1926	1	As estupendas [...] VIII - Na ilha do Trombelitron	Botelho	[T. P.]
			6	A aranha reconhecida	Botelho	—
			12	A cumo Zé Pacóvio limbéu no boxe mais osdepois ganhou!...	A. C. L.	[T. P.]
	9	1. 3.1926	1	As estupendas [...] IV - A grande chacina	Botelho	[T. P.]
			8-9	s. t.	N. Botelho	—

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des.	Argum.
			12	Grandessissimo combate de boxe que Zé Pacóvio ganhou	A. C. L.	[T. P.]
	10	8. 3.1926	1	As estupendas [...] IX [X] - A Chave do enigma	Botelho	[T. P.]
			4-6	s. t.	Rocha Vieira	—
			12	Punhos de bronze o terror do ring 1.º — Vencedor e vencido	Carlos	—
	11	15. 3.1926	1	As estupendas [...] XI - Surpresas sobre surpresas	Botelho	[T. P.]
			6	A corrida de obstáculos	—	—
			12	Punhos de bronze [...] 2.º - A casa misteriosa	Carlos	—
	12	22. 3.1926	1	As estupendas [...] XII - Pirilau contra todos	Botelho	[T. P.]
			12	Punhos de bronze [...] 3.º - X-31 R. do A.	Carlos	—
	13	29. 3.1926	1	As estupendas [...] XIII - A audácia de Pirilau	Botelho	[T. P.]
			12	Punhos de bronze [...] 4.º - A caminho de New-York	Botelho	—
	14	5. 4.1926	1	As estupendas [...] XIV - O prato de arroz doce	Botelho	[T. R.]
			7	Histórias para os pequeninos - A milagrosa fuga de Alonso Burromeu Fagundes	—	
			12	Punhos de bronze [...] 5.º - A caminho de New-York	Botelho	—
	15	12. 4.1926	1	Como a gratidão dum leão salvou Ferrabaz Ferrabão	N. Botelho	—
			7	Histórias para [...] - A família esquimó da Anunciação e Silva caça o urso	—	
			12	Punhos de bronze [...] 6.º	Botelho	—
	16	19. 4.1926	1	A vingança do Ricardito	Botelho	—
			12	Punhos de bronze [...] 7.º - O refúgio inacessível	Botelho	—
	17	26. 4.1926	1	Zé Carequinha, o cábula, inventa uma receita para fazer exames lindos!	Botelho	—
			12	Punhos de bronze [...] 8.º - O camion 33433	Botelho	—
	18	3. 5.1926	1	A façanha do Libório	A. C. L.	—
			12	Punhos de bronze [...] 9.º - No Banco Morgan	Botelho	—
	19	10. 5.1926	1	Zé Pacóvio toureiro	A. C. L.	—
			12	Punhos de bronze [...] 10.º - A máquina do sono	Botelho	—
	20	17. 5.1926	1	O automóvel do Neco	Botelho	—
			12	Punhos de bronze [...] 11.º - O barril de lixo	Botelho	—
	21	24. 5.1926	1	A mudança do Bento	Botelho	—
			12	Punhos de bronze [...] 12.º - Como o acaso as tece	Botelho	—

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des.	Argum.
	22	31. 5.1926	1	A bomba de dinamite	A. C. L.	—
			7-8	A vingança do ciclista	—	—
			12	Punhos de bronze [...] 13.º Ladrões de automóveis	Botelho	—
	23	14. 6.1926	1	Luta de bonitos	Botelho	—
			12	Punhos de bronze [...] 14.º - Um contra dez	Botelho	—
	24	14. 6.1926	1	O tesouro de S.to António	Botelho	—
			6-7	História de mestre Pelicano e mai-la [sic] sua alfaiataria	—	—
			12	Punhos de bronze [...] 15.º - O cow-boy salvador	Botelho	—
	25	21. 6.1926	1	A chave de S. Pedro	Botelho	—
			7	A planta rara de D. Clara	—	—
			12	Punhos de bronze [...] 17.º [16.º] - A fita reveladora	Botelho	—
	27	5. 7.1926	1	A pesca da baleia	Botelho	—
			6-7	As invasões do Barnabé	—	—
			12	Punhos de bronze [...] 18.º [17.º] - A explosão da Ponte	Botelho	—
	29	19. 7.1926	1	Receita para emagrecer	Botelho	—
			12	Punhos de bronze [...] 18.º [19.º] - O rei dos cobertores de lã	Botelho	—
	30	26. 7.1926	1	O exame do Manecas	Botelho	—
			7	O expediente do Jaime	—	—
			12	Punhos de bronze [...] 20.º - O tecto dos punhos	Botelho	—
	31	2. 8.1926	1	O explorador postiço	Botelho	—
			7	As invenções do Sr. Libório	—	—
			12	Punhos de bronze [...] 21.º - O morto vivo	Botelho	—
	32	9. 8.1926	1	Mistérios do além	Botelho	—
			12	Punhos de bronze [...] 21.º [22.º] - Às portas da morte	Botelho	—
	33	16. 8.1926	1	Abaixo o calor	Botelho	—
			7	A caixinha de rapé salvadora	—	—
			12	Punhos de bronze [...] 22.º [23.º] - Sobre a locomotiva	Botelho	—
	34	23. 8.1926	1	Viagens maravilhosas do Sanchinho Papa-Figos [I] - No país dos brinquedos	Botelho	—
			12	Punhos de bronze [...] 23.º [24.º] - A catástrofe	Botelho	—
	35	30. 8.1926	1	Viagens [...] II - A fada das flores	Botelho	—
			12	Punhos de bronze [...] 24.º [25.º] - À meia-noite em ponto	Botelho	—
	36	6. 9.1926	1	Viagens [...] III - A rainha das abelhas	Botelho	—
			12	Punhos de bronze [...] 25.º [26.º] - Na cadeira eléctrica [Fim]	Botelho	—

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des.	Argum.	
	37	13. 9.1926	1	Viagens [...] IV - A ilha dos anões	Botelho	—	
			12	O avestruz, a mamãe escarumba e os nénés tições	E. A.	—	
	38	20. 9.1926	1	Viagens [...] V - Na Açucalolândia	Botelho	—	
			12	História dum dragão, um fildago e dois meninos	Carlos	—	
	39	27. 9.1926	1	Viagens [...] VI - Na caixa de fósforos	Botelho	—	
			12	O menino que queria ser homem à força	Ofélia	—	
	40	4.10.1926	1-12	Viagens [...] VII - O rei da Mandia	Botelho	—	
	41	11.10.1926	1	Viagens [...] VIII - A coragem de Sanchinho	Botelho	—	
			6-7	Tristes consequências de Dom Golias Gomes Galo	Althausse	—	
			12	Barnabum e Badalão, vítima da aviação	Ofélia	—	
	42	18.10.1926	1	Viagens [...] IX - Em cata de juízo	Botelho	—	
			12	História de Dona Filomena e dos seus cães e gatos	A. C. Lopes	—	
	43	25.10.1926	1	Viagens [...] X - O batalhão mágico	Botelho	—	
			12	Duma cajadada - Perdeu dois coelhos	Carlos	—	
	44	1.11.1926	1	Viagens [...] XI - Os pastéis de nata	Bot.	—	
			7	Um quartinho mobilado com luxo	[E. A.]	—	•
			8	Um cavalo de tróia moderno	António Cristino	—	•
	45	8.11.1926	1	Viagens [...] XII - O vinho mágico	Botelho	—	
	46	15.11.1926	1	Viagens [...] XIII - Macaquinhos	Bot.	—	
			7	Tragédia «comestível» num restaurante da cidade	[E. A.]	—	
	47	22.11.1926	1	Viagens [...] XIV - Acabou-se tudo [Fim]	Botelho	—	
			12	Surpresas da T. S. F.	António Cristino	—	□
	48	29.11.1926	1-8	A grande fita americana I - O ataque ao expresso	[Botelho]	[Telmo]	
			12	Altos feitos do Tócarôcho	[E. A.]	—	
	49	6.12.1926	1-2	A grande [...] II - O rapto da locomotiva	[Botelho]	—	
			12	As estupendas façanhas do cow--boy façanhudo	António Cristino	—	
	50	13.12.1926	1-2	A grande [...] III - Miss Bijou é uma heroína	[Botelho]	—	
			7	Um processo novo para tirar dentes velhos	[E. A.]	—	

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des.	Argum.	
			12	As estupendas [...]	António Cristino	—	
	51	20.12.1926	1-2	A grande [...] IV - A catástrofe	[Botelho]	—	
			12	As estupendas [...]	António Cristino	—	
	52	27.12.1926	1-2	A grande [...] V - Começa a fita	Botelho	—	
			12	As estupendas [...]	António Cristino	—	
[VI]	53	3. 1.1927	1-2	A grande [...] VI - A ponte abate	Botelho	—	
			7	Zé Pacóvio e as partidas de Timoteo	A. C. L.	—	
			12	As estupendas [...]	António Cristino	—	
	54	10. 1.1927	1	A grande [...] VII - A corda quebrada	Botelho	—	
			7	Os suspensórios diabólicos	A. C. L.	—.	□
			12	As estupendas [...] [Fim]	António Cristino	—	
	55	17. 1.1927	1-2	A grande [...] VIII - Novos personagens	Botelho	—	
	56	24. 1.1927	1-2	A grande [...] IX - O subterraneo das aguas negras	Botelho	—	
			12	Atribulações de preto Retinto da Costa	António Cristino	—	
	56	31. 1.1927	1-7	A grande [...] X - Os velhos amigos encontram-se	Botelho	—	
			12	Questões de astronomia	Botelho	—	★
	58	7. 2.1927	1-2	A grande [...] XI - Um diz: Mata! O outro: Esfola!	Botelho	—	
			12	Os presentes para a noiva	Botelho	—	
	59	21. 2.1927	1-6	A grande [...] XII - Dez quilos de dinamite	Botelho	—	
			12	O domador Chinfrim e o seu leão feroz	Botelho	—	
	60	28. 2.1927	1-10	A grande [...] XIII - Os papelinhos que guiam	Botelho	—	
			12	Uma partida carnavalesca	Botelho	—	
	61	7. 3.1927	1-8	A grande [...] XIV - A heróica morte de Mulato	Botelho	—	
			7	Proezas do iracundo capitão Balalão	António Cristino	—	
			12	Restos de Carnaval	Botelho	—	
	62	14. 3.1927	1-5	A grande [...] XV - Entaipados para sempre	Botelho	—	
			12	Por mal fazer ...Mal haver	António Cristino	—	
	63	21. 3.1927	1-2	A grande [...] XVI - A traição ao Mexica[no]	Botelho	—	
			7	O penedo misterioso	Botelho	—	
			12	A travessia do Atlântico	Botelho	—	
	64	28. 3.1927	1-2	A grande [...] XVIII [XVII] - Uma bela surpresa. Na estação de «Pinheiro-Manso City»	Botelho	—	
			7	Grande hotel chic Paris Continental	Botelho	—	
			12	Não te rias do mal dos outros	António Cristino	—	

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des.	Argum.	
	65	4. 4.1927	1-2	A grande [...] [XVIII] - Grande surpresa [Fim]	Botelho	—	
			7	Ilusões do capitão Tão Balalão	António Cristino	—	
			12	O seu a seu dono	Botelho	—	
	66	11. 4.1927	1-12	O Zuncha, artista de circo I - Tomado por ladrão	Botelho	—	★
	67	18. 4.1927	1-12	O Zuncha [...] II - O assalto	Botelho	—	★
			7	O groom do Excelsior Hotel I - Ladrão de jóias	António Cristino	—	
	68	25. 4.1927	1	O Zuncha [...] III - O desastre	Botelho	—	★
			7	O groom [...] II - Cozido e assado no caldeirão	António Cristino	—	
			12	O Zuncha [...] IV - Os malteses	Botelho	—	★
	69	2. 5.1927	1	O Zuncha [...] V - O Zuncha faz-se saltimbanco	Botelho	—	★
			7	O groom [...] III - Em pleno Egipto - Os adoradores de Tutenscamion	António Cristino	—	
			12	O Zuncha [...] VI - Intervém a guarda republicana	Botelho	—	★
	70	9. 5.1927	1	O Zuncha [...] VII - O primeiro espectáculo	Botelho	—	★
			7	O groom [...] IV - Perseguições piramidais	António Cristino	—	
			12	O Zuncha [...] VIII - O gazómetro que pega fogo à menina	Botelho	—	★
	71	16. 5.1927	1	O Zuncha [...] IX - As prosperidades da companhia	Botelho	—	★
			7	O groom [...] V - Na cova das serpentes	António Cristino	—	
			12	O Zuncha [...] X - O Zuncha é raptado	Botelho	—	★
	72	23. 5.1927	1	O Zuncha [...] XI - A caminho da América	Botelho	—	★
			7	O groom [...] VII - Os servos de Tutenscamion	António Cristino	—	
			12	O Zuncha [...] XII - Há fogo a bordo	Botelho	—	★
	73	30. 5.1927	1	O Zuncha [...] XIII - Salvo por contrabandistas	Botelho	—	
			7	O groom [...] VII [VIII] - Em poder do colar	António Cristino	—	
			12	O Zuncha [...] XIV - Uma mensagem misteriosa	Botelho	—	★
	74	6. 6.1927	1	O Zuncha [...] XV - Os empresários procuram salvar o Zuncha	Botelho	—	★
			7	O groom [...] VIII [IX] - A dois minutos da panela	António Cristino	—	
			12	O Zuncha [...] XVI - Em vez do Zuncha um manequim	Botelho	—	★
	75	13. 6.1927	1	O Zuncha [...] XVII - Uma evasão combinada	Botelho	—	★

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des.	Argum.	
			7	O groom [...] IX [X] - Um fim que se espera	António Cristino	—	
			12	O Zuncha [...] XVIII - O Zuncha encontra uma amiga	Botelho	—	★
	76	20. 6.1927	1	O Zuncha [...] XIX - A estreia do Zuncha em New-York	Botelho	—	★
			12	O Zuncha [...] XX - Um desastre no circo	Botelho	—	★
	77	27. 6.1927	1	O Zuncha [...] XXI - O Zuncha desaparece	Botelho	—	★
			12	O Zuncha [...] XXII - Miss Dorothy em busca do Zuncha	Botelho	—	★
	78	4. 7.1927	1	O Zuncha [...] XXIII - Entra em cena o leão Atlas	Botelho	—	★
			7	Aventuras de três amigos no Planeta Marte 1.º - O telescópio do sábio Popoff	António Cristino	—	
			12	O Zuncha [...] XXIV - O vagão dos leões	Botelho	—	★
	79	11. 7.1927	1	O Zuncha [...] XXV - O Zuncha contra os leões	Botelho	—	★
			7	Aventuras [...] 2.º - Partida para Marte	António Cristino	—	
			12	O Zuncha [...] XXVI - O furgão das barras de ouro	Botelho	—	★
	80	18. 7.1927	1	O Zuncha [...] XXVII - O Zuncha não perdoa	Botelho	—	★
			7	Aventuras [...] 3.º - A árvore da morte	António Cristino	—	
			12	O Zuncha [...] XXVIII - Na passagem de nível	Botelho	—	★
	81	25. 7.1927	1	O Zuncha [...] XXIX - A continuação da viagem	Botelho	—	★
			7	Aventuras [...] 4.º - Cercado pelos sapos	António Cristino	—	
			12	O Zuncha [...] XXX - O rapto do príncipe russo	Botelho	—	★
	82	1. 8.1927	1	O Zuncha [...] XXXI - A bordo do dirigível dos bolchevistas	Botelho	—	★
			7	Aventuras [...] 5.º - Teglut Kuli Gafas	António Cristino	—	
			12	O Zuncha [...] XXXII - Nestas alturas ... entra a polícia aérea!	Botelho	—	★
	83	8. 8.1927	1	O Zuncha [...] XXXII [XXXIII] - O combate com os bolchevistas	Botelho	—	★
			7	Aventuras [...] 6.º - A caminho do centro do planeta	António Cristino	—	
			12	O Zuncha [...] XXXIV - Os pára-quedas salvadores	Botelho	—	★
	84	15. 8.1927	1	O Zuncha [...] XXXV - A caminho do palácio	Botelho	—	★

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des.	Argum.	
			7	Aventuras [...] 7.º - Na presença do grande marciano	António Cristino	—	
			12	O Zuncha [...] XXXVI - Os conspiradores não desistem	Botelho	—	★
	85	22. 8.1927	1	O Zuncha [...] XXXVII - A câmara da vigilância	Botelho	—	★
			7	Aventuras [...] 8.º - A ilha que navega	António Cristino	—	
			12	O Zuncha [...] XXXVIII - O chão que fulmina	Botelho	—	★
	86	29. 3.1927	1	O Zuncha [...] XXXIX - A cave dos tigres	Botelho	—	★
			7	Aventuras [...] 9.º - Onde Popoff torna a ver a bala	António Cristino	—	
			12	O Zuncha [...] XL - O Zuncha em perigo	Botelho	—	★
	87	5. 9.1927	1	O Zuncha [...] XLI - Uma fuga audaciosa	Botelho	—	★
			7	Aventuras [...] 10.º - Terra à vista [Fim]	António Cristino	—	
			12	O Zuncha [...] XLII - Na casa de ópio	Botelho	—	★
	88	12. 9.1927	1	O Zuncha [...] XLIII - A quadrilha do Sovaroff	Botelho	—	★
			12	O Zuncha [...] XLIV - Um truque do Zuncha	Botelho	—	★
	89	19. 9.1927	1	Tonio e Zeca os destemidos [I]	[Botelho]	—	
			12	O Zuncha [...] XLV - Seis pretendentes a um tesouro	Botelho	—	★
	90	26. 9.1927	1	Tonio [...] II - A queda de água	B.	—	
			12	O Zuncha [...] XLVI - Nos subterrâneos do palácio	Botelho	—	★
	91	3.10.1927	1	Tonio [...] III - Um achado admirável	B.	—	
			12	O Zuncha [...] XLVII - A alavanca que inunda o subterrâneo	Botelho	—	★
	92	10.10.1927	1	Tonio [...] IV - Uma grande surpresa	B.	—	
			12	O Zuncha [...] XLVIII - A inundação	Botelho	—	★
	93	17.10.1927	1	Tonio [...] VI [V] - Fugindo dos selvagens	B.	—	
			7	Aventuras desnorteantes do maluquinho de Arronches - Um filme estragado	António Cristino	—	
			12	O Zuncha [...] XLIX - A caminho da pátria [Fim]	Botelho	—	★
	94	24.10.1927	1	Aventuras assombrosas dum inventor - O monstro de Aço I - O monstro desobedece	Botelho	—	
			7	Aventuras desnorteantes [...] - Frágil - 30 quilos	António Cristino	—	

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des.	Argum.
			12	Tonio [...] VII [VI] - O templo subterrâneo	B.	—
	95	31.10.1927	1	Aventuras assombrosas [...] II - A ofensiva do monstro	Botelho	—
			7	Aventuras desnorteantes [...] - Um prémio de um milhão	António Cristino	—
			12	Tonio [...] VIII [VII] - Feliz conclusão de uma aventura [fim]	B.	—
	96	7.11.1927	1	Aventuras assombrosas [...] III - Preso na rede	Botelho	—
			7	Aventuras desnorteantes [...] - Charlestomania	António Cristino	—
			12	O herdeiro ao trono I - Os inimigos do príncipe	B.	—
	97	14.11.1927	1	Aventuras assombrosas [...] IV - O grande aliado	Botelho	—
			7	Aventuras desnorteantes [...] - O auto de fé	António Cristino	—
			12	O herdeiro [...] II - O combate nos ares	B.	—
	98	21.11.1927	1	Aventuras assombrosas [...] V - A conquista do trono	Botelho	—
			7	Aventuras desnorteantes [...] - A ilha do falcão	António Cristino	—
			12	O herdeiro [...] III - O vagão leito	B.	—
	99	18.11.1927	1	Aventuras assombrosas [...] VI - O fim do pesadelo [fim]	Botelho	—
			7	Aventuras desnorteantes [...] - Fuas com ervilhas	António Cristino	—
			12	O herdeiro [...] IV - O falso Carlos de Tiror	B.	—
	100	5.12.1927	1	Aventuras do cow-boy Jim Boy I - A ameaça do fantasma	Botelho	—
			7	Aventuras desnorteantes [...]	António Cristino	—
			12	O herdeiro [...] V - Sozinho contra os lobos	B.	—
	101	12.12.1927	1	Aventuras do cow-boy [...] II - A nuvem negra	Botelho	—
			7	Aventuras desnorteantes [...] - A multa que mata [Fim]	António Cristino	—
			12	O herdeiro [...] VI - Fugindo aos rebeldes	B.	—
	102	19.12.1927	1	Aventuras do cow-boy [...] III - A explosão do morro	Botelho	—
			7	Farófias o bandido «inagarrável» I - Passado pelas brasas	António Cristino	—
			12	O herdeiro [...] VII - O novo rei [fim]	B.	—
	103	26.12.1927	1	Aventuras do cow-boy [...] IV - Os manequins do fantasma	Botelho	—
			7	Farófias [...] II - Levado pela cheia	António Cristino	—

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des.	Argum.
			12	Aventuras do cow-boy [...] V - O comboio da meia-noite	Botelho	—
[VII]	104	2. 1.1928	1	Aventuras do cow-boy [...] V - Um salto de mestre	Botelho	—
			7	Farófias [...] III - A nifa dos bosques	António Cristino	—
			12	Aventuras do cow-boy [...] VI - O homem da cicatriz	Botelho	—
	105	9. 1.1928	1	Aventuras do cow-boy [...] VII - A manada de búfalos	Botelho	—
			7	Farófias [...] V - Os três índios Gabiroos	António Cristino	—
			12	Aventuras do cow-boy [...] VIII - O bar do Cavalo Branco	Botelho	—
	106	16. 1.1928	1	Aventuras do cow-boy [...] IX - As economias do fantasma	Botelho	—
			7	Farófias [...] VI - O rei do laço	António Cristino	—
			12	Aventuras do cow-boy [...] X Jim Boy persegue o fantasma	Botelho	—
	107	23. 1.1928	1	Aventuras do cow-boy [...] XI - A bordo do rebocador	Botelho	—
			7	Farófias [...] VII - O saco de libras [fim]	António Cristino	—
			12	Aventuras do cow-boy [...] XII - A morte do fantasma [fim]	Botelho	—
	108	30. 1.1928	1-12	Contos das Mil e Uma Noites - O cavalo mágico [I e II]	Botelho	—
			7	Os dois toureiros de Inverno	António Cristino	—
	109	6. 2.1928	1	Contos [...] III - A princesa de Bengala	Botelho	—
			7	As passeatas de Engrácio	António Cristino	—
			12	Contos [...] IV - A volta do príncipe	Botelho	—
	110	13. 2.1928	1	Contos [...] V - A vingança do feiticeiro	Botelho	—
			7	O velhaco do Antonico	António Cristino	—
			12	Contos [...] VI - Os sultões de Cachemira	Botelho	—
	111	20. 2.1928	1	Contos [...] VII - O médico das barbas negras	Botelho	—
			7	Dentes sem dor	António Cristino	—
			12	Contos [...] VIII - E acabou-se a história	Botelho	—
	112	27. 2.1928	1	Zé Carequinha, polícia amador I - A mancha de sangue	Botelho	
			7	O pesadelo do Chico, amador de T. S. F.	António Cristino	—
			12	O stand do Malaquias	Bot.	—
	113	5. 3.1928	1	Zé Carequinha [...] II - O pasarôco libertador	Botelho	—
			7	A tragédia dos «biblots»	António Cristino	—
			12	Ferrabão caça o leão	[Botelho]	—

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des.	Argum.
	114	12. 3.1928	1	Zé Carequinha [...] III - A 90 quilómetros à hora	Botelho	—
			7	A viagem do explorador Requitroles	António Cristino	—
			12	Zé Carequinha [...] IV - Salvem aquela criança	Botelho	—
	115	19. 3.1928	1	Zé Carequinha [...] V - O roubo da sacristia	Botelho	—
			7	As pílulas de Tony Alpenim	António Cristino	—
			12	Zé Carequinha [...] VI - Um fracasso na carreira	Botelho	—
	116	16. 3.1928	1	Zé Carequinha [...] VII - O Cucurucu-Klux-Clan	Botelho	—
			7	2.ª viagem do explorador Requitroles	António Cristino	—
			12	Zé Carequinha [...] VIII - A seita misteriosa	Botelho	—
	117	2. 4.1928	1	Zé Carequinha [...] IX - Serviço por serviço	Botelho	—
			7	Viagem de Requitroles ao centro da Terra	António Cristino	—
			12	Zé Carequinha [...] X - Em grande velocidade	Botelho	—
	118	9. 4.1928	1	Zé Carequinha [...] XI - A senhora gorda	Botelho	—
			7	A viagem de Requitroles ao centro da Terra	António Cristino	—
			12	Zé Carequinha [...] XII - Atirado ao rio	Botelho	—
	119	16. 4.1928	1	Zé Carequinha [...] XIII - Os companheiros intervêm	Botelho	—
			7	Requitroles no Polo Norte	António Cristino	—
			12	Zé Carequinha [...] XIV - Explicação do mistério	Botelho	—
	120	23. 4.1928	1	Zé Carequinha [...] XV - Os contrabandistas	Botelho	—
			7	Requitroles na Lua	António Cristino	—
			12	Zé Carequinha [...] XVI - Fogo a bordo	Botelho	—
	121	30. 4.1928	1	Zé Carequinha [...] XVII - O submarino chinês	Botelho	—
			7	Requitroles operador cinematográfico	António Cristino	—
			12	Zé Carequinha [...] XVIII - O carrasco de Ching-Fú	Botelho	—
	122	7. 5.1928	1	Zé Carequinha [...] XIX - O dragão fumegante	Botelho	—
			7	Requitroles campeão de dança	António Cristino	—
			12	Zé Carequinha [...] XX - Cucuru em acção	Botelho	—
	123	14. 5.1928	1	Zé Carequinha [...] XXI - Fugindo à revolução	Botelho	—

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des.	Argum.
			7	Requitroles pigmeu amador	António Cristino	—
			12	Zé Carequinha [. . .] XXII - Condecorados! [Fim]	Botelho	—
	124	21. 5.1928	1-12	Nos tempos em que havia fadas [I]	Botelho	—
			7	Requitroles automobilista	António Cristino	—
	125	28. 5.1928	1	Nos tempos [. . .] II - De volta ao castelo	Botelho	—
			7	Joaninha aviadora I - O Estrela na testa	António Cristino	—
			12	Nos tempos [. . .] III - Um burrinho carregado de ouro	Botelho	—
	126	4. 5.1928	1	Nos tempos [. . .] IV - As pedrinhas milagrosas	Botelho	—
			7	Joaninha [. . .] II - O macaco salvador	António Cristino	—
			12	Nos tempos [. . .] V - Touros, carneiros e cães leões	Botelho	—
	127	11. 6.1928	1	Nos tempos [. . .] VI - No fundo do rio	Botelho	—
			7	Joaninha [. . .] III - À beira do abismo	António Cristino	—
			12	Nos tempos [. . .] VII - O burro voador	Botelho	—
	128	18. 6.1928	1	Nos tempos [. . .] VIII - Segredos do céu	Botelho	—
			7	Joaninha [. . .] IV - Auxílio do céu	António Cristino	—
			12	Nos tempos [. . .] IX - Manifestações de regozijo [Fim]	Botelho	—
	129	25. 6.1928	1-12	Tão Balalão em Amesterdão [I e II]	Botelho	—
			7	Joaninha [. . .] [V] - A ilha dos diamantes	António Cristino	—
	130	2. 7.1928	1	Tão Balalão [. . .] III - O desarranjo do eixo	Botelho	—
			7	Joaninha [. . .] VI - O vulcão [Fim]	António Cristino	—
			12	Tão Balalão [. . .] IV - De Amesterdão a Marte	Botelho	—
	131	9. 7.1928	1	Tão Balalão [. . .] V - A equipe marciana	Botelho	—
			7	O campeão de velocidade	António Cristino	—
			12	Tão Balalão [. . .] VI - Vitória a Portugal [Fim]	Botelho	—
	132	16. 7.1928	1	O rei da publicidade I - Sorvetes marca «Frescura»	Botelho	—
			7	O sonho do Cristianinho	António Cristino	—
			12	O rei [. . .] II - A vintém a caixa	Botelho	—
	133	23. 7.1928	1	O rei [. . .] III - Tecidos para Verão	Botelho	—
			12	O rei [. . .] IV - O café das moscas	Botelho	—
	134	30. 7.1928	1	O rei [. . .] V - O automóvel mais económico	Botelho	—

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des.	Argum.	
			12	O rei [. . .] VI - Limöen, o rei dos automóveis	Botelho	—	
	135	6. 8.1928	1	O rei [. . .] VII - O grande massagista	Botelho	—	
			12	O rei [. . .] VIII - Uma bicha que nunca mais acaba	Botelho	—	
	136	13. 8.1928	1	O rei [. . .] IX - O cine da moda e das moscas	Botelho	—	
			12	O rei [. . .] X - Fechado para obras	Botelho	—	
	137	20. 8.1928	1	O rei [. . .] XI - Os cigarros «fumarada»	Botelho	—	
			12	O rei [. . .] XII - Um reclamo sensacional	Botelho	—	
	138	27. 8.1928	1	O rei [. . .] XIII - Lâmpadas eléctricas «Solarine»	Botelho	—	
			12	O rei [. . .] XIV - Luz a jorros	Botelho	—	
	139	3. 9.1928	1	O rei [. . .] XV - A melhor tinta de escrever	Botelho	—	
			12	O rei [. . .] XVI - A última escova [Fim]	Botelho	—	
	140	10. 9.1928	1	O castelo das rochas negras I - O segredo da armadura	Botelho	—	
			12	O castelo [. . .] II - A sala das torturas	Botelho	—	
	141	17. 9.1928	1	O castelo [. . .] III - O inimigo invisível	Botelho	—	
			12	O castelo [. . .] IV - A câmara dos esqueletos	Botelho	—	
	142	24. 9.1928	1	O castelo [. . .] V - Os maquinismos mortais	Botelho	—	
			12	O castelo [. . .] VI - O suplício do sino	Botelho	—	
	143	1.10.1928	1	O castelo [. . .] VII - O sinal cabalístico	Botelho	—	
			12	O castelo [. . .] VIII - Segredos de alta magia	Botelho	—	
	144	8.10.1928	1	O castelo [. . .] IX - Os olhos que abrem portas	Botelho	—	
			12	O castelo [...] X - Um copo de fogo!	Botelho	—	
	145	15.10.1928	1	O castelo [. . .] XI - Uma saúde do invisível	Botelho	—	
			12	O castelo [. . .] XII - O duelo	Botelho	—	
	146	22.10.1928	1	O castelo [. . .] XIII - Jóias que escaldam	Botelho	—	
			12	O castelo [. . .] XIV - Conclusão	Botelho	—	
	147	29.10.1928	1	O homem das forças	Botelho	—	★
			7	O corcel enfeitiçado	Tio Pirilau	—	□
			12	Para achatar o «back»	Badálo	—	
	148	5.11.1928	1	Cavalo dado... não se olha o dente	Botelho	—	
			12	Remédio para as insónias	[Botelho]	—	□

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des.	Argum.	
	149	12.11.1928	1	Institutos de beleza	[Botelho]	—	
			12	O caçador de feras	[Botelho]	—	
	150	19.11.1928	1	Dois valentões	Botelho	—	
			12	O sugeito que perdera uma coisa que não era fácil encontrar	Botelho	—	
	151	26.11.1928	1	Ninharias	[Botelho]	—	
			12	Preciosidades artísticas ou um guia habilíssimo...	[Botelho]	—	
	152	3.12.1928	1	Serenata moderna	Botelho	—	■
			12	5 minutos em balão ou a inauguração do monumento	Botelho	—	
	153	10.12.1928	1	A cabeleira do maestro	Botelho	—	
			12	Um concerto de piano, ou .... um piano sem conserto! ...	Botelho	—	■
	154	17.12.1928	1	Os óculos ideais	Botelho	—	
			12	Para viajar de graça	Botelho	—	■
	155	24.12.1928	1-12	O presente do menino Jesus	Botelho	—	
	156	31.12.1928	1	Um feliz ano novo	[Botelho]	—	
			12	Partidas de mininos malcriados	[Botelho]	—	
[VIII]	157	7. 1.1929	1	O tónico capilar	[Botelho]	—	
			12	A máscara do gato	[Botelho]	—	
	158	14. 1.1929	1	s. t.	[Botelho]	—	
			12	Um cão bom para ratos	[Botelho]	—	
	159	21. 1.1929	1	O homem do leme	[Botelho]	—	
			12	Um pintor engenhoso	[Botelho]	—	
	160	28. 1.1929	1	Uma história muito velha	[Botelho]	—	
			12	Um professor perfeitamente piramidal	[Botelho]	—	
	161	4. 2.1929	1	O caçador de leões	[Botelho]	—	
			12	Indicações de transito	[Botelho]	—	
	162	11. 2.1929	1	Zé Carequinha tem bom coração	[Botelho]	—	
			12	As delícias dum passeio de automóvel	[Botelho]	—	
	163	18. 2.1929	1	O expediente do caiador	[Botelho]	—	
			12	Um salvador inteligente	[Botelho]	—	
	164	25. 2.1929	1	Um jardineiro esperto	[Botelho]	—	
			12	O porco do Zé Maloio	[Botelho]	—	
	165	4. 3.1929	1	Um banho fora de tempo	[Botelho] - imitação	—	
			12	O último modelo		—	
	166	11. 3.1929	1	O juiz da questão	[Botelho]	—	
			12	Surpresas da natação	[Botelho]	—	
	167	18. 3.1929	1	Caçada aos leões vaidosa	[Botelho]	—	
			12	Para evitar questões	[Botelho]	—	
	168	25. 3.1929	1	O super aumento ou como se arranja um emprego	[Botelho]	—	
			12	Um guerreiro duro de roer	[Botelho]	—	
	169	1. 4.1929	1	Escolha de chapéu	[Botelho]	—	
			12	Criado com expediente	[Botelho]	—	
	170	8. 4.1929	1	O gato e o canário	[Botelho]	—	
			12	Como um tapete que cai ... pode dar lugar a um monstro	[Botelho]	—	

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des.	Argum.
	171	15. 4.1929	1	Ginástica médica para criar gosto ao trabalho	[Botelho]	—
			12	O atirador que fazia milagres	[Botelho]	—
	172	22. 4.1929	1	Campeonato inter-escolar — a corrida de sacos	[Botelho]	—
			12	Um retrato muito parecido	[Botelho]	—
	173	29. 4.1929	1	Que noite serena! Que lindo luar	[Botelho]	—
			12	História dum cão que desejava mudar de raça	[Botelho]	—
	174	6. 5.1929	1	Invertem-se os papéis - O Juca e o pai do Juca	[Botelho]	—
			12	Recursos do explorador Bazaruco	[Botelho]	—
	175	13. 5.1929	1	O elefante e o pintor	[Botelho]	—
			12	Especialista de ouvidos	[Botelho]	—
	176	20. 5.1929	1	Surpresa do Cornaca	[Botelho]	—
			12	Zé Carequinha e o ó graxa	[Botelho]	—
	177	27. 5.1929	1	Um almoço por um real	[Botelho]	—
			12	Uma operação financeira	[Botelho]	—
	178	3. 6.1929	1	Distracções de sábios	[Botelho]	—
			12	Os tratamentos do dr. macaca	[Botelho]	—
	179	10. 6.1929	1	O tratamento moderno	[Botelho]	—
			12	Uma partida «do» xadrez	[Botelho]	—
	180	17. 6.1929	1	No hospício de entrevados	[Botelho]	—
			12	Letras e comércio	T.	—
	181	24. 6.1929	1	Exame para condutor	[Botelho]	—
			12	O milagre de S. João	[Botelho]	—
	182	1. 7.1929	1	O expediente de Lume-no-Olho	[Botelho]	—
			12	Exposição de cães de raça	[Botelho]	—
	183	8. 7.1929	1	Concurso de pesca	[Botelho]	—
			12	Invenções do «Atoíno»	[Botelho]	—
	184	15. 7.1929	1	Episódios de caça	[Botelho]	—
			12	Uma esmolinha, se faz favor	[Botelho]	—
	185	22. 7.1929	1	Alfaiate de graça	[Botelho]	—
			12	O «Tiburço» detective	[Botelho]	—
	186	29. 7.1929	1	A charanga insuportável	[Botelho]	—
			12	Uma tragédia numa pipa de tinta	[Botelho]	—
	187	5. 8.1929	1	A bolsa ou a vida!	[Botelho]	—
			12	Jardinagem	[Botelho]	—
	188	12. 8.1929	1	Contra os ladrões	[Botelho]	—
			12	Reclamo à americana	[Botelho]	—
	189	19. 8.1929	1	O «punching-ball»	[Botelho]	—
			12	História dum poço	[Botelho]	—
	190	26. 8.1929	1	Uma partida de golfe	[Botelho]	—
			12	Para os pobres da freguesia	[Botelho]	—
	191	2. 9.1929	1	O galo vaidoso	[Botelho]	—
			12	O que é ser macaco	[Botelho]	—
	192	9. 9.1929	1	Reportagem das praias	[Botelho]	—
			12	Reportagem das praias	[Botelho]	—
	193	16. 9.1929	1	Acontecimentos das praias	[Botelho]	—
			12	Um «paticida» desarmado	[Botelho]	—
	194	23. 9.1929	1	Como se caça uma serpente	[Botelho]	—
			12	Reclamo ... à portuguesa	[Botelho]	—

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des.	Argum.	
	195	30. 9.1929	1	Como se caça uma avestruz	[Botelho]	—	
			12	Cherló-que-Homes em acção	[Botelho]	—	
	196	7.10.1929	1	Um domador de valor	[Botelho]	—	
			12	O cabeleireiro do deserto	[Botelho]	—	
	197	14.10.1929	1	Um ladrão roubado	[Botelho]	—	
			12	Transformações à vista	[Botelho]	—	
	198	21.10.1929	1	Partidas do Zé Carequinha	[Botelho]	—	
			12	Não cobiças as maçãs alheias	[Botelho]	—	
	199	28.10.1929	1	Chapelaria moderna	[Botelho]	—	
			12	A necessidade aguça o engenho	[Botelho]	—	
	200	4.11.1929	1	Aos seus leitores ...	[Botelho]	—	
			12	Duas bebedeiras	[Botelho]	—	
	201	11.11.1929	1	Remédio santo	Ilberino	—	
			12	A armadilha	Ilberino	—	
	202	18.11.1929	1	Uma pesca ... de peso	Ilberino	—	
			12	Não faças mal à conta de te vir bem	Ilberino	—	
	203	25.11.1929	1	O melhor presente	Ilberino	—	
			12	A caça às borboletas	Ilberino	—	
	204	2.12.1929	1	Um «shout» de respeito	Ilberino	—	
			12	Um peixe ... cabeludo	Ilberino	—	
	206[205]	9.12.1929	1	Um trambulhão inesperado	Ilberino	—	
			12	Um banho de doce	Ilberino	—	
	207[206]	16.12.1929	1	Uma rima caída do céu	Ilberino	—	
			12	Castigo duma maldade	Ilberino	—	
	207	23.12.1929	12	Castigo dum menino mau	Ilberino	—	•
	208	30.12.1929	12	Boas entradas	Ilberino	—	
3.ª SÉRIE							
[IX]	209	6. 1.1930	9	Que grande susto	—	—	•
			12	Um mergulho em bolos! ...	Ilberino	—	
	210	13. 1.1930	11	As pernas do João Pequeno	—	—	•
			12	Um baloiço perigoso	Ilb.	—	
	211	20. 1.1930	12	Rebentou a revolução	Ilberino	—	
	212	27. 1.1930	12	Mordaça improvisada	Ilberino	—	
	213	3. 2.1930	12	Um sono interrompido	Ilberino	—	
	214	10. 2.1930	7	No fim é que são elas	—	—	•
			12	Aflições dum caçador	Ilberino	—	
	215	17. 2.1930	12	Uma «ratice» proveitosa	Ilberino	—	
	216	24. 2.1930	7	Guardado está o bocado	—	—	
			12	Sopro a mais	Ilberino	—	
	218	10. 3.1930	12	Um banho de chuva	Ilberino	—	
	219	17. 3.1930	12	Um voo inesperado	Ilberino	—	
	220	24. 3.1930	7	O perigo de ter clientes pretos	João da Gama Pimentel	—	•□
			12	Música agitada	Ilberino	—	
	221	31. 3.1930	12	A quatro tempos	Ilberino	—	
	222	7. 4.1930	12	Música pirotécnica	Ilberino	—	
	223	14. 4.1930	12	Sono pesado!!!	Ilberino	—	
	224	21. 4.1930	12	Águas turvas	Ilberino	—	
	225	28. 4.1930	12	Distracções	Ilberino	—	
	226	5. 5.1930	12	Tinta permanente	Ilberino	—	

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des.	Argum.	
	227	12. 5.1930	12	Mudança de cor	Ilberino	—	
	228	19. 5.1930	12	Susto infundado	Ilberino	—	
	229	26. 5.1930	12	Pior a emenda que o ... conserto	Ilberino	—	
	230	2. 6.1930	12	Gato por tigre	Ilberino	—	
	231	9. 6.1930	12	Vinho forte	Ilberino	—	
	232	16. 6.1930	12	Pontaria errada	Ilberino	—	
	233	23. 6.1930	12	Um campeão de «golf»	Ilberino	—	
	234	30. 6.1930	6-7	As boas partidas de mestre raposo	Carlos Ribeiro	—	•
			12	Fogo preso	Ilberino	—	
	235	7. 7.1930	12	As desventuras do chico caracóis I	Carlos Ribeiro - imit.	—	
	236	14. 7.1930	12	As desventuras [...] II	Carlos Ribeiro - imit.	—	
	237	21. 7.1930	12	As desventuras [...] III	Carlos Ribeiro - imit.	—	
	238	28. 7.1930	12	Exemplo que frutifica ...	Luís Manoel	—	
	239	4. 8.1930	6-7	Debaixo da metralha	C. R.	—	
			12	As desventuras [...] IV	Carlos Ribeiro - imit.	—	
	240	11. 8.1930	12	As desventuras [...] V	Carlos Ribeiro - imit.	—	
	241	18. 8.1930	12	Um passe de capote	Luís Manoel	—	
	242	25. 8.1930	12	As desventuras [...] VI	Carlos Ribeiro - imit.	—	
	243	1. 9.1930	12	As desventuras [...] VII	Carlos Ribeiro - imit.	—	
	244	8. 9.1930	12	Um automóvel de força	Luís Manoel	—	•★
	245	15. 9.1930	12	Geografia explosiva	C. R.	—	
	246	22. 9.1930	12	O manequim cuidadoso	—	—	
	247	29. 9.1930	12	As desventuras [...] VIII	Carlos Ribeiro - imit.	—	
	248	6.10.1930	12	As desventuras [...] IX	Carlos Ribeiro - imit.	—	
	249	13.10.1930	12	Visita inesperada	—	—	
	250	20.10.1930	12	O meu primeiro elefante	—	—	
	252	3.11.1930	7	A fuga do presidiário	H. M. C. [leitor]	—	
			12	A estátua	—	—	
	253	10.11.1930	6-7	O pesadelo do senhor Pencudo	C. R.	—	•
			12	Um drama	[C. R.]	—	
	254	17.11.1930	12	Uma aventura no Nilo	[C. R.]	—	
	255	24.11.1930	10	O automóvel à vela	A. Madeira	—	•
			12	As desventuras [...] X	Carlos Ribeiro - imit.	—	
	256	1.12.1930	12	Decepção	[C. R.]	—	★
	257	8.12.1930	12	Ocasião oportuna	[C. R.]	—	
	258	15.12.1930	12	O cavalo amestrado	[C. R.]	—	
	259	22.12.1930	12	Os suspensórios salva-vidas	—	—	★
	260	29.12.1930	12	As desventuras [...] XI	Carlos Ribeiro - imit.	—	
[X]	263	19. 1.1931	12	As desventuras [...] XII	Carlos Ribeiro - imit.	—	
	264	26. 1.1931	12	Uma lição de ginástica	[C. R.]	—	
	265	2. 2.1931	12	Uma grande caçada	[C. R.]	—	
	267	16. 2.1931	12	Uma partida carnavalesca	[C. R.]	—	
	268	23. 2.1931	12	Mano Gordo, caçador de cães vadios	[C. R.]	—	
	269	2. 3.1931	12	Barra fixa	[C. R.]	—	
	270	9. 3.1931	12	O preso evadido	[C. R.]	—	
	271	16. 3.1931	12	De gato a ... catatua	[C. R.]	—	
	272	23. 3.1931	12	Um menino maçador	[C. R.]	—	
	273	30. 3.1931	12	O mergulhador distraído	[C. R.]	—	
	274	6. 4.1931	12	Foot-ball aéreo	[C. R.]	—	
	275	13. 4.1931	12	Curiosidade satisfeita	[C. R.]	—	★
	276	20. 4.1931	12	O drama	[C. R.]	—	★

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des.	Argum.	
	277	27. 4.1931	12	Duro de roer	[C. R.]	—	
	278	4. 5.1931	12	O sino	[C. R.]	—	★
	279	11. 5.1931	12	Um sopro	—	—	★
	280	18. 5.1931	12	Uma boa pesca	—	—	
	281	25. 5.1931	9	Suicídio frustrado	H. M. C. [leitor]		•★
			12	Maré imprevista	—	—	
	282	1. 6.1931	12	O chapéu «claque»	—	—	
	283	8. 6.1931	12	A gula	—	—	★
	284	15. 6.1931	12	Romantismo	—	—	
	285	22. 6.1931	12	História de caça	—	—	★
	286	29. 6.1931	9	O castigo do Faustino	A. Madeira	—	
			12	Um mau amigo	—	—	
	287	6. 7.1931	12	Um cow-boy desembaraçado	C. R.	—	
	289	20. 7.1931	12	A armadura	C. R.	—	
	291	3. 8.1931	12	Aventuras de três Maraus	C. R.	—	
	292	10. 8.1931	12	Aventuras [. . .]	C. R.	—	
	293	17. 8.1931	12	Aventuras [. . .]	C. R.	—	
	294	24. 8.1931	12	Aventuras [. . .]	C. R.	—	
	295	31. 8.1931	12	Aventuras [. . .]	C. R.	—	
	296	7. 9.1931	3	Aventuras do Pirilau que vendia balões I - A águia de maus fígados	—	—	•
			12	Aventuras [. . .]	C. R.	—	
	297	14. 9.1931	3	Aventuras do Pirilau [. . .] II - O segredo da ilha Trombelitrom	—	—	•
			12	Aventuras [. . .]	C. R.	—	
	298	21. 9.1931	3	Aventuras do Pirilau [. . .] III - O segredo da ilha do Trombelitron	—	—	•
			12	Aventuras [. . .]	C. R.	—	
	299	28. 9.1931	3	Aventuras do Pirilau [. . .] IV - Pirilau entre os leões	—	—	•
			12	Aventuras [. . .]	C. R.	—	
	300	5.10.1931	3	Aventuras do Pirilau [. . .] V - O feiticeiro katapumpépé	—	—	•
			12	Aventuras [. . .]	C. R.	—	•
	301	12.10.1931	3	Aventuras do Pirilau [. . .] VI - Pirilau no poste de tortura	—	—	
			12	Aventuras [. . .]	C. R.	—	
	302	19.10.1931	3	Aventuras do Pirilau [. . .] VII - Os subterrâneos do Manipauso	—	—	•
			12	Aventuras [. . .]	C. R.	—	
	303	26.10.1931	3	Aventuras do Pirilau [. . .] VIII - «As serpentes maquiavélicas» ou «Os ladrões de dentes de elefante»	—	—	•
			12	Aventuras [. . .]	C. R.	—	
	304	2.11.1931	3	Aventuras do Pirilau [. . .]	—	—	•
			6-7	As façanhas de Quim e Zé	Tio Tónio	Tio Luís	•
			12	Aventuras [. . .]	C. R.	—	
	305	9.11.1931	3	Aventuras do Pirilau [. . .] X - O Quim e o Manecas vivem	—	—	•
			12	Aventuras [. . .]	C. R.	—	

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des.	Argum.	
	306	16.11.1931	3	Aventuras do Pirilau [. . .] XI - Cinco semanas e meia de balão	—	—	•
			6-7	As façanhas [. . .]	Tio Tónio	Tio Luís	•
			12	Aventuras [. . .]	C. R.	—	
	307	23.11.1931	3	Aventuras do Pirilau [. . .] XII - «1000 dólares de prémio»	—	—	•
			12	Aventuras [. . .]	C. R.	—	
	308	30.11.1931	2	Aventuras do Pirilau [. . .] XIII - O alcatrão, solução da insureição	—	—	
			12	Aventuras [. . .]	C. R.	—	
	309	7.12.1931	2	Aventuras do Pirilau [. . .] XIV - 4 tubarões	—	—	•
			6-7	As façanhas [. . .]	Tio Tónio	Tio Luís	•
			12	Aventuras [. . .]	C. R.	—	
	310	14.12.1931	2	Aventuras do Pirilau [. . .] XV- «Vinte mil léguas completamente submarinas» ou «Do Pacífico a Cascais em menos dum fósforo»	—	—	•
			12	Aventuras [. . .]	C. R.	—	•
	311	21.12.1931	2	Aventuras do Pirilau [. . .] XVI- O expresso de Cascais	—	—	
			6-7	As façanhas [. . .]	Tio Tónio	Tio Luís	•
			12	A estrela que guiou os reis magos	—	—	
	312	28.12.1931	2	Aventuras do Pirilau [. . .] XVII - Um automóvel que conduziu à morte	—	—	•
			12	A surpresa do Natal	Tio Tónio	—	★
[XI]	313	4. 1.1932	1	Um homem de coragem	Tio Tónio	—	★
			6-7	As façanhas [. . .]	Tio Tónio	Tio Luís	•
			12	Zé Pacóvio canalizador	Tio Tónio	—	★
	314	11. 1.1932	1	Mau génio castigado	Tio Tónio	—	
			3	Aventuras do Pirilau [. . .] XX - A ilha do Trombelitron - o santuário do deus Piripiripiripirú - A morte de Katapumpépé	—	—	•
			5-8	Aventuras [. . .]	C. R.	—	
			12	Um famoso detective	[Tio Tónio]	—	
	315	18. 1.1932	1	As partidas da mana coelhinha	[Tio Tónio]	—	
			4-5	Aventuras [. . .]	C. R.	—	
			8	Aventuras do Pirilau [. . .] XX - «Sem salvação possível» ou «O milagre das rochas macias»	—	—	•
			12	Proezas de Zé Pacóvio	[Tio Tónio]	—	
	316	21. 1.1932	1	O encantador de serpentes	[Tio Tónio]	—	
			4	Aventuras do Pirilau [. . .]	—	—	•
			6-7	Aventuras [. . .]	C. R.	—	•
			12	Proezas do Zé Pacóvio	Tio Tónio	—	
	317	1. 2.1932	1	A novela arripiante	[Tio Tónio]	—	

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des.	Argum.	
			2	Aventuras do Pirilau [...] XXII - «Os mistérios do templo papú» ou «O grito do pássaro Saripóca»	—	—	•
			4-5	Aventuras [...]	C. R.	—	•
			6-7	As façanhas [....]	Tio Tónio	Tio Luís	•
			12	Proezas de Zé Pacóvio	Tio Tónio	—	
	318	8. 2.1932	1	Uma grande pista	Tio Tónio	—	
			3	Aventuras do Pirilau [...] XXIII - «Os mistérios do templo papú» ou «O grito do pássaro Saripóca»	—	—	•
			4-5	Aventuras [...]	C. R.	—	•
			12	Proezas de Zé Pacóvio	Tio Tónio	—	★
	319	15. 2.1932	1	Fome canina	—	—	
			4-5	Aventuras [...]	C. R.	—	•
			12	Uma boa pescaria	Tio Tónio	—	
	320	22. 1.1932	1	Uma girafa gulosa	—	—	■
			6-7	As façanhas [...]	Tio Tónio	Tio Luís	•
	321	29. 2.1932	1	Para que serve um rabicho	Tio Tónio	—	★
			8	As façanhas [...]	Tio Tónio	Tio Luís	•
			12	Proezas de Zé Pacóvio	[Tio Tónio]	—	
	322	7. 3.1932	1	Novas maneiras de caçar leões	[Tio Tónio]	—	★
			2	As façanhas [...]	Tio Tónio	Tio Luís	•
			6-7	Aventuras [...]	C. R.	—	•
			12	A gravata do Panfúcio	[Tio Tónio]	—	★
	326	4. 4.1932	1	s. t.	C. R.	—	
	328	18. 4.1932	1	s. t.	C. R.	—	
	329	25. 4.1932	1	s. t.	C. R. - imit.	—	
	331	9. 5.1932	1	s. t.	C. R. - imit.	—	
	332	16. 5.1932	1	s. t.	C. R. - imit.	—	
	333	23. 5.1932	1	A alternativa do Procópio	C. R. - imit.	—	★
	334	30. 5.1932	1	s. t.	C. R.	—	★
	335	6. 6.1932	1	s. t.	C. R.	—	★
	336	13. 6.1932	1	O passeio de Barnabé	C. R. - imit.	—	★
	337	20. 6.1932	1	Bonifácio, protector das crianças	C. R.	—	★
	339	4. 7.1932	1	Precaução inútil	C. R.	—	★
	342	25. 7.1932	1	Uma partida do mano	C. R.	—	★
	345	22. 8.1932	1	O banho do Panfúcio	[C. R.]	—	★
	346	29. 8.1932	1	Gertrudes, o gatuno e a massa	[C. R.]	—	★
			10	História sem palavras	Moreno	—	•
	350	26. 9.1932	1	O banho do arrobas	C. R.	—	□

APÊNDICE II

INVENTÁRIO ONOMÁSTICO

Este inventário onomástico apresenta uma relação das bandas desenhadas tratadas no inventário anterior, organizadas não cronologicamente, mas agrupadas por autores. Tentou-se, sempre que possível, descobrir os nomes que se escondiam sob os pseudónimos ou abreviaturas, remetendo o leitor para o nome real do autor. No segundo volume sairá, em apêndice, um conjunto de dados biobibliográficos referentes a cada autor e que completará tanto estes dois inventários agora apresentados como outros semelhantes que apareçam no volume seguinte.

Neste inventário não estão incluídas as histórias aos quadradinhos de que se desconhecem tanto o desenhador como o argumentista. Aquelas não assinadas mas atribuídas a determinado autor estão identificadas pelo sinal (•).

A. B. G. — Argumentista

ABCzinho — 1.ª série

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
IV	126	16. 2.1925	[16]	s. t.	
	128	2. 3.1925	[13]	Três rochas «podres» e três meninos «troxas»	
	140	25. 5.1925	[7]	Um casamento no bosque	

A. C. L. — Cf. LOPES (António Cardoso).
A. Madeira — Cf. MADEIRA (Arcindo).
A. Morais — Cf. MORAIS (Alfredo de).
A. Tavares — Cf. TAVARES (A.).
Albino — Cf. Stuart Carvalhais.
Althausse — Cf. ALTHAUSSE (Else).

ALTHAUSSE (Else) — Desenhadora

ABCzinho — 1.ª SÉRIE

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
III	99	11. 8.1924	10-11	Bobi e Bibo	
	100	[18. 8.1924]	5	Uma partida de dois garotos levados da breca	
			7-10	História sensacional de um pequeno telegrafista	
	101	[27. 8.1924]	3	Dada, Didi e Dodol dão a volta ao mundo	
	105	22. 9.1924	2	O passeio do sultão	T. L. B.
			5	A menina doente	T. L. B.
	106	29. 9.1924	2	Feliz fim dum mandarim	T. L. B.
	107	6.10.1924	2-4	Os peles vermelhas e o bolo de sabão	•
	108	13.10.1924	2	Dois grandes marotos	M. F. de C.
	137	4. 5.1925	1-2	As proezas de Berlimbori	
			16	Desventuras do Bonifácio	
	140	25. 5.1925	4-5	s. t.	
	141	1. 6.1925	15	O estratagema di mamã espeleta	•
	142	8. 6.1925	4-5	O castigo do Julião Cabeçudo	C. de B.
	143	15. 6.1925	7	Um castigo muito bem merecido	
	144	22. 6.1925	3-4	As pegadas misteriosas ou «um grande par de botas...»	
	149	27. 7.1925	11	Mestre carpinteiro é de uma esperteza a toda a prova	•
	154	31. 8.1925	13-14	Rosa-Rosa e Rosa-Branca	
	157	21. 9.1925	6-7	s. t.	
	164	9.11.1925	5-7	Como mestre alfaiate ganhou o céu	•
	165	16.11.1925	12-13	Mestre Vermelhão pinta o diabo	•
			16	Para abrir um caixote	•
	166	23.11.1925	6-7	s. t.	•
			8-9	Como o burro do Zé das Mós... salvou a burra do dito	
			16	Uma lagosta pior que um urso	•
	167	30.11.1925	8-9	História trágica	•
	168	7.12.1925	8-10	s. t.	•
	169	14.12.1925	9	Um coixo a fingir que o ia ficando a valer	•
	170	21.12.1925	3	A bolinha de prata	
			8-9	A obra-prima do pintor	•
	171	28.12.1925	8-9	s. t.	

2.ª SÉRIE

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
	37	13. 9.1926	12	O avestruz, a mamãe escarumba e os nénés tições	
	41	11.10.1926	6-7	Tristes consequências de Dom Golias Gomes Galo	
	44	1.11.1926	7	Um quartinho mobilado com luxo	•
	46	15.11.1926	7	Tragédia «comestível» num restaurante da capital	•
	48	29.11.1921	12	Altos feitos do Tócarôcho	•
	50	13.12.1927	7	Um processo novo para tirar dentes velhos	•

Amélia Pae da Vida - Cf. VIDA (Amélia Pai da).

ANTÓNIO CRISTINO — Desenhador

ABCzinho — 1.ª SÉRIE

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
I	9	[21. 2.1922]	15	s. t.	
	15	1. 6.1922	12	Um preto que se vê azul e de todas as cores	
	35	16. 4.1923	8	Castigo dum açambarcador	

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
2.ª SÉRIE					
	44	1.11.1926	8	Um cavalo de Tróia moderno	
	47	22.11.1926	12	Surpresas de T. S. F.	
	49	6.12.1926	12	As estupendas façanhas do cow-boy façanhudo	
	50	13.12.1926	12	As estupendas façanhas do cow-boy façanhudo	
	51	20.12.1926	12	As estupendas façanhas do cow-boy façanhudo	
	52	27.12.1926	12	As estupendas façanhas do cow-boy façanhudo	
	53	3. 1.1927	12	As estupendas façanhas do cow-boy façanhudo	
	54	10. 1.1927	12	As estupendas façanhas do cow-boy façanhudo	
	56	24. 1.1927	12	Atribulações do Preto Retinto da Costa	
	61	7. 3.1927	7	Proezas do iracundo capitão Balalão	
	62	14. 3.1927	12	Por mal fazer ... Mal haver	
	64	28. 3.1927	12	Não te rias do mal dos outros	
	67	18. 4.1927	7	O groom do Excelsior Hotel I - Ladrão de jóias	
	68	25. 4.1927	[7]	O groom do Excelsior Hotel II - Cosido e assado no caldeirão	
	69	2. 5.1927	7	O groom do Excelsior Hotel III - Em pleno Egipto - os adoradores de Tutenscamion	
	70	9. 5.1927	7	O groom do Excelsior Hotel IV - Perseguições piramidais	
	71	16. 5.1927	7	O groom do Excelsior Hotel V - Na cova das serpentes	
	72	23. 5.1927	7	O groom do Excelsior Hotel VII [VI] - Os servos do Tutenscamion	
	73	30. 5.1927	7	O groom do Excelsior Hotel VII - Em poder do colar	
	74	6. 6.1927	7	O groom do Excelsior Hotel VIII - A dois minutos da panela	
	75	13. 6.1927	7	O groom do Excelsior Hotel IX - Um fim que se não espera!	
	78	4. 7.1927	7	Aventuras de três amigos no planeta Marte 1 - O telescópio do sábio Popoff	
	79	11. 7.1927	7	Aventuras de três amigos no planeta Marte 2 - Partida para Marte	
	80	18. 7.1927	7	Aventuras de três amigos no planeta Marte 3 - A árvore da morte	
	81	25. 7.1927	7	Aventuras de três amigos no planeta Marte 4 - Cercado pelos sapos	
	82	1. 8.1927	7	Aventuras de três amigos no planeta Marte 5 - Teglut Guli Gafas	
	83	8. 8.1927	7	Aventuras de três amigos no planeta Marte 6 - A caminho do centro do planeta	
	84	15. 8.1927	7	Aventuras de três amigos no planeta Marte 7 - Na presença do grande marciano	
	85	22. 8.1927	7	Aventuras de três amigos no planeta Marte 8 - A ilha que navega	
	86	29. 8.1927	7	Aventuras de três amigos no planeta Marte 9 - Onde Popoff torna a ver a bala	
	87	5. 9.1927	7	Aventuras de três amigos no planeta Marte 10 - Terra à vista	
	93	17.10.1927	7	Aventuras desnorteantes do maluquinho de Arronches - Um filme estragado	
	94	24.10.1927	7	Aventuras desnorteantes do maluquinho de Arronches - Frágil - 30 quilos	

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
	95	31.10.1927	7	Aventuras desnorteantes do maluquinho de Arronches - Um prémio do milhão	
	96	7.11.1927	7	Aventuras desnorteantes do maluquinho de Arronches - Charlestomania	
	97	14.11.1927	7	Aventuras desnorteantes do maluquinho de Arronches - O auto de Fé	
	98	21.11.1927	7	Aventuras desnorteantes do maluquinho de Arronches - A ilha do falcão	
	99	28.11.1927	7	Aventuras desnorteantes do maluquinho de Arronches - Fuas com ervilhas	
	100	5.12.1927	7	Aventuras desnorteantes do maluquinho de Arronches - Na teia de aranha	
	101	12.12.1927	7	Aventuras desnorteantes do maluquinho de Arronches - A multa que mata	
	102	19.12.1927	7	Farófias, o bandido «inagarrável» I - Passado pelas brasas	
	103	26.12.1927	7	Farófias, o bandido «inagarrável» II - Levado pela cheia	
[VII]	104	2. 1.1928	7	Farófias, o bandido «inagarrável» III - A ninfa dos bosques	
	105	9. 1.1928	7	Farófias, o bandido «inagarrável» V [VI] - Os três índios gabiroos	
	106	16. 1.1928	7	Farófias, o bandido «inagarrável» VI [V] - O rei do laço	
	107	23. 1.1928	7	Farófias, o bandido «inagarrável» VII [VI] - O saco de libras	
	108	30. 1.1928	7	Os dois toureiros de inverno	
	109	6. 2.1928	7	As passeatas de Engrácio	
	110	13. 2.1928	7	O velhaco do Antonico	
	111	20. 2.1928	7	Dentes sem dor	
	112	27. 2.1928	7	O pesadelo do Chico, amador de T. S. F.	
	113	5. 3.1928	7	A tragédia dos «biblots»	
	114	12. 3.1928	7	A viagem do explorador Requitroles	
	115	19. 3.1928	7	As pílulas de Tony Alpenin	
	116	26. 3.1928	7	2.ª viagem do explorador Requitroles	
	117	2. 4.1928	7	Viagem de Requitroles ao centro da Terra	
	118	9. 4.1928	7	Viagem de Requitroles ao centro da Terra	
	119	16. 4.1928	7	Requitroles no Pólo Norte	
	120	23. 4.1928	7	Requitroles na Lua	
	121	30. 4.1928	7	Requitroles operador cinematográfico	
	122	7. 5.1928	7	Requitroles campeão de dança	
	123	14. 5.1928	7	Requitroles, pigmeu amador	
	124	21. 5.1928	7	Requitroles automobilista	
	125	28. 5.1928	7	Joaninha aviadora I - O estrela na testa	
	126	4. 6.1928	7	Joaninha aviadora II - O macaco salvador	
	127	11. 6.1928	7	Joaninha aviadora III - À beira do abismo	
	128	18. 6.1928	7	Joaninha aviadora IV - Auxílio do céu	
	129	25. 6.1928	7	Joaninha aviadora [V] - A ilha dos diamantes	
	130	2. 7.1928	7	Joaninha aviadora VI - O vulcão	
	131	9. 7.1928	7	O campeão de velocidade	
	132	16. 7.1928	7	O sonho do Cristianinho	

ARTUR (Bartolomeu Sesinando Ribeiro) — Desenhador

Jornal da Infância — TOMO I

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
	6	[8. 2.1883]	48	O gallo e a macaca	
	7	[15. 2.1883]	52	Joannico	
	8	[22. 2.1883]	63	Joannico	
	9	[1. 3.1883]	68	Joannico	
	10	[8. 3.1883]	79	Joannico	
	23	[7. 6.1883]	183	Joannico	
TOMO II					
	51	[20.12.1883]	196-9	Os macacos e os barretes	D. Maria do Ó

AZEVEDO (Maria Paula de) — Cf. SOUTO (Joana de Távora Folque do)

BADÁLO — Desenhador

ABCzinho — 2.ª SÉRIE

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
[VII]	147	29.10.1928	12	Para achatar o «back»	

BARROS (Teresa Leitão de) — Argumentista

ABCzinho — 2.ª SÉRIE

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
II	19	[21. 2.1922]	7-9	Nascimento e vida de Massalião	E. H. N.
	55	8.10.1923	10-12	O pequeno trapeiro	Rocha Vieira
	66	[24.12.]1923	5-6	Um pescador ... Pescado!	Stuart
III	68	7. 1.1924	5	Um caçador de patos mansos	Nunes Botelho
	69	14. 1.1924	5	O totó da D. Bisbilhoteira	Emmérico Nunes
	96	[21. 7.1924]	5-10	A luz vermelha	Rocha Vieira
	105	22. 9.1924	5	A menina doente	Althausse
	106	29. 9.1924	2	Feliz fim dum mandarim	E. A.
			13-16	Como se arranja um amigo	R. V.
	108	23.10.1924	[7-10]	O sinal de perigo (adap.)	R. V.
IV	109	20.10.1924	[7-11]	O castelo incompleto	Rocha Vieira •
	113	17.11.1924	[2]	Uma invenção de Dom Galau	

BASTOS (Cândido) — Argumentista

ABCzinho — 1.ª SÉRIE

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
IV	127	23. 2.1925	[6-7]	O carnaval de Diógenes	
	142	8. 6.1925	[4-5]	O castigo do Julião Cabeçudo	E. A.

B. — Cf. BOTELHO (Carlos Nunes).
BOT. — Cf. BOTELHO (Carlos Nunes).
Botelho — Cf. BOTELHO (Carlos Nunes).

BOTELHO (Carlos Nunes) — Argumentista

ABCzinho — 1.ª SÉRIE

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
III	84	28. 4.1924	11-13	Aventuras de Zabumba, Bumba e Zaranza IV - Os caixotes diabólicos	Botelho

Desenhador

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
	68	7. 1.1924	5	Um caçador de patos mansos	T. L. B.
	73	11. 2.1924	3	Uma cama improvisada	
			16	O trombone mágico	
	74	18. 2.1924	11	Como o ratinho se salvou	
	75	25. 2.1924	5	Transformações à vista	
	76	3. 3.1924	12	Uma ideia luminosa	
	77	10. 3.1924	5	Uma serpente desconhecida	
			10	Um ladrão castigado	
	78	17. 3.1924	5	Coisas que acontecem	
	79	24. 3.1924	3	Surpresas do destino	
	80	31. 3.1924	3	A tragédia do doce de ginja	
			5	Como se arranja almoço	
	81	7. 4.1924	3	É proibida a passagem	
			5-8	Aventuras de Zabumba, Bumba e Zaranza [I]	
	82	14. 4.1924	5-7	Aventuras de Zabumba, Bumba e Zaranza II - O monstro pré-histórico	
			13	A que leva a cólera	
	83	21. 4.1924	3	Como se caça um leão	
			5-7	Aventuras [...] III - O aeroplano fantástico	
	84	28. 4.1924	11-13	Aventuras [...] IV - Os caixotes diabólicos	Botelho
	85	5. 5.1924	8-9	Delgadinho o ladrão engenhoso	•
			11-13	Aventuras [...] V - O mistério do fundo do mar	
	89	2. 6.1924	8-9	História do engenhoso processo utilizado	
	90	[9. 6.1924]	5	Zé Pacóvio no museu	
			16	Surpresas de fotografia	
	91	[16. 6.1924]	5	Um barco pouco cómodo	
			9	Uma ideia genial	
			16	Surpresas de fotografia	
	92	[23. 6.1924]	16	A vingança do jardineiro	
	93	[30. 6.1924]	5	Um monstro marinho! Fujam! Fujam! Fujam!	
			11	Almoço e fatos por preço baratíssimo	
			16	O suporte ideal	
	94	[7. 7.1924]	5	Uma excursão do capitão Serapião ao sertão	
	95	[14. 7.1924]	3	Ninguém faça mal	
			5	Surpresas de fotografia	
			9	Como Manuel arranjou farnel	

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
	96	[21. 7.1924]	2	Uma ideia genial	
			11	Surpresas de fotografia	
	97	[28. 7.1924]	4, 5 e 6	O estratagema do pescador	
	98	4. 8.1924	2	Ninguém faça mal ...	
	99	11. 8.1924	3-5	Uma aventura como há poucas	
	100	[18. 8.1924]	3	Uma ideia genial do célebre capitão Trapalhão	
	102	1. 9.1924	3	Uma aventura como poucas	
IV	110	27.10.1924	9-12	Desobediência fatal	
	112	10.11.1924	16	Ovos mexidos	

2.ª SÉRIE

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
V	1	4. 1.1926	1-8	As estupendas aventuras do Pirilau que vendia balões I - A águia de maus fígados	
	2	11. 1.1926	1-12	As estupendas aventuras do Pirilau que vendia balões II - Pirilau entre leões	•
	3	18. 1.1926	1-12	As estupendas aventuras do Pirilau que vendia balões III - O feiticeiro Katapumpépé	•
	4	25. 1.1926	1-8	As estupendas aventuras do Pirilau que vendia balões IV - Os subterrâneos do Manipauso	
	5	1. 2.1926	1-12	As estupendas aventuras do Pirilau que vendia balões V - O homem das selvas	
	6	8. 2.1926	1-12	As estupendas aventuras do Pirilau que vendia balões VI - O misterioso submarino	
	7	15. 2.1926	1	As estupendas aventuras do Pirilau que vendia balões VI [VII] - O imperador dos mares	
	8	22. 2.1926	1	As estupendas aventuras do Pirilau que vendia balões VIII - Na ilha do Trombelitron	
	9	1. 3.1926	1	As estupendas aventuras do Pirilau que vendia balões IX - A grande chacina	
			8-9	s. t.	
	10	8. 3.1926	1	As estupendas [...] IX [X] - A chave do enigma	
			12	Punhos de Bronze o terror dos ringues 1.º - Vencedor e vencido	
	11	15. 3.1926	1	As estupendas [...] XI - Surpresas sobre surpresas	
			12	Punhos [...] 2.º - A casa misteriosa	
	12	22. 3.1926	1	As estupendas [...] XII - Pirilau contra todos	
			12	Punhos [...] 3.º - X-31 R. do A.	
	13	29. 3.1926	1	As estupendas [...] XIII - A audácia do Pirilau	
			12	Punhos [...] 4.º - A caminho de New-York	
	14	5. 4.1926	1	As estupendas [...] XIV - O prato de arroz doce	
			12	Punhos [...] 5.º - A caminho de New-York	
	15	12. 4.1926	1	Como a gratidão de um leão salvou Ferrabaz Ferrabão	
			12	Punhos [...] 6.º -	
	16	19. 4.1926	1	A vingança de Ricardito	
			12	Punhos [...] 7.º - O refúgio inacessível	
	17	26. 4.1926	1	Zé Carequinha o Cábula, inventa uma receita para fazer exames lindos!	
			12	Punhos [...] 8.º - O camion 33433	
	18	3. 5.1926	12	Punhos [...] 9.º - No banco Morgan	
	19	10. 5.1926	12	Punhos [...] 10.º - A máquina do sono	

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
	20	17. 5.1926	1	O automóvel do Neco	
			12	Punhos [...] 11.º - O barril de lixo	
	21	24. 5.1926	1	A mudança do Bento	
			12	Punhos [...] 12.º - Como o acaso as tece	
	22	31. 5.1926	12	Punhos [...] 13.º - Ladrões de automóveis	
	23	7. 6.1926	1	Luta de bonitos	
			12	Punhos [...] 14.º - Um contra dez	
	24	14. 6.1926	1	O tesouro de S^{to} António	
			12	Punhos [...] 15.º - O cow-boy salvador	
	25	21. 6.1926	1	A chave de S. Pedro	
			12	Punhos [...] 17.º [16.º] - A fita reveladora	
	27	5. 7.1926	1	A pesca da baleia	
			12	Punhos [...] 18.º - A explosão da ponte	
	29	19. 7.1926	1	Receita para emagrecer	
			12	Punhos [...] 18.º [19.º] - O rei dos cobertores de lã	
	30	26. 7.1926	1	O exame do Manecas	
			12	Punhos [...] 20.º - O tecto dos punhos	
	31	2. 8.1926	1	O explorador postiço	
			12	Punhos [...] 21.º - O morto vivo	
	32	9. 8.1926	1	Mistério do Além	
			12	Punhos [...] 21.º [22.º] - Às portas da morte	
	33	16. 8.1926	1	Abaixo o calor	
			12	Punhos [...] 22.º [23.º] - Sobre a locomotiva	
	34	23. 8.1926	1	Viagens maravilhosas do Sanchinho Papa-Figos I - No país dos brinquedos	
			12	Punhos [...] 23.º [24.º] - A catástrofe	
	35	30. 8.1926	1	Viagens [...] II - A fada das flores	
			12	Punhos [...] 24.º [25.º] - À meia-noite em ponto	
	36	6. 9.1926	1	Viagens [...] III - A rainha das abelhas	
			12	Punhos [...] 25.º [26.º] - Na cadeira eléctrica	
	37	13. 9.1926	1	Viagens [...] IV - A ilha dos anões	
	38	27. 9.1926	1	Viagens [...] V - Na Açucalolândia	
			12	História de um dragão, um fidalgo e um menino	
	39	27. 9.1926	1	Viagens [...] VI - Na caixa de fósforos	
	40	4.10.1926	1-12	Viagens [...] VII - O rei de Maudia	
	41	11.10.1926	1	Viagens [...] VIII - A coragem de Sanchinho	
	42	18.10.1926	1	Viagens [...] IX - Em cata de juízo	
	43	25.10.1926	1	Viagens [...] X - O batalhão mágico	
			12	Duma cajadada perdeu dois coelhos	
	44	1.11.1926	1	Viagens [...] XI - Os pastéis de nata	
	45	8.11.1926	1	Viagens [...] XII - O vinho mágico	
	46	19.11.1926	1	Viagens [...] XIII - Macaquinhos	
	47	22.11.1926	1	Viagens [...] XIV - Acabou-se tudo	
	48	29.11.1926	1-8	A grande fita americana I - O ataque ao expresso	[Telmo] •
	49	6.12.1926	1-2	A grande fita americana II - O rapto da locomotiva	•
	50	13.12.1926	1-2	A grande fita americana III - Miss Bijou é uma heroína	•
	51	20.12.1926	1-2	A grande fita americana IV - A catástrofe	•
	52	27.12.1926	1-2	A grande fita americana V - Começa o filme	
[VI]	53	3. 1.1927	1-2	A grande fita americana VI - A ponte abate	—
	54	10. 1.1927	1	A grande fita americana VII - A corda quebrada	—
	55	17. 1.1927	1-12	A grande fita americana VIII - Novos personagens	—

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
	56	24. 1.1927	1-2	A grande fita americana IX - O subterrâneo das águas negras	—
	57	31. 1.1927	1-7	A grande fita americana X - Os velhos amigos encontram-se	—
			12	Questões de astronomia	—
	58	7. 2.1927	1-2	A grande fita americana XI - Um diz: Mata! O outro: Esfola!	—
			12	Os presentes para a noiva	—
	59	21. 2.1927	1-6	A grande fita americana XII - Dez quilos de dinamite	—
			12	O domador chinfrim e o seu leão feroz	—
	60	28. 2.1927	1-10	A grande fita americana XIII - Os papelinhos que guiam	—
			12	Uma partida carnavalesca	—
	61	7. 3.1927	1-8	A grande fita americana XIV - A heróica morte de Mulato	—
			12	Restos do Carnaval	—
	62	14. 3.1927	1-5	A grande fita americana XV - Entaipados para sempre	—
	63	21. 3.1927	1-2	A grande fita americana XVI - A traição do Mexicano	—
			7	O penedo misterioso	—
			12	A travessia do Atlântico	—
	64	28. 3.1927	1-2	A grande fita americana XVIII [XVII] - Uma bela surpresa na estação de «Pinheiro-Manso City»	—
			7	Grande Hotel chic Paris Continental	—
	65	4. 4.1927	1-2	A grande fita americana Grande surpresa - Fim	—
			12	O seu a seu dono	—
	66	11. 4.1927	1-12	O Zuncha artista de circo I - Tomado por ladrão	—
	67	18. 4.1927	1-12	O Zuncha artista de circo II - O assalto	—
	68	25. 4.1927	1	O Zuncha artista de circo III - O desastre	—
			12	O Zuncha artista de circo IV - Os Malteses	—
	69	2. 5.1927	1	O Zuncha artista de circo V - O Zuncha faz-se saltimbanco	—
			12	O Zuncha artista de circo VI - Intervém a Guarda Republicana	—
	70	9. 5.1927	1	O Zuncha artista de circo VII - O primeiro espectáculo	—
			12	O Zuncha artista de circo VIII - O gazómetro que pega foga à menina	—
	71	16. 5.1927	1	O Zuncha artista de circo IX - As prosperidades da companhia	—
			12	O Zuncha artista de circo X - O Zuncha é raptado	—
	72	23. 5.1927	1	O Zuncha artista de circo XI - A caminho da América	—
			12	O Zuncha artista de circo XII - Há fogo a bordo	—
	73	30. 5.1927	1	O Zuncha artista de circo XIII - Salvo por contrabandistas	—
			12	O Zuncha artista de circo XIV - Uma mensagem misteriosa	—
	74	6. 6.1927	1	O Zuncha artista de circo XV - Os empresários procuram salvar Zuncha	—
			12	O Zuncha artista de circo XVI - Em vez do Zuncha um manequim	—
	75	13. 6.1927	1	O Zuncha artista de circo XVII - Uma evasão combinada	—
			12	O Zuncha artista de circo XVIII - O Zuncha encontra uma amiga	—

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
	76	20. 6.1927	1	O Zuncha artista de circo XIX - A estreia do Zuncha em New-York	—
			12	O Zuncha artista de circo XX - Um desastre no circo	—
	77	27. 6.1927	1	O Zuncha artista de circo XXI - O Zuncha desaparece . . .	—
			12	O Zuncha artista de circo XXII - Miss Dorothy em busca do Zuncha	—
	78	4. 7.1927	1	O Zuncha artista de circo XXIII - Entra em cena o leão Atlas	—
			12	O Zuncha artista de circo XXIV - O vagão dos leões	—
	79	11. 7.1927	1	O Zuncha artista de circo XXV - O Zuncha contra os leões	—
			12	O Zuncha artista de circo XXVI - O furgão das barras de ouro	—
	80	18. 7.1927	1	O Zuncha artista de circo XXVII - O Zuncha não perdoa	—
			12	O Zuncha artista de circo XXVIII - Na passagem de nível	—
	81	25. 7.1927	1	O Zuncha artista de circo XXIX - A continuação da viagem	—
			12	O Zuncha artista de circo XXX - O rapto do príncipe russo	—
	82	1. 8.1927	1	O Zuncha artista de circo XXXI - A bordo do dirigível dos bolchevistas	—
			12	O Zuncha artista de circo XXXII - Nestas alturas . . . entra a polícia aérea!	—
	83	8. 8.1927	1	O Zuncha artista de circo XXXII [XXXIII] - O combate com os bolchevistas	—
			12	O Zuncha artista de circo XXXIV - Os pára-quedas salvadores	—
	84	15. 8.1927	1	O Zuncha artista de circo XXXV - A caminho do palácio	—
			12	O Zuncha artista de circo XXXVI - Os conspiradores não desistem	—
	85	22. 8.1927	1	O Zuncha artista de circo XXXVII - A câmara da vigilância	—
			12	O Zuncha artista de circo XXXVIII - O chão que fulmina	—
	86	29. 8.1927	1	O Zuncha artista de circo XXXIX - A cave dos tigres	—
			12	O Zuncha artista de circo XL - O Zuncha em perigo	—
	87	5. 9.1927	1	O Zuncha artista de circo XLI - Uma fuga audaciosa	—
			12	O Zuncha artista de circo XLII - Na casa do ópio	—
	88	12. 9.1927	1	O Zuncha artista de circo XLIII - A quadrilha de Sovaroff	—
			12	O Zuncha artista de circo XLIV - Um truque do Zuncha	—
	89	19. 9.1927	1	Tonio e Zeca, os destemidos [I]	—
			12	O Zuncha artista de circo XLV - Seis pretendentes a um tesouro	—
	90	26. 9.1927	1	Tonio e Zeca, os destemidos II - A queda de água	—
			12	O Zuncha artista de circo XLVI - Nos subterrâneos do palácio	—
	91	3.10.1927	1	Tonio e Zeca, os destemidos III - Um achado admirável	—

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
			12	O Zuncha artista de circo XLVII - A alavanca que inunda o subterrâneo	—
	92	10.10.1927	1	Tonio e Zeca, os destemidos IV - Uma grande surpresa	—
			12	O Zuncha artista de circo XLVIII - A inundação	—
	93	17.10.1927	1	Tonio e Zeca, os destemidos VI [V] - Fugindo dos selvagens	—
			12	O Zuncha artista de circo XLIX - A caminho da pátria	—
	94	24.10.1927	1	Aventuras assombrosas dum inventor I - O monstro desobedece	—
			12	Tonio e Zeca, os destemidos VII [VI] - O templo subterrâneo	—
	95	31.10.1927	1	Aventuras assombrosas dum inventor II - A ofensiva do monstro	—
			12	Tonio e Zeca, os destemidos VIII [VII] - Feliz conclusão de uma aventura	—
	96	7.11.1927	1	Aventuras assombrosas dum inventor III - Preso na rede	—
			12	O herdeiro do trono I - Os inimigos do príncipe	—
	97	14.11.1927	1	Aventuras assombrosas dum inventor IV - O grande aliado	—
			12	O herdeiro do trono II - O combate nos ares	—
	98	21.11.1927	1	Aventuras assombrosas dum inventor V - A conquista do trono	—
			12	O herdeiro do trono III - O vagão leito	—
	99	28.11.1927	1	Aventuras assombrosas dum inventor VI - O fim do pesadelo	—
			12	O herdeiro do trono IV - O falso Carlos de Tiror	—
	100	5.12.1927	1	Aventuras do cow-boy Gim Boy I - A ameaça do fantasma	—
			12	O herdeiro do trono V - Sozinho contra os lobos	—
	101	12.12.1927	1	Aventuras do cow-boy Gim Boy II - A nuvem negra	—
			12	O herdeiro do trono VI - Fugindo dos rebeldes	—
	102	19.12.1927	1	Aventuras do cow-boy Gim Boy III - A explosão do morro	—
			12	O herdeiro do trono VII - O novo rei	—
	103	26.12.1927	1	Aventuras do cow-boy Gim Boy IV - Os manequins do fantasma	—
			12	Aventuras do cow-boy Gim Boy V - O comboio da meia-noite	—
[VII]	104	12. 1.1928	1	Aventuras do cow-boy Gim Boy V [VI] - Um salto de mestre	—
			12	Aventuras do cow-boy Gim Boy VI [VII] - O homem da cicatriz	—
	105	19. 1.1928	1	Aventuras do cow-boy Gim Boy VII [VIII] - A manada de búfalos	—
			12	Aventuras do cow-boy Gim Boy VIII [IX] O bar do Cavalo Branco	—
	106	16. 1.1928	1	Aventuras do cow-boy Gim Boy IX [X] - As economias do fantasma	—
			12	Aventuras do cow-boy Gim Boy X [XI] - Jim Boy persegue o fantasma	—
	107	23. 1.1928	1	Aventuras do cow-boy Gim Boy XI [XII] - A bordo do rebocador	—

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
			12	Aventuras do cow-boy Gim Boy XII [XIII] - A morte do fantasma	—
	108	30. 1.1928	1-12	Contos das Mil e Uma Noites [I e II] - O cavalo mágico	—
	109	6. 2.1928	1	Contos das Mil e Uma Noites III - A princesa de Benguela	—
			12	Contos das Mil e Uma Noites IV - A volta do príncipe	—
	110	13. 2.1928	1	Contos das Mil e Uma Noites V - A vingança do feiticeiro	—
			12	Contos das Mil e Uma Noites VI - Os sultões de Chachemira	—
	111	20. 2.1928	1	Contos das Mil e Uma Noites VII - O médico das barbas negras	—
			12	Contos das Mil e Uma Noites VIII - E acabou-se a história	—
	112	27. 2.1928	1	Zé Carequinha, polícia amador I - A mancha de sangue	—
			12	O stand do Malaquias	—
	113	5. 3.1928	1	Zé Carequinha, polícia amador II - O passaroco libertador	—
			12	Ferrabrão caça o leão	—
	114	12. 3.1928	1	Zé Carequinha, polícia amador III - A 90 quilómetros à hora	—
			12	Zé Carequinha, polícia amador IV - Salvem aquela criança	—
	115	19. 3.1928	1	Zé Carequinha, polícia amador V - O roubo da sacristia	—
			12	Zé Carequinha, polícia amador VI - Um fracasso na carreira	—
	116	26. 3.1928	1	Zé Carequinha, polícia amador VII - O Cucurucu--Klux-Chum	—
			12	Zé Carequinha, polícia amador VIII - A seita misteriosa	—
	117	2. 4.1928	1	Zé Carequinha, polícia amador IX - Serviço por serviço	—
			12	Zé Carequinha, polícia amador X - Em grande velocidade	—
	118	9. 4.1928	1	Zé Carequinha, polícia amador XI - A senhora gorda	—
			12	Zé Carequinha, polícia amador XII - Atirado ao rio	—
	119	16. 4.1928	1	Zé Carequinha, polícia amador XIII - Os companheiros intervêm	—
			12	Zé Carequinha, polícia amador XIV - Explicações do mistério	—
	120	23. 4.1928	1	Zé Carequinha, polícia amador XV - Os contrabandistas	—
			12	Zé Carequinha, polícia amador XVI - Fogo a bordo	—
	121	30. 4.1928	1	Zé Carequinha, polícia amador XVII - O submarino chinês	—
			12	Zé Carequinha, polícia amador XVIII - O carrasco de Ching-Fú	—
	122	7. 5.1928	1	Zé Carequinha, polícia amador XIX - O dragão fumegante	—
			12	Zé Carequinha, polícia amador XX - Cucuru em acção	—
	123	14. 5.1928	1	Zé Carequinha, polícia amador XXI - Fugindo à revolução	—
			12	Zé Carequinha, polícia amador XXII - Condecorados!	—
	124	25. 5.1928	1-12	Nos tempos em que havia fadas I	—
	125	28. 5.1928	1	Nos tempos em que havia fadas II - De volta ao castelo	—

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
			12	Nos tempos em que havia fadas III - Um burrinho carregado de ouro	—
	126	4. 6.1928	1	Nos tempos em que havia fadas IV - As pedrinhas milagrosas	—
			12	Nos tempos em que havia fadas V - Touros, carneiros e cães leões	—
	127	11. 6.1928	1	Nos tempos em que havia fadas VI - No fundo do rio	—
			12	Nos tempos em que havia fadas VII - O burro voador	—
	128	18. 6.1928	1	Nos tempos em que havia fadas VIII - Segredos do céu	—
			12	Nos tempos em que havia fadas IX - Manifestações de regozijo	—
	129	25. 6.1928	1-12	Tão Balalão em Amesterdão [I e II]	—
	130	2. 7.1928	1	Tão Balalão em Amesterdão III - O desarranjo do eixo	—
			12	Tão Balalão em Amesterdão IV - De Amesterdão a Marte	—
	131	9. 7.1928	1	Tão Balalão em Amesterdão V - A equipa marciana	—
			12	Tão Balalão em Amesterdão VI - Vitória a Portugal	—
	132	16. 7.1928	1	O rei da publicidade I - Sorvetes marca «Frescura»	—
			12	O rei da publicidade II - A vintém a caixa	—
	133	23. 7.1928	1	O rei da publicidade III - Tecidos para Verão	—
			12	O rei da publicidade IV - O café das moscas	—
	134	30. 7.1928	1	O rei da publicidade V - O automóvel mais económico	—
			12	O rei da publicidade VI - Limöen, o rei dos automóveis	—
	135	6. 8.1928	1	O rei da publicidade VII - O grande massagista	—
			12	O rei da publicidade VIII - Uma bicha que nunca mais acaba	—
	136	13. 8.1928	1	O rei da publicidade IX - O cine da moda e das moscas	—
			12	O rei da publicidade X - Fechado para obras	—
	137	20. 8.1928	1	O rei da publicidade XI - Os cigarros «Fumarhada»	—
			12	O rei da publicidade XII - Um reclamo sensacional	—
	138	27. 8.1928	1	O rei da publicidade XIII - Lâmpadas eléctricas «Solarine»	—
			12	O rei da publicidade XIV - Luz a jorros	—
	139	3. 9.1928	1	O rei da publicidade XV - A melhor tinta de escrever	—
			12	O rei da publicidade XVI - A última escova	—
	140	10. 9.1928	1	O castelo das rochas negras I - O segredo da armadura	—
			12	O castelo das rochas negras II - A sala das torturas	—
	141	17. 9.1928	1	O castelo das rochas negras III - O inimigo invisível	—
			12	O castelo das rochas negras IV - A câmara dos esqueletos	—
	142	24. 9.1928	1	O castelo das rochas negras V - Os maquinismos mortais	—
			12	O castelo das rochas negras VI - O suplício do sino	—
	143	1.10.1928	1	O castelo das rochas negras VII - O sinal cabalístico	—
			12	O castelo das rochas negras VIII - O segredo de Alta Magia	—
	144	8.10.1928	1	O castelo das rochas negras IX - Os olhos que abrem portas	—
			12	O castelo das rochas negras X - Um copo de água!	—
	145	15.10.1928	1	O castelo das rochas negras XI - Uma saída invisível	—
			12	O castelo das rochas negras XII - O duelo	—

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.	
	146	22.10.1928	1	O castelo das rochas negras XIII - Jóias que escaldam!...	—	
			12	O castelo das rochas negras XIV - Conclusão	—	
	147	29.10.1928	1	O homem das forças	—	
	148	5.11.1928	1	Cavalo dado ... não se olha o dente	—	
			12	Remédio para as insónias	—	•
	149	12.11.1928	1	Instituto de beleza	—	•
			12	O caçador de feras	—	•
	150	19.11.1928	1	Dois valentões	—	
			12	O sujeito que perdera uma coisa que não era fácil de encontrar	—	
	151	26.11.1928	1	Ninharias	—	•
			12	Preciosidade artística ou um guia habilíssimo ...	—	•
	152	3.12.1928	1	Serenata moderna	—	
			12	5 minutos em balão ou a inauguração do monumento	—	
	153	10.12.1928	1	A cabeleira do maestro	—	
			12	Um concerto de piano, ou ... um piano sem conserto!...	—	
	154	17.12.1928	1	Os óculos ideais	—	
			12	Para viajar de graça	—	
	155	24.12.1928	1-12	O presente do menino Jesus	—	
	156	31.12.1928	1	Um feliz ano novo	—	•
			12	Partidas de meninos malcriados	—	•
[VIII]	157	7. 1.1929	1	O tónico capilar	—	•
			12	A máscara do gato	—	•
	158	14. 1.1929	1	s. t.	—	•
			12	Um cão bom para ratos	—	•
	159	21. 1.1929	1	O homem do leme	—	•
			12	Um pintor engenhoso	—	•
	160	28. 1.1929	1	Uma história muito velha	—	•
			12	Um professor perfeitamente piramidal	—	•
	161	4. 2.1929	1	O caçador de leões	—	•
			12	Indicações de trânsito	—	•
	162	11. 2.1929	1	Zé Carequinha tem bom coração	—	•
			12	As delícias dum passeio de automóvel	—	•
	163	18. 2.1929	1	O expediente do caiador	—	•
			12	Um salvador inteligente	—	•
	164	25. 2.1929	1	Um jardineiro esperto	—	•
			12	O porco do Zé Maloio	—	•
	165	4. 3.1929	1	Um banho fora de tempo	—	•
			12	O último modelo	—	•
	166	11. 3.1929	1	O juiz da questão	—	•
			12	Surpresas da natação	—	•
	167	18. 3.1929	1	Caçada aos leões vaidosa	—	•
			12	Para evitar questões	—	•
	168	25. 3.1929	1	O super aumento ou como se arranja um emprego	—	•
			12	Um guerreiro duro de roer	—	•
	169	1. 4.1929	1	Escolha de chapéu	—	•
			12	Criado com expediente	—	•
	170	8. 4.1929	1	O gato e o canário	—	•
			12	Como um tapete que cai ... pode dar lugar a um monstro	—	•
	171	15. 4.1929	1	Ginástica médica para criar gosto ao trabalho	—	•
			12	O atirador que fazia milagres	—	•

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.	
	172	22. 4.1929	1	Campeonato inter-escolar - A corrida de sacos	—	•
			12	Um retrato muito parecido	—	•
	173	29. 4.1929	1	Que noite serena! Que lindo luar	—	•
			12	História dum cão que desejava mudar de raça	—	•
	174	6. 5.1929	1	Invertem-se os papéis - O Juca e o pai do Juca	—	•
			12	Recursos do explorador Bazaruco	—	•
	175	13. 5.1929	1	O elefante e o pintor	—	•
			12	Especialista de ouvidos	—	•
	176	20. 5.1929	1	Surpresa do Cornaca	—	•
			12	Zé Carequinha e o ó graxa	—	•
	177	27. 5.1929	1	Um almoço por um real	—	•
			12	Uma operação financeira	—	•
	178	3. 6.1929	1	Distracções de sábios	—	•
			12	Os tratamentos do dr. macaca	—	•
	179	10. 6.1929	1	O tratamento moderno	—	•
			12	Uma partida «do» xadrez	—	•
	180	17. 6.1929	1	No hospício de entrevados	—	•
	181	24. 6.1929	1	Exame para condutor	—	•
			12	O milagre de S. João	—	•
	182	1. 7.1929	1	O expediente de Lume-no-Olho	—	•
			12	Exposição de cães de raça	—	•
	183	8. 7.1929	1	Concurso de pesca	—	•
			12	Invenções do «Antoíno»	—	•
	184	15. 7.1929	1	Episódios de caça	—	•
			12	Uma esmolinha, se faz favor	—	•
	185	22. 7.1929	1	Alfaiate de graça	—	•
			12	O «Tiburço» detective	—	•
	186	29. 7.1929	1	A charanga insuportável	—	•
			12	Uma tragédia numa pipa de tinta	—	•
	187	5. 8.1929	1	A bolsa ou a vida!	—	•
			12	Jardinagem	—	•
	188	12. 8.1929	1	Contra os ladrões	—	•
			12	Reclamo à americana	—	•
	189	19. 8.1929	1	O «punching-ball»	—	•
			12	História dum poço	—	•
	190	26. 8.1929	1	Uma partida de golfe	—	•
			12	Para os pobres da freguesia	—	•
	191	2. 9.1929	1	O galo vaidoso	—	•
			12	O que é ser macaco	—	•
	192	9. 9.1929	1	Reportagem das praias	—	•
			12	Reportagem das praias	—	•
	193	16. 9.1929	1	Acontecimentos das praias	—	•
			12	Um «paticida» desarmado	—	•
	194	23. 9.1929	1	Como se caça uma serpente	—	•
			12	Reclamo ... à portuguesa	—	•
	195	30. 9.1929	1	Como se caça uma avestruz	—	•
			12	Cherló-que-Homes em acção	—	•
	196	7.10.1929	1	Um domador de valor	—	•
			12	O cabeleireiro do deserto	—	•
	197	14.10.1929	1	Um ladrão roubado	—	•
			12	Transformação à vista	—	•

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.	
	198	21.10.1929	1	Partidas do Zé Carequinha	—	•
			12	Não cobiças as maças alheias	—	•
	199	21.10.1929	1	Chapelaria moderna	—	•
			12	A necessidade aguça o engenho	—	•
	200	4.11.1929	1	Aos seus leitores ...	—	•
			12	Duas bebedeiras	—	•

C. de B. — Cf. BASTOS (Cândido de).
C. R. — Cf. RIBEIRO (Carlos Filipe Correia da Silva).
C. Ribeiro — Cf. RIBEIRO (Carlos Filipe Correia da Silva).
Cândido de Bastos — Cf. BASTOS (Cândido de).

CARL^{C}. — Desenhador

A Montanha para as Crianças

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
1.º	26	21.12.1916	4	Como Rita Manoela conseguiu levar para casa o marido completamente borracho	—

Carlos Ribeiro — Cf. RIBEIRO (Carlos Filipe Correia da Silva).

COSME (José de Oliveira) — Argumentista

ABCzinho — 1.ª SÉRIE

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
III	102	1. 9.1924	7-11	Meteonarizemtudo	A. C. L.
	103	8. 9.1924	7-10	Meteonarizemtudo - O documento misterioso	A. C. L.
	105	23. 9.1924	7-10	Meteonarizemtudo - O escafandro tenebroso	A. C. L.
	107	6.10.1924	7-10	Meteonarizemtudo - A locomotiva trágica	A. C. L.
IV	124	2. 2.1925	[11-14]	Uma aventura no Pólo Norte, sensacional reaparição do célebre Meteonarizemtudo	A. C. L.

DEUCALION — Argumentista

ABCzinho

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
[III]	57	22.10.1923	8-9	O tesouro de Tching-Fuw-Lee	Rocha Vieira
	64	10.12.1923	8-10	A curiosidade do primo Alfredo	R. V.

E. — Cf. NUNES (Emérico Hartwich).
E. A. — Cf. ALTHAUSSE (Else).
E. H. N. — Cf. NUNES (Emérico Hartwich).
E. H. Nunes — Cf. NUNES (Emérico Hartwich).
Emmérico — Cf. NUNES (Emérico Hartwich).
Emmérico Nunes — Cf. NUNES (Emérico Hartwich).
F. C. — Cf. T. M. F. de C.
F. Reis — Cf. REIS (Filipe).

FERREIRA (Luís) — Argumentista

ABCzinho — 3.ª SÉRIE

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
[X]	304	2.11.1931	6-7	As façanhas de Quim e Zé	Tio Tónio
	306	16.11.1931	6-7	As façanhas de Quim e Zé	Tio Tónio
	309	7.12.1931	6-7	As façanhas de Quim e Zé	Tio Tónio
	311	21.12.1931	6-7	As façanhas de Quim e Zé	Tio Tónio
[XI]	313	4. 1.1932	6-7	As façanhas de Quim e Zé	Tio Tónio
	317	1. 2.1932	6-7	As façanhas de Quim e Zé	Tio Tónio
	320	29. 2.1932	8	As façanhas de Quim e Zé	Tio Tónio
	322	7. 3.1932	2	As façanhas de Quim e Zé	Tio Tónio

GOMES (Pedro) — Argumentista

ABCzinho — 1.ª SÉRIE

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
I	9	[21. 2.1922]	12-14	O filho do Rajá I - Os salteadores de Rondrem	Rocha Vieira
	10	6. 3.1922	12-14	O filho do Rajá II - Nas cavernas de Rondrem	Rocha Vieira
	11	20. 3.1922	12-14	O filho do Rajá III - Na floresta	Rocha Vieira
	12	3. 4.1922	11-13	O filho do Rajá IV - Entre gente amiga	Rocha Vieira
	13	17. 4.1922	12-13	O filho do Rajá V - No templo subterrâneo	Rocha Vieira
	14	[5. 5.1922]	10-11	O filho do Rajá VI - Mistérios sobre mistérios! O ídolo fala ...	Rocha Vieira
	18	17. 7.1922	10	O filho do Rajá VIII - O tigre	Rocha Vieira
	19	[2. 8.1922]	12	O filho do Rajá IX - De mal a pior	Rocha Vieira
	20	21. 8.1922	10	O filho do Rajá X - O encantador de serpentes	Rocha Vieira
	21	4. 9.1922	14	O filho do Rajá XI - O filho do rajá	Rocha Vieira
	23	2.10.1922	5	O filho do Rajá XII - Os desaparecidos ouvem uma história	Rocha Vieira
	24	23.10.1922	21	O filho do Rajá XIII - Preso como salteador	Rocha Vieira
	26	27.10.1922	14	O filho do Rajá XIV - Proposta de Jamal	Rocha Vieira
	27	4.12.1922	13	O filho do Rajá XV - A ponte dinamitada	Rocha Vieira
	28	Natal 1922	22	O filho do Rajá XVI - Levados pela corrente (fim da 1.ª parte	Rocha Vieira

H. M. C. [leitor] — Desenhador

ABCzinho — 3.ª SÉRIE

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
[IX]	252	3.11.1930	7	A fuga do presidiário	—
[X]	281	25. 5.1931	9	Suicídio frustrado	—

Ilb. — Cf. SANTOS (Ilberino dos).
Ilberino — Cf. SANTOS (Ilberino dos).

LOPES (António Cardoso) — Desenhador

ABCzinho — 1.ª SÉRIE

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
III	70	21. 1.1924	5	Zé Pacóvio faz um galo	—
	72	4. 2.1924	5	À procura do tesouro	—
	74	18. 2.1924	5	Um porco com corda	—
	82	14. 4.1924	3	A vingança	—
	85	5. 5.1924	3	Um bom sistema	—
	92	[23. 6.1924]	13-14	Zé Pacóvio [I]	Tio Pirilau
	93	[30. 6.1924]	13-14	Novas Aventuras de Zé Pacóvio II - Zé Pacóvio tem que fugir	Tio Pirilau
	94	[7. 7.1924]	15-16	Novas Aventuras de Zé Pacóvio III - Zé Pacóvio livra--se dos ladrões	Tio Pirilau
	96	[21. 7.1924]	15-16	Zé Pacóvio	Tio Pirilau
	97	[28. 7.1924]	15-16	Zé Pacóvio	Tio Pirilau
	98	[4. 8.1924]	15-16	Zé Pacóvio	Tio Pirilau
	99	[11. 8.1924]	15-16	Zé Pacóvio	Tio Pirilau
	100	[18. 8.1924]	15-16	Zé Pacóvio	Tio Pirilau
	101	[27. 8.1924]	15-16	Zé Pacóvio	Tio Pirilau
	102	1. 9.1924	15	Zé Pacóvio	Tio Pirilau
	103	8. 9.1924	15-16	Zé Pacóvio	Tio Pirilau
	105	22. 9.1924	7-10	Meteonarizemtudo - O escafandro tenebroso	José de Oliv. Cosme
			15-16	Zé Pacóvio	Tio Pirilau
	107	6.10.1924	7-10	Meteonarizemtudo - A locomitiva trágica	José de Oliv. Cosme
			15-16	Zé Pacóvio	Tio Pirilau
IV	120	[29.12.1924]	[13-14]	Aventuras de Tonito e Naninhas I - O rapto	T. P.
	121	12. 1.1925	[9-10]	Aventuras de Tonito e Naninhas [II]	T. P.
	122	19. 1.1925	[8-9]	Aventuras de Tonito e Naninhas III - A fuga	T. P.
	123	26. 1.1925	[8-9]	Aventuras de Tonito e Naninhas IV - A polícia	T. P.
	124	2. 2.1925	[8-9]	Aventuras de Tonito e Naninhas V - Pelos ares fora	T. P.
			[11-14]	Uma aventura no Pólo Norte, sensacional reaparição do célebre Meteonarizemtudo	José de Oliv. Cosme
	125	9. 2.1925	[8-9]	Aventuras de Tonito e Naninhas VI - A ilha dos pretos	T. P.
	126	16. 2.1925	[8-9]	Aventuras de Tonito e Naninhas VII - Mak Akão V	T. P.
	127	23. 2.1925	[5]	Zé Pacóvio	—
			[8-9]	Aventuras de Tonito e Naninhas VIII - O príncipe Gúgú	T. P.
	128	2. 3.1925	[8-9]	Aventuras de Tonito e Naninhas IX - Expedição infeliz	T. P.
	129	9. 3.1925	[8-9]	Aventuras de Tonito e Naninhas X - A piroga salvadora	T. P.

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
	130	16. 3.1925	[8-9]	Aventuras de Tonito e Naninhas XI - Presidiários	T. P.
			[16]	O burro de Zé Pacóvio	—
	131	23. 3.1925	[8-9]	Aventuras de Tonito e Naninhas XII - A evasão	T. P.
	132	30. 3.1925	[8-9]	Aventuras de Tonito e Naninhas XIII - O manipauso	T. P.
	133	5. 4.1925	[8-9]	Aventuras de Tonito e Naninhas XIV - Afogados	T. P.
	134	13. 3.1925	[1-4]	Saloiada Futebol Clubio	Tio Pirilau
			[9]	Aventuras de Tonito e Naninhas XIV [XV] - A gruta dos piratas	T. P.
	135	20. 4.1925	[1-2]	Aventuras de Tonito e Naninhas XVI - O aeroplano salvador	T. P.
	136	27. 4.1925	[1-2]	Receita para fazer crescer o cabelo	—
			[8-9]	Aventuras de Tonito e Naninhas XVIII [XVII] - Tudo corre como dantes	T. P.
	138	11. 5.1925	[1]	A mala vingadora ... e o ladrão castigado	—
	139	18. 5.1925	[1]	Novas aventuras de Zé Pacóvio [I] - Por esse mundo fora	[T. P.]
	140	25. 5.1925	[1-2]	Novas aventuras de Zé Pacóvio II - O «Quimboio» infernal	[T. P.]
	141	1. 6.1925	[8-9]	Novas aventuras de Zé Pacóvio III - O automóvel diabólico	T. P.
	142	8. 6.1925	[8-9]	Novas aventuras de Zé Pacóvio IV - Aprendiz de barbeiro	T. P.
	143	15. 6.1925	[8-9]	Novas aventuras de Zé Pacóvio V - O perna de pau	T. P.
	144	22. 6.1925	[8-9]	Novas aventuras de Zé Pacóvio VI - O urso feroz	T. P.
	145	29. 6.1925	[8-9]	Novas aventuras de Zé Pacóvio VII - Expresso de Cacilhas	T. P.
	146	6. 7.1925	[8-9]	Novas aventuras de Zé Pacóvio VIII - Grande desafio de fotebol ... com as mãos	T. P.
	147	13. 7.1925	[8-9]	Novas aventuras de Zé Pacóvio IX - Uma façanha altamente desportiva	T. P.
	148	20. 7.1925	[8-9]	Novas aventuras de Zé Pacóvio X - Inquestre a cavalo	T. P.
	149	27. 7.1925	[8-9]	Novas aventuras de Zé Pacóvio XI - A pulanta do tisoiro	T. P.
	150	3. 8.1925	[8-9]	Novas aventuras de Zé Pacóvio XII - Arreventa o gigante misterioso	T. P.
	152	17. 8.1925	[8-9]	Novas aventuras de Zé Pacóvio XIV - Na posse dos documentos	T. P.
	153	24. 8.1925	[8-9]	Novas aventuras de Zé Pacóvio XV - Na posse dos documentos	T. P.
	154	31. 8.1925	[8-9]	Novas aventuras de Zé Pacóvio XVI - Exercícios de luta greco-romana	T. P.
	155	7. 9.1925	[8-9]	Novas aventuras de Zé Pacóvio XVII - Vinte contos de prémio	T. P.
	156	14. 9.1925	[8-9]	Novas aventuras de Zé Pacóvio XVIII - Intervém o célebre Meteonarizemtudo	T. P.
	159	5.10.1925	[8-9]	Novas aventuras de Zé Pacóvio XXI - Piramidal luta com os bandidos	T. P.
	160	12.10.1925	[8-9]	Novas aventuras de Zé Pacóvio XXII - À procura dos sábios perdidos nos gelos	T. P.
	161	19.10.1925	8-9	Novas aventuras de Zé Pacóvio XXIII - A caminho do Pólo Norte	T. P.
	162	26.10.1925	8-9	Novas aventuras de Zé Pacóvio XXIV - O trenó de misterioso aspecto	T. P.

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.	
2.ª SÉRIE						
	7	15. 2.1926	12	Bários disparateis da esgraçada vida do grandessíssimo Zé Pacóvio	[T. P.]	
	8	22. 2.1926	12	A cumo Zé Pacóvio limbeu no boxe mais osdepois ganhou!...	[T. P.]	
	9	1. 3.1926	12	Grandessíssimo combate de box que Zé Pacóvio ganhou	[T. P.]	
	18	3. 5.1926	1	As façanhas do Libório	[T. P.]	
	19	10. 5.1926	1	Zé Pacóvio toureiro	[T. P.]	
	22	31. 5.1926	1	A bomba de dinamite	[T. P.]	
	28	12. 7.1926	1	As façanhas do Libório	[T. P.]	
	42	18.10.1926	12	Histórias de Dona Filomena e dos seus cães e gatos	—	
	53	3. 1.1927	7	Zé Pacóvio e as partidas do Timóteo	—	
	54	10. 1.1927	7	Os suspensórios diabólicos	—	
3.ª SÉRIE						
	304	2.11.1931	6-7	As façanhas de Quim e Zé	Tio Luís	
	306	16.11.1931	6-7	As façanhas de Quim e Zé	Tio Luís	
	309	7.12.1931	6-7	As façanhas de Quim e Zé	Tio Luís	
	311	21.12.1931	6-7	As façanhas de Quim e Zé	Tio Luís	
	312	28.12.1931	12	A surpresa do Natal	—	
	313	4. 1.1932	1	Um homem de coragem	—	
			6-7	As façanhas de Quim e Zé	Tio Luís	
			12	Zé Pacóvio canalizador	—	
	314	11. 1.1932	1	Mau génio castigado	—	
			12	Um famoso detective	—	•
	315	18. 1.1932	1	As partidas da mana coelhinha	—	•
			12	Proezas de Zé Pacóvio	—	•
	316	25. 1.1932	1	O encantador de serpentes	—	
			12	Proezas de Zé Pacóvio	—	
	317	1. 2.1932	1	A novela arripiante	—	•
			6-7	As façanhas de Quim e Zé	Tio Luís	
			12	Proezas de Zé Pacóvio	—	
	318	8. 2.1932	1	Uma grande pista	—	
			12	Proezas de Zé Pacóvio	—	
	319	15. 2.1932	12	Uma boa pescaria	—	
	320	22. 2.1932	6-7	As façanhas de Quim e Zé	Tio Luís	
	321	29. 2.1932	1	Para que serve um rabicho	—	
			8	As façanhas de Quim	Tio Luís	
			12	Proezas de Zé Pacóvio	—	•
	322	7. 3.1932	1	Nova maneira de caçar leões	—	•
			2	As façanhas de Quim	Tio Luís	
			12	A gravata do Pancrácio	—	•

LUÍS MANUEL — Desenhador

ABCzinho — 3.ª SÉRIE

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
[IX]	238	28. 7.1930	12	Exemplo que frutifica ...	—
	244	8. 9.1930	12	Um automóvel de força	—

MADEIRA (Arcindo) — Desenhador

ABCzinho — 3.ª SÉRIE

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
[IX]	255	24.11.1930	10	O automóvel à vela	—
[X]	286	29. 6.1931	9	O castigo do Faustino	—

Maria do Ó (D.) — Cf. PINTO (Alfredo de Morais).

MARQUES (Ofélia) — Desenhadora

ABCzinho — 2.ª SÉRIE

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
V	39	27. 9.1926	12	O menino que queria ser homem à força	—
	41	11.10.1926	12	Barnabum e Badalão, vítimas da aviação	—

M.el M. — Cf. MONTERROSO (Manuel).

MELO (Tomás de) — Desenhador

Jornal da Infancia — TOMO II

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
	28	[12. 7.1883]	9	Histórias e aventuras dum porco na Edade Media	—
	29	[19. 7.1883]	17	Histórias e aventuras dum porco na Edade Media	—
	30	[26. 7.1883]	25	Histórias e aventuras dum porco na Edade Media	—
	31	[2. 8.1883]	33	Histórias e aventuras dum porco na Edade Media	—

MONTERROSO (Manuel) — Desenhador

A Montanha para as Crianças

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
2.º	27	4. 1.1917	1	Bebé guerreiro	—
	28	18. 1.1917	1	Receita vegetariana para fazer um Kaiser	—
	31	1. 3.1917	1	Lição de História	—
	33	29. 3.1917	1	Alimentação na guerra (na Alemanha) texto e desenho do jornal alemão Meggendorfer Blätter de 1.6.1916	—
	34	12. 4.1917	1	O folar do Kaiser	—
	37	24. 5.1917	1	Bebé e as romarias	—
	38	7. 6.1917	1	Santo António Milagroso	—
	42	2. 8.1917	1	Bebé nas águas	—
	46	27. 9.1917	1	As greves	—
3.º	56[57]	11. 4.1917	1	O tifo	—
	59	9. 5.1918	1	Em dia de eleições	—
	60	23. 5.1918	1	Em dia de eleições	—

MORAIS (Alfredo de) — Desenhador

ABCzinho — 1.ª SÉRIE

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
I	7	16. 1.1922	5-7	Altos feitos de Zé Pitosga	Maria Paula de Azevedo
	8	6. 2.1922	16-17	Altos feitos de Zé Pitosga	Maria Paula de Azevedo
	9	[21. 2.1922]	7-9	Aventuras maravilhosas do príncipe malfadado	Rodrigo de Oliveira
	12	3. 4.1922	3-7	Aventuras maravilhosas do príncipe malfadado	Rodrigo de Oliveira

Moreno — Cf. MORENO (Artur).

MORENO (Artur) — Desenhador

ABCzinho — 3.ª SÉRIE

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
[XI]	346	29. 8.1933	10	Histórias sem palavras	—

N. Botelho — Cf. BOTELHO (Carlos Nunes).

NUNES (Emérico Hartwich) — Desenhador

ABCzinho — 1.ª SÉRIE

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.	
I	7	16. 1.1922	8-9	Nos ninhos não se toca	—	
	8	6. 2.1929	9	O menino que maltratava cães	—	
	11	20. 3.1922	2	Mais preto que o próprio preto	—	
	13	17. 4.1922	8-9	Uma ideia ... Fresca do menino Jorge, que deu água ... pela barba do papá Felício!	—	
	14	[5. 5.1922]	8-9	Vejam o que aconteceu ao menino que escutava à porta	—	•
	15	1. 6.1922	8-9	Este mundo é uma bola ...	—	•
	18	17. 7.1922	8-9	Desgraças que acontecem a um menino que andava sempre de nariz no ar	—	
	19	[21. 7.1922]	7-9	Nascimento e vida de Massalipão	T. L. B.	
	25	6.11.1922	2	Um invento genial para o papá	—	
II	33	5. 3.1923	5	O menino foi pelos ares	—	•
	34	19. 3.1923	5	O cavalinho de pau	—	
	42	2. 7.1923	4-5	Viva a liberdade	Rodrigo de Oliveira	
III	69	14. 1.1924	5	O totó da Dona Bisbilhoteira	T. L. B.	

Nunes Botelho — Cf. BOTELHO (Carlos Nunes).
Ofélia — Cf. MARQUES (Ofélia).

OLIVEIRA (Rodrigo de) — Argumentista

ABCzinho — 1.ª SÉRIE

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
I	9	[21. 2.1922]	7-9	Aventuras maravilhosas do príncipe malfadado	A. Morais
	12	3. 4.1922	3-7	Aventuras maravilhosas do príncipe malfadado	A. Morais
	17	3. 7.1922	8-9	Os saltimbancos	Rocha Vieira
II	42	2. 7.1923	4-5	Viva a liberdade	E. H. Nunes

Pan-Tarântula — Cf. PINTO (Alfredo de Morais).

PIMENTEL (João da Gama) — Desenhador

ABCzinho — 3.ª SÉRIE

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
[IX]	220	24. 3.1930	7	O perigo de ter clientes pretos	—

PINTO (Alfredo de Morais) — Argumentista

Jornal da Infancia — TOMO II

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
	51	[20.12.1883]	196-199	Os macacos e os barretes	Ribeiro Arthur

As Creanças

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
I	11	17.12.1884	88	Versos a Virgínia - lição a gulosos	—

REIS (Filipe) — Desenhador

ABCzinho — 1.ª SÉRIE

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
I	23	2.10.1922		História velha com bonecos novos	—

RIBEIRO (Carlos Filipe Correia da Silva) — Desenhador

ABCzinho — 3.ª SÉRIE

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
	234	30. 6.1930	6-7	As boas partidas de mestre raposo	—
	235	7. 7.1930	12	As desventuras do Chico Caracóis - 1	—
	236	14. 7.1930	12	As desventuras do Chico Caracóis - 2	—
	237	21. 7.1930	12	As desventuras do Chico Caracóis - 3	—
	239	4. 8.1930	6-7	Debaixo de metralha	—
			12	As desventuras do Chico Caracóis - 4	—
	240	11. 8.1930	12	As desventuras do Chico Caracóis - 5	—
	242	25. 8.1930	12	As desventuras do Chico Caracóis - 6	—
	243	1. 9.1930	12	As desventuras do Chico Caracóis - 7	—
	245	15. 9.1930	12	Geografia explosiva	—
	246	22. 9.1930	12	O manequim cuidadoso	—
	247	29. 9.1930	12	As desventuras do Chico Caracóis - 8	—
	248	6.10.1930	12	As desventuras do Chico Caracóis - 9	—
	249	13.10.1930	12	Visita inesperada	—
	250	20.10.1930	12	O meu primeiro elefante	—

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
	252	3.11.1930	12	A estátua	—
	253	10.11.1930	6-7	O pesadelo do senhor pencudo	—
			12	Um drama	— •
	254	17.11.1930	12	Uma aventura no Nilo	— •
	255	24.11.1930	12	As desventuras do Chico Caracóis - 10	—
	256	1.12.1930	12	Decepção	— •
	257	8.12.1930	12	Ocasião póstuma	— •
	258	15.11.1930	12	O cavalo amestrado	— •
	259	22.12.1930	12	Os suspensórios salva-vidas	— •
	260	29.12.1930	12	As desventuras do Chico Caracóis - 11	—
	263	19. 1.1931	12	As desventuras do Chico Caracóis - 12	—
	264	26. 1.1931	12	Uma lição de ginástica	— •
	265	2. 2.1931	12	Uma grande caçada	— •
	267	16. 2.1931	12	Uma partida carnavalesca	— •
	268	23. 2.1931	12	Mano gordo caçador de cães vadios	— •
	269	2. 3.1931	12	Barra fixa	— •
	270	9. 3.1931	12	O preso evadido	— •
	271	16. 3.1931	12	De gato a ... catatua	— •
	272	23. 3.1931	12	Um menino maçador	— •
	273	30. 3.1931	12	O mergulhador distraído	— •
	274	6. 4.1931	12	Foot-ball aéreo	— •
	275	13. 4.1931	12	Curiosidade satisfeita	— •
	276	20. 4.1931	12	O drama	— •
	277	27. 4.1931	12	Duro de roer	— •
	278	4. 5.1931	12	O sino	—
	279	11. 5.1931	12	Um sopro	—
	280	18. 5.1931	12	Uma boa pesca	—
	281	25. 5.1931	12	Maré imprevista	—
	282	1. 6.1931	12	O chapéu «claque»	—
	283	8. 6.1931	12	A gula	—
	284	15. 6.1931	12	Romantismo	—
	285	22. 6.1931	12	História de caça	—
	286	29. 6.1931	12	Um mau amigo	—
	287	6. 7.1931	12	Um cow-boy desembaraçado	—
	289	20. 7.1931	12	A armadura	—
	291	3. 8.1931	12	Aventuras de três maraus	—
	292	10. 8.1931	12	Aventuras de três maraus	—
	293	17. 8.1931	12	Aventuras de três maraus	—
	294	24. 8.1931	12	Aventuras de três maraus	—
	295	31. 8.1931	12	Aventuras de três maraus	—
	296	7. 9.1931	12	Aventuras de três maraus	—
	297	14. 9.1931	12	Aventuras de três maraus	—
	298	21. 9.1931	12	Aventuras de três maraus	—
	299	28. 9.1931	12	Aventuras de três maraus	—
	300	5.10.1931	12	Aventuras de três maraus	—
	301	12.10.1931	12	Aventuras de três maraus	—
	302	19.10.1931	12	Aventuras de três maraus	—
	303	26.10.1931	12	Aventuras de três maraus	—
	304	2.11.1931	12	Aventuras de três maraus	—
	305	9.11.1931	12	Aventuras de três maraus	—
	306	16.11.1931	12	Aventuras de três maraus	—
	307	23.11.1931	12	Aventuras de três maraus	—

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
	308	30.11.1931	12	Aventuras de três maraus	—
	309	7.12.1931	12	Aventuras de três maraus	—
	310	14.12.1931	12	Aventuras de três maraus	—
	314	11. 1.1932	5-8	Aventuras de três maraus	—
	315	18. 1.1932	4-5	Aventuras de três maraus	—
	316	25. 1.1932	6-7	Aventuras de três maraus	—
	317	1. 2.1932	4-5	Aventuras de três maraus	—
	318	8. 2.1932	4-5	Aventuras de três maraus	—
	319	15. 2.1932	4-5	Aventuras de três maraus	—
	322	7. 3.1932	6-7	Aventuras de três maraus	—
	326	4. 4.1932	1	s. t.	—
	328	18. 4.1932	1	s. t.	—
	331	9. 5.1932	1	s. t.	—
	332	16. 5.1932	1	s. t.	—
	333	23. 5.1932	1	A alternativa de Procópio	—
	334	30. 5.1932	1	s. t.	—
	335	6. 6.1932	1	s. t.	—
	336	13. 6.1932	1	O passeio de Barnabé	—
	337	20. 6.1932	1	Bonifácio protector de crianças	—
	339	4. 7.1932	1	Precaução inútil	—
	342	25. 7.1932	1	Uma partida do mano	—
	345	22. 8.1932	1	O banho do Panfuncio	— •
	346	29. 8.1932	1	Gertrudes, o gatuno e a massa	— •
	350	26. 9.1932	1	O banho do Arrobas	—

R. Arthur — Cf. ARTUR (Bartolomeu Sesinando Ribeiro).
Ribeiro Arthur — Cf. ARTUR (Bartolomeu Sesinando Ribeiro).
Rocha Vieira — Cf. VIEIRA (Rocha).

SANTOS (Ilberino dos) — Desenhador

ABCzinho – 2.ª SÉRIE

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
	201	11.11.1929	1	Remédio santo	—
			12	A armadilha	—
	202	18.11.1929	1	Uma pesca ... de peso	—
			12	Não faças mal à conta de te vir bem	—
	203	25.11.1929	1	O melhor presente	—
			12	A caça às borboletas	—
	204	2.12.1929	1	Um «shout» de respeito	—
			12	Um peixe ... cabeludo	—
	206[5]	9.12.1929	1	Um trambulhão inesperado	—
			12	Um banho de doce	—
	207[6]	16.12.1929	1	Uma rima caída do céu	—
			12	Castigo duma maldade	—
	207	23.12.1929	12	Castigo dum menino mau	—
	208	30.12.1929	12	Boas entradas	—

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
3.ª SÉRIE					
[XI]	209	6. 1.1930	9	Que grande susto	—
			12	Um mergulho em bolos!...	—
	211	13. 1.1930	11	As pernas do João Pequeno	—
			12	Um baloiço perigoso	—
	210	20. 1.1930	12	Rebentou a revolução	—
	212	27. 1.1930	12	Mordaça improvisada	—
	213	3. 2.1930	12	Um sono interrompido	—
	214	10. 2.1930	7	No fim é que são elas	—
			12	Aflições dum caçador	—
	215	17. 2.1930	12	Uma «ratice» proveitosa	—
	216	24. 2.1930	7	Guardado está o bocado	—
			12	Sopro a mais	—
	218	10. 3.1920	12	Um banho de chuva	—
	219	17. 3.1930	12	Um voo inesperado	—
	220	24. 3.1930	12	Música agitada	—
	221	31. 3.1930	12	A quatro tempos	—
	222	7. 4.1930	12	Música pirotécnica	—
	223	14. 4.1930	12	Sono pesado!!!	—
	224	21. 4.1930	12	Águas turvas	—
	225	28. 4.1930	12	Distracções	—
	226	5. 5.1930	12	Tinta permanente	—
	227	12. 5.1930	12	Mudança de cor	—
	228	19. 5.1930	12	Susto infundado	—
	229	26. 5.1930	12	Pior a emenda que o ... conserto	—
	230	2. 6.1930	12	Gato por tigre	—
	231	9. 6.1930	12	Vinho forte	—
	232	16. 6.1930	12	Pontaria errada	—
	233	23. 6.1930	12	Um campeão de «golfe»	—
	234	30. 6.1930	12	Fogo preso	—

SILVA (Rogério) — Desenhador

ABCzinho — 1.ª SÉRIE

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
I	12	3. 4.1922	8-9	O sultão de pés descalços	—

SOUTO (Joana de Távora Folque do) — Argumentista

ABCzinho — 1.ª SÉRIE

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
I	7	16. 1.1922	5-7	Altos feitos de Zé Pitosga	A. Morais
	8	6. 2.1922	16-17	Altos feitos de Zé Pitosga	A. Morais

STUART CARVALHAIS — Desenhador

ABCzinho — 1.ª SÉRIE

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
	1	15.10.1921	12-13	O limpa chaminés	—
			17	O trombone mágico	—
	5	19.12.1921	9	Acudam! Acudam! Acudam!	—
			22	S. I. C. [publicitária]	—
	6	2. 1.1922	9	O incrível dirigível	—
			14	S. I. C. [publicitária]	—
	8	6. 2.1922	12-13	Quinquim e Raimundo os meninos magnéticos	—
	9	[21. 2.1922]	2	O trombone mágico	—
	10	6. 3.1922	2	Pobre Pancrácio Pompom Pançudo Pereira	—
	12	3. 4.1922	14	Vale mais geito que força	—
	13	17. 4.1922	5	Quê lindo êlêvádô!	—
	19	[21. 2.1922]	14	Felisberto vê-se em picos	—
	24	23.10.1922	2-3	Ir buscar penas e vir depenado	—
			7	Maldita memória! Não me lembro do nome	—
	25	6.11.1922	11	Mais uma aventura do célebre John Bife - Os espelhos mágicos	—
			17	Para exprimentar umas luvas	—
	26	27.11.1922	2	O tónico capilar	—
			8	Mestre Macaco vê-se em calças pardas	—
			9	Umas botas que dançam o Fox-Trot	—
	27	4.12.1922	2	Esprêto tamem ter duche	—
	32	9. 2.1923	6-7	Um chapéu de coco e uma tromba ... marinha	—
[III]	66	[24.12].1923	5-6	Um pescador ... pescado!	T. L. B.
III	71	28. 1.1924	5	Como se faz um automóvel de luxo	—

T. — Cf. TELMO (Cottinelli).
T. L. B. — Cf. BARROS (Teresa Leitão de).

T. M. F. de C. — Argumentista

ABCzinho — 1.ª SÉRIE

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
III	104	15. 9.1924	9-12	O segredo da ilha dos papagaios	Rocha Vieira
	108	13.10.1924	[2]	Dois grandes marotos	E. A.

T. P. — Cf. TELMO (Cottinelli).

TAVARES (A.) — Desenhador

A Montanha para as Crianças

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
2.º	39	21. 6.1917	4	O dia feriado no Porto	—
	43	16. 8.1917	4	Romaria da Serra do Pilar	—
3.º	55	14. 3.1918	1	Agulha malcreada	—

TELMO (Cottinelli) — Desenhador

ABCzinho — 1.ª SÉRIE

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.	
			1	O Filho do Agulheiro	—	
I	1	15.10.1921	16	Zé Carequinha o cábula	—	
			19	Delgadinho o ladrão engenhoso	—	
	2	1.11.1921	12-13	Bonifácio o bom avestruz	—	
			14	O sábio impertubável	—	•
	7	16.12.1922	2	Zé Carequinha o cábula	—	•

2.ª SÉRIE

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
[VII]	147	29.10.1928	7	O corcel enfeitiçado	—
[VIII]	180	17. 6.1929	12	Letras e comércio	—

Argumentista

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.	
III	92	[23. 6.1924]	13-14	Zé Pacóvio [I]	A. C. L.	
	93	[30. 6.1924]	13-14	Novas aventuras de Zé Pacóvio - Zé Pacóvio tem de fugir	A. C. L.	
	94	[7. 7.1924]	15-16	Novas aventuras de Zé Pacóvio III - Zé Pacóvio livra-se dos madrões	A. C. L.	
	96	[21. 7.1924]	15-16	Zé Pacóvio	A. C. L.	
	98	4. 8.1924	15-16	Zé Pacóvio	A. C. L.	
	99	11. 8.1924	15-16	Zé Pacóvio	A. C. L.	
	100	[18. 8.1924]	15-16	Zé Pacóvio	A. C. L.	
	101	[27. 8.1924]	15-16	Zé Pacóvio	A. C. L.	
	102	1. 9.1924	15	Zé Pacóvio	A. C. L.	
	103	8. 9.1924	15-16	Zé Pacóvio	A. C. L.	
	105	12. 9.1924	15-16	Zé Pacóvio	A. C. L.	
	107	6.10.1924	15-16	Zé Pacóvio	A. C. L.	
	108	[13.10.1924]	[15-16]	Zé Pacóvio	A. C. L.	
IV	110	27.10.1924	[2]	O sábio ambicioso	A. C. L.	
	120	[29.12.1924]	13-14	Aventuras de Tonito e Naninhas I - O rapto	A. C. L.	
	121	12. 1.1925	[9-10]	Aventuras de Tonito e Naninhas [II]	A. C. L.	
	122	19. 1.1925	[4-5]	Surprezas da matança do porco	A. C. L.	
			[8-9]	Aventuras de Tonito e Naninhas III - A fuga	A. C. L.	
	123	26. 1.1925	[8-9]	Aventuras de Tonito e Naninhas IV - A polícia	A. C. L.	
	124	2. 2.1925	[8-9]	Aventuras de Tonito e Naninhas V - Pelos ares fora	A. C. L.	
	125	9. 2.1925	[8-9]	Aventuras de Tonito e Naninhas VI - A ilha dos pretos	A. C. L.	
	126	16. 2.1925	[8-9]	Aventuras de Tonito e Naninhas VII - Mak Akão V	A. C. L.	
	127	23. 2.1925	[8-9]	Aventuras de Tonito e Naninhas VIII - O príncipe Gúgú	A. C. L.	
	128	2. 3.1925	[8-9]	Aventuras de Tonito e Naninhas IX - Expedição infeliz	A. C. L.	
	129	9. 3.1925	[8-9]	Aventuras de Tonito e Naninhas X - A piroga salvadora	A. C. L.	
	130	16. 3.1925	[8-9]	Aventuras de Tonito e Naninhas XI - Presidiários	A. C. L.	
	131	23. 3.1925	[8-9]	Aventuras de Tonito e Naninhas XII - A evasão	A. C. L.	
	132	30. 3.1925	[8-9]	Aventuras de Tonito e Naninhas XIII - O Manipauso	A. C. L.	
	133	5. 4.1925	[8-9]	Aventuras de Tonito e Naninhas XIV - Afogados	A. C. L.	
	134	13. 4.1925	[1-4]	«Saloiada Futebol Clubio»	A. C. L.	
			[9]	Aventuras de Tonito e Naninhas XIV [XV] - A gruta dos piratas	A. C. L.	
	135	20. 4.1925	[1-2]	Aventuras de Tonito e Naninhas XVI - Aeroplano salvador	A. C. L.	
	136	27. 4.1925	[8-9]	Aventuras de Tonito e Naninhas XVIII [XVII] - Tudo como dantes	A. C. L.	
	139	18. 5.1925	[1-2]	Por esse mundo fora [Novas aventuras de Zé Pacóvio - I]	A. C. L.	
	140	25. 5.1925	[1-2]	Por esse mundo fora [Novas aventuras de Zé Pacóvio]II - O «Quimboio» infernal	A. C. L.	
	141	1. 6.1925	[8-9]	Por esse mundo fora [Novas aventuras de Zé Pacóvio]III - O automóvel diabólico	A. C. L.	
	142	8. 6.1925	[8-9]	Por esse mundo fora [Novas aventuras de Zé Pacóvio]IV - Aprendiz de barbeiro	A. C. L.	
	143	15. 6.1925	[8-9]	Por esse mundo fora [Novas aventuras de Zé Pacóvio] V - O perna de pau	A. C. L.	
	144	22. 6.1925	[8-9]	Por esse mundo fora [Novas aventuras de Zé Pacóvio] VI - O urso feroz	A. C. L.	
	145	29. 6.1925	[8-9]	Por esse mundo fora [Novas aventuras de Zé Pacóvio] VII - Expresso de Cacilhas	A. C. L.	
	146	6. 7.1925	[8-9]	Por esse mundo fora [Novas aventuras de Zé Pacóvio] VIII - Grande desafio de futebol ... com as mãos	A. C. L.	
	147	13. 7.1925	[8-9]	Por esse mundo fora [Novas aventuras de Zé Pacóvio] IX - Uma façanha altamente desportiva	A. C. L.	
	148	20. 7.1925	[8-9]	Por esse mundo fora [Novas aventuras de Zé Pacóvio] X - Inquestre a cavalo	A. C. L.	
	149	27. 7.1925	[8-9]	Por esse mundo fora [Novas aventuras de Zé Pacóvio] XI - A pulanta do tisoiro	A. C. L.	
	150	3. 8.1925	[8-9]	Por esse mundo fora [Novas aventuras de Zé Pacóvio] XII - Arreventa o gigante misterioso	A. C. L.	
	152	17. 8.1925	[8-9]	Por esse mundo fora [Novas aventuras de Zé Pacóvio] XIV - Na posse dos documentos	A. C. L.	
	153	24. 8.1925	[8-9]	Por esse mundo fora [Novas aventuras de Zé Pacóvio] XV - Na posse dos documentos	A. C. L.	
	154	31. 8.1925	[8-9]	Por esse mundo fora [Novas aventuras de Zé Pacóvio] XVI - Exercícios de luta grego-romana	A. C. L.	
	155	7. 9.1925	[8-9]	Por esse mundo fora [Novas aventuras de Zé Pacóvio] XVII - Vinte contos de prémio	A. C. L.	
	156	14. 9.1925	[8-9]	Por esse mundo fora [Novas aventuras de Zé Pacóvio] XVIII - Intervém o célebre Meteonarizemtudo	A. C. L.	
	159	5.10.1925	[8-9]	Por esse mundo fora [Novas aventuras de Zé Pacóvio] XXI - Piramidal luta com os bandidos	A. C. L.	
	160	12.10.1925	[8-9]	Por esse mundo fora [Novas aventuras de Zé Pacóvio] XXII - À procura dos sábios perdidos nos gelos	A. C. L.	
	161	19.10.1925	[8-9]	Por esse mundo fora [Novas aventuras de Zé Pacóvio] XXIII - A caminho do Pólo	A. C. L.	
	162	26.10.1925	[8-9]	Por esse mundo fora [Novas aventuras de Zé Pacóvio] XXIV - O trenó de misterioso aspecto	A. C. L.	

2.ª SÉRIE

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.	
V	1	4. 1.1926	1-8	As estupendas aventuras do Pirilau que vendia balões I - A águia de maus fígados	Botelho	•
	2	11. 1.1926	1-12	As estupendas aventuras do Pirilau que vendia balões II - Pirilau entre os leões	[Botelho]	•

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.	
	3	18. 1.1926	1-12	As estupendas aventuras do Pirilau que vendia balões III - O feiticeiro de Katapumpépé	[Botelho]	•
	4	25. 1.1926	1-8	As estupendas aventuras do Pirilau que vendia balões IV - Os subterrâneos do Manipauso	Botelho	•
	5	1. 2.1926	1-12	As estupendas aventuras do Pirilau que vendia balões V - O homem das selvas	Botelho	•
	6	8. 2.1926	1-12	As estupendas aventuras do Pirilau que vendia balões VI - O misterioso submarino	Botelho	•
	7	15. 2.1926	1	As estupendas aventuras do Pirilau que vendia balões VII - O imperador dos mares	Botelho	•
			12	Bários disparateis da esgraçada vida do grandessíssimo Zé Pacóvio	A. C. L.	•
	8	22. 2.1926	1	As estupendas aventuras do Pirilau que vendia balões VIII - Na ilha do Trombelirom	Botelho	•
			12	A cumo Zé Pacóvio limbéu no box mais osdepois ganhou!...	A. C. L.	•
	9	1. 3.1926	1	As estupendas aventuras do Pirilau que vendia balões IX - A grande chacina	Botelho	•
			12	Grandessíssimo combate que Zé Pacóvio ganhou	A. C. L.	•
	10	8. 3.1926	1	As estupendas aventuras do Pirilau que vendia balões IX [X] - A chave do enigma	Botelho	•
	11	15. 3.1926	1	As estupendas aventuras do Pirilau que vendia balões XI - Surpresas sobre surpresas	Botelho	•
	12	22. 3.1926	1	As estupendas aventuras do Pirilau que vendia balões XII - Pirilau contra todos	Botelho	•
	13	29. 3.1926	1	As estupendas aventuras do Pirilau que vendia balões XIII - A audácia de Pirilau	Botelho	•
	14	5. 4.1926	1	As estupendas aventuras do Pirilau que vendia balões XIV - O prato de arroz doce	Botelho	•

Tio Luís — Cf. FERREIRA (Luís).
Tio Pirilau — Cf. TELMO (Cottinelli).
Tio Tónio — Cf. LOPES (António Cardoso).
Tio X — Cf. GOMES (Pedro).
Tomaz de Mello — Cf. MELO (Tomás de).

VIDA (Amélia Pai da Vida) — Argumentista e desenhadora

ABCzinho — 1.ª SÉRIE

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Argum./Des.
III	72	4. 2.1924	11	A atracção das maçãs	Amélia Pae da Vida
IV	120	[29.12.1924]	[11]	A distraída	Amélia Pae da Vida

VIEIRA (Rocha) — Desenhador

ABCzinho — 1.ª SÉRIE

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
	1	15.10.1921	19	Aventuras extraordinárias de Jorginho I	—
	2	1.11.1921	18-19	Aventuras extraordinárias de Jorginho II - O navio dos contrabandistas	—
	3	21.11.1921	18-19	Aventuras extraordinárias de Jorginho III - A bordo do Andorinha	—
	4	5.12.1921	18-19	Aventuras extraordinárias de Jorginho III [IV] - A fuga	—
	5	19.12.1921	20-21	Aventuras extraordinárias de Jorginho V - O naufrágio	—

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
	6	2. 1.1922	7	Trombone e fumeiro	—
				Aventuras extraordinárias de Jorginho VI - Em Marrocos	
	7	16. 1.1922	12-13	Aventuras extraordinárias de Jorginho VII - Jorginho entre salteadores	—
	8	6. 2.1922	20-21	Aventuras extraordinárias de Jorginho VIII - Conclusão - Salvos	—
	9	[21. 2.1921]	12-14	O filho do Rajá I - Os salteadores de Rondrem	Pedro Gomes
	10	6. 3.1922	12-14	O filho do Rajá II - Nas cavernas de Rondrem	Pedro Gomes
	11	20. 3.1922	12-14	O filho do Rajá III - Na floresta	Pedro Gomes
	12	3. 4.1922	11-12	O filho do Rajá IV - Entre gente amiga	Pedro Gomes
	13	17. 4.1922	12-13	O filho do Rajá V - No templo subterrâneo	Pedro Gomes
	14	[5. 5.1922]	10-11	O filho do Rajá VI - Mistérios sobre mistérios! O ídolo fala ...	Tio X
	17	3. 7.1922	8-9	O saltimbancos	Tio Rodrigo
	18	17. 7.1922	10	O filho do Rajá - O tigre	Tio X
	19	[2. 8.1922]	12	O filho do Rajá IX - De mal a pior	Tio X
	20	21. 8.1922	7	A velha e o gato	—
			10	O filho do Rajá X - O encantador de serpentes	Tio X
	21	4. 9.1922	7	O castigo do Zé Marau	—
			14	O filho do Rajá XI - O filho do Rajá	Tio X
	23	2.10.1922	5	O filho do Rajá XII - Os desaparecidos ouvem uma história	Tio X
	24	23.10.1922	21	O filho do Rajá XIII - Preso como salteador	Tio X
	26	27.11.1922	14	O filho do Rajá XIV - Proposta de Jamal	Tio X
	27	4.12.1922	13	O filho do Rajá XV - A ponte dinamitada	Tio X
	28	Natal 1922	22	O filho do Rajá XVI - Levados pela corrente (fim da 1.ª parte)	Tio X
II	29	1. 1.1923		Aventuras na misteriosa Índia: O tesouro do Fakir, continuação do filho do Rajá [I]	—
			10	Um galanteio da vaquinha «galante»	—
	30	15. 1.1923	5	O tesouro do Fakir II - Nas mãos dos adoradores	—
	31	5. 2.1923	5	As pernas eléctricas	—
			13	O tesouro do Fakir [III]	—
	32	9. 2.1923	14	O tesouro do Fakir IV - A ira da divindade	—
	33	5. 3.1923	7	O tesouro do Fakir V - Fuga movimentada	—
	34	19. 3.1923	12	O tesouro do Fakir VI - Um documento precioso	—
	35	16. 4.1923	9	O tesouro do Fakir VII - Prepara-se grande combate	H.
	37	14. 5.1923	13	O tesouro do Fakir VIII - A casa dos tigres	—
	40	18. 5.1923	9	O tesouro do Fakir IX - Onde se acaba a história	—
	55	8.10.1923	10-12	O pequeno trapeiro	T. L. B.
[III]	57	22.10.1923	8-9	O tesouro de Tching-Fuw-Lee	Deucalion
	64	10.12.1923	8-10	A curiosidade do primo Alfredo	Deucalion
III	96	[21. 7.1924]	5-10	A luz vermelha	T. L. B.
	101	[24. 8.1924]	7-10	O circo — uma aventura de dois	—
	104	15. 9.1924	9-12	O segredo da ilha dos papagaios	F. C.
	106	29. 9.1924	5-8	A fortuna de Ricardo	—
	108	13.10.1924	[7-10]	O sinal de perigo	T. L. B.
IV	109	20.10.1924	[7-11]	O castelo incompleto	[T. L. B.]
	111	3.11.1924	[3-7]	O pequeno polícia	—
	132	30. 3.1925	[1-4]	O amador de feras	—
	133	5. 4.1925	[1-3]	A planície da morte	—

2.ª SÉRIE

Ano	N.º	Data	Pág.	Título	Des./Argum.
V	10	8. 3.1926	4-6	s. t.	—

ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES *

---

* As ilustrações marcadas com um asterisco encontram-se em extra-texto.

13 — *As Creanças Jornal de Educação (Dedicado ás Mães)*, reprodução da primeira página do n.º 1 (17.7.1884).
14 — «Versos a Virginia Lição a Gulosos», versos de Pan-Tarântula (Alfredo de Morais Pinto), in *As Creanças*, n.º 11 (17.12.1884), p. 88.
15 — *Jornal das Crianças*, reprodução da capa do n.º 1 (1.12.1898).
16 — «Scenas á Porta de uma Fabrica», in *Jornal das Crianças*, pp. 97-98.
17 — Banda desenhada sem título, in *Jornal das Crianças*, p. 121.
18 — *O Gafanhoto*, reprodução da capa do n.º 1 (Abril de 1903) da 1.ª série.
19 — *O Gafanhoto*, reprodução da capa do n.º 1 (Janeiro de 1910) da 2.ª série.
20 — «Concerto Fresco», in *O Gafanhoto*, 1.ª série, n.º 3 (Maio de 1903), p. [24].
21 — «A Careca do Padrinho», in *O Gafanhoto*, 1.ª série, n.º 23 (Março de 1904), p. 184.
22 — «Os Espirros do Menino Sammy», in *O Gafanhoto*, 2.ª série, n.º 6 (Março de 1910), p. 132.
23 — «Passeio pelo Campo», in *O Gafanhoto*, 2.ª série, n.º 15 (Agosto de 1910), p. 342.
24 — *A Montanha para as Crianças*, reprodução da primeira página do n.º 26 (21.12.1916).
25 — «Bebé Guerreiro», por Manuel Monterroso, in *A Montanha para as Crianças*, n.º 27 (4.1.1917), p. 1.
26 — «Receita Vegetariana para fazer um Kaiser», por Manuel Monterroso, in *A Montanha para as Crianças*, n.º 28 (18.1.1917), p. 1.
27 — «Lição de História», por Manuel Monterroso, in *A Montanha para as Crianças*, n.º 31 (1.3.1917), p. 1.
28 — «O Tifo», por Manuel Monterroso, in *A Montanha para as Crianças*, n.º 56 [57] (11.4.1918), p. 1.
29a e 29b — «Em dia de Eleições», por Manuel Monterroso, in *A Montanha para as Crianças*, n.ºs 59 (9.5.1918), p. 1 e 60 (23.5.1918), p. 1.
30 — «Como Rita Manoela Conseguiu Levar para Casa [...]», por Carl^c., in *A Montanha para as Crianças*, n.º 26 (21.12.1916), p. 4.
31 — «O Dia Feriado no Porto», por A. Tavares, in *A Montanha para as Crianças*, n.º 39 (21.6.1917), p. 4.
32 — *ABCzinho*, reprodução da primeira página do n.º 1 (15.10.1921).
33 — Reprodução do invólucro dentro do qual o *ABCzinho* era enviado aos assinantes.
34 — «Aventuras Extraordinárias de Jorginho», I Parte, «O Moinho Abandonado», desenhos de Rocha Vieira, in *ABCzinho*, 1.ª série, n.º 1 (15.10.1921), p. 22.
35 — «Trombone e Fumeiro», desenhos de Rocha Vieira, in *ABCzinho*, 1.ª série, n.º 6 (2.1.1922), p. 7.
36 — «Quinquim e Raimundo os Meninos Magnéticos», desenho de Stuart Carvalhais, in *ABCzinho*, 1.ª série, n.º 8 (6.2.1922), pp. 12-13.
37 — «Pobre Pancracio Pompom Pançudo Pereira», desenho de Stuart Carvalhais, in *ABCzinho*, 1.ª série, n.º 10 (6.3.1922), p. 2.
38 — «Quê Lindo Êlêvádô!», desenho de Stuart Carvalhais, in *ABCzinho*, 1.ª série, n.º 13 (17.4.1922), p. 5
39 — [S.I.C.], banda desenhada publicitária da marca de chocolates S.I.C., desenhos de Albino (Stuart Carvalhais), in *ABCzinho*, 1.ª série, n.º 5 (19.12.1921), p. 22.
40 — «Altos Feitos de Zé Pitosga», desenhos de Alfredo de Morais, texto de Maria Paula de Azevedo (Joana Tavares Folque do Souto), in *ABCzinho*, 1.ª série, n.º 7 (16.1.1922), p. 5.
41 — «Nos Ninhos não se Toca», desenhos de Emérico Hartwich Nunes, in *ABCzinho*, 1.ª série, n.º 7 (16.1.1922), pp. 8-9.
42 — «Um caçador de Patos... Mansos», desenhos de Carlos Nunes Botelho, versos de Teresa Leitão de Barros, in *ABCzinho*, 1.ª série, n.º 68 (7.1.1924), p. 5.
*43 — «Aventuras de Zabumba, Bumba e Zaranza Piratas do Ar, Terra e Mar», desenhos de Carlos Nunes Botelho, in *ABCzinho*, 1.ª série, n.º 81 (7.4.1924), p. 5.

*44 — «As Estupendas Aventuras do Pirilau que vendia Balões», I, «A Águia de Maus Figados», desenhos de Carlos Nunes Botelho, in *ABCzinho*, 2.ª série, n.º 1 (4.1.1926), p. 1.
45 — «Punhos de Bronze o Terror do Ring», 1.º episódio, «Vencedor e Vencido», desenhos de Carlos Nunes Botelho, in *ABCzinho*, 2.ª série, n.º 10 (8.3.1926), p. 12.
46 — «Viagens Maravilhosas do Sanchinho Papafigos. — No País dos Brinquedos», desenhos de Carlos Nunes Botelho, in *ABCzinho*, 2.ª série, n.º 34 (23.8.1926), p. 1.
*47 — «A Grande Fita Americana», I, «O Ataque ao Expresso», desenhos de Carlos Nunes Botelho, in *ABCzinho*, 2.ª série, n.º 48 (29.11.1926), p. 1.
48 — «A Grande Fita Americana», IX, «O Subterraneo das Águas Negras», desenhos de Carlos Nunes Botelho, in *ABCzinho*, 2.ª série, n.º 56 (24.1.1927), p. 1.
49 — «O Zuncha, Artista de Circo», I, «Tomado por Ladrão», desenhos de Carlos Nunes Botelho, in *ABCzinho*, 2.ª série, n.º 66 (11.4.1927), p. 1.
50 — «Tonio e Zeca, os Destemidos», desenhos de Carlos Nunes Botelho, in *ABCzinho*, 2.ª série, n.º 89 (19.9.1927), p. 1.
51 — «Um Cavalo de Troia Moderno», desenhos de António Cristino, in *ABCzinho*, 2.ª série, n.º 44 (1.12.1926), p. 8.
52 — «As Estupendas Façanhas do Cow-Boy Façanhudo», desenhos de António Cristino, in *ABCzinho*, 2.ª série, n.º 49 (6.12.1926), p. 12.
53 — «O Groom do Excelsior Hotel», I, «Ladrão de Joias», desenhos de António Cristino, in *ABCzinho*, 2.ª série, n.º 67 (18.4.1927), p. 7.
54 — «Aventuras de Três Amigos no Planeta Marte», 1.º episódio, «O Telescópio do Sabio Popoff», in *ABCzinho*, desenhos de António Cristino, 2.ª série, n.º 78 (4.7.1927), p. 7.
55 — «Remedio Santo», desenhos de Ilberino dos Santos, in *ABCzinho*, 2.ª série, n.º 201 (11.11.1929), p. 1.
56 — «Fogo Preso», desenho de Ilberino dos Santos, in *ABCzinho*, 3.ª série, n.º 234 (30.6.1930), p. 12.
57a e 57b — «As Boas Partidas de Mestre Raposo», desenhos de Carlos Ribeiro, in *ABCzinho*, 3.ª série, n.º 234 (30.6.1930), pp. 6-7.
58 — «Um Cow-Boy Desembaraçado», desenhos de Carlos Ribeiro, in *ABCzinho*, 3.ª série, n.º 287 (6.7.1931), p. 12.
*59 — «Aventuras de Três Maraus», desenhos de Carlos Ribeiro, in *ABCzinho*, 3.ª série, n.º 291 (3.8.1931), p. 12.
60 — «Zé Pacóvio Faz um Galo», desenhos de António Cardoso Lopes, in *ABCzinho*, 1.ª série, n.º 70 (21.1.1924), p. 5.
*61 — «Barios Disparateis da Esgraçada Vida do Grandessissimo Zé Pacóvio», desenhos de António Cardoso Lopes, in *ABCzinho*, 2.ª série, n.º 7 (15.2.1926), p. 12.
62 — «A Atracção das Maças», desenhos e versos de Amélia Pai da Vida, in *ABCzinho*, 1.ª série, n.º 72 (4.2.1924), p. 11.
63a e 63b — «Tristes Consequências da ira de Dom Golias Gomes Galo», desenhos de Else Althausse, in *ABCzinho*, 2.ª série, n.º 41 (11.10.1926), pp. 6-7.
64 — «O Menino que queria ser Homem à Força», desenhos de Ofélia Marques, in *ABCzinho*, 2.ª série, n.º 39 (27.9.1926), p. 12.
65 — «Exemplo que Frutifica...», desenhos de Luís Manuel, in *ABCzinho*, 3.ª série, n.º 238 (28.7.1930), p. 12.
66 — «Bonifacio o Bom Avestruz», desenhos de Cottinelli Telmo, in *ABCzinho*, 1.ª série, n.º 2 (1.11.1921), pp. 12-13.
67 — «O Sábio Impertubável», desenhos de Cottinelli Telmo, in *ABCzinho*, 2.ª série, n.º 2 (1.11.1921), p. 14.
68 — «Letras e Comércio», desenhos de Cottinelli Telmo, in *ABCzinho*, 2.ª série, n.º 180 (17.6.1929), p. 12.
69 — Reprodução de um panfleto distribuído juntamente com o *ABCzinho* quando do aumento do seu preço de 30 para 50 centavos (Outubro de 1922).

BIBLIOGRAFIA

Arte no Brasil, introdução de Pietro Maria Bardi, [2.ª ed.], São Paulo, Livros Abril, 1982.

BARROS (Carlos Vitorino da Silva), *O Vitral em Portugal, Séculos XV-XVI*, Edição sob os auspícios da Comissão para a XVII Exposição de Arte Ciência e Cultura do Conselho da Europa, os Descobrimentos e a Europa do Renascimento, Lisboa, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, 1983.

Biblia Sacra Justa Vulgatae Exemplaria et Correctoria Romana, denuo Edidit [...], Editio Decima Perpolita, Paris, Librairie Letourey et Ané, 1930.

Bíblia Sagrada, Contendo o Velho e o Novo Testamento [...], trad. de João Ferreira de Almeida, Lisboa, Sociedade Bíblica, 1968.

Bibliografia Cronológica de Revistas de Banda Desenhada Editadas em Portugal de 1883 a Abril/1979, edição do 2.º Salão de B.D., s.l., Abril/Maio, 1979.

Brockaus Enzyklopädie, vol. 12, Wiesbaden, F.A. Brockaus, 1971.

«Correio da Banda Desenhada», in *Correio da Manhã*, (17.8.1980)

COUTINHO (António Miguel Martinó de Azevedo), *Banda Desenhada*, Ministério da Educação e Investigação Científica, Secretaria de Estado da Orientação Pedagógica, Documentação e Textos de Apoio para os Professores do 7.º Ano de Escolaridade, s.l. [Lisboa], Secretaria Geral, Núcleo de Coordenação-Editorial, 1976.

DANTAS (Júlio), «Figuras de Ontem e de Hoje», in *Illustração Portugueza* (25.2.1907), pp. [225-256].

Dicionário de Pintura Universal, dirigido por José-Augusto França, vol. III, Lisboa, Ed. Estúdios Cor, 1973.

Encyclopaedia Universalis, Paris, Encyclopaedia Universalis, S.A., 1980.

FARIA (Francisco Leite de), *Estudos Bibliográficos sobre Damião de Góis e a sua Época*, Comissão Organizadora do IV Centenário da Morte de Damião de Góis, Lisboa, Secretaria de Estado da Cultura, 1977.

FRANÇA (José-Augusto), *Rafael Bordalo Pinheiro. O Português Tal e Qual*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1981.

Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira, Lisboa, Editorial Enciclopédia, s.d.

GUEDES (Natália Correia), «Elementos para o Estudo do Retábulo de Santa Auta», «Séc. XVI a XVIII», in *Retábulo de Santa Auta. Estudo de Investigação*, Lisboa, Centro de Estudos de Arte e Museologia, 1972.

Livro de Horas de D. Manuel, estudo introdutório de Dagoberto Markl, Col. «Presença da Imagem», Lisboa, Crédito Predial Português e Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983.

LÓPEZ SERRANO (Matilde), Cantigas de Santa Maria de Alfonso X el Sabio Rey de Castilla, Madrid, Editorial Património Cultural, 1974.

MARQUES (A. H. de Oliveira), *Guia de História da 1.ª República Portuguesa*, Imprensa Universitária, n.º 21, Lisboa, Ed. Estampa, 1981.

— *História de Portugal* [...], vol. III, 2.ª ed., Lisboa, Palas Editores, 1981.

— *História da Primeira República Portuguesa*, dirigida por..., s.l., Iniciativas Editoriais, s.d..
— *História da 1.ª República (Alguns Aspectos Estruturais)*, Col. «Horizonte», n.º 15, 3.ª ed., Lisboa, Livros Horizonte, 1980.
MARQUES JÚNIOR (Henrique), *Algumas Achegas para uma Bibliografia Infantil*, Lisboa, Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1928.
MARTINS (José V. de Pina), «O Livro Português no Reinado de D. Manuel I», in *Panorama — Revista Portuguesa de Artes e Turismo*, IV série, n.º 32 (Dez. 1969), pp. 58 e ss.
MARTINS (Mário), *A Bíblia na Literatura Medieval Portuguesa*, Biblioteca Breve, série Literatura, n.º 35, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portugesa, Ministério da Educação, 1979.
MARTINS (Rocha), *Pequena História da Imprensa Portuguesa*, Cadernos «Inquérito», Série G, Crítica e História Literária, XV, Lisboa, Editorial «Inquérito», Ld.ª, 1941.
MEDINA (João), «Rafael Bordalo Pinheiro Repórter das Conferências do Casino», in *Eça de Queiroz e a Geração de 70*, do mesmo autor, Lisboa, Moraes Editora, 1980.
METTMAN (Walter), *Afonso X o Sábio. Cantigas de Santa Maria*, Acta Universitatis Conimbrigensis, 4 vols., edição de Walter Mettman por ordem da Universidade, Coimbra, 1959-1972.
OLIVEIRA (Américo Lopes de), *Dicionário de Mulheres Célebres*, Porto, Lello & Irmão, 1981.
PARACHI (André-Jean), *Filosofia da Banda Desenhada*, col. «TEMAS», Lisboa, Edições Magazine-Documentário, 1977.
PERRY (George) e ALDRIDGE (Alan), *The Penguin Book of Comics*, edição revista, Londres, Allen Lane The Penguin Books Press, 1971.
PINTO (Manuel de Sousa), *Raphael Bordalo Pinheiro I — O Caricaturista, desenhos escolhidos por Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro com um estudo de [...]*, Lisboa, Livraria Ferreira, 1915.
PIRES (Maria Laura Bettencourt), *História da Literatura Infantil Portuguesa*, Lisboa, Editorial Vega, s.d..
PROPP (Vladimir), *Morfologia do Conto*, 2.ª edição, Lisboa, Editorial Vega, 1983.
RENARD (Jean-Bruno), *A Banda Desenhada*, col. «Dimensões», n.º 10, Lisboa, Editorial Presença, 1981.
ROCHA (Albino Vieira da), *A Reforma Monetária em Portugal*, Coimbra, França & Arménio, 1913.
ROCHA (Natércia), *Breve História da Literatura para Crianças em Portugal*, Biblioteca Breve, série Literatura, n.º 97, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação, 1984.
RODRIGUES (Paulo Madeira), *Vida e Obra de Stuart Carvalhais*, Catálogo da Exposição, Lisboa, Serviços Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, 1982.
SANTOS (Maria Helena Duarte), GALVEIAS (Lucinda Lopes) e LACERDA (Rita Dantas), *Contrapicado. Banda Desenhada e Ensino do Português*, Coimbra, Atlântida Editora, 1979.
SILVA (Inocêncio Francisco da), *Diccionario Bibliographico Portuguez*, [2.ª ed.], 23 vols., Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1973.
SIMÕES (João Miguel dos Santos), *Azulejaria em Portugal no século XVIII*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1979.
VALÉRIO (Nuno), *A Moeda em Portugal, 1913-1947*, Cadernos da Revista de História Económica e Social, n.º 5, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1983.
VALLADARES (Clarival do Prado), *Aspectos da Arte Religiosa no Brasil, Bahia, Pernambuco, Paraíba*, Rio de Janeiro, Spala Editora, 1981.
VELOSO (António José Barros), «Os Azulejos do Senhor Roubado e a Banda Desenhada», in *Casa & Jardim*, n.º 105 (Dez. 1986) pp. 171-173.
Zé Povinho Fez 100 Anos, Catálogo de exposição, Centro de Artes-Plásticas dos Coruchéus, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, Novembro de 1976.

NOTA FINAL

O autor não quer deixar de exprimir aqui os seus mais sinceros agradecimentos a todos aqueles que contribuíram para a feitura deste livro. Entre outros, cujos nomes porventura esquece, salienta muito especialmente o Prof. A. H. de Oliveira Marques, que muitas vezes, em prejuízo do seu próprio trabalho prestou colaboração e informações; o Dr. João José Alves Dias, pelas suas sugestões; o Dr. A. Dias de Deus, pela sua paciência e preciosas informações, e ainda ao Clube Português de Banda Desenhada, na pessoa do Sr. Geraldes Lino, por toda a prestabilidade.

Já depois de este livro se encontrar em provas, tivemos conhecimento dos artigos de Carlos Gonçalves «Para a história da Banda Desenhada Portuguesa (o séc. XIX)» e «História da Banda Desenhada Portuguesa, 2.º — Os inícios do século XX», publicados na revista *História*, nomeadamente no n.º 97 (Novembro de 1986), pp. 4-28 e no n.º 99 (Janeiro de 1987), pp. 50-94, prometendo-se a publicação de mais dois artigos. Apesar de pouco metodológicos e algo confusos, os trabalhos de Carlos Gonçalves apresentam preciosas informações. Mesmo não tendo utilizado estes artigos e discordando de alguns pontos de vista neles apresentados, não quisemos deixar de aqui os indicar, por uma questão de *honestidade* profissional.

ÍNDICE

EDITORIAL PRESENÇA

O presente livro de João Pedro Ferro é uma obra pioneira, já que se encontrava ainda por fazer a história da banda desenhada portuguesa. O objectivo deste volume, consagrado à banda desenhada infantil, é fazer um estudo aprofundado deste fenómeno ainda tão mal compreendido, desde as «histórias aos quadradinhos», na Europa e nos Estados Unidos da América, passando pela produção portuguesa do século XIX e até 1923, data em que cessou o famoso jornal *ABCzinho.* Não são também esquecidos os mais importantes desenhadores e argumentistas, bem como o inventário cronológico e onomástico. O texto é ilustrado com reproduções de algumas das obras referidas, documentando as bandas desenhadas mais importantes e a sua evolução ao longo do tempo.